Universidade de São Paulo
Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”
Centro de Energia Nuclear da Agricultura

Entrenós: a dialógica como abordagem complexa para a gestão florestal

Júlia Benfica Senra

Tese apresentada para obtenção do título de Doutora em Ciências. Área de concentração: Ecologia Aplicada

Piracicaba
2024

Júlia Benfica Senra
Engenheira Florestal

Entrenós: a dialógica como abordagem complexa para a gestão florestal

versão revisada de acordo com a Resolução CoPGr 6018 de 2011

Orientador:
Prof. Dr. **MARCOS SORRENTINO**

Tese apresentada para obtenção do título de Doutora em Ciências. Área de concentração: Ecologia Aplicada

Piracicaba
2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
DIVISÃO DE BIBLIOTECA – DIBD/ESALQ/USP

Senra, Júlia Benfica

Entrenós: a dialógica como abordagem complexa para a gestão florestal / Júlia Benfica Senra. - - versão revisada de acordo com a Resolução CoPGr 6018 de 2011. - - Piracicaba, 2024.

143 p.

Tese (Doutorado) - - USP / Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz". Centro de Energia Nuclear na Agricultura.

1. Dialógica 2. Diálogo 3. Complexidade 4. Sistemas complexos adaptativos 5. Gestão florestal I. Título

DEDICATÓRIA

Às florestas do Brasil e do mundo.
Aos meus tios que partiram no *intermezzo*: Francisco, José e Geraldo.

"O futuro é o tempo do outro"
Agonia do Eros, Byung-Chul Han

AGRADECIMENTOS

À CAPES, pela bolsa de estudos no Brasil e no exterior, ao financiamento pela população brasileira e ao Ensino Superior público, gratuito e de qualidade.

À minha mãe, Clemilda, e ao meu pai, João Bosco, pelo amor incondicional, pelo conforto, pelo companheirismo e por atuarem como interlocutores da pesquisa.

Ao meu orientador Marcos Sorrentino, pela colaboração e por, além de tudo, dizer no início do processo "o que você escolher eu vou te apoiar".

Às minhas avós, que dedicaram suas vidas ao cuidado.

Aos meus irmãos Arthur e Estêvão, que me auxiliaram com as imagens.

À minha sobrinha Diana, por ter alegrado a jornada.

Às(aos) amigas(os) e familiares, pela escuta e pelo acolhimento.

Às e aos generosas(os) professoras(es) do meu Comitê de Acompanhamento.

Às bancas de qualificação e de defesa, pelas contribuições para o trabalho.

Às(aos) professoras(es) que contribuíram com minha formação durante o doutorado.

Às sábias anciãs, Professora Cremilda Medina e Professora Susan Clark, que tive o privilégio de encontrar em meu caminho e que me apresentaram belas possibilidades comunicativas e propostas revolucionárias.

Ao Professor Donal Carbaugh, pela receptividade e pelas inspirações dialógicas.

À Mara, secretária do PPGI-EA, e às(aos) demais funcionárias(os) da Esalq e do Cena pelo auxílio ao longo do doutorado.

À Val e à Charlene, por compartilharem comigo suas casas.

À Priscila, que me auxiliou no processo de escrita.

À Jane e à Silvia, que ajudaram com os afetos.

Ao Dr. Ely, pela inspiração dialógica.

Ao Marcelo, pela criação do 'cogumeloscópio'.

À Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, que me disponibilizou a biblioteca para estudo e uma sala para a realização da defesa.

À Universidade de Yale, por todas as oportunidades que pude desfrutar durante meu estágio sanduíche.

À turma da Oca e ao grupo de estudo e pesquisa sobre diálogo, por todos os compartilhamentos e encantamentos na jornada.

Às(aos) integrantes do Fórum Florestal Paulista, Diálogo Florestal e *The Forests Dialogue,* por contribuírem com a pesquisa.

À suficiência, em meio à abundância.

Às futuras leituras.

Às incertezas e ao mergulho nos saberes.

À abertura, aos encontros e às transformações.

PINTURA DO EU[1]

> As árvores sempre me atraíram. As frondes arredondadas, a variedade do seu verde, a sombra aconchegante, o cheiro das flores, os frutos, a ondulação dos galhos, mais intensa ou menos intensa em função de sua resistência ao vento. As boas vindas que suas sombras sempre dão a quem a elas chega, inclusive a passarinhos multicores e cantadores. A bichos, pacatos ou não, que nelas repousam. (1)

Ao ganhar o livro 'A curiosidade premiada' na infância, fui presenteada com o incentivo à minha. Por meio dela, navegando entre a modalidade ingênua e epistêmica, persisto nos estudos e no estar atenta ao mundo buscando enriquecer minha existência terrena enquanto me empenho em contribuir com a vida pulsante planetária.

Eu não aprendi a gostar das florestas por elas serem fonte de algo, por dependência consciente ou por custo-benefício. Eu aprendi por conviver com elas, por admirá-las. É assim que acredito enxergar sua totalidade, princípio complexo tão importante. Um belo dia, na época de colégio, resolvi que queria trabalhar com essa comunidade chamada floresta. Já na vida adulta, descobri que quando era pequena disse a uma professora que queria ser 'guardiã das florestas'.

Esta minha relação com ecossistemas florestais vem desde que nasci, mesmo que em pequenos fragmentos na cidade ou em grandes áreas naturais. O quintal traseiro de minha avó materna, e o quintal dianteiro de minha avó paterna, habitam meu imaginário com árvores, arbustos e herbáceas. Desde os pássaros e os caracóis até a flor que se assemelhava a uma lagarta. Os lugares que morei sempre estiveram inseridos, em alguma proporção, na floresta urbana.

Além disso, por meu pai e minha mãe trabalharem com a água, em distintas abordagens, estive imersa nesse elemento vital ao longo da vida, de maneira simbólica e literal. Também frequentei festas, oficinas, manifestações e diversos eventos de temática ambiental. Cresci subindo nas árvores do Parque Municipal Fazenda Lagoa do Nado, criado pela luta popular da qual minha família fez parte. Viajei por muitos lugares biodiversos de norte a sul do país, e por outros cantos do mundo, muitas vezes com o intuito contemplativo.

Comecei meu caminho acadêmico de maneira não tão disciplinar: a Engenharia Florestal, na qual me graduei, se relaciona com várias fontes de saberes. A Geografia, área na qual fiz o mestrado, vejo como uma ciência híbrida e transdisciplinar, pelos aspectos físicos e culturais abordados. Me percebi no declarado programa interdisciplinar em Ecologia Aplicada. Assim, sem nomear, eu já sabia que minha busca e minhas características não eram especialistas. Sempre busquei as interfaces e o compartilhamento de significados.

Em minha trajetória como pesquisadora, continuamente ouvi minha intuição e busquei temas que fossem relevantes socialmente e coerentes pessoalmente. Fui, de uma maneira ou de outra, relacionando pessoas e florestas. Na iniciação científica pesquisei espécies arbóreas nativas do Cerrado para recuperação de áreas degradadas; no trabalho de conclusão de curso pesquisei espécies de madeiras brasileiras para tábua harmônica de piano; na dissertação de mestrado investiguei as possibilidades de coexistência de um fragmento florestal urbano em minha cidade; e no doutorado investiguei as possibilidades do diálogo em relação à gestão florestal.

---

[1] O gênero ensaio trouxe a 'pintura do eu' como principal mérito, no qual a reflexão interna é inseparável da inspeção da realidade exterior (52).

Me vejo em reflexos dentro da diversidade de assuntos apresentados. Sou cria do Cerrado e da Mata Atlântica, tendo nascido em Belo Horizonte (região de ecótono). Sou amante do piano, e da música em geral, tendo iniciado meus estudos na infância, bem como da biodiversidade brasileira e suas múltiplas interações com a vida humana. Sou floresteira urbana, por sempre ter morado em cidades e, quando possível, estou em contato com fragmentos florestais - e com os problemas da falta deles. Além disso, me descubro a cada dia na busca por relações dialógicas entre mim e todos os seres. Por acreditar em sua potencialidade política para uma vida amorosa, respeitosa e diversa.

Entrei uma no processo pesquisante e saio outra. Sou profundamente grata pelas compreensões e pelos desafios que me apareceram ao longo dos caminhos dialógicos. Principalmente no momento de inúmeras crises externas e internas no qual se fez a caminhada.

Descobri alentos teóricos que se fizeram práticas e práticas que alimentaram a teoria. Se a busca é por abertura, presença, reciprocidade e criação de significados, "pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade" (2).

Como na dialogia não existe 'Eu' sem 'Tu', algumas comunidades em especial foram importantes nessas trilhas investigativas: o laboratório Oca, o grupo de terapia Artear e o grupo de estudo e pesquisa sobre diálogo. Todas tendo a dialogia como base metodológica e esforço prático.

Em meio ao caos vivenciado concomitante a esses quatro anos de pesquisa, pude presenciar em mim as incoerências e divergências entre teoria e prática. O desafio dialógico e ecológico proposto academicamente reflete a contradição presente em uma pesquisadora criada no pensamento positivista, e vivente em uma sociedade colonial-ocidental-patriarcal-capitalista. A cada admiração pela complexidade, pelas danças naturais e pela paz vital constituída de tensões, mais me vi apegada à solução imediata, às deduções, aos julgamentos e à fragmentação.

Confesso que conduzir esta pesquisa em meio à antidialogia impregnada nos relacionamentos foi por vezes desanimador. Me questionei o quanto não seria uma utopia buscar diálogo em terrenos aparentemente inférteis. Porém, dizem por aí que é quando menos se merece que mais se precisa.

Percebo que a jornada é longa e me coloco inteira na investigação por saberes e práticas mais condizentes com a vida no planeta Terra.

EPÍGRAFE

"Ilha onde tudo se esclarece.

Aqui se pode pisar no sólido solo das provas.

Não há estradas senão as de chegada.

Os arbustos até vergam sob o peso das respostas.

Cresce aqui a árvore da Suposição Justa de galhos desenredados desde antanho.

A árvore do Entendimento, fascinantemente simples junto à fonte que se chama Ah, Então É Isso.

Quanto mais denso o bosque, mais larga a vista do Vale da Evidência.

Se há alguma dúvida, o vento dispersa.

O eco toma a palavra sem ser chamado e de bom grado desvenda os segredos dos mundos.

Do lado direito uma caverna onde mora o sentido.

Do lado esquerdo o lago da Convicção Profunda. A verdade surge do fundo e suave vem à tona.

Domina o vale a Inabalável Certeza. Do seu cume se descortina a Essência das Coisas.

Apesar dos encantos a ilha é deserta e as pegadas miúdas vistas ao longo das praias se voltam sem exceção para o mar.

Como se daqui só se saísse e sem voltar se submergisse nas profundezas.

Na vida imponderável."

Utopia – Wislawa Szymborska

SUMÁRIO

RESUMO 9
ABSTRACT 10
LISTA DE FIGURAS 11
LISTA DE TABELAS 12
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS 13
1. ABERTURA 15
2. TRILHAS 29
3. DIÁLOGO(S) 35
4. FÓRUM FLORESTAL: ESTUDO DE CASO 51
5. EU-FLORESTA 83
6. RUMO À GESTÃO FLORESTAL DIALÓGICA 99
ACABAMENTO PROVISÓRIO 129
REFERÊNCIAS 133
APÊNDICES 141

RESUMO

Entrenós: a dialógica como abordagem complexa para a gestão florestal

Este trabalho investiga a relação entre o diálogo e a gestão florestal. Tem por objetivo geral contribuir para a construção de conhecimento sobre a potencialidade do diálogo para a gestão das florestas como sistemas complexos adaptativos. Bem como, os objetivos específicos são: 1. interpretar as noções de diálogo no Fórum Florestal Paulista; 2. identificar facilitações e obstáculos para a ocorrência do diálogo no Fórum Florestal Paulista; 3. Compreender como o Diálogo Florestal e o *The Forests Dialogue* influenciam nessas noções e características e como podem auxiliar na amplificação da prática dialógica do Fórum Florestal Paulista; 4. relacionar aspectos dialógicos com características das florestas como sistemas complexos adaptativos; 5. elaborar uma abordagem dialógica para guiar processos de gestão florestal multisetorial de maneira complexa. A pesquisa é qualitativa e se baseia na observação participante, com estudo de caso, entrevistas abertas, consulta à literatura e à documentação. Apresenta a dialógica como a abordagem que permite a ocorrência do diálogo. Sendo este, visto como um acontecimento advindo do encontro entre seres diversos que por estarem dispostos e abertos permitiram a mistura de suas vivências, admiraram seus funcionamentos, adaptaram responsavelmente a partir do inesperado, e elaboraram um novo estado. Por fim, sugere que a dialógica pode ser uma abordagem complexa para a gestão florestal.

Palavras-chave: Dialógica, Diálogo, Complexidade, Sistemas complexos adaptativos, Gestão florestal

ABSTRACT

Internodes: dialogic as a complex approach to forest governance

This study investigates the relationship between dialogue and forest management and governance. Its general objective is to contribute to build knowledge about the potential of dialogue for the management and governance of forests as complex adaptive systems. The specific objectives are: 1. interpret the notions of dialogue in the Forum Florestal Paulista; 2. identify characteristics that facilitate and block dialogue to occur at the Forum Florestal Paulista; 3. understand how the national and international initiatives influence these dialogue notions and characteristics, and how they can help in expanding the dialogical practice of the Forum Florestal Paulista; 4. associate dialogical aspects with characteristics of forests as complex adaptive systems; 5. develop a dialogical approach to guide multisectoral forest management processes in a complex way. This was a qualitative research based on participant observation technique, including case study, open interviews, literature review, and public documents consultation. Findings showed that dialogic is an approach that allows dialogue to occur. Dialogue is seen as an event arising from the encounter between different beings who are willing and opening to allow their experiences to mix, to admire their functioning, to adapt responsibly based on the unexpected, and to create a new condition. Finally, this study pointed out that dialogic seems to be a complex approach to forest management and governance.

Keywords: Dialogic, Dialogue, Complexity, Complex adaptive systems, Forest management, Forest governance

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Área desmatada por bioma (ha) em 2019 e 2020. 17

Figura 2. Área de árvores plantadas no Brasil por estado e por gênero (2019), em milhões de hectares. 20

Figura 3. Dados globais de expansão florestal (verde) e desmatamento (marrom) entre 1990-2020 (milhões de ha/ano).. 21

Figura 4. Categorias de partes interessadas e cogestão.. 54

Figura 5. Municípios sede das organizações presentes no FFSP.. 56

Figura 6. Gráfico da paridade sexual das(os) participantes nas reuniões estudadas do FFSP.. 57

Figura 7. Gráfico do número de participantes nas reuniões estudadas do FFSP. 57

Figura 8. Gráfico dos tipos de instituições presentes nas reuniões estudadas do FFSP.. 58

Figura 9. Representação da floresta como sistema complexo adaptativo. 93

Figura 10. Compasso da sustentabilidade.. 105

Figura 11. Composição epistêmica tridimensional de uma gestão florestal dialógica.. 117

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Relação das características da floresta como sistema complexo adaptativo……94

Tabela 2. Relação entre características dialógicas e sistemas complexos adaptativos.....108

Tabela 3. Parâmetros para observação da corporificação da palavra dialógica..... 125

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APPs	Áreas de Preservação Permanente
DF	Diálogo Florestal
FFSP	Fórum Florestal Paulista
FSC	*Forest Stewardship Council* (Conselho de Manejo Florestal)
IUFRO	União Internacional das Organizações de Pesquisas Florestais
LUD	*The Land Use Dialogue*
Oca	Laboratório de Educação e Política Ambiental
ONGs	Organizações não governamentais
P3S	Planejamento participativo de paisagens sustentáveis
RL	Reserva Legal
RPPNs	Reservas Particulares de Patrimônio Natural
SCA	Sistemas Complexos Adaptativos
TFD	*The Forests Dialogue*
UNFF	Fórum sobre Florestas das Nações Unidas

1. ABERTURA

> Eu considero uma árvore.
> Posso apreendê-la como uma imagem. Coluna rígida sob o impacto da luz, ou o verdor resplandecente repleto de suavidade pelo azul prateado que lhe serve de fundo.
> Posso senti-la como movimento: filamento fluente de vasos unidos a um núcleo palpitante, sucção de raízes, respiração das folhas, permuta incessante de terra e ar, e mesmo o próprio desenvolvimento obscuro.
> Eu posso classificá-la numa espécie e observá-la como exemplar de um tipo de estrutura e de vida.
> Eu posso dominar tão radicalmente sua presença e sua forma que não reconheço mais nela senão a expressão de uma lei - de leis segundo as quais um contínuo conflito de forças é sempre solucionado ou de leis que regem a composição e a decomposição das substâncias.
> Eu posso volatilizá-la e eternizá-la, tornando-a um número, uma mera relação numérica.
> A árvore permanece, em todas estas perspectivas, o meu objeto tem seu espaço e seu tempo, mantém sua natureza e sua composição.
> Entretanto pode acontecer que simultaneamente, por vontade própria e por uma graça, ao observar a árvore, EU seja levado a entrar em relação com ela; ela já não é mais um ISSO. A força de sua exclusividade apoderou-se de mim.
> Não devo renunciar a nenhum dos modos de minha consideração. De nada devo abstrair-me para vê-la, não há nenhum conhecimento do qual devo me esquecer. Ao contrário, imagem e movimento, espécie e exemplar, lei e número estão indissoluvelmente unidos nessa relação.
> Tudo o que pertence à árvore, sua forma, seu mecanismo, sua cor e suas substâncias químicas, sua "conversação" com os elementos do mundo e com as estrelas, tudo está incluído numa totalidade.
> A árvore não é uma impressão, um jogo de minha representação ou um valor emotivo. Ela se apresenta "em pessoa" diante de mim e tem algo a ver comigo e, eu, se bem que de modo diferente, tenho algo a ver com ela.
> Que ninguém tente debilitar o sentido da relação: relação é reciprocidade.
> Teria então a árvore uma consciência semelhante à nossa? Não posso experienciar isso. Mas quereis novamente decompor o indecomponível só porque a experiência parece ter sido bem sucedida convosco? Não é a alma da árvore ou sua dríade que se apresenta a mim, é ela mesma. (3)

Entrenós são espaços entre potências de novos galhos, folhas, flores e frutos. Fazem parte do tronco e juntos alongam a árvore em busca da luz. Entre é o lugar onde o diálogo acontece. Nós somos seres complexos. Entre nós acontece a gestão de tudo que nos permite viver.

A relação entre pessoas e florestas vem sendo tratada como um problema a ser resolvido. Nesta dinâmica, o ecossistema florestal é apenas o objeto a ser analisado. Entretanto, quando refletimos sobre essa relação milenar e vital, que vem sofrendo profundas alterações nos últimos séculos, estamos diante de um paradoxo[2]. Portanto, é preciso uma outra abordagem para lidar com ele.

Para os conhecidos problemas florestais, como incêndios ou diversas patologias, existem procedimentos para resolvê-los. Porém, quando se lida com a contradição de preservação das florestas ao mesmo tempo em que se disputa a terra para exploração, solo urbano, industrialização ou grandes plantações, não há solução. Assim, paradoxos só podem ser dissolvidos, e isso acontece quando sua nulidade e absurdo são vistos, sentidos e compreendidos (4).

A dissolução é vista como uma possível permeabilidade das contradições. Ao invés de se tornarem muros intransponíveis que impedem o entendimento comum, quando presentes em um diálogo é possível perceber as necessidades e as diferenças em questão, e assim construir um entendimento em conjunto para a tomada de decisões. Contradições e conflitos são inerentes ao diálogo. Conflitos surgem da falta de acordo sobre os objetivos comuns relativos às necessidades sociais e políticas, à organização econômica e às relações entre si e outros seres (5). A

[2] Termo utilizado de acordo com Bohm, para refletir as contradições coexistentes.

contradição entre o conflito de opostos constitui o motor da evolução de pensamentos e fatos, permitindo que algo que não seja possa surgir (6).

Minha pesquisa é sobre o diálogo e a gestão florestal, e se desdobrou em termos de sistemas complexos adaptativos (SCA). Pois, as florestas podem ser consideradas sistemas complexos adaptativos e o diálogo, por suas características intrínsecas, pode se relacionar com os aspectos dos SCA. A dialógica se apresentou como uma possibilidade para uma gestão florestal mais efetiva e condizente com a realidade ecossistêmica florestal.

Como pesquisa ensaística a interrogação é a postura básica aqui exposta. Portanto, se prepare para variadas questões que surgirão ao longo do texto, e que não necessariamente serão respondidas.

As inquietações que geraram a minha pergunta são de longa data. Entretanto, especificamente a curiosidade que deu origem à tese surgiu meses antes do início do doutorado. Por eu ter trabalhado na área de certificação florestal, tomei conhecimento que a motivação de criação do FSC[3], era ser uma plataforma de diálogo multisetorial sobre manejo e conservação das florestas. A palavra 'diálogo', então, me chamou a atenção. O que seria?

Após esse momento, fiquei sabendo da existência de outras iniciativas no setor florestal que também buscavam o diálogo entre atores distintos para discutir temáticas florestais. Como o Diálogo Florestal (DF) e o *The Forests Dialogue* (TFD), que serão apresentados posteriormente. Além disso, com a escuta atenta, passei a ouvir a palavra 'diálogo' em outros espaços relativos aos temas florestais, como no congresso mundial da união internacional das organizações de pesquisas florestais (IUFRO), realizado em Curitiba em 2019.

Assim, percebi o diálogo como um suposto protagonista de iniciativas florestais que buscam articular partes interessadas em torno do bem comum. Outras inquietações que também fazem parte da motivação para a pesquisa dizem respeito à complexidade dos seres vivos e de suas relações, e como a simplificação dela vem surtindo efeitos danosos a vida na Terra. Tudo isso me fez pensar nos desafios de gestão sustentável que esbarram em paradoxos e por vezes ignoram os caráteres econômico-político e social-ambiental no âmbito florestal.

Nesse processo algumas questões surgiram previamente ao problema de pesquisa. O que dizem, ou querem dizer, as pessoas que mencionam o 'diálogo' nesse âmbito? O que significa quando declaram que ele acontece? Ou o que querem dizer quando frisam que ele precisa ser feito? Se estávamos, e estamos, em meio a discussões como: redução do desmatamento, mitigação de mudanças climáticas, restauração de áreas florestais, novas tecnologias, comunicação científica, florestas como redes de segurança ou armadilhas de pobreza, dentre tantas outras – por que tais abordagens não estão sendo suficientes para uma mudança comportamental entre humanos e florestas?

Durante o caminho inicial, me deparei com o lugar que nos acolheria, pesquisadora e pesquisa: o Laboratório de Educação e Política Ambiental (Oca). Espaço que declara o diálogo como um de seus pilares teóricos e práticos, em sua busca pela sustentabilidade educadora ambientalista (7). A partir de então, dei prosseguimento às investigações que compõem a tese.

Minha primeira hipótese era que a palavra diálogo estava sendo proferida com diferentes significados no âmbito florestal. Comecei minha pesquisa testando essa hipótese no estudo de caso com o Fórum Florestal Paulista (FFSP), por meio do entendimento teórico dessa noção e da observação de sua manifestação. De ante mão posso dizer que a hipótese foi confirmada, o que será visto mais adiante.

[3] Forest Stewardship Council, ou Conselho de Manejo Florestal.

De acordo com a filosofia dialógica que embasa o estudo, para se adentrar em uma relação dialógica é preciso suspender os pressupostos. Portanto, identifiquei minhas hipóteses também como pressupostos, e as suspendi em forma de pergunta para que fosse possível entrar em relação pesquisante dialógica.

Intermediariamente a segunda hipótese-pergunta que guiou a pesquisa foi: existe possibilidade de termos de fato um pensar e agir coletivo em prol da agenda florestal sem uma postura dialógica?

Ao longo da pesquisa, a terceira pergunta que se colocou como guia é a seguinte: características dialógicas podem se articular às propriedades dos sistemas complexos adaptativos para auxiliar a gestão florestal em prol dos benefícios sociais e ambientais das florestas?

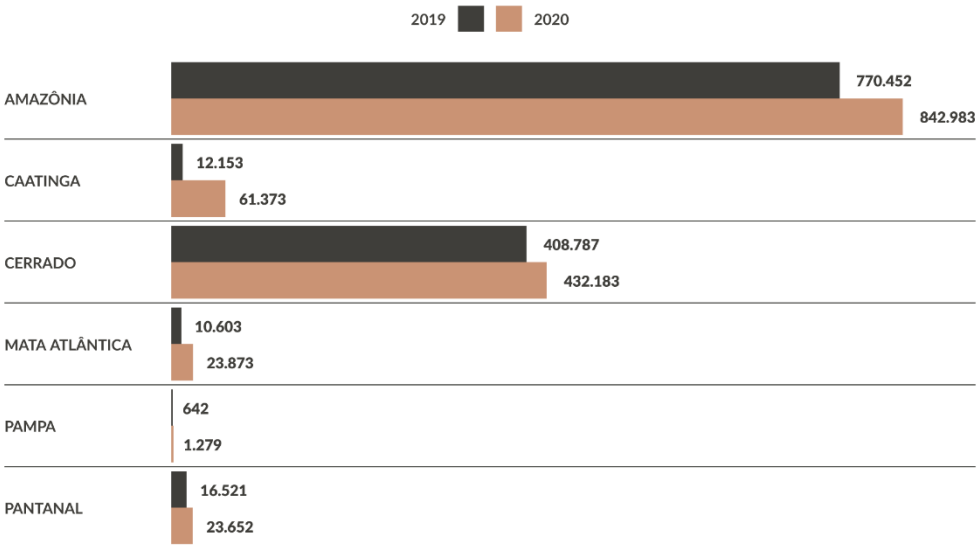
O objetivo geral da pesquisa é: contribuir para a construção de conhecimento sobre a potencialidade do diálogo para a gestão das florestas como sistemas complexos adaptativos. Os objetivos específicos são: 1. interpretar as noções de diálogo no Fórum Florestal Paulista; 2. identificar facilitações e obstáculos para a ocorrência do diálogo no Fórum Florestal Paulista; 3. Compreender como o Diálogo Florestal e o *The Forests Dialogue* influenciam nessas noções e características e como podem auxiliar na amplificação da prática dialógica do Fórum Florestal Paulista; 4. relacionar aspectos dialógicos com características das florestas como sistemas complexos adaptativos; 5. elaborar uma abordagem dialógica para guiar processos de gestão florestal multisetorial de maneira complexa.

A floresta é um ser composto, um ecossistema complexo, constituída em comunidade. Não se reduz a partes e se adapta e incorpora o diferente por meio de relações que permitem múltiplos equilíbrios e desequilíbrios dinâmicos, sendo, portanto, um ser dialógico. Entendendo dialogia como a comunicação por meio da linguagem, as árvores em uma floresta se comunicam por meios olfativos, visuais, elétricos e sonoros (8).

Os ecossistemas florestais compõem cerca de 31% da superfície terrestre. A perda destes ecossistemas tem crescido alarmantemente desde a década de 1990, sendo a degradação e o desmatamento as principais causas de perda de biodiversidade. O Brasil possui cerca de 497 milhões de hectares de florestas (o tamanho total do país é 850 milhões de hectares), que correspondem a 12% do percentual global. Tratando-se do segundo país com maior área florestada no mundo[4]. Porém, 1,853 milhão de hectares foram desmatados somente em 2020, com um aumento de 14% na área desmatada em relação ao ano anterior (9).

Figura 1. Área desmatada por bioma (ha) em 2019 e 2020.

[4] Segundo este relatório (12), o primeiro país é a Rússia, com 20% das florestas globais. Depois do Brasil ainda se encontram o Canadá, com 9%, os Estados Unidos, com 8% e a China, com 5%. Os demais países possuem porcentagens menores e não tão expressivas quanto esses cinco países. A área total de florestas no mundo é por volta de 4,06 bilhões de hectares, o que poderia ser visto como cerca de 0,5 hectare de floresta por pessoa. Entretanto, as florestas não são igualmente distribuídas no planeta.



Fonte: (9).

Assim, podemos perceber tanto a relevância das florestas para a constituição do nosso planeta, quanto a importância do Brasil para sua permanência. Entretanto, isso vem sendo negligenciado nas tomadas de decisões em âmbito nacional e internacional. As consequências do desmatamento acelerado, e em grande escala, estão comprometendo nossa existência como espécie, além da continuidade de outras companheiras.

Falando sobre as espécies companheiras, as primeiras plantas vasculares apareceram na Terra há cerca de 430 milhões de anos. A extinção em massa pela movimentação de placas tectônicas, há aproximadamente 300 milhões de anos, eliminou por volta de 70% dos organismos terrestres. Há cerca de 55 milhões de anos mudanças climáticas reduziram as florestas que haviam se formado. Posteriormente, a última era do gelo até então conhecida acabou por volta de 1,8 milhões de anos, permitindo o surgimento de novas formas de vida[5].

Dentre elas, a espécie humana como conhecemos hoje, que surgiu entre 120-200 mil anos[6](10,11). Esta aparição do *homo sapiens* moderno foi possibilitada pelas alterações ambientais causadas pelas florestas. No sentido de terem sido essas alterações (por exemplo na temperatura) que permitiram a evolução e permanência da espécie como tal.

Porém, a forma como seres humanos têm se comportado nos últimos séculos está agravando a ameaça a esse ecossistema, e a inúmeras espécies que dependem direta ou indiretamente dele. O perigo não é somente recente, outras relações predatórias acompanham a história do *sapiens* na Terra (11). Apesar do histórico resiliente das florestas, de acordo com o distúrbio causado, elas podem tardar muito tempo para se restabelecerem (10) e tudo indica que seres humanos não se sustentam sem esses ecossistemas terrestres.

Apenas para elucidar a gravidade dos distúrbios planetários, um simples alerta pode ser dado quando ressaltamos que nós precisamos respirar para sobreviver. O gás mais importante captado nesse processo é o oxigênio. As plantas expelem oxigênio a partir do processo de fotossíntese, que absorve gás carbônico e o transforma. Nós emitimos nas últimas décadas, por meio de processos socioculturais, uma quantidade tamanha de gás carbônico na atmosfera que alterou sua composição de equilíbrio dinâmico. Tal concentração está gerando o

[5] Esses dados sobre os anos (10) são aproximados e muitas vezes as teorias estão em disputa. Por exemplo, outros dados apontam que no último milhão de anos, houve cerca de uma era glacial a cada 100 mil anos (11).

[6] Existe uma teoria que os seres humanos surgiram há pelo menos 2,5 milhões de anos e o *Homo sapiens* há pelo menos 200 mil anos (11).

aquecimento global e acelerando as mudanças climáticas. Assim, menos florestas na biosfera e mais gás carbônico na atmosfera é uma combinação letal para muitos seres vivos, inclusive humanos. Urge cuidar do espaço comum no qual o ar circula, e o diálogo acontece justamente no espaço do 'entre'.

As florestas são afetadas por pressões bem conhecidas devido ao modelo de desenvolvimento econômico, ao crescimento e à concentração da população. As principais são: mudança, perda e degradação de habitats; práticas agrícolas insustentáveis; espécies invasoras; baixa eficiência e super exploração de recursos, incluindo exploração ilegal de madeira e tráfico de vida silvestre. Na América Latina as causas predominantes de desmatamento e degradação das florestas são a agropecuária comercial e a exploração madeireira ilícita (12).

Estas ações se devem muito ao fato de haver pressões do mercado global, preferências dietéticas, desperdícios ao longo das cadeias produtivas e demanda por abastecimento de comida e combustível (12). Portanto, existem questões culturais, políticas e econômicas envolvidas. Entretanto, guiadas por um modelo específico de desenvolvimento que não está nem acabando com a fome e nem mantendo os fluxos planetários.

Uma questão que não pode ser ignorada é a pressão demográfica, geradora de debates internacionais sobre questões ambientais. Apesar de muito recorrente nos argumentos da segunda metade do século XX, como não havendo solução técnica para o crescimento populacional mas apenas moral (13), o contraponto se deu não pela quantidade de pessoas no mundo, mas pelo modo de vida das sociedades. "A degradação ambiental não é um resultado direto da pressão demográfica sobre a capacidade de carga dos ecossistemas, mas das formas de apropriação e usufruto da natureza" (14).

Neste contexto, podemos notar que existem problemas passíveis de soluções, mas também outros mais, que são gerados a partir das ações constantemente tomadas. E, além disso, existem paradoxos envolvidos, como atender ao mesmo tempo às pressões mercadológicas da globalização e permitir um solo fértil e saudável para a manutenção dos processos vitais.

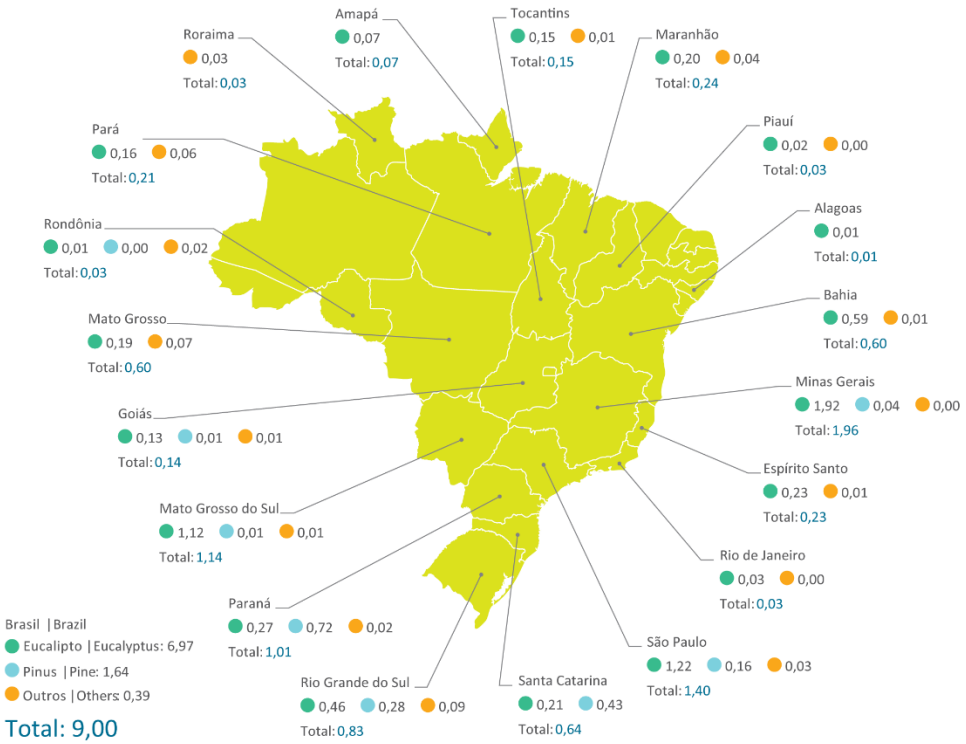
Tais questões mencionadas, que parecem distintas entre si, são todas relacionais. São relações multiníveis entre países, estados, municípios, comunidades e indivíduos. No caso do Brasil, majoritariamente acontecem relacionamentos objetificados com a terra desde os tempos de colônia. A exemplo do extrativismo implantado aqui e vigente até os dias de hoje. Estas interações propiciaram a desconsideração da floresta como subjetividade relacional, e, assim, uma gestão apartada das necessidades vitais fundamentais.

A primeira atividade econômica desenvolvida pelos colonizadores no Brasil foi a exploração do pau-brasil. Amostras desta árvore foram enviadas a Portugal logo em 1500. No ano seguinte, a Coroa impôs o monopólio e arrendou para particulares o direito de extração dessa madeira. Estima-se que nos primeiros anos, 1.200 toneladas/ano foram coletadas. A madeira de pau-brasil esteve em destaque nas exportações brasileiras até a segunda metade do século XIX (15). Desde então a prática de desmatamento em larga escala se manteve e se alastrou no país, como mencionado anteriormente.

Algo a ser apontado em relação às florestas no Brasil, bem como sobre a cultura de exploração, é o plantio de florestas para extração. O país se destaca no cenário mundial pela quantidade e qualidade de produtos advindos do plantio de espécies exóticas arbóreas (16). Talvez valha deixar a reflexão sobre o fato de que enquanto o desmatamento de árvores nativas no Brasil aumenta, aumenta-se a produção de árvores exóticas.

Podemos observar, na figura a seguir, que a maioria dos estados brasileiros, em todas as regiões do país, contam com plantações florestais. Mesmo estando em biomas diversos. O gênero *Eucalyptus* predomina entre as árvores plantadas, seguido pelo gênero *Pinus*. Estes dois gêneros somados aos demais plantados no Brasil totalizaram em 2019 cerca de 9 milhões de hectares.

Figura 2. Área de árvores plantadas no Brasil por estado e por gênero (2019), em milhões de hectares.



Fonte: (16).

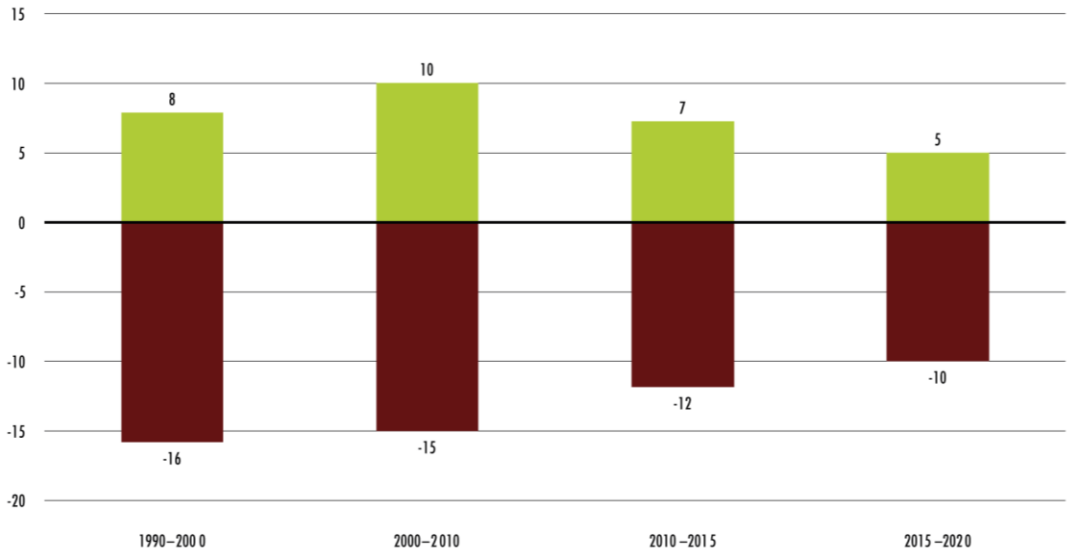
Me foi dito, quando cursava o bacharelado em Engenharia Florestal, que 'engenheirar' é solucionar problemas. Apesar disso, minhas vivências me mostraram que além de precisarmos de maneiras mais polifônicas de solucionar os problemas florestais, carecemos de condutas capazes de lidar com os paradoxos existentes entre pessoas e florestas.

Por exemplo, percebemos as contradições atuais do reconhecimento da importância de populações tradicionais para a conservação da biodiversidade, enquanto as mesmas são perseguidas e dizimadas (17). Além das contradições morais de se exigir um respeito a elas que deveria ser intrínseco, mas que no discurso se dá de maneira consequencialista.

Também, ao mesmo tempo que existem inúmeras soluções para problemas florestais ocorre o desmonte de políticas ambientais, o que gera o aprofundamento desses problemas. Precisamos de meios de se manter estruturas enquanto os constituintes mudam. Ao passo que ocorrem esses paradoxos, pelo menos nos últimos trinta anos, as áreas desmatadas pelo mundo seguem maiores do que as de novas florestas.

O gráfico abaixo apresenta as mudanças nos intervalos de 10 anos (entre 1990-2000 e 2000-2010) e de 5 anos (entre 2010-2015 e 2015-2020) no cenário florestal global. Podemos perceber o aumento, nesta última década, tanto de áreas de expansão florestal (12 milhões de ha/ano), quanto de áreas desmatadas (22 milhões de ha/ano).

Figura 3. Dados globais de expansão florestal (verde) e desmatamento (marrom) entre 1990-2020 (milhões de ha/ano).



Fonte: (12).

A tratativa de dilemas relativos aos bens comuns, como uma floresta, não é tão recente (18). Entretanto, existe bastante espaço para desdobramentos e aprofundamentos em novas direções. Principalmente sobre os significados compartilhados e a criação de narrativas em relação às florestas.

A preocupação com o uso racional dos benefícios provenientes das florestas na Alemanha, em 1560, desaguou na palavra *Nachhaltigkeit* - que significa sustentabilidade (19). Podemos inferir a partir disso que o caráter relacional entre pessoas e florestas está presente desde a origem do conceito. A ideia que surgia então foi ampliada até os dias de hoje, para ações que mantenham as condições físico-químicas e informacionais permitindo a continuidade da vida terrestre, em seus processos de coevolução, reprodução e regeneração (19).

O que parece ter se mantido como uma compreensão de interdependência, se desenvolveu majoritariamente por meio de uma perspectiva desconectada, antropocêntrica, e capitalista. A fundação ética do manejo florestal se deu pelo valor de uso das florestas para seres humanos (20). Consta em um documento de 1713 que o cuidado com a madeira se dava sob a ameaça de se encerrarem os negócios e acabarem os lucros (19). Assim, deixou-se de lado o cuidado necessário às interrelações entre todos os seres, em prol de um utilitarismo alheio à complexidade da relação entre pessoas e florestas.

Mesmo com tanto tempo de existência, a ideia de sustentabilidade se tornou mais conhecida quando foi acoplada à concepção moderna de desenvolvimento. O conceito de desenvolvimento sustentável foi cunhado no início dos anos 1980. A partir do olhar sobre a relação entre sociedade e natureza, e dos desafios relacionados à liberdade, paz, melhores condições de vida e um ambiente saudável. Com o intuito de que sejam sanadas as necessidades básicas da humanidade sem que seja violentado o sistema natural de vida no planeta (21). Motivado pelas consequências ambientais geradas pelos modelos hegemônicos de industrialização e de urbanização agravadas no século XX.

É fato que estamos em momento de crises, e outros comportamentos se fazem necessários para as compreender e agir sobre elas. As crises são profundamente ambivalentes (22), são processos que apresentam dois aspectos de valores diferentes e, por vezes, contrários. Para se entender uma situação em crise é preciso ser sensível à ambiguidade. Um exemplo disso é o uso de conceitos como sustentabilidade, ou mesmo diálogo, em diversos

espaços e contextos buscando agradar a todos(as), sem o acolhimento dos conflitos inerentes às diferenças. Os elementos de esperança também são trazidos pelos fatores de desesperança, e são neles que busco atuar com a dialogia. Para esperançar o surgimento do 'inédito-viável' (23).

O modelo de desenvolvimento ocidental vigente, fragmentado e superexploratório, tenta ignorar a complexidade florestal ao tratá-la somente como um 'Isso'. Gerando, portanto, conflitos de diferentes magnitudes e consequências. O espaço dialógico é justamente uma possibilidade de abrigar os conflitos inerentes à gestão florestal para permitir suas transformações.

Já é sabida a necessidade da complexidade para abordagens ecológicas, do diálogo para a gestão e até mesmo para assuntos ambientais (24–26). Porém, e a dialógica como abordagem complexa para a gestão florestal? É nessa intersessão que pretendo contribuir com esta tese.

Tanto a humanidade quanto o significado da linguagem dependem do frutífero desacordo do discurso vivido entre subjetividades. Seus significados necessariamente diferem devido à diferença de suas atitudes e situações (27). Por isso, conflitos fazem parte do diálogo, pois com as diferenças em contato pode se construir algo em comum. Do mesmo modo que os distúrbios fazem parte da dinâmica florestal. Distúrbios - como incêndios, ataques de insetos, condições climáticas severas e doenças – afetaram, somente em 2015, cerca de 138 milhões de hectares de florestas no mundo (12).

Estes exemplos mostram que o problema é quando o distúrbio, ou conflito, vira supressão. Distúrbios variados são capazes de criar mosaicos complexos de distribuição florestal e alta diversidade na paisagem (28), quando respeitada a resiliência da floresta. Bem como, em quantidade moderada, podem melhorar a qualidade e disponibilidade de hábitats para polinizadores (12). Apesar de sempre haver um custo para quem se prejudica com o processo. Mesmo assim, a partir dos conflitos também é possível que se criem outras percepções e outros conhecimentos entre humanos.

Partindo da concepção relacional entre pessoas e florestas, a pesquisa propõe a inserção no Fórum Florestal Paulista - de esfera regional - para se interpretar, à luz dos fóruns nacional e internacional, as percepções e ações que se dão nesse espaço, quanto aos assuntos relativos à gestão florestal e ao diálogo.

Foram as vivências na área florestal que me permitiram notar a recorrência da palavra diálogo e o surgimento da necessidade de investigação sobre seu uso e suas consequências. Para tanto, esta pesquisa se debruça em seu estudo de caso em busca de compreender as relações entre características complexas e dialogia no Fórum Florestal Paulista. Sabendo que não esgotará as possibilidades de investigação da complexidade do real e nem a ignorará.

Vivemos em uma época da história da humanidade em que a ciência avançou ao longo dos anos, coletou, trabalhou e contribuiu com uma grande quantidade de informações e com a solução de muitos problemas. No entanto, percebe-se uma desconexão entre muitos dos conhecimentos disponíveis e as ações políticas da sociedade como um todo[7]. Além disso, prevalecem em muitos espaços o pensamento fragmentado, processos acríticos, negações da realidade planetária e visões distorcidas sobre o funcionamento da vida. Por isso, em meio a tantas crises, como a ecológica e climática, acredito ser necessário um novo paradigma da ciência que contemple a sustentabilidade da vida.

O fato de a etimologia da palavra 'floresta' partir do latim *forense* (29) - que significa 'do lado de fora' - já pressupõe uma relação de alteridade muito pertinente ao estudo dialógico. Entendo que não estamos presenciando

[7] Vide o descompasso entre as recomendações dos relatórios do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas, os acordos das Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas e as ações políticas efetivas.

somente falta de informação, mas dificuldades comunicacionais e diferentes projetos de sociedade em confronto. Muito relacionado ao pensamento abissal, que cria essas separações, estabelece divisões entre os universos em suas distinções invisíveis, e torna impossível a copresença de um lado da linha da realidade social com o outro – o inexistente, excluído e exterior (30).

Penso que a investigação do processo dialógico nos espaços de decisão florestal pode contribuir para uma comunicação que permita o compartilhamento de conhecimentos, valores e percepções importantes sobre a relação entre o ser humano e a floresta. Bem como sobre os caminhos a serem seguidos. Assim, este é um tema interdisciplinar, que requer: compreensão plural sobre os ecossistemas florestais; a relação entre a sociedade e a floresta; e uma abordagem ampla para a tomada de decisões em prol do bem comum.

A proposta do diálogo, e de sua construção, é fundamental para a possibilidade de criatividade e inovação nas diferentes áreas do conhecimento e da ação política. Aplicada ao contexto florestal, em fóruns florestais ou outros espaços, pode trazer novidades e reflexões capazes de promover transformações e incluir outros saberes.

Mesmo com a teoria existente e as experiências que tratam do diálogo, ainda há muito espaço para reflexão e aplicação dialógica. O setor florestal é um bom espaço de pesquisa, haja vista a existência de fóruns e as práticas de diálogo em andamento. Portanto, esta é uma proposta para o campo florestal em busca de alternativas para uma gestão dialógica que se guie pela conservação das florestas e de seus benefícios sociais, considerando esses ecossistemas como sistemas complexos adaptativos.

Como mencionado, ao realizar esta pesquisa, parto da necessidade de outro paradigma para a ciência. Uma transição paradigmática que possibilite a compreensão complexa da relação entre pessoas e florestas, ou uma maior aproximação dessa assimilação, e que seja capaz de lidar com paradoxos e não somente com problemas.

Por que o paradigma vigente não seria suficiente? Basicamente por propor a exclusividade da relação objetificada, coisificada, enquanto que para um encontro dialógico se faz necessário a intercalação com a relação subjetiva. "O objecto [sic] é o sujeito olhado do ponto de vista da regulação hegemônica" (31).

Consequentemente, o paradigma reducionista ou mecânico da ciência moderna, originado por volta do século XV, acarreta a subjugação da natureza. Além de ser uma barreira para a interdisciplinaridade, por valorizar a especialidade. A partir das metáforas mecanicistas que se reconstruiu socialmente a relação de sociedade e natureza, baseando-se na suposição de divisibilidade e manipulabilidade do meio e dos seres vivos. Em contrapartida, nas metáforas orgânicas a ordem se dava a partir da interdependência e reciprocidade[8] (32). Justamente princípios dialógicos.

Mais uma necessidade de outro paradigma para abarcar a relação dialógica se dá pela urgência de se considerar a floresta como uma comunidade comunicante, e não como indivíduos inertes. Somente no encontro dialógico é revelada a totalidade do ser, e essa ênfase sobre a totalidade implica na rejeição da racionalidade como característica distintiva do ser humano entre os outros seres (3).

Um dos objetivos dialógicos é clarear a atividade realizada pela fragmentação do pensamento (4), que influencia na percepção do mundo e na ação sobre ele. A fragmentação interfere na relação essencial entre os seres, a relação integral entre diferentes, que forma uma totalidade funcional. Além disso, o diálogo necessita do pensamento participativo para que ocorra, no qual as fronteiras distintas são percebidas como permeáveis, onde existe interrelações e o movimento do mundo é percebido como vitalmente e essencialmente participativo. Em

[8] O termo reciprocidade foi mantido ao longo do texto pelo uso atribuído por Buber e pelo entendimento de se tratar de um reconhecimento mútuo e de uma teia de ações, na qual o que é dado não necessariamente é o recebido, se relacionando à afetação e à interdependência.

contrapartida, os pensamentos científico e técnico atuais são variantes do pensamento literal, que é prático e voltado para resultados, e objetiva formar quadros inequívocos das coisas como elas são (31).

Questionar o modelo de relação entre pessoas e florestas vigente na sociedade moderna e ocidental é questionar o modelo único de ciência, pois este possui uma centralidade no paradigma da modernidade. Paradigma este composto por dois pilares: a regulação e a emancipação. O pilar da regulação se concentrou no princípio do mercado, em detrimento do estado e da comunidade, e o pilar da emancipação priorizou a lógica da racionalidade cognitivo-instrumental da ciência e da técnica, deixando de lado as racionalidades estético-expressiva e moral-prática. Estas concentrações reduziram o trânsito entre os pilares e as tensões dinâmicas inscritas no paradigma que assegurariam seu múltiplo e constante desenvolvimento (31). Instalando um processo antidialógico, que exclui tensões e conflitos.

> O ponto de partida do diagnóstico da ciência moderna como problema reside na dupla verificação de que os excessos da modernidade que a ciência prometeu corrigir, não só não foram corrigidos, como não cessam de se reproduzir em escala cada vez maior, e que os défices que a ciência prometeu superar, não só não foram superados, como se multiplicaram e agravaram. Acresce que a ciência não se limitou a ser ineficaz e parece, pelo contrário, ter contribuído, como se de uma perversão matricial se tratasse, para o agravamento das condições que procurou aliviar. Alguns exemplos. A promessa de dominação da natureza para a pôr ao serviço do homem redundou numa exploração excessiva dos recursos naturais e no consequente perigo, cada vez mais iminente, de uma catástrofe ecológica de proporções tais que o que começa a estar em jogo é a própria continuação da humanidade tal como a conhecemos. A promessa de uma paz perpétua assente na racionalização científica dos processos de decisão e na institucionalização dos conflitos redundou no desenvolvimento tecnológico da guerra e no aumento, sem precedentes, do poder destrutivo desta. (31)

As colocações acima permitem relacionar ideias pertinentes ao trabalho. A conjuntura ambiental que o mundo se encontra relacionada com as promessas da ciência, a exploração excessiva dos recursos e o desenvolvimento tecnológico da guerra – exemplificada pela chamada Revolução Verde.

Esta se trata de uma transformação na agricultura de países do 'terceiro mundo' baseada na ciência e iniciada na década de 1950. Apesar de se dizer uma estratégia para a paz e prosperidade, acabou excluindo pessoas pobres e opções sustentáveis em sua realidade, demonstrando determinadas escolhas políticas para sua instalação – de simplificação dos cultivos; e aumento de áreas plantadas, de mecanização, do uso de água, de pesticidas e de fertilizantes. Gerando novas demandas sobre bens renováveis escassos, e outras sobre bens não renováveis (33).

A regulação das florestas, ou tentativa de controle, principalmente no último século está ameaçando a relação milenar entre pessoas e esses ecossistemas. Portanto, é preciso assumir um desequilíbrio dinâmico a favor da emancipação (31). O princípio da comunidade, o mais esquecido dentro do pilar da regulação, é o que melhor pode proporcionar a polifonia assimétrica entre regulação e emancipação. Sendo a comunidade fundamentada no aumento e na confirmação da existência, no interior da reciprocidade (34). Tendo a dimensão afetiva papel importantíssimo nas identificações coletivas, e sendo constantemente ignorada pelo racionalismo liberal (35).

Tanto comunidade como comunicação se relacionam com o radical latim *commune* (comum)(29). Portanto, me oriento pela necessidade de um paradigma em prol do comum, e um conhecimento emancipatório exige a revalorização da solidariedade como forma de saber (31). O diálogo necessita da reciprocidade e, portanto, é um meio de exercitá-la e retroalimentar a solidariedade. O conhecimento-emancipação é um processo incessante de criação de sujeitos capazes de reciprocidade (31), inclusive florestas-sujeitos.

"A presença de outros que vêem o que vemos e ouvem o que ouvimos garante-nos a realidade do mundo e de nós mesmos" (36). O mundo comum é um intermediário que une e separa as relações humanas, em companhia e evitando colisões. Ameaçado de acabar quando visto apenas de um posicionamento e permitida uma perspectiva (36).

Um paradigma representa padrões de pensamento. Estes podem ser interpretados a partir da ontologia (natureza da realidade), da epistemologia (o que é válido como conhecimento e critérios de justificativa) e da metodologia (processo de condução) (37). Assim, os padrões de pensamento que orientam esta tese e a proposta de um paradigma dialógico, são descritos a seguir.

Em termos ontológicos, essenciais, a base da pesquisa é a filosofia do diálogo de Martin Buber, que será elucidada no terceiro capítulo e que enuncia a realidade relacional da vida. Em relação à epistemologia, se guia pela epistemologia ecofeminista proposta por Ivone Gebara, pelo pensamento complexo de Edgar Morin, e pela dialogicidade de Paulo Freire – critérios relativos a não opressão, à complexidade, e à inclusão. Por fim, metodologicamente se norteia pela teoria dialógica de David Bohm e técnicas que serão descritas na seção específica para a metodologia, tendo em vista a busca dialógica para a condução da própria pesquisa.

Reservo aqui um espaço para elucidar a epistemologia ecofeminista-complexa-dialógica mencionada. Por se tratar de uma proposta relacional para além de opressões vigentes, acredito ser relevante a mistura epistemológica trazida por tal concepção. O convite da perspectiva ecofeminista se dá na abertura para um referencial de experiência mais amplo e inclusivo (38), em relação ao transmitido pela cultura hegemônica ocidental.

Tratar da relação entre pessoas e florestas vai além de uma lente colonial, em grande medida perpetuadora da oposição entre humanos e mais que humanos[9]. Visão dominadora que impede a ação amorosa entre os seres, impedindo assim um fundamento do diálogo. Somente com o fim das situações opressoras pode-se restaurar o amor que delas foi banido (23).

A palavra epistemologia é um incentivo a pensarmos como conhecemos as coisas e os seres, a reconhecermos as interdependências, e a influenciar os processos de transmissão e construção do conhecimento (38). Tentar mudar a estrutura hierárquica de poder reproduzida nas bases da sociedade, por exemplo rumo a sociedades sustentáveis, passa pelo conhecimento e exige posturas diferentes frente ao conhecimento. Exige um encontro de subjetividades para a tarefa comum de saber agir (23) e, portanto, um diálogo. Este, contando com a participação, permite a construção de relações mais justas e é uma exigência ética de nosso tempo (38).

A negação das inter-relações da vida – intensificada a partir da era industrial e acentuada no neoliberalismo, com a noção individualista – dificulta o cenário. Pois, o diálogo é incompatível com a autossuficiência (23). Além disso, pelo estudo de caso em questão se tratar de uma gestão multisetorial, esse comportamento a inviabiliza.

A perspectiva ecofeminista parte da conexão entre as opressões, tanto ideológicas como estruturais, para assim introduzir novas formas de pensar. "A luta pela justiça nas relações humanas implica uma prática de justiça em relação ao ecossistema. Não haverá vida humana sem a vida do planeta com suas inúmeras expressões" (38). Por isso, a inserção de uma maneira epistêmica mais inclusiva é necessária para se gerir as florestas.

Considerar a floresta também como sujeito exige a abertura da percepção, para que os aspectos fundamentais da vida sejam captados. O ecofeminismo é uma porta teórico-prática para essa abertura, tratando de recuperar a experiência humana.

> A partir de nossas experiências nos afirmamos não só homens e mulheres, mas também experiencialmente na e da Terra, no e do Cosmos e tendo-os em nós. É a partir de minha respiração que percebo o ar, sua importância, sua presença atravessando todos os seres vivos. Embora o ar seja maior que minha respiração, só posso falar dele com um mínimo de autoridade porque o experimento como vital (38).

[9] Esta expressão contrapõe à dicotomia humanos x não humanos, ressaltando a pluralidade de formas de vida.

A abertura é uma das características dos sistemas complexos e um requisito do diálogo. A interação entre ser e meio. O diálogo se manifesta na relação, a partir da interdependência entre as atitudes 'Eu-Isso' e 'Eu-Tu', mas esta não existe sem o distanciamento para sua percepção. Portanto, acredito haver uma necessidade de expansão, ou reelaboração, paradigmática, ao invés de uma exclusão, para incluir o diálogo na ciência e nas relações cotidianas. De tal maneira que se reconheça os limites e os perigos do olhar fragmentado, mas que se saiba de sua importância para então superá-lo e entrar novamente nesse movimento.

Para tanto, o pensamento complexo auxilia nesse processo porque "visa ultrapassar a confusão, o embaraço e a dificuldade de pensar com o auxílio de um pensamento organizador: que separa e que religa" (39). Assim, não é preciso - nem possível ou desejável - que se anule as capacidades analíticas e separatistas, mas que junto a elas se acrescente um pensamento que religa para sintetizar ou complexificar (39). Possibilitando a alternância entre o pensamento literal (fragmentado) para o participativo (junto) (4).

Não só a floresta é um sistema complexo, mas as relações culturais entre pessoas e florestas também são. Por isso, precisamos da incorporação de um pensamento complexo no fazer científico para possibilitar a permanência e regeneração dessas relações, além dele incluir as contradições internas e ser animado por uma constante tensão que reconhece o conhecimento como incompleto. "A reforma de pensamento conduz a uma reforma de vida que é também necessária para o bem-viver" (39) e "um ser vivo só pode ser conhecido em sua relação com seu meio, de onde extrai a energia e a organização" (39).

A relação dialógica como exigência epistemológica sugere a compreensão do objeto/sujeito internamente por meio de suas relações com outros e é indispensável ao conhecimento. Sendo caracterizada como comunicação e intercomunicação entre sujeitos, abertos à possibilidade de conhecer (1). A experiência mais básica de todos os seres é a interdependência ou relacionalidade (38). Assim, nossa ação é conjunta e, portanto, política.

A dialogicidade é composta por curiosidade, inquietação e respeito mútuo. É exigência estratégica e intrínseca à natureza humana (constituída social e historicamente). Também à comunicação, estando ela no núcleo da vida. A comunicação, portanto, é vital e pode gerar 'mais-vida' (1). O diálogo então é o encontro para 'Ser Mais' (23).

A motivação da pesquisa é justamente encontrar meios de geração de 'mais-vida'. Vida humana e mais que humana: biodiversidade. Se a comunicação está no cerne desta potência e a dialogicidade é um convite para se entrar em relação, proponho investigar e apresentar a potencialidade de se responder ao chamado urgente por um outro mundo possível.

A curiosidade nos torna disponíveis à indagação (1), e a pergunta nos abre, sendo condição dialógica básica para entrar em relação e, assim, possibilitar o conhecimento. Se precisamos que aqueles(as) que fazem a gestão florestal se disponham a conhecer a realidade e ajam sobre ela, "a experiência dialógica é fundamental para a construção da curiosidade epistemológica" (1). Será que existe abertura para percebermos uma floresta em sua presença e totalidade? Uma floresta pode ser tratada complexificadamente para além de simplificadamente? As relações entre participantes da gestão florestal podem ser mais dialógicas e complexas?

Tendo em vista o exposto, a tese está estruturada de maneira a expandir o apresentado, considerando a pergunta de pesquisa e os objetivos colocados. Portanto, após este primeiro capítulo, os próximos são relatados abaixo.

O segundo capítulo trata da metodologia da pesquisa, das trilhas percorridas. A pesquisa tem caráter qualitativo, bem como é baseada em um estudo exploratório, descritivo e explanatório. Utiliza as técnicas de observação participante, entrevistas abertas, consulta à literatura e à documentação. Por fim, se baseia nas vertentes interpretativas dos dados e tem escrita ensaística técnica-ética-estética.

O terceiro capítulo apresenta uma discussão sobre a pertinência e a polissemia do conceito 'diálogo', apresenta também a noção utilizada ao longo do trabalho e suas relações com a complexidade.

O quarto capítulo aprofunda o contexto social da pesquisa, tratando do estudo de caso e faz paralelos com os fóruns nacional e internacional mencionados. Aborda a humanização do fato por meio dos dados de entrevista e os conflitos relativos à temática, as necessidades socioculturais, bem como articula os dados obtidos com os três primeiros objetivos específicos.

O quinto capítulo trata de atributos do paradigma reducionista em relação às florestas versus o paradigma complexo. Bem como de noções relacionais relativas à floresta como objeto, a Floresta 'Isso', e relativas à floresta como sujeito, a Floresta 'Tu'. Articula as raízes histórico-culturais da relação entre pessoas e florestas e do contexto do setor florestal brasileiro, e discute as características florestais em relação aos sistemas complexos adaptativos.

O sexto capítulo discute os demais resultados encontrados relativos aos dois últimos objetivos específicos e aponta caminhos para uma gestão florestal dialógica. Utiliza dados de entrevistas com participantes para sugerir diagnósticos e prognósticos sobre o tema, e apresenta o conceito de compasso da sustentabilidade.

Ao final, são apresentadas as conclusões do trabalho com caráter de acabamento provisório, a síntese do que foi discutido ao longo da tese, e sugestões para futuras pesquisas relacionadas ao tema.

2. TRILHAS[10]

> Meu duvidar é da realidade sensível aparente — talvez só um escamoteio das percepções. Porém, procuro cumprir. Deveres de fundamento a vida, empírico modo, ensina: disciplina e paciência. Acredito ainda em outras coisas, no boi, por exemplo, mamífero voador, não terrestre. Meu mestre foi, em certo sentido, o Tio Cândido.
> Era ele pequeno fazendeiro, suave trabalhador, capiau comum, aninhado em meios-termos, acocorado. Mas também parente meu em espírito e misteriousanças. De fato, aceitava Deus — como ideal, efetividade e protoprincípio — pio, inabalável. E a Providência: as forças que regem o mundo, fechando-o em seus limites, segundo Anaximandro. Tinha fé — e uma mangueira. Árvore particular, sua, da gente.
> Tio Cândido aprisionara-a, num cercado de varas, de meio acre, sozinha ela lá, vistosa, bem cuidada: qual bela mulher que passa, no desejo de perfumada perpetuidade. Contemplava-lhe, nas horas de desânimo ou aperto, o tronco duradouramente duro, o verde-escuro quase assustador da frondosa copa, construída. Por entre o lustro agudo das folhas, desde novembro a janeiro pojavam as mangas coração-de-boi, livremente no ar balançando-se. Devoravam-nas os sabiás e os morcegos, por astutas crendices temendo as pessoas colhê-las. Tio Cândido era curtido homem, trans-urucuiano, de palavras descontadas.
> Dizia o que dizia, apontava à árvore: — Quantas mangas perfaz uma mangueira, enquanto vive? — isto, apenas. Mais, qualquer manga em si traz, em caroço, o maquinismo de outra, mangueira igualzinha, do obrigado tamanho e formato. Milhões, bis, tris, lá sei, haja números para o Infinito. E cada mangueira dessas, e por diante, para diante, as corações-de-boi, sempre total ovo e cálculo, semente, polpas, sua carne de prosseguir, terebentinas. Tio Cândido olhava-a valentemente, visse Deus a nu, vulto. A mangueira, e nós, circunsequentes. Via os peitos da Esfinge.
> Daí, um dia, deu-me incumbência:
> — Tem-se de redigir um abreviado de tudo.
> Ando a ver. O caracol sai ao arrebol. A cobra se concebe curva. O mar barulha de ira e de noite. Temo igualmente angústias e delícias. Nunca entendi o bocejo e o pôr-do-sol. Por absurdo que pareça, a gente nasce, vive, morre. Tudo se finge, primeiro; germina autêntico é depois. Um escrito, será que basta? Meu duvidar é uma petição de mais certeza. (40)

Esta pesquisa se pretende dialógica, não só em sua busca ontológica e epistêmica, mas também em seu caminhar metodológico. Esta busca parte da curiosidade, que gerou as perguntas da pesquisa, e de um 'duvidar da realidade sensível aparente' - com 'disciplina e paciência'. Também por acreditar 'em outras coisas': 'meu duvidar é uma petição de mais certeza'.

Busco nesse *méthodos+logos* (tratado de um caminho para chegar a um fim) (29) um novo começo que possa incluir 'a mangueira, e nós'. Para tanto, a procura dialógica não é no 'sensível aparente', mas no sensível percebido; não é por certezas limitantes, mas por aproximação da realidade; e não é por um duvidar desconfiado, mas epistemologicamente curioso (2,4).

A ontologia do intersubjetivo (27) é o cerne do paradigma desta pesquisa, e, portanto, molda a epistemologia que a norteia e a qual se pretende contribuir. Desaguando em olhares metodológicos que sejam dialógicos durante a pesquisa e que propiciem faróis para quem virá depois.

O que chamo de metodologia dialógica são as trilhas identificadas - dentre as 'milhões, bis, tris, lá sei, haja números para o infinito' - para se alcançar o objetivo da pesquisa. Estas se formam a partir de alguns preceitos enunciados por Bohm, como o fato de a dialógica ser um processo multifacetado e um método de examinar, de maneira ampla, a experiência humana (valores, emoções, pensamentos, memória, mitos e experiências). Além disso, um método de examinar a geração e a manutenção do pensamento no plano coletivo. Assim, é um convite para a investigação de significados e perspectivas, bem como de suas viabilidades (4).

---

[10] No diálogo não há caminho, há o 'não caminho', pois compartilhamos todas as trilhas e percebemos o significado de todos os caminhos. Sem rigidez e sem fundamentalismo (4).

Portanto, em pleno risco de um caminho a ser criado sem garantias, vale ressaltar que esta pesquisa é um esforço de olhar complexo a partir de uma mente criada no paradigma moderno. Que pretende expor potencialidades, como sementes de mangueira, e deixar que a providência limite o que for possível na realidade. É uma pesquisa que busca confirmar - na perspectiva dialógica – e, por isso, aceitar a potencialidade do outro e até poder fazer uma diferença no seu 'vir-a-ser'. Pois, toda relação verdadeira começa com a aceitação de uma subjetividade em sua atualidade, mas pode ir além na confirmação de sua potencialidade (27).

Esta é uma pesquisa com abordagem qualitativa, pois preza por encontrar significados, observar e elaborar perguntas. Os dados obtidos em uma pesquisa qualitativa tipicamente advêm de um trabalho de campo (41). O trabalho de campo em questão é um estudo de caso.

Por se tratar de um estudo exploratório e descritivo, busca explorar as noções de diálogo encontradas dentre os(as) participantes do estudo de caso e na literatura, bem como descrever as possibilidades de ocorrência do diálogo no contexto específico de um fórum – composto por representantes de instituições que atuam na área florestal. O estudo pode ser caracterizado também como explanatório, pela pesquisa se deparar com questões de 'como' e 'por que' e buscar interpretar os dados obtidos na pesquisa. A estratégia de estudo de caso é recomendada quando não se tem muito controle sobre os eventos, e o observado são fenômenos contemporâneos em algum contexto da vida real (42).

Além de ser uma possibilidade de explorar a singularidade de interdependências em uma instância específica. Sendo o estudo de caso adequado para examinar características de interdependência em contextos sociais, históricos e culturais (43).

O setor florestal é entendido aqui de forma ampla - abordando florestas nativas e plantadas; atividades de base florestal do setor privado, da sociedade civil, da gestão pública, da academia e de outros profissionais da área. Entretanto, a interpretação dos dados se deu considerando o recorte presente no estudo de caso, majoritariamente composto por pessoas e instituições que atuam junto a florestas plantadas e minoritariamente por florestas nativas. A lente dialógica em âmbito florestal investiga aqui as relações entre seus atores humanos e mais que humanos, bem como o compartilhamento de experiências e saberes para a construção de um entendimento comum sobre a gestão florestal.

O estudo de caso se deu no Fórum Florestal Paulista. A interpretação dos dados coletados também contou com informações a respeito das experiências dos fóruns que se relacionam com ele no âmbito nacional, Diálogo Florestal, e internacional, *The Forests Dialogue*. Os passos para sua realização foram: "planejamento do estudo, entrada, coleta de dados, interpretação, garantia de padrões éticos e representação da pesquisa" (44).

O *The Forests Dialogue* (ou Fórum Florestal Internacional) teve origem em 2000, por meio de uma iniciativa do *World Resources Institute* e do Conselho Empresarial Mundial para o Desenvolvimento Sustentável. Ele é composto por grandes empresas do setor florestal mundial, organizações ambientalistas, representantes de movimentos sociais e pesquisadores(as) das áreas correlatas, e tem sede na Universidade de Yale (Estados Unidos). Sua missão é "contribuir para o uso sustentável dos recursos naturais e da terra, a conservação e o manejo sustentável das florestas e a melhoria dos meios de subsistência, ajudando as pessoas a se envolverem e explorarem questões difíceis, encontrando soluções colaborativas e fazendo mudanças positivas" (45).

A partir do primeiro encontro do *The Forests Dialogue* realizado no Brasil, em 2003, discutiu-se a possibilidade de uma iniciativa brasileira para reunir empresas e organizações ambientalistas. O Diálogo Florestal brasileiro foi então criado em 2005, para realizar ações conjuntas entre a indústria de base florestal e as organizações da sociedade civil. Este fórum trabalha por meio de resolução de problemas, cooperação e consolidação de

oportunidades, considerando os princípios de: compromisso, integração, confiança, transparência, proatividade, não exclusão e respeito à diversidade. Busca "promover ações efetivas associadas à produção florestal, ampliar a escala dos esforços de conservação e restauração do meio ambiente, gerando benefícios para os participantes do Diálogo e para a sociedade em geral" (45).

Desde o início do Diálogo Florestal existiram nove Fóruns Regionais, hoje nem todos estão ativos. Cada um tem pautas específicas de discussão, considerando as peculiaridades e necessidades locais. Os Fóruns Regionais seguem os princípios do Diálogo Florestal e buscam promover a participação de todas as organizações que atuam com meio ambiente e silvicultura na sua região de influência. O fórum Paulista, por exemplo, está em funcionamento desde 2008, sendo um espaço permanente de diálogo sobre questões ambientais e sociais, tendo como principais participantes empresas do setor de base florestal e organizações da sociedade civil atuantes no estado, além de representantes de instituições de ensino e pesquisa (45).

Escolhi fazer um estudo de caso no Fórum Florestal Paulista devido a ser um fórum bastante atuante dentre os fóruns regionais do Diálogo Florestal. Além do fato do Laboratório de Educação e Política Ambiental (Oca) da Esalq/USP - do qual faço parte - ter uma cadeira de representação na categoria das instituições de ensino e pesquisa.

Ouvir faz parte do diálogo (27), e por isso as técnicas escolhidas prezam pela escuta. É importante ressaltar que na perspectiva interpretativa e dialógica, o que pode ser considerado um erro de percepção de fala pode levar ao surgimento de novos significados, também fazendo parte do 'fluxo de significados' (27). A partir de alguns fundamentos do diálogo - suspensão; observação; sensibilidade; impulso de necessidade; significado compartilhado (27) – escolhi técnicas para investigá-los na prática.

De acordo com a necessidade de perceber reações; apreciar e examinar as opiniões; suspender pressupostos; e familiarizar com o modo de funcionamento do pensamento no estudo de caso (44), foram escolhidas as técnicas de pesquisa: observação participante, entrevistas abertas, consulta à literatura e à documentação.

Uma questão relevante para o processo de pesquisa é identificar as dificuldades que emergem durante o processo e usá-las para aprofundar a compreensão do mesmo (27). Uma delas é o fato de as atividades presenciais do fórum estudado terem sido suspendidas por causa da pandemia de Covid-19 e realizadas de maneira virtual. O impacto da mudança na interação entre as pessoas, e o meio, não podem passar despercebidos no processo dialógico.

Para tanto, também foi preciso incluir a lente da netnografia na pesquisa; para lidar com o trabalho de campo *online*, e reconhecer a importância das comunicações mediadas por computador (44). Portanto, é importante sinalizar a presença e o peso do componente *online* na interação com a comunidade estudada.

Apesar de constar de procedimentos acordados, a netnografia possui uma flexibilidade intrínseca ao processo - como a etnografia. Sem deixar de lado a legitimidade e busca de confiança dos(as) participantes, por meio de uma atenção cuidadosa com a investigação compartilhada, detalhada e rigorosa (44).

Mesmo as reuniões do FFSP, das quais participei, tendo sido realizadas no ambiente virtual, busquei complementariedade de informações. Por meio de entrevistas, uma presencial e três *online*, e participação presencial em eventos de fóruns relacionais. "Quando o construto focal se estende, além do contexto da comunidade *online*, para o mundo social mais amplo, seria errôneo presumir que podemos obter um quadro completo por meio de uma netnografia pura" (44).

O princípio dialógico é o primeiro que ajuda a pensar a complexidade. Existe uma dialógica entre a existência (o instável) e a reprodução (o estável), que são complementares e antagônicos (39). É possível considerar a

existência presente no FFSP, por meio dos(as) participantes, e a reprodução das ações decorrentes das interações internas e externas, por meio das decisões nele tomadas.

Portanto, associando estes termos, o princípio da dialogia permite manter a dualidade no cerne da unidade (39). Com vistas a perceber essa interação, as estratégias de pesquisa foram selecionadas e a observação participante[11] escolhida como porta de entrada. "O metaponto de vista só é possível se o observador-conceptor se integrar na observação e na concepção" (39).

Esta escolha se deu pela pretensão de conhecer ativamente a dinâmica das plenárias do FFSP e a partir de então obter reflexões, indagações e informações sobre as frestas da relação dialógica presente. A observação participante surge do questionamento em relação à experiência pessoal de quem pesquisa, necessária para captar a indissociabilidade dos fenômenos culturais. A observação participante como instrumento metodológico permite a alteridade e conduz ao relativismo. Portanto, o(a) pesquisador(a) deve assumir a posição de aprendiz (47).

Os motivos para o uso da observação participante são vários, por exemplo: para abrir caminhos para a obtenção de todos os tipos de dados; reduzir o problema de reatividade e mudança de comportamento; ajudar a fazer perguntas delicadas; fornecer compreensão intuitiva; e ajudar a compreender o significado das observações. A observação participante aumenta as chances de se fazer argumentos válidos, e certos problemas só são adequadamente tratados por meio dela (46).

Em relação ao fórum florestal escolhido, acredita-se que a abordagem de observação participante é de fundamental importância para a aproximação com o imaginário dos(as) participantes sobre a floresta e sobre o diálogo, a partir das ações pactuadas. A observação participante contribuiu para um melhor entendimento da dinâmica do FFSP, da relação entre membros e com o tema.

No estudo de caso foi possível observar as reações de participantes do grupo e a maneira como se comportaram, visando perceber a emersão de pressupostos e a interpretação de significados (4). A técnica de observação participante foi então escolhida por possibilitar notar pontos importantes em um estudo dialógico como a observação, a suspensão de pressupostos e a familiarização com o modo de funcionamento do pensamento.

A participação foi realizada nas plenárias virtuais, entre julho de 2020 e dezembro de 2022. Participei de 21 reuniões mensais do Fórum Florestal Paulista. Minha entrada no grupo, o primeiro contato, se deu sem problemas por eu representar o Laboratório Oca (Esalq/USP) como instituição de ensino e pesquisa. As reuniões tiveram cerca de 2 horas de duração, ocorreram no período da manhã, e se alternaram entre quinta e sexta-feira.

Além das plenárias houve uma participação virtual em uma atividade do FFSP sobre o 'diálogo do uso do solo' (*The Land Use Dialogue* - LUD)[12] em novembro de 2022. A qual serviu como observação de uma atividade de campo, mas não contabilizou na interpretação do perfil dos(as) participantes.

Durante a participação nas plenárias houve transcrição das falas, em relação à dinâmica geral e aos assuntos mais pertinentes à pesquisa, como a menção da palavra 'diálogo' e correlatas. Também foram anotadas reações dos(as) participantes relativas à presença nas reuniões. Além da transcrição, foram feitas gravações de áudio apenas para eventual conferência.

---

[11] A presença pesquisante buscou ir além da observação participante e se colocar na postura de observação-experiência, termo cunhado pela pesquisadora Cremilda Medina. Esta modalidade propõe que todos os sentidos estejam em alerta, para que quem pesquisa se impregne do contato com outros sujeitos e com o ambiente. Expandindo a percepção para além do domínio linguístico. A observação se colocou na postura do 'Eu-Isso' e a participação/experiência na postura do 'Eu-Tu' em constante intercalação, buscando uma abordagem dialógica do agir pesquisante.

[12] Processo que dá suporte para múltiplas partes interessadas tomarem decisões sobre questões socioambientais chave no nível de paisagem.

Considerando a transescalaridade que afeta o estudo de caso, outras iniciativas foram consideradas. A observação participante também foi feita virtualmente durante o Encontro Nacional do Diálogo Florestal em 2020, e presencialmente durante o diálogo de escopo sobre restauração realizado pelo *The Forests Dialogue,* e a 18ª sessão do fórum sobre florestas das Nações Unidas, que ocorreram no primeiro semestre de 2023.

Busquei identificar as necessidades presentes, pois elas permeiam os pressupostos e as reações em grupo. "Cada necessidade é absoluta, e há um conflito de necessidades absolutas" (4). Sendo a partir da distinção do que é necessidade do que não é; bem como do que é necessidade absoluta e o que não é; e, por fim, do que é necessidade absoluta comum, que se pode lidar com conflitos emergentes em um grupo e em decisões sobre as ações a serem tomadas conjuntamente.

Outra técnica utilizada foi a de entrevistas abertas. Uma entrevista pode ser definida como um processo de interação social em que o(a) entrevistador(a) visa obter informações do(a) entrevistado(a). O processo de interação na entrevista consiste em: entrevistador(a), entrevistado(a), situação da entrevista e instrumento de coleta de dados. Nenhum dos elementos separadamente faz sentido, não importa a relação entre eles. Além disso, parte-se da consideração de que o viés é um fenômeno universal, cabendo a quem pesquisa conhecer suas nuances, a fim de prevenir, quando possível, sua ocorrência (48).

A entrevista aberta foi escolhida para esclarecer certas percepções obtidas durante a observação participante e contribuir para a obtenção de dados complementares para os objetivos da pesquisa. Portanto, a realização de observação participante em conjunto com entrevistas visou subsidiar a interpretação sobre a possibilidade de ocorrência, ausência, e qualidade de diálogo no FFSP, que o anuncia como premissa.

Em qualquer grupo as pessoas trazem seus pressupostos (4), e por meio de conversas informais, com menos participantes, busquei identificar alguns pertinentes à pesquisa e descrever o fenômeno, sem saber o que seria encontrado. Acredito que minha experiência no setor florestal proporcionou uma abertura válida para a temática e um conhecimento prévio para o uso dessas técnicas no espaço escolhido para o estudo. Alteridade e relativismo são essenciais para o diálogo e fundamentais para o estudo de grupos formados por pessoas diferentes e com objetivos às vezes distintos, e, por isso, permearam toda a pesquisa.

A seleção de quatro pessoas, duas identificadas com o gênero feminino e duas com o gênero masculino, se deu considerando a experiência e o conhecimento sobre o fórum estudado e respectivos fóruns relacionados; e ocorreu como uma etapa de aprofundamento dos dados. Por se tratar de uma entrevista aberta, ou não estruturada, as perguntas não foram pré-estabelecidas. Porém, apesar de não haver uma estrutura a ser seguida em termos de perguntas, as conversas foram direcionadas para tópicos específicos. O intuito foi se inspirar na premissa metodológica dialógica de 'não agenda' e de espontaneidade (3,4,49).

O objetivo com entrevistas narrativas é "a mobilização das pessoas entrevistadas enquanto sujeitos que possam se expressar o mais livre e integralmente possível" (50). Os pontos conduzidos e observados nas conversas foram: trajetórias pessoais; impressões sobre o contexto florestal; histórico dos fóruns; observações sobre o presente e o futuro dos fóruns; noções de diálogo; condições favoráveis e desfavoráveis para sua ocorrência; e características complexas adaptativas em relação aos fóruns.

As entrevistas foram gravadas, com a permissão de cada participante por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido[13], para serem transcritas posteriormente e as anotações feitas no caderno de campo.

[13] Em anexo na seção de apêndices.

A revisão de literatura sobre o tema de pesquisa foi realizada desde o início da pesquisa. A interpretação de documentação pública referente ao tema foi feita para melhor caracterização do estudo de caso. Por se tratar de uma pesquisa interdisciplinar, e provavelmente transdisciplinar, que se dá 'por meio da linguagem', uma de suas fontes foi a ciência da comunicação. Portanto, a metodologia de interpretação dos dados baseou-se em quatro vertentes advindas dela (51): aprofundamento do contexto, humanização do fato, raízes históricas do evento e diagnósticos e prognósticos de fontes especializadas.

As técnicas mencionadas buscaram abordar o contexto, as raízes históricas, as características dos(as) participantes e os diagnósticos e prognósticos realizados por eles(as) relativos à gestão florestal e a dialogia, para conjuntamente subsidiarem as interpretações dos dados obtidos na pesquisa.

Todas as escolhas teóricas e metodológicas foram atravessadas pelas disciplinas que cursei durante o doutorado e as experiências que vivi durante esse período. Os dados se referem a momentos que estive presente nos referidos espaços.

Em relação à apresentação escrita, a escolha ensaística se deu pelo intuito de uma escrita livre. Capaz de interpelar diretamente o(a) leitor(a), me colocando como sujeito, relativizando a autoridade de quem escreve e possibilitando a emergência de espontaneidade e reflexões (52). Outra busca dialógica. O ensaio é um gênero inventivo, que permite a curiosidade como bússola e a liberdade como horizonte (52). O rigor acadêmico pode se encontrar na etimologia da palavra 'ensaio' quando significa 'exame atento', e a espontaneidade dialógica quando significa 'enxame verbal' (53).

A renovação das perspectivas permitida pelo ensaio pode enunciar problemas e paradoxos fundamentais a partir dos quais um pensamento novo pode ser possível. Assim, ensaiam-se propostas e ideias novas que podem levar à interpretação original de algo controverso. O ensaio pode também ser um instrumento em prol de outros paradigmas da ciência, por ter sido repelido no apogeu do período positivista. Além disso, duas vertentes do ensaio podem ser vistas – objetiva e subjetiva – mas possuem uma relação indissolúvel, assim como as atitudes 'Eu-Isso' e 'Eu-Tu' (3,53).

A instância dupla fundamental, entre distância e relação, se manifesta na linguagem como em nenhum outro lugar. Linguagem que se dá no intercâmbio vivo entre interlocutores (49). O 'vir-a-ser' também significa uma nova função de distância, sendo a palavra uma possibilidade de continuação que ganha vida a cada relação (27). Assim, vejo o ensaio com um caráter de um 'Eu' que se dirige ao 'Tu'.

Finalmente, o ensaio põe à prova o poder de ensaiar e experimentar, a faculdade de julgar e observar (53). Atitudes necessárias ao diálogo, pois para suspender julgamentos é preciso tentar conhecê-los e observá-los. Além disso, ele permite apresentar o encontro com o mundo presente, a preocupação com as questões, aberturas e sentidos múltiplos. Abre possibilidade para a estética da mistura, sem nunca perder o compromisso com a clareza e a beleza da linguagem (53). Com técnica e ética, juntamente com a estética[14], busquei apresentar uma tese com "decência e boniteza de mãos dadas" (2).

[14] A escolha do estilo de citação foi uma delas, por acreditar que desta maneira o texto fica mais limpo, sem interrupções na leitura e sem letras garrafais. Entretanto, estou consciente de que leitores(as) acostumados com outros estilos podem estranhar a consulta das referências somente na bibliografia e em ordem numérica ao invés da alfabética. As páginas das citações diretas estão ao final, nas respectivas referências bibliográficas.

3. DIÁLOGO(S)

> Eu queria dizer uma coisa que eu não posso sair dizendo por aí.
> É um segredo que eu guardo, é uma revelação
> Que eu não posso sair dizendo por aí.
> É que eu tenho medo de que as pessoas se desequilibrem delas mesmas.
> Que elas caiam quando eu disser.
> É que eu descobri que a palavra não sabe o que diz.
> A palavra delira. A palavra diz qualquer coisa.
> A verdade é que a palavra, ela mesma, em si própria, não diz nada.
> Quem diz é o acordo estabelecido entre quem fala e quem ouve.
> Quando existe acordo existe comunicação,
> Mas quando esse acordo se quebra ninguém diz mais nada,
> Mesmo usando as mesmas palavras. (54)

Esta epígrafe resume poeticamente a ideia de 'intersubjetividade ilesa' (55). Tal expressão diz sobre as condições necessárias para o entendimento em geral, caracterizando uma manifestação de condições simétricas, que incluem o reconhecimento recíproco e livre, e são realizadas por sujeitos que se comunicam. Ela contém a caracterização das condições necessárias para que maneiras de se viver não fracassem. Também, essa ideia sustentaria condições para processos autonômicos e, consequentemente, interações pautadas pela democracia e pela cooperação (56).

É dizer, para se viver em comunidade é preciso um acordo tácito que permita o entendimento mútuo e o caminhar em uma direção comum. A comunicação é pautada por significados interpretados conjuntamente e que possibilitam a compreensão que gera uma ação. Por que então falar sobre diálogo? O que seria isso? Para quê e como realizá-lo? E o que o diálogo tem a ver com a gestão florestal?

A constatação de que as florestas estão ameaçadas e degradadas, traz a urgência pela comunicação e pela ação resultante de uma abordagem dialógica em relação às florestas. Deste modo, espaços democráticos e cooperativos são necessários, e carecem de 'fazer alguma coisa juntos(as)' - que é um dos significados de 'comunicar' (4).

A cooperação humana que abrange muitas pessoas tem como base os mitos, que são compartilhados pela imaginação coletiva (11). Assim, mito e imaginário são integrantes da realidade humana, e contêm tanto verdades como ilusões profundas (57). É preciso então reconhecer e trabalhar com esses aspectos quando se visa a cooperação.

Além disso, a realidade existe na medida em que trabalhamos juntos, portanto, na política, no fazer comum, na cooperação (27). Ao passo em que ela se deixa determinar pelo significado e pelo discurso. "Nossa maneira de compreender as palavras foi como que embrutecida pelo uso, tornando-nos insensíveis para o seu sentido primordial. Então em certo sentido elas nos chocam, como a verdade nos incomoda às vezes pelo brilho de sua luz" (3).

Podemos ainda perceber que a cooperação é um produto advindo de um acordo necessário para o entendimento comum. Sendo ela parte de processos autônomos e composta por verdades, ilusões, realidade, significado e discurso.

Se estamos falando sobre um fórum florestal a partir de um olhar relacionado à gestão colaborativa e multisetorial, precisamos olhar para as verdades e ilusões que constituem esse coletivo. Pois partem de perspectivas da realidade, ocorrendo quantas realidades forem as interpretações e as comunicações entre as pessoas presentes. Pois se trata de uma construção social. Assim, as verdades e as ilusões são provisórias, mutáveis e relativas.

Porém, não no sentido de negacionismos individuais, mas da verdade como desocultação que ocorre na construção intersubjetiva da realidade (58). Realidade percebida por meio de visões moldadas pela genética, evolução e condicionamento social (5). Considerando essa necessidade de reconhecimento e desobstrução da verdade, "o caminho da verdade passa pelo diálogo" (49).

Pela gestão florestal se tratar de uma reunião de pessoas que se propõem a discursar e decidir sobre a floresta, cabem os questionamentos: quem e quando se qualifica as verdades e as ilusões presentes? Existe participação social ampla o suficiente para definir as verdades florestais locais?

Além disso, pensando em um processo com autonomia - para que haja democracia (poder advindo do povo) e cooperação (ação conjunta) - é preciso um entendimento compartilhado, que faz parte desta construção de realidade. "No diálogo, discutimos como dar algum tipo de coerência e ordem a esse poder" (4).

> Algumas pessoas pensam que podemos sobreviver organizando a natureza, descobrindo espécies de árvores e outras plantas que possam viver apesar da poluição – pela produção de novas espécies mediante a engenharia genética ou outros meios. Elas pensam que é possível industrializar o nosso mundo a tal ponto que a própria natureza seja industrializada – poderíamos até mesmo chamar isso de "indústria da natureza". Hoje temos uma indústria do entretenimento e, praticamente, uma indústria da cultura e da educação; de maneira semelhante, poderíamos ter uma indústria da natureza. Seria possível tentar, ao mesmo tempo, conservar a natureza e torná-la lucrativa. Talvez a tecnologia pudesse começar esse processo, que parece um tanto duvidoso, mas quem sabe ele seja possível? Mas aonde isso nos levaria? Que espécie de vida seria essa? Ela poderia ser "participativa", mas não teria o tipo de participação que nos parece bom. (4)

Podemos perceber nesse trecho vários subsídios para a necessidade de ocorrência dialógica: um entendimento polarizado; discordância; problema/paradoxo; dúvidas; julgamentos. É justamente a partir de elementos como esses que o diálogo pode ocorrer e auxiliar, no caso, o processo de autonomia[15] da gestão florestal.

Com as palavras 'elas' e 'pensam' contidas no trecho destacado, percebemos tanto a alteridade presente nessa situação: o outro, diferente do eu e do qual dependo; quanto o conteúdo de significados presentes nesse outro. A partir daí, o diálogo se faz primordial por ser a interação entre diferentes subjetividades. Além de permitir a observação de pressupostos para então possibilitar um compartilhamento de significados que seja: nós pensamos. "O significado compartilhado é a amálgama que mantém a coesão social" (4), e é o 'acordo' que permite a comunicação.

A partir também do trecho, pelo menos a parte da 'indústria' florestal já existe no Brasil[16], indústria que está presente no Fórum Florestal Paulista. Cabe então ao processo dialógico a investigação de 'verdades e ilusões' existentes nesse grupo, e as semelhanças e divergências que ocorrem nos outros grupos (organizações da sociedade civil e instituições de ensino e pesquisa) como parte do processo de compreensão compartilhada.

> A verdade não emerge de opiniões; ela deve emergir de algo mais – talvez de um movimento mais livre da mente tácita. Assim, precisamos conseguir significados mais coerentes se quisermos perceber a verdade ou tomar parte nela. Eis por que sustento que o diálogo é tão importante. Se nossos significados forem incoerentes, como participaremos da verdade? (4)

A aproximação da verdade passa pela compreensão de significados. Portanto, não é estática nem definitiva. Decisões e ações coletivas precisam ser coerentes com a verdade do funcionamento da vida, para que não sejam destrutivas e danosas a ela.

As necessidades desse tipo de compreensão e de reciprocidade se dão em grande parte pela percepção geral de que a comunicação está se deteriorando, assim como o entendimento mútuo (4). Vide as problemáticas e os

---

[15] Autonomia que surge das decisões tomadas e das responsabilidades assumidas (2).

[16] Vide a criação, em 2014, da associação Indústria Brasileira de Árvores (Ibá) que representa institucionalmente empresas e entidades estaduais da cadeia produtiva de árvores plantadas (pinus, eucalipto e outras espécies com fins industriais) na defesa dos interesses do setor (16).

paradoxos já apresentados em relação às florestas, além de conflitos de longa data entre escolhas de usos do solo e as consequências para o ambiente e a sociedade civil (59–64).

A partir das observações sobre as temáticas tratadas pelo FFSP, os conflitos socioambientais estão mais relacionados com as florestas plantadas e com a conservação da biodiversidade, não excluindo suas interdependências com os demais conflitos que permeiam a realidade no país.

Como desdobramento das tratativas de conflitos, algo muito importante socialmente é a resolução criativa de problemas sérios. Para que isso aconteça, é preciso percebermos e compreendermos quando se apresenta um pressuposto de necessidade absoluta, pois será nele que o grupo irá se agarrar (4).

Por exemplo, caberia investigar se o dito durante uma reunião do FFSP: 'precisamos produzir e preservar', seria um pressuposto de necessidade absoluta. Neste caso, o grupo poderia se agarrar a isso e seguir. Caso não seja, outros pressupostos de necessidade absoluta poderiam ser identificados, e poderia até ocorrer a percepção da existência de problemas a serem resolvidos e paradoxos a serem dissolvidos.

Quando falamos sobre necessidades é importante notar que não se trata de algo simples de se definir conjuntamente. Pois, cada pessoa carrega suas próprias necessidades e em um grupo se contrastam as que são específicas e as que são compartilhadas. Quais são as necessidades absolutas, ou fundamentais, na relação entre pessoas e florestas?

> A satisfação de necessidades básicas é interpretada amiúde como se significasse objetos, coisas, possessões, dinheiro, roupas, automóveis etc. Mas nada disso satisfaz, por si mesmo, as necessidades básicas, as quais, depois de terem sido contentadas as necessidades corporais, são de 1) proteção e segurança; 2) pertença, como numa família, uma comunidade, um clã, um bando, amizade, afeição, amor; 3) respeito, estima, aprovação, dignidade, amor-próprio; e 4) liberdade para o mais pleno desenvolvimento dos talentos e capacidades da pessoa, individuação, realização do eu. Isso parece muito simples e, no entanto, poucas pessoas parecem capazes, em qualquer parte do mundo, de assimilar o seu significado. Porque as necessidades menores e mais urgentes são materiais, por exemplo, alimento, abrigo, vestuário etc., elas tendem a generalizar isso para uma Psicologia da motivação preponderantemente materialista, esquecendo que, assim como existem necessidades "básicas", também existem as superiores, não-materiais. (65)

As florestas se relacionam com as necessidades humanas, tanto materiais como não-materiais. Seja, por exemplo, no provimento de alimento, abrigo e vestuário via produtos madeireiros e não madeireiros; bem como o relaxamento, o acolhimento e o sentimento de pertença necessários ao bem-estar humano e relacionado aos milhares de anos de evolução conjunta (66). As florestas também são um outro para a humanidade, e nossa realização existencial depende do lugar dos outros (3).

A própria tratativa sobre desafios e objetivos comuns do grupo em relação às suas necessidades relativas às florestas pode permitir a exposição das necessidades atendidas ou não. "No diálogo, esperamos que venham à tona as noções de necessidade absoluta e que elas colidam entre si" (57). Os conflitos emergem ao redor dessa noção de necessidade e a partir dos pontos de vista diferentes em relação a ela. Ao se perguntar se algo é absolutamente necessário, esse algo já pode ser relativizado e atenuado na situação. Além de criar uma abertura para o exame criativo das noções sobre o que é necessário. Assim, o diálogo entrará em uma área original e é a liberdade que permite uma percepção criadora de novas ordens de necessidade (57). Daí a importância de um espaço livre para o diálogo acontecer.

Vale ressaltar que a percepção é um encontro com o mundo (27). Quando falamos sobre ela podemos entender esse encontro de três maneiras: por meio da observação; da contemplação; e da tomada de conhecimento íntimo. Quem observa se concentra em anotar, traçar, gravar na mente. Quem contempla não se concentra, se abre livremente para o que se apresenta, confia na memória e valoriza a existência (34).

A atitude ontológica da contemplação possibilita tornar-se presente ao ser e com o ser, ela instaura a presença imediata no mundo (3,34). Esta atitude contemplativa provavelmente guiou as relações que permitiram a coexistência de humanos e mais que humanos por milhares de anos.

> Enquanto isso, no silêncio da floresta, nós, xamãs, bebemos o pó das árvores *yãkoana hi*, que é o alimento dos *xapiri*. Estes então levam nossa imagem para o tempo do sonho. Por isso somos capazes de ouvir seus cantos e contemplar suas danças de apresentação enquanto dormimos. Essa é a nossa escola, onde aprendemos as coisas de verdade. (67)

As duas primeiras maneiras de perceber se diferenciam na atitude cognoscitiva e ontológica, mas têm em comum algo/alguém separado de si a ser percebido(a), no entendimento distante e que não exige ação ou lhe impõe algum destino (3,34).

Porém, enquanto a observação está no universo do 'Isso', a contemplação está no mundo do 'Tu'. Podemos notar a predominância do primeiro tipo de percepção a partir das desigualdades sociais e das realizações técnicas, pela ampliação do universo da objetificação e dos objetos. Essa predominância é um obstáculo ao diálogo, pois o comportamento de experimentação e utilização se dá em detrimento da força de relação (3).

Dentre os desafios encarados na gestão florestal está a interdependência humana relacionada às florestas. Exemplificada por mudanças climáticas e alterações na regulação do ciclo hidrológico, no sombreamento e impacto dos ventos, no provimento de diversos habitats, na produção de alimentos, dentre tantas outras interações (12). Assim, tudo se inicia com a relação (3).

Ao se tratar de encontros dialógicos relativos à gestão florestal, almeja-se não somente a observação e a contemplação da presença do outro e seu modo de ser, mas também a tomada de conhecimento íntimo a partir dos vários fatores e significados que permeiam esta questão. Para então, ser possível um conteúdo comum que oriente práticas presentes e futuras relativas à relação pessoas-florestas. Portanto, "os limites de possibilidade do dialógico são os limites de possibilidade da tomada de conhecimento íntimo" (34).

A consideração mútua se relaciona com a reciprocidade, que é a atualização do fenômeno da relação e que tem por nome ético 'responsabilidade' (3). Portanto, parece haver uma boa ocasião comunitária para sermos responsáveis em prol da reciprocidade dialógica, e, consequentemente, da floresta como bem comum. Um bom começo pode ser a partir de espaços como o FFSP, que possivelmente contam com pessoas dispostas a interpretar a realidade florestal e agir a partir dela. Tendo sido essa possibilidade uma das motivações para a escolha do estudo de caso.

A tentativa de uma elucidação da noção de diálogo, parte do intuito de evitar uma possível destruição causada por desentendimentos sobre o uso da palavra e, ao mesmo tempo, diferenciar a essência de mudança, novidade e encontro, ignorada em outros usos. Todavia, também parte de uma disputa simbólica pelo significado da palavra 'diálogo', que contém as ideias de 'entre' e 'comunicação'.

Diante de tantas criações de palavras e de novos significados na atualidade – necessárias ao dinamismo da linguagem – é preciso cuidado com os esvaziamentos e mascaramentos simbólicos em prol da alienação e da manipulação social. Por outro lado, é preciso lutar contra o mau uso das grandes palavras antigas, ao invés de se ensinar somente o uso de outras novas e manufaturadas. Esse balanço de permanências e impermanências de alguma maneira se assemelha às que constituem os processos naturais de equilíbrios e desequilíbrios ecossistêmicos.

A confrontação dos pontos de vista é uma necessidade do nosso tempo (27). Pois, é tanto requisito para criação de algo comum, quanto cada vez mais existem novos pontos de vista. Assim, a necessidade de se criar algo junto para enfrentar os desafios vigentes parece encontrar lugar na noção de diálogo.

> Consideremos, por exemplo, um diálogo. Nele, quando alguém diz alguma coisa o interlocutor em geral não responde com o mesmo significado que a primeira pessoa deu às suas palavras. Os significados são similares, mas não idênticos. Desse modo, quando a segunda pessoa responde, a primeira percebe uma diferença entre o que ela quis dizer e o que a outra entendeu. Ao considerar essa diferença, ela pode perceber algo novo, alguma coisa importante tanto para seus pontos de vista quanto para os do interlocutor. E assim o processo vai e vem, com a emergência contínua de novos conteúdos que são comuns a ambos os participantes. Desse modo, num diálogo cada pessoa não tenta tornar comuns certas ideias ou fragmentos de informação por ela já sabidos. Em vez disso, pode-se dizer que os interlocutores estão fazendo algo em comum, isto é, criando juntos alguma coisa nova. (4)

Tendo iniciado a apresentação da pertinência do diálogo para a gestão florestal e, consequentemente, para o momento de crise planetária, cabe apresentar um pouco sobre a polissemia do conceito 'diálogo' e caracterizar algumas de suas tipologias.

Ouvimos dizer, e muitas vezes dizemos, sobre um diálogo entre personagens de um livro ou peça de teatro; um diálogo entre áreas do conhecimento; um diálogo entre autores(as) em um trabalho acadêmico; ou uma roda de diálogo em algum evento.

Os diversos significados apontam funções diferentes atribuídas ao diálogo, e este pode parecer acontecer por intercâmbio em conversas corriqueiras e até acabar não acontecendo por falta de disposição dos sujeitos envolvidos (49). Enfim, esta palavra aparece em distintos contextos da nossa vida. Você já parou para refletir sobre seu significado?

Sua origem no latim *dialogu* a relaciona com uma conversação (29), por isso a utilizamos de tantas maneiras. É claro que conversar é importante nas interações humanas, mas será que conversar por si só guardaria potencialidades transformadoras como aquelas que se busca na pesquisa e são necessárias ao tempo atual?

Em contraponto, uma palavra também relacionada à conversação é 'discussão', e tem a ver com 'quebrar', 'fragmentar', falar de um para o outro (4,34). Desta maneira, ela está mais em consonância com o paradigma reducionista majoritário na ciência, que, apesar de ter seu valor, é limitado. Além disso, em uma discussão é possível a concordância ou discordância, mas muitas vezes o objetivo é que alguém 'ganhe o jogo' da argumentação (4).

Porém, se a discussão se transformar em aliança, nesse processo se realiza o dialógico, que é o desdobramento da esfera do entre. Esta esfera tem como problemática a dualidade de ser e parecer. Assim, para essa transformação acontecer, as opiniões (parecer) dão lugar ao fato concreto (ser) e há uma superação comum na realidade (27,34).

O 'entre' é considerado como categoria ontológica que possibilita a aceitação e a confirmação dos polos envolvidos no evento da relação: 'Eu-Isso' e 'Eu-Tu' (3). Assim, há sempre tensão entre as atitudes que possibilitarão o diálogo real e a revelação da atitude proferida por cada ser. Sendo a linguagem um sistema de tensões possíveis (27).

Outro sentido de diálogo derivado de sua etimologia no grego é: "uma corrente de significados que flui entre nós e por nosso intermédio; que nos atravessa" (4). Esta definição nos indica que a potência do diálogo parte do fluxo de significados que pode gerar compreensões novas. Sendo o significado compartilhado responsável por manter juntas as pessoas e as sociedades (4).

Portanto, podemos perceber que a mesma palavra possui distintas concepções. Buber classifica os usos da palavra diálogo em três categorias: o diálogo técnico, movido pela necessidade de um entendimento objetivo; o

monólogo disfarçado de diálogo, onde cada ser fala consigo mesmo; e o diálogo autêntico, ou genuíno, que falado ou silencioso contempla a presença do outro e seu modo de ser (34). Testemunhamos os dois primeiros abundantemente, inclusive nos espaços que se propõem discutir a sustentabilidade e as temáticas ambientais. Quem sabe caberia justamente ao 'genuíno' nos conduzir por caminhos nos quais haja uma reciprocidade viva entre a diversidade de seres?

Esses tipos de diálogo também podem ser vistos como, respectivamente: um ato de depósito de ideias de um sujeito no outro, ou troca de ideias consumíveis; uma discussão polêmica sem comprometimento com a busca da verdade, mas com a imposição de verdades; e uma exigência existencial, um caminho de ganho de significações, um encontro solidário entre o refletir e o agir em prol da transformação do mundo (23).

Dentro do monólogo disfarçado de diálogo podem existir debates, conversações, conversas amistosas, e até um colóquio amoroso. Estas situações acontecem quando os pensamentos não consideram os(as) interlocutores(as) como subjetividades presentes; quando determinadas pelo desejo de se confirmar a própria autoconfiança, sendo o outro apenas um meio de decifrar a impressão deixada ou reforçada; quando cada um(a) se vê como absoluto(a) e legítimo(a) e o(a) outro(a) como relativizado(a) e questionável; e quando cada parceiro(a) se contenta com sua alma e sua vivência. Assim, a vida monológica não permite a atualização da sociedade (34).

Além disso, o aspecto técnico acaba por se assemelhar ao monólogo por possuir o caráter difusionista, focado apenas em transferir informações. Dentre as interações comunicativas humanas, talvez várias não sejam dialógicas, porém é a partir delas que as transformações acontecem.

Cada maneira de interação e comunicação tem seu propósito e sua possibilidade. O diálogo genuíno, a partir de agora somente denominado diálogo, é necessário e possível quando há disposição e disponibilidade para ele e quando se faz necessário construir significados. Ele é visto como uma capacidade natural do ser humano (49) e exprime aceitação e valorização da alteridade. De tal modo que a diferença essencial e a independência de cada subjetividade permaneçam e sejam preservadas (27,34).

Estamos contrapondo então a utilização da linguagem para 'qualquer coisa', e até para algo que parte de um ou mais interesses específicos em relação ao 'acordo estabelecido' que pode ocorrer com a linguagem dialógica. Desaguando em autêntica comunicação. Assim, o diálogo não corresponde a tagarelar (1), no entendimento e na proposta desta pesquisa.

Nos referimos a uma conversação dialógica, na qual não se precisa de som ou gesto, que pode acontecer onde haja ausência de reserva. Portanto, antes de tudo, parte de uma intenção de voltar-se para-o-outro, tornando-o presente e se dirigindo a ele verdadeiramente, uma reciprocidade da ação interior. Então, a reciprocidade com o essencialmente outro pode se tornar linguagem (34).

Esta linguagem está no campo da semiótica, pois não se restringe à linguística e se trata de toda e qualquer linguagem. Linguagens complexas e plurais que nos constituem como seres simbólicos (68). É sabido que o ser humano se encontra na linguagem, e não é ela que se encontra nele (3). Sendo o cosmos construído sobre a linguagem do nosso mundo comum, um comum discurso com significado (27).

É sobre identificar os significados desse discurso comum e o mecanismo para possivelmente modifica-lo, visando construir um novo mundo comum, que se trata a busca pesquisante. Isto implica em postura crítica e preocupação de apreensão da razão de ser do que permeia os sujeitos dialógicos. Além da confiança como condição para o diálogo acontecer, pois ela permite o testemunho das reais intenções dos sujeitos em relação e implica em acreditar que se está sendo escutado(a), levando aos sentimentos de dignidade e reconhecimento (23,43,49).

> O objetivo do diálogo não é analisar as coisas, ganhar discussões ou trocar opiniões. Seu propósito é suspender as opiniões e observá-las – ouvir os pontos de vista de todos, suspendê-los e a seguir perceber o que tudo isso significa. Se pudermos perceber o que significam todas as nossas opiniões, compartilharemos um conteúdo comum, mesmo se não concordarmos completamente. (4)

Além da manifestação da verdade de um testemunho de cada participante, algo novo só é produzido quando as pessoas se ouvem livremente, sem preconceitos e sem tentativa de influenciar-se mutuamente (2,4). Sendo a experiência em comum necessária para um pensar em comum (34). O diálogo também pode ser definido como uma maneira conjunta de arejar julgamentos e pressupostos (4).

Então, a partir do encontro entre subjetividades é possível a manifestação de pressupostos e a identificação do que é divergente e do que é comum. A escuta dialógica nesse processo vai além da capacidade auditiva, inclui permanentemente a disponibilidade para a abertura à comunicação do outro e suas diferenças. Quando há discordância, justamente porque há escuta, a resposta não pode ser autoritária (2). A resposta como fenômeno é uma manifestação da esfera do 'entre', revela a reciprocidade de receber e reagir com responsabilidade (3).

Quais as respostas que estão sendo exigidas atualmente em relação às florestas? Quem são os(as) responsáveis por fornecê-las? E quais seriam suas responsabilidades? Ao se fazer uma pergunta e buscar uma resposta é importante esclarecer a questão de partida, para evitar confusões e ambiguidades (27). Em um encontro dialógico, é tão relevante expor de quais pressupostos se parte quanto quais respostas se busca.

Este encontro, o ato essencial da relação, provoca ao final um acréscimo em quem participou, deixa uma marca. Assim, contém a potencialidade de transformação do ser e de suas ações (3,23,49). Entretanto, este encontro genuíno não está isento de limitações, finitudes, parcialidades e incompletudes, a partir do momento em que se relaciona com a verdade confrontada pela relação do outro com a mesma verdade. Mas é neste encontro que existe uma confirmação mútua e uma confirmação da verdade (27). É a partir do encontro com o outro que percebo algo que escapou em minha experiência de mundo (49).

Por isso existe a potência dialógica de se reunir diversos atores em um fórum multisetorial para a gestão florestal. Pois pode se possibilitar o encontro das experiências de mundo e a confrontação de verdades para uma confirmação comum da realidade.

Reforço que considero a dialógica uma possível abordagem para lidar com paradoxos. É certo que o diálogo pode solucionar problemas, criar laços afetivos e outras possibilidades. Entretanto, sua potência nesta pesquisa é vista também como uma abordagem para permitir a atenção continuada ao paradoxo - e sua estrutura contraditória - ao invés de tentar erradicá-lo ou conciliá-lo (4). Podendo assim uma unidade surgir, dentre a extrema tensão gerada pelas contradições, na forma de sua superação (27).

Em um diálogo, quando um erro é descoberto por alguém, todo mundo ganha. Pois, quando ignorado ele é nefasto, mas é positivo quando reconhecido, analisado e superado (57). Esta descoberta só é possível com a participação de cada subjetividade presente, com um compartilhamento da totalidade dos significados do grupo, e quando todos(as) fazem parte do encontro (4).

Assim sendo, o diálogo é composto por atitudes de voltar-se para o outro, se fazer presente, perceber o outro como totalidade e unicidade, com os sentidos e a imaginação. Bem como em o receber como parceiro(a), confirmando-o(a) e aceitando-o(a) como subjetividade. Ele acontece com uma relação imediata, sem prisão às aparências (27).

A convivência estreita que tece o fio da conversação possibilita a abertura para o outro. O encontro no outro permite esse fio fluir. Ele se dá na aproximação mútua, na comunhão, na esfera dos sentidos, como o tato e a escuta para aproximação (49).

A título de exemplo, tendo em mente as diversas presenças das águas que ocorrem na floresta, o diálogo se assemelha às águas que jorram e fluem, e não a uma água represada em lagos e lagoas. Portanto, ele é extraído da continuidade atualizada contida na linguagem (27).

A partir daí "tudo pode se mover entre nós" (4). Sendo assim, o 'entre' é o espaço do diálogo. O sentido não é encontrado ou colocado nas coisas, ele pode acontecer entre nós (34). Inclusive, é preciso um lugar adequado para que ele aconteça (4).

> Na experiência do diálogo, constitui-se um terreno comum entre outrem e mim, meu pensamento e o seu formam um só tecido, meus ditos e aqueles do interlocutor são reclamados pelo estado da discussão, eles se inserem em uma operação comum da qual nenhum de nós é o criador. Existe ali um ser a dois, e agora outrem não é mais para mim um simples comportamento em meu campo transcendental, aliás nem eu no seu, nós somos, um para o outro, colaboradores em uma reciprocidade perfeita, nossas perspectivas escorregam uma na outra, nós coexistimos através de um mesmo mundo. No diálogo presente, estou liberado de mim mesmo, os pensamentos de outrem certamente são pensamentos seus, não sou eu quem os forma, embora eu os apreenda assim que nasçam ou que eu os antecipe, e mesmo a objeção que o interlocutor me faz me arranca pensamentos que eu não sabia possuir, de forma que, se eu lhe empresto pensamentos, em troca ele me faz pensar. E somente depois, quando me retirei do diálogo e o rememoro, que posso reintegrá-lo à minha vida, fazer dele um episódio de minha história privada, e que o outro regressa à sua ausência ou, na medida em que permanece presente, é sentido por mim como uma ameaça. (69)

A vivência do encontro dialógico e sua integração na vida de quem participa dele, pode ser vista com pelo menos duas finalidades: a compreensão da consciência em si própria e a investigação da problemática dos relacionamentos e das comunicações (4). A suspensão de pressupostos é parte primordial para alcançar tais propósitos.

A partir da suspensão de pressupostos – suposições prévias - é possível observá-los ao invés de identificar-se com eles. Assim, você nem os reprime e nem os alimenta, dando-lhes toda a atenção e possibilitando a percepção de coisas que não seriam percebidas caso fossem colocados em prática (4). Esta suspensão também pode ser entendida como a ideia de *époche*, quando ocorre o desapego de preconceitos para se abrir ao fenômeno que acontece (58).

Essas suposições precisam de uma pausa para que haja espaço para a reciprocidade entre os diferentemente iguais, e aceitação das subjetividades – o que se é na atualidade (27); e posterior confirmação das subjetividades – toda a sua potencialidade, o seu 'vir-a-ser' (23). Seja de humanos e mais que humanos. Assim, precisam estar presentes todas as subjetividades envolvidas na relação pessoas-florestas, em corpo e/ou consideração. Por muitas vezes não estar materialmente, será que a floresta está presente em consideração durante os encontros do FFSP?

Todas as pessoas têm pressupostos e opiniões diferentes, que são defendidos quando questionados, e muitas vezes sob uma carga emocional. Temos todo tipo de pressuposições, e nos identificamos com elas. As opiniões são o direcionamento de nossos investimentos de auto interesse. Elas resultam da memória guardada pelos pensamentos passados, e quando são questionadas é como se você estivesse sendo atacado(a) (4).

É necessário que o diálogo permeie todas as pressões que subsidiam os pressupostos. É preciso que a atitude dialógica entre no processo de pensamento que está atrás dos pressupostos, não apenas nestes, e percorra todo o processo do pensamento mudando o modo como ele acontece coletivamente (4).

A partir de então se tornam possíveis a criação de significados compartilhados, e ações subsequentes em consonância com a realidade presente, por meio de participantes do diálogo. Ressalto que a criação de significados se dá pela necessidade humana de contato, e pelo instinto de autoria, de querer produzir coisas por síntese (3).

Desta forma, é importante conhecer o contexto no qual se pretende o diálogo e a maneira como continuamos a pensar. "Todo o problema ecológico se deve ao pensamento, porque imaginamos que o mundo existe para que o expliquemos, que ele é infinito, e assim, não importa o que façamos, a poluição acabará por se dissipar" (4). É crucial compreender que a maneira como pensamos a floresta pode influenciar em como o diálogo ocorre e consequentemente em como nos relacionamos com ela.

A questão é que na maioria das vezes pensamos juntos(as) e a linguagem é coletiva. Portanto, a cultura está envolvida em qualquer grupo. Num diálogo, distintos pressupostos e opiniões básicas derivam de maneiras diferentes de pensar. Consequentemente, as pessoas, ao se reunirem, tendem a defender suas ideias e opiniões pré-formadas contra qualquer evidência de que possam não estar corretas. Além disso, por sentir que algo é verdadeiro tentamos convencer o outro de como está equivocado em discordar do nosso ponto de vista (4).

Se são reunidas pessoas que partem do pressuposto que a floresta é exclusivamente uma matéria-prima ou um ente sagrado, a realidade em suas múltiplas verdades dificilmente se manifestará. A verdade, que pode ser vista como uma unidade indivisível, é constituída por três elementos que se destacam: a realidade percebida e expressa, a quem ela se endereça, e quem a comunica (27).

Quando todas as pessoas presentes participam e compartilham significados surge uma consciência comum e uma certa liberdade. Portanto, algo acontece e pode se mover entre o indivíduo e o coletivo. Surge uma harmonia do movimento constante em direção à coerência, um fluxo que se move entre a consciência coletiva e individual. Pode-se então estar entre todas as opiniões ou para além delas, rumo a algo novo e criativo (4). Quais podem ser os significados compartilhados sobre diálogo, floresta e gestão? Será que as pessoas em um fórum estão dispostas a esse nível de intimidade?

Após um processo de diálogo, poderia se abrir a possibilidade de aceitação comum da floresta como sagrada, matéria prima, e até as duas maneiras. Além disso, cria-se espaço para a confirmação - que exige se fazer presente - de que ela pode ser algo mais ou nada disso. Bem como cria-se condições para que todas as subjetividades envolvidas no processo possam fazer uma diferença decisiva na potencialidade do outro ser, no que ele está destinado a tornar-se (27).

Os 'negacionismos', por exemplo em relação às mudanças climáticas, podem ser vistos como verdades distintas? Afastamentos da realidade contidos na dualidade de atitudes perante o mundo? É de se supor que tanto as relações como os conceitos, bem como as representações de pessoas e coisas, se desligaram tanto dos eventos de relação como de estados de relação. Isso ocorre porque as impressões e emoções elementares são despertadas pela vida na reciprocidade (3), e "só o impulso dos afetos leva ao encontro" (51).

Afetos no sentido de afetar-se, sentir através da interação, e isso está cada vez mais escasso em tempos virtuais, e a reciprocidade cada vez mais comprometida pelas demandas de sobrevivência que desconsideram as interdependências vitais. A disseminação de vírus, como o novo corona, é causa e consequência do afastamento da realidade e mais um indício dos distúrbios letais provocados pelo relacionamento desrespeitoso com as florestas. O desmatamento e a destruição de outros habitats provocam inclusive a dispersão de agentes infecciosos antes desconhecidos.

Portanto, o acontecimento do diálogo só se confirma com a réplica, com a resposta que pode estar aí e se deixará ser acolhida por quem se abrir para ela (34,49). É a partir do nosso corpo, dos nossos sentidos, que

recebemos e percebemos a resposta, pois é ele que media a franqueza da relação 'Eu-Tu' (27). Assim, é necessário perceber as conexões entre pensamentos, sensações e emoções que ocorrem no diálogo (4).

Se a linguagem é o campo que propicia a relação, recorramos a ela. A partir de cada nova oportunidade posso escolher entrar em um relacionamento objetificado, ou em uma relação subjetificada. Porém, o que presenciamos a cada dia se distancia ainda mais das mencionadas possibilidades e apresenta ainda o risco de interação 'Isso-Isso'.

Apesar do risco mencionado, estamos destinados(as) a retornar ao 'Tu' (3). Em outras palavras, a vocação ontológica, essencial, do ser humano é 'Ser Mais' (2). O que pode parecer uma sentença é apenas uma potência. Assim, destino e vocação são possibilidades de serem realizadas a partir da postura de cada um(a) perante a realidade.

Perceba que a passagem do 'Tu' para o 'Isso' é obrigatória, já a do 'Isso' para o 'Tu' é potência, e só se dá por meio da relação. A hegemonia do capitalismo, como sistema econômico-político que permeia os relacionamentos entre pessoas e florestas, enfraquece essa potência de transformação. Impedindo a transformação da floresta em um 'Tu' por necessitar que nos prendamos ao universo exploratório do 'Isso'.

Porém, "onde está o perigo cresce também a força salvadora" (3). O diálogo nos oferece a possibilidade de uma nova, ou esquecida, ordem de comunicação e relações entre nós e o mundo que habitamos (4). Podendo dela emergir a verdade sem se anunciar. A partir da totalidade que advém do compartilhamento da apreciação de resultados. Verdade realizada, que foi conhecida e pode ser comunicada, e não somente apreendida pela consciência. Assim, na esfera do diálogo, a verdade se relaciona com a expressão da autenticidade, do que se é (4,34).

A grande busca da ciência é a aproximação com a verdade. O diálogo é uma possibilidade desta emergência, de um significado global coerente. "Não há sentido em ser persuadido ou convencido; isso não é coerente ou racional. Se alguma coisa é correta, você não precisa ser persuadido. Se alguém precisar persuadi-lo, é porque provavelmente há dúvidas a respeito do assunto" (4).

O questionamento da verdade não se dá no sentido da pós-verdade[17], mas o diálogo se relaciona com ela pela confirmação da palavra e do pensamento que acontece na recepção e aprovação do outro, o vínculo que se dá na relação a partir das experiências vividas. Sendo uma espécie de expansão da individualidade e experimentação da comunidade permitida pela razão (49).

O processo de persuasão ou convencimento muitas vezes se dá quando os pressupostos são diferentes e geralmente tenta-se combater e afastar essa discordância (49). Também quando existem crenças, aí quem acredita em uma verdade diferente é visto(a) como alguém a ser convertido(a) (34), ou quando se força alguém a concordar com uma ideia afirmando uma conclusão lógica e inevitável (70). Um passo a mais pode ser dado ao se compartilhar a totalidade de pressupostos em um grupo, gerando o mesmo conteúdo da consciência. Assim, pode ser facilitado e mais coerente o processo de tomada de decisões (4).

Esse processo de compartilhamento de pressupostos é importante por permitir o exame das convenções. A convenção impensada, ou normalização, caracteriza a tendência humana de seguir a maioria, o pensamento comum, o *status quo* de cada área, comunidade e cultura que integra, um não questionamento de premissas básicas. O problema de ficar somente na convenção é que ela limita o entendimento de si mesmo e do relacionamento com outros seres e com o mundo biofísico. Apesar de muitos avanços terem sido feitos para resolver os problemas globais, desvencilhar da convenção é um meta-desafio rumo a futuros mais sustentáveis (5).

---

[17] Mentiras ou fuga da verdade presentes na atualidade e utilizada para manipulação política (134).

Considerando tudo isso, as tentativas de promover o diálogo podem ser muito frustrantes (4), pois lidar com muitas opiniões gera frustração e ansiedade. Além disso, em uma dupla ou em um grupo estão presentes atitudes de autoafirmação, dominação, contenção e medo que não podem ser ignoradas.

Portanto, é de grande valia desmistificar a ideia de que o diálogo é uma panaceia. Muitas pessoas recorrem a ele por idealizar uma situação capaz de resolver todos os problemas do mundo. Primeiro, como mencionado anteriormente, o diálogo é uma atitude para além da solução de problemas, possibilitando também o desvelamento de paradoxos, e mais que isso, sendo um acontecimento único na relação intersubjetiva. Segundo, ele não se impõe, é um convite a se adentrar em uma situação que se aproxima. Sendo limitado e uma busca e construção constantes.

Para se estabelecer uma união dialógica quatro competências são essenciais: intenções comunicativas (ou abertura), atenção compartilhada (ou auto-organização), experiência continuada de perspectivas (ou heterogeneidade) e capacidade de construir e compartilhar tensão (ou incerteza) (43).

Além do diálogo não ser a solução para tudo, ele também necessita de uma abertura para sua ocorrência. Alguns acontecimentos identificados que podem levar à essa abertura são: problema, surpresa, contradição e não funcionamento de algo (4).

Mesmo sendo importante se atentar para o que favorece a ocorrência do diálogo, e suas próprias características de ocorrência, também é preciso prestar atenção nos obstáculos ao diálogo. Pois, entre o 'Tu' que doa e o 'Eu' que aceita, não deve existir obstrução (3). Alguns deles seriam: postura defensiva, aparência escravizadora, insuficiência e inadequação da percepção ou tela do pensamento[18], agenda, distrações, falta de fé no poder de fazer e transformar, contato indireto, falas sem franqueza, imposição e indiferença (4,23,27,34).

Outro grande desafio para a escuta livre essencial à interpretação dialógica é o interesse na verdade e na coerência. Para tal, é preciso deixar de lado as ideias e intenções antigas e se prontificar para entrar em algo diferente quando necessário. Assim, também é preciso estarmos atentos à estrutura de nossos próprios bloqueios. Por exemplo, percebendo as sensações fugazes que participam do processo de pensamento e que podem nos levar a defender certas ideias, enquanto se supõe ouvir o que os outros dizem (4). Além de quando estamos ouvindo somente a nós mesmas(os), preocupadas(os) com nossos impulsos e interesses (49).

O encontro de informações, advindas dos sentidos e dos pensamentos, gera uma rede de apresentações. Por exemplo, várias pessoas veem o mesmo arco-íris, pois existe uma representação coletiva sobre esse fenômeno, um consenso. Muitas das representações coletivas – como, por exemplo, o diálogo e a floresta – são da mesma qualidade que o arco-íris. Desta forma, as representações são cruciais para nossa comunicação, influenciando nas apresentações e também nas relações (4).

Ao tratar de florestas e assuntos correlatos, se faz relevante perceber suas representações em torno das apresentações realizadas, tanto pela literatura quanto por participantes do estudo de caso. É importante discernir as representações que podem não corresponder com as realidades vividas, para que seja possível a percepção da formação de outras na mesma direção. Assim, outro grande desafio é lidar com representações tacitamente formadas e mantidas na esfera coletiva (4).

Cabe uma ressalva à equalização dos entendimentos necessários ao diálogo. Não é preciso um entendimento pré-existente dos significados, pois um conceito pode ter significados muito similares e não serem idênticos – como a própria palavra 'diálogo'. O ponto de atenção deve ser em relação a tensão entre o que cada

[18] Impede a sensibilidade, a capacidade de percepção do que acontece por meio do sentimento e das reações pessoais e de outras pessoas, bem como as sutis diferenças e semelhanças (4). Além desse conceito, é preciso reconhecer as molduras de atenção às quais estamos submetidas(os), que fazem que prestemos atenção de maneira única e atribuamos significados de maneiras diferentes (124).

participante quer dizer e o próprio conceito. Se ela for muito grande surgirá um desentendimento que pode ser destrutivo, mas se não chegar a esse ponto crítico a tensão pode ser frutífera (27).

Os desafios para se aceitar uma relação dialógica são muitos. Justamente por se tratar de inúmeras resistências individuais e coletivas construídas culturalmente, e pela vivência dos(as) participantes. Não é fácil se dispor a correr o risco de sustentar o desconforto de desagradar, de ser julgado(a), de sentir o seu valor a prova, de se deparar com o desconhecido, com o que se discorda e, por vezes, com o incompreensível. Porém, é esse o risco necessário para se experenciar todas as possibilidades da comunhão.

"Cada um de nós está preso numa couraça que, graças à força do hábito, deixa logo de sentir. São apenas instantes que atravessam a couraça e que incitam a alma à receptividade" (34). Dentre tantas dificuldades para se abrir ao diálogo, outro grande limite que pode se colocar é o comportamento paranoico, no sentido de a pessoa estar fechada, e ter certeza de que possui a verdade absoluta, racionalizando de maneira delirante (27,39,71). É preciso atravessamento para o encontro dialógico acontecer.

O diálogo é um processo de encontro direto, um movimento de voltar-se para o outro (4,27). Portanto, se faz necessário encarar a desordem inconveniente da vivência diária, corpórea. Somente a partir do enfrentamento real das raízes dos nossos problemas e paradoxos é possível transformar uma atitude indiferente em relação ao(a) outro(s) em companheirismo (4).

Em decorrência disso, uma grande carga emocional está envolvida, podendo gerar uma obstrução na compreensão da totalidade. Além da pressa de se chegar a algum lugar e a pressão para se expressar (4). Portanto, "o diálogo se destina àqueles(as) que em geral concordam com uma determinada forma de interagir" (4). É neste momento que cabem a negociação e o consenso, em relação à maneira de seguir conjuntamente ou a decisões posteriores.

Para lidar com aleatoriedades, como o inesperado e o incerto, e ter alguma influência em como irão se desenrolar, estão à disposição as informações compartilhadas ao longo do processo. Por isso a importância da negociação como antecedente ou posterior ao diálogo, por permitir a lida com a incerteza inerente aos encontros (57). Assim, o diálogo permite o consenso de como seguir e a negociação sobre o conflito de interagir.

"Se pretendemos viver em harmonia com nós mesmos e com a natureza, devemos ser capazes de nos comunicar livremente num movimento criativo, no qual ninguém adere em definitivo às suas ideias, nem as defende de maneira radical" (4). É preciso, ao mesmo tempo, ter clareza de ideologias e pressupostos para que sejam suspensos e assim permitam o benefício da dúvida e a criação do novo.

Se partimos dessa condição básica de existência relacional, caberia questionar o que a nega e a obstaculiza? Se somos seres dialógicos, nos relacionamos entre si, com os outros seres e com o mundo todo, o que impede o diálogo de acontecer em certos momentos? Seriam estruturas sociais construídas para o antidiálogo? Seria a própria maneira hegemônica de pensar, o reducionismo, uma estrutura antidialógica?

Novas descobertas científicas, advindas da termodinâmica e da mecânica quântica, já inseriram as noções de desordem, acaso, imprevisibilidade e incerteza no universo – micro e macro (57). Além disso, as teorias do caos ensinam que "não se pode conhecer com perfeita precisão todas as interações de um sistema, sobretudo quando esse sistema é muito complexo" (57). Assim, se a floresta é um ser complexo e os seres humanos também, não caberia ao pensamento complexo o caminho para o retorno à dialogicidade?

Como mencionado, existe a concepção do diálogo como um significado que atravessa por meio da linguagem. Esta, como outros sistemas complexos naturais, segue os princípios de sistemas complexos adaptativos,

nos quais padrões são dinâmicos e derivam de interações, interferências causam mudanças e existe a busca por coerência sem linearidade, proporcionando emergências imprevisíveis. Podendo se considerar a linguagem como um sistema complexo adaptativo que surge através de interações locais entre os(as) agentes participantes (72).

O movimento de um processo dialógico é recursivo, com desvios dinâmicos inesperados (4). Condizente com os processos florestais e sociais. É a partir do inesperado que surge a surpresa (73), e é ela que permite a abertura necessária para o potencial criativo e a chegada do novo. O processo dialógico é um livre fluxo de significados entre os(as) participantes, passível de desenvolver significados comuns e em constante transformação. A potência dialógica nos diz, então, que não somente as relações podem se transformar, mas a própria consciência que as origina (4).

Relacionando estas noções com a gestão florestal, é preciso incluir o inesperado em suas considerações e decisões. Considerando verdadeiramente a precaução no planejamento florestal. Pois, mesmo o que se consegue ordenar a partir das observações advindas de uma ciência fragmentada, representa apenas uma parte objetificada da floresta.

O que nos restaria então para administrar uma floresta? Observá-la, contemplá-la e tomar conhecimento íntimo dela. Escutá-la, interpretá-la e compreendê-la. Ela é um sistema complexo (74), e, portanto, imprevisível. Assim como os processos culturais (75).

Para caminharmos rumo a uma abordagem de conhecimento que religue os saberes necessários à vida, precisamos de alguns operadores de religação: o sistema, a causalidade circular, a dialógica e o princípio hologramático. Caracterizados a seguir, respectivamente:

- "é por meio da organização que o todo se constitui em algo mais do que a mera soma das partes" ou "um todo (sistema) produz ou favorece o aparecimento de certo número de qualidades novas, ausentes nas partes separadas: as emergências" (57);
- "o verdadeiro conhecimento é um conhecimento que efetiva o circuito do conhecimento das partes na direção do conhecimento do todo e o do todo na direção do conhecimento das partes", "os efeitos e os produtos tornam-se necessários à produção e à causa daquilo que os causa e daquilo que os produz", a autonomia está ligada ao processo da reorganização ou da regeneração e se constrói a partir de dependências, bem como, a auto-organização é realmente uma noção paradoxal, portanto, nossas vidas dependem desse processo permanente de regeneração (57);
- é a "associação complementar dos antagonismos", e não nega as oposições das noções (57);
- "uma parte encontra-se no todo, mas o todo encontra-se na parte", e "é exatamente por sermos singulares que trazemos em nós a totalidade do universo" (57).

Assim, o diálogo pode parecer apenas circunscrito à mencionada noção de dialógica, como coexistência de antagonismos – sendo o fruto do encontro de diferenças e da permissão do conflito. Porém, para essa coexistência ser realmente dialógica ela precisa ser plural e se transformar em agonística, pois adversários dialogam, inimigos não.

> Antes de tudo, caro adversário: se nós devemos conversar um-com-o-outro e não apenas falar sem que as nossas palavras se encontrem, então peço-vos notar que eu não exijo. Para tanto não tenho vocação e nem sequer competência. Tento somente dizer que existe alguma coisa e indicar no que ela consiste; eu simplesmente relato. E como seria possível querer exigir o dialógico! O diálogo não se impõe a ninguém. Responder não é um dever, mas é um poder. (34)

A presença amistosa, adversária ou inimiga que cada pessoa pode assumir em um encontro define bastante a possibilidade de ocorrência dialógica. Pois, o inimigo quer relegar o outro ao campo ideológico para assim o atribuir valor; o amigo conhece a realidade apontada; e o adversário nega esta realidade e a combate (34). Assim, enquanto inimigos permanecerem como tais, não se abrindo para outras posturas, não há possibilidade de diálogo.

Além desta constatação, algo muito pertinente para o acontecimento do diálogo é a compreensão de antagonismo (relação entre inimigos) e agonismo (relação entre adversários). "Quando os oponentes não são definidos em termos políticos, mas em termos morais, eles não podem ser encarados como 'adversários', mas unicamente como 'inimigos'" (35). É por meio de um verdadeiro pluralismo que os antagonismos podem se expressar de forma agonística. Daí a importância de espaços como o Fórum para o enfretamento de conflitos fundamentais, para além da perspectiva consensual (35). "Não há dúvida de que o consenso é necessário, mas ele precisa estar acompanhado do dissenso" (35).

Justamente a partir das palavras de Mouffe que discordo de sua crítica à 'abordagem dialógica'. Pois, em sua visão esta não desafia as relações de poder e impede a definição de adversários (35). 'Com Mouffe contra Mouffe', a meu ver sua proposta teórica está muito mais próxima de uma abordagem dialógica do que parece, apesar de reduzir a palavra diálogo à sua concepção técnica.

> Enquanto o antagonismo é uma relação nós/eles em que os dois lados são inimigos que não possuem nenhum ponto em comum, o agonismo é uma relação nós/eles em que as partes conflitantes, embora reconhecendo que não existe nenhuma solução racional para o conflito, ainda assim reconhecem a legitimidade de seus oponentes. Eles são "adversários", não inimigos. Isso quer dizer que, embora em conflito, eles se consideram pertencentes ao mesmo ente político, partilhando um mesmo espaço simbólico dentro do qual tem lugar o conflito. Poderíamos dizer que a tarefa da democracia é transformar antagonismo em agonismo. (35)

A relevância, portanto, do conflito em um diálogo se dá por permitir que ideias que se rejeitam mutuamente sejam religadas, pela associação complementar de antagonismos. Além disso, o diálogo pode iluminar a possibilidade deste religamento acontecer sem a negação da oposição entre as ideias (57). "No universo simbólico, não há uma verdade absoluta, mas um processo de conflito de verdades" (76).

O diálogo também pode ser visto dentro dos outros operadores de religação, como emergência – por exemplo, por ser espontâneo e não garantido; como regeneração – por exemplo, por permitir criação e transformação de significados; e como singularidade – por exemplo, por ser único e delimitado por quem dele participa, e se encontrar tanto na totalidade espelhada no ponto de vista individual, quanto expressa no conjunto de perspectivas reunidas (49).

Mais um exemplo disso é sua interdependência com as posturas 'Eu-Isso' e 'Eu-Tu'. As quais em sua plenitude respeitam a causalidade circular e o princípio hologramático. Além do mais, pelo diálogo fazer parte de um sistema constituído de alternância entre essas atitudes, se manifesta como emergência no encontro 'Eu-Tu'.

A relação entre as intencionalidades 'Eu-Isso' e 'Eu-Tu' está entre os polos objetivo (cognoscitivo) e subjetivo (ontológico) que cada uma representa. São atitudes diferentes face ao mundo e aos seres. Estas 'palavras-princípio' representam a relação, que é o fundamento da existência humana, e quando proferidas fundamentam um modo de existir. Ademais, estas atitudes devem estar em constante movimento, por representarem modos de existir no mundo e com o mundo (3).

Mundo este que clama por fazer parte da relação, já manifestando de forma clara a exaustão de ser tratado apenas como um palco de experiências humanas. A sociedade ao longo dos últimos séculos intensificou o relacionamento de objetificação com o ambiente. Esta percepção coisificada pode ser chamada de 'Isso', e então conduz a uma interação 'Eu-Isso' (3).

Dependendo da maneira de se experienciar o mundo, ela pode ser um exemplo de percepção observadora, um relacionamento coisificado. Pois muitas vezes quem experiencia não participa do mundo. Devido a experiência se realizar nele, ao invés de entre a pessoa e o mundo, e este não tomar parte nela (3).

O problema do excesso do relacionamento coisificado com o mundo é que, além das questões essenciais referentes aos seres humanos e sua conexão com o meio em que vivem, o desequilíbrio gerado por esses mesmos seres – nós - está ameaçando sua própria existência e a extinção de outras tantas espécies.

Por outro lado, quem percebe algo/alguém por meio da tomada de conhecimento íntimo recebe o que é dito e o que é transmitido a si. Tem introduzido algo em sua vida, algo sobre o outro ou sobre si a partir da linguagem real; e chega a ter algo a ver com quem diz. O outro nesse processo é percebido como uma totalidade e em toda sua concretude. A partir de então é possível aceitar, aprender, realizar e responder dentro da realidade (34).

Deste modo, se aproximar de alguma realidade permite a vivência de uma realidade polar. Dentro de sua totalidade percebida, é possível notar o pior e o melhor como interdependentes. A partir daí é possível auxiliar a mudar a relação entre os polos, não somente escolhendo, mas dando força para a mudança de direção, por meio de aceitação e de recusa. Fortalecendo assim uma direção que saia do estado caótico e permita a criação de forma e ordenação (27).

Cabe ressaltar aqui que para a existência humana o universo do 'Isso' é indispensável, inclusive por permitir algum grau de ordenamento. Entretanto, tal abordagem só pode ter efeito quando passa pelo encontro entre subjetividades, e este se dá no mundo do 'Tu'. Contudo, ao final do evento da relação cada 'Tu' deve transformar-se em 'Isso', e este, por sua vez, pode tornar-se 'Tu' somente se adentrar no evento da relação (3). Este ato é feito com a totalidade do ser e deve ser repetido a cada nova situação (27).

O 'Eu' que pronuncia a relação 'Eu-Isso' coloca-se diante do objeto, ao invés de o confrontar no fluxo da ação recíproca (3). Já na relação 'Eu-Tu', o 'Eu' confronta o outro na reciprocidade, e, portanto, acontece o diálogo. Tal concepção também se relaciona com a alternância entre 'Eu-Isso' e 'Eu-Tu'. Pois, a permanência da relação 'Eu-Tu' não é possível, nem desejável. O que se espera é que a relação 'Eu-Isso' sirva como um produto da relação 'Eu-Tu' e aponte novamente para ela (27). Além do que, somente o 'Isso' pode ser ordenado, o 'Tu' não conhece sistemas de coordenadas. Mesmo assim, o mundo ordenado não é a ordem do mundo (3).

"O Isso é a crisálida, o Tu a borboleta. Porém, não como se fossem sempre estados que se alternam nitidamente, mas, amiúde, são processos que se entrelaçam confusamente numa profunda dualidade" (3). Podemos entender que o mundo é duplo para as pessoas, no sentido de múltiplo, porque suas atitudes são duplas (3). A cada nova situação mais de uma possibilidade se apresenta à pessoa que estiver atenta e disposta. Desta maneira, o 'Eu' pleno pode se relacionar dialogicamente com o mundo, criando uma existência polifônica (3,34).

Com esta pesquisa investiguei a possibilidade de dialogia na relação entre humanos sobre a floresta (a gestão atenta aos sinais comunicados por participantes) no FFSP. Porém, para acontecer plenamente ela precisa considerar a dialogia entre humanos e floresta (a presença de um em outro) e não pode ignorar a dialogia florestal (as comunicações internas da floresta). Para mim, duas das principais potências do diálogo se encontram em ser possibilidade, ao invés de obrigatoriedade; e na interdependência das posturas objetificante e subjetificante perante o mundo, que permite a construção de significados constituintes das existências. Permitindo assim uma ligação da fragmentação e do todo, por meio do 'entre' que transcende a soma das partes.

O estudo se deu na interface entre a relação de humanos que diz respeito às florestas. Portanto, ela é manifesta e explícita a partir da linguagem, se relacionando com o limiar da 'palavra'. Ademais, também se relaciona

indiretamente com as outras esferas[19] geradoras da própria linguagem, a pré-limiar – das pedras às estrelas, e a supralimiar – entre o que já se manifestou e o que ainda não se incorporou no mundo (3).

Em uma relação verdadeira não é possível separar essas esferas, apenas fluir entre elas e identificar as representações presentes. Por exemplo: a floresta representada como coisa, a floresta como outro e a floresta como espírito. Sendo todas as representações constituintes da totalidade floresta e que permitem atitudes como as de geri-la, entrar em relação com ela e respeitá-la.

O enfoque sobre a gestão florestal, inserida na economia da floresta, não pode desconsiderar sua interdependência com as demais esferas ecológicas e espirituais. O elo que permite atuar na economia considerando as demais esferas é a linguagem. Esta ligação se dá na constante alternância entre as atitudes 'Eu-Isso' e 'Eu-Tu' de relação com a floresta, pois nesse movimento acontece o diálogo.

"Quando o encontro perfeito deve realizar-se, estas três portas se reúnem em um portal que é o da vida atual" (3). Se a relação dialógica é a condição e o ápice da existência, se a reciprocidade é seu maior valor - e também responde por responsabilidade, e se buscamos uma gestão florestal autônoma em prol da existência de todos os seres, é nessa trilha que aposto o caminhar.

Por isso, o próximo capítulo abordará o estudo de caso da pesquisa e as interpretações sobre a dialogia nesse espaço.

[19] A linguagem considerada a partir da semiótica não se restringe à palavra escrita e falada. Esta é apenas uma das esferas da linguagem, sendo as outras relativas, às outras maneiras de comunicação, aos outros seres e aos outros sinais passados e futuros, que interagem simultaneamente.

4. FÓRUM FLORESTAL: ESTUDO DE CASO

1.
Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito que um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.

2.
E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão. (77)

"Todos juntos somos fortes" já dizia a canção dos Saltimbancos. Por que precisaríamos de força para tratar de gestão? Talvez seja 'força de vontade', ou melhor 'boa vontade'. É preciso vontade, disposição para se trabalhar em conjunto sobre um tema coletivo. Assim, a partir dessa vontade de cada sujeito a trama de uma ação colaborativa pode se formar.

A dialógica é o que tece essa trama, é o que permite que a informação trazida por um encontre a informação do outro e que vários pontos de vista possam enxergar uma mesma paisagem.

Esta pesquisa escolheu um estudo de caso que se propõe ser uma plataforma multisetorial de assuntos florestais, o Fórum Florestal Paulista. Quer dizer, um espaço de encontro para diversas pessoas que trabalham com as florestas comunicarem sobre desafios e proposições que possam auxiliar na gestão desses ecossistemas.

Dentro desse recorte existem outros, por exemplo: regional, setorial, biodiverso. O fórum escolhido está no estado de São Paulo, Brasil, as pessoas participantes são de algumas empresas florestais, organizações não governamentais (ONGs) ambientalistas e instituições de ensino e pesquisa, as florestas em questão são majoritariamente plantios de Eucalipto, com fragmentos de Mata Atlântica e Cerrado.

Apesar de basear minhas interpretações no estudo de caso acompanhado ao longo da pesquisa, também incluo olhares relativos às experiências nas esferas nacional e internacional de semelhante iniciativa. Por acreditar ser importante esse deslocamento de escalas para melhor compreender possíveis potencialidades e impedimentos para o fórum em questão.

Vale uma ressalva, a intenção de um estudo de caso e suas ligações com outras iniciativas partiu da necessidade de situar a pergunta de pesquisa e a teoria na prática. De modo algum pretendo avaliar o sucesso ou eficácia do fórum e seus resultados. Meu olhar é para a dinâmica dialógica presente e para como esse espaço pode ser representativo neste quesito.

Um ponto inicial a ser colocado em plataformas como essa seria a questão: o que caracteriza uma floresta? Em nenhum momento presenciei este questionamento. Presumo então que partimos todos(as) de pressupostos sobre qual seria essa resposta.

Essa é uma pergunta com inúmeras possíveis respostas, felizmente. Entretanto, para alguma equalização de entendimentos certas definições são utilizadas em momentos de tomada de decisão. Uma delas é a seguinte: "terrenos com mais de 0,5 hectares com árvores de mais de 5 metros e copa de mais de 10%, ou árvores capazes de atingir esses limites *in situ"* (78 tradução nossa).

Vale dizer que uma definição de floresta vai além de uma questão semântica e passa a ser política quando se decide converter áreas naturais em plantações, ou se permite a degradação e o desmatamento baseando-se em um conceito de floresta. Para o chamado conhecimento moderno ocidental, a floresta sempre será uma construção social, mas fundamentada nas estruturas e na composição desse ecossistema (79).

A floresta vai muito além de uma ou outra definição. Somente quero ressaltar que para o diálogo acontecer e neste caso considerando as florestas, é preciso conhecer nossos pressupostos sobre elas para então podermos suspendê-los e observá-los. Um fórum que se diz florestal precisaria incluir esse processo coletivo de significação da floresta para poder incluí-la na comunicação. Pois a investigação temática é fundamental em um processo dialógico[20] (23).

Além disso, o que seria um fórum? Muitas vezes quando comentava sobre a pesquisa com outras pessoas elas achavam que era um evento pontual e tinham dificuldade de imaginar uma estrutura permanente de encontros para tratar sobre algum tema. Isso mostra novamente o papel dos pressupostos quando tentamos nos comunicar.

Fórum, ou foro, vem do latim *foru* e significa uma praça pública onde as pessoas se reúnem, muitas vezes para assembleias e tribunais (29). Podemos perceber que esta raiz etimológica traz as ideias de coletividade, de encontro e de tomada de decisão.

Além dessa definição, uma noção que acho muito interessante trazer é sobre *idola fori*, que advém da teoria dos ídolos de Francis Bacon, na qual o autor propõe uma reforma do conhecimento. Segundo ele, o ponto de partida para construir uma nova forma de pensar seria destruir o que ele chama de ídolos do conhecimento. Dentre os quatro tipos que ele descreve, existe os 'ídolos do foro', que são conhecimentos relacionados à linguagem e considerados verdadeiros. Ele propõe a desconstrução desse dogma porque as palavras podem ser ambíguas, distorcidas e indeterminadas (80).

Em adição à etimologia da palavra, vemos aqui a relevância da linguagem, da ideia de verdade e dos múltiplos entendimentos. Outra ideia contida na teoria de Bacon era de colocar sob suspeita as convicções. Portanto, o fórum parece ser uma estrutura propícia para a ocorrência do diálogo.

O fórum em questão tem uma característica a mais em relação a um fórum comum, ele é uma plataforma multisetorial, ou de muitas partes interessadas. Permitindo fazer um paralelo com as estruturas de gestão participativa, mais conhecidas no país. Um exemplo são os conselhos gestores de Unidades de Conservação.

"O Conselho é um fórum de discussão, negociação e gestão da Unidade de Conservação e sua área de influência, para tratar de questões ambientais, sociais, econômicas, culturais e políticas." Ele pode ser deliberativo ou consultivo e identifica setores que o irão compor de acordo com o território e contexto inserido (81).

[20] É preciso examinar conceitos e valores que parecem garantidos e unânimes para que sejam questionados e compreendidos conjuntamente.

As plataformas multisetoriais vêm sendo promovidas como potenciais solucionadoras de conflitos relativos aos bens naturais. Alguns dos potenciais dessas iniciativas são: promover aprendizagem coletiva, construir consensos para resolver problemas e tomar decisões de maneira interativa. Podendo inclusive ser uma comunidade de prática, que incentiva o conhecimento tácito do grupo por meio do compartilhamento de informações, experiências e exemplos concretos sobre uma área de interesse comum (82).

Apesar dos resultados positivos, essas iniciativas também enfrentam dificuldades como: composição, relações de poder, representação e participação efetiva, mecanismos de decisão e custo de manutenção. Um outro desafio colocado para futuras pesquisas é como garantir uma verdadeira comunicação entre quem participa das plataformas e também quem está sendo representado. Como o FFSP lida com esses desafios? (83).

Uma característica interessante prezada na escolha de participantes para essas plataformas é a relevância para o tema e a maneira de colocar essas pessoas em contato. Buscando aumentar a confiança entre elas, compartilhar conhecimentos e gerar boas práticas (84). Cabe a pergunta, relevante para quem e para quê? Será que as partes interessadas deveriam ser pessoas que influenciam as decisões e que sofrem os efeitos dessas ações (84)?

A ideia seria criar uma estrutura flexível que possa se adaptar a distintos contextos e escalas, com diversos formatos e temáticas. Um processo esperado desses espaços seria: a identificação de posições individuais/organizacionais, a discussão dessas perspectivas, a possível condução por um(a) facilitador(a), um resumo dos pontos de concordância e a recomendação para tomada de decisão (84).

Um argumento presente sobre tais estruturas é que elas deveriam ser vistas menos como um processo de comunicação ideal e mais como um processo de negociação, mesmo que imperfeito (83). Eu argumento o contrário. Acredito ser justamente no processo de comunicação dialógica que está a potência dessas estruturas. Devendo ser a negociação apenas uma parte inicial desse processo.

Além de não se limitar a um processo de negociação, o diálogo não é somente uma discussão. A discussão é algo que pode estar dentro de um processo dialógico e a principal diferença que distingue este último da primeira é o processo de vir à tona crenças, valores e tudo o que pode ser considerado julgamentos, para simultaneamente suspendê-los (26).

Pressupondo que o estudo de caso se trata de um fórum que se considera uma plataforma multisetorial relacionada à floresta, seguimos com a proposta de gestão pleiteada. Imagina-se que o intuito de aproximar setor privado florestal e organizações não governamentais, além de, nesse caso instituições de ensino e pesquisa, seja para possibilitar uma cogestão.

Podemos dizer que o objetivo dessa plataforma se relaciona com uma gestão colaborativa, ou cogestão. Sendo um processo contínuo de solução de problemas, que envolve extensiva deliberação, negociação e aprendizado mútuo (85). Quanto à deliberação, o FFSP só a realiza em plenária com os três setores representados (ONGS, empresas e instituições de ensino e pesquisa) e decide por maioria de votos.

O termo 'gestão', aqui, pode ser entendido em relação às florestas como a regulação dos usos e as transformações que buscam melhorias na interação com esse ecossistema. A gestão colaborativa, ou cogestão, é o compartilhamento de poder, responsabilidade, direitos e deveres em um grupo e pode ser vista funcionalmente como um constante processo de resolução de problemas, de maneira descentralizada e igualitária (85). Será que teria também potencial de dissolver paradoxos?

A divisão de poder presente em um espaço de gestão colaborativa é composta por redes de relações. Compreendê-la pode ser uma boa abordagem para o desenvolvimento organizacional e o processo de tomada de decisões (85). Geralmente o processo de cogestão inclui o governo e atores locais, porém neste estudo de caso o

governo atua de forma indireta, por meio de instituições públicas de ensino e pesquisa além de demais regulações e incentivos, que regem todas as instituições participantes, mas não diretamente presente no fórum.

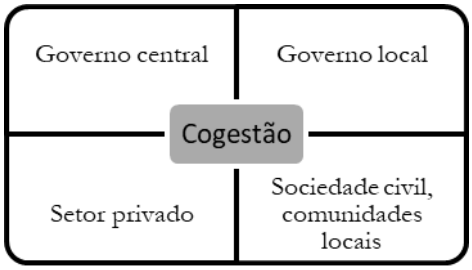
Espera-se de um processo colaborativo de resolução de problemas que o compartilhamento de poder seja visto como uma consequência, ao invés de uma pré-condição antecessora (85). Será que o intuito de um processo dialógico no fórum obtém esse resultado?

A busca da cogestão pode ser entendida como sendo um processo de negociação, definição e garantia de uma partilha justa das funções, dos direitos e das responsabilidades de gestão, neste caso, florestal. Podendo se estender desde uma simples troca de informações até parcerias formais (85). Onde caberia, então, o diálogo?

O processo dialógico poderia, por exemplo, contribuir com a observação dos pressupostos sobre o arranjo da cogestão para se chegar a um acordo e a negociação do como se prosseguir com o processo? As ideias de parceria e processo embutidas na cogestão condizem com a possibilidade de ocorrência de um diálogo? O processo dialógico poderia considerar as complexidades presentes em uma gestão colaborativa florestal, desde as partes envolvidas até o próprio ecossistema manejado (85)?

A partir do ponto de vista de que a cogestão é um processo contínuo de resolução de problemas (85), propõe-se aqui o diálogo como parte funcional da cogestão. A lente dialógica traz alguns questionamentos sobre o objeto deste estudo de caso em relação ao quadro sobre partes interessadas na cogestão florestal, proposto pelo Banco Mundial (85):

Figura 4. Categorias de partes interessadas e cogestão.



Fonte: adaptado pela autora (85).

Tendo claras as participações do setor privado e das organizações não governamentais, adicionados(as) representantes do meio acadêmico, quais são as interfaces com os governos centrais e locais, com a sociedade civil para além das representadas e com as comunidades locais no FFSP?

Seguindo uma proposta metodológica nesse sentido de gestão (85), busquei definir o sistema socioecológico em foco, por meio do estudo de caso do fórum florestal paulista; mapear as principais tarefas de gestão e problemas a serem resolvidos, por meio das prioridades levantadas pelos(as) participantes do fórum no período estudado; esclarecer aos participantes sobre processos de resolução de problemas, disponibilizando posteriormente a abordagem dialógica proposta; analisar as ligações no sistema, entre as organizações dos(as) participantes e sua distribuição geográfica; avaliar as necessidades de capacitação para melhorar as habilidades e capacidades de pessoas e instituições em vários níveis, por meio da interpretação das noções de diálogo e obstáculos e potencialidades para sua ocorrência; e, apresentar maneiras de melhorar a formulação de políticas e a resolução de problemas, por meio da compreensão de como características dos fóruns nacional e internacional podem auxiliar na amplificação da prática dialógica do Fórum Florestal Paulista e da elaboração de uma abordagem para guiar processos de gestão florestal multisetorial de maneira dialógica.

O FFSP adveio da ampliação de atuação do Diálogo Florestal. As instituições que o compõem são convidadas a partir de indicações em plenária ou solicitam a participação e após apresentação de candidatura para o grupo é votada a aprovação coletiva.

A missão do FFSP é "ser um espaço de diálogo e articulação entre ONGs, centros de pesquisa e empresas do setor florestal sobre questões socioambientais, a fim de gerar diretrizes e ações conjuntas através de práticas sustentáveis." (45). Sua estrutura é composta pela plenária, foco desta pesquisa, pelos grupos de trabalho e pela secretaria executiva.

Quando pensamos na organização e perenidade necessária para o funcionamento do fórum, podemos fazer um paralelo com a função das micorrizas em uma floresta, pois elas são vetores que permitem o novo estabelecimento de árvores após um distúrbio. São as redes de micorrizas que ligam outras redes de interação (86). Quem ou o que seria a micorriza no FFSP? A secretaria executiva? O grupo como um todo? De quem seria a responsabilidade pela continuidade da abordagem dialógica?

De acordo com o regimento interno do FFSP suas finalidades são: conservação da biodiversidade; fomento da adequação ambiental de propriedades, da produção de espécies nativas, da criação de áreas protegidas, e do uso múltiplo de produtos florestais; estímulo para a criação de corredores ecológicos e melhores práticas com resíduos sólidos; promoção do ordenamento territorial e de sinergia para ações e práticas socioambientais, além de trocas de experiências; facilitação da integração de ações e do intercâmbio de informações; mediação e resolução de conflitos dos impactos da silvicultura; apresentação de demandas e influência sobre políticas públicas; e elaboração de diretrizes socioambientais.

Olhando para o papel da micorriza necessário ao sistema complexo floresta, as finalidades do fórum em termos dialógicos poderiam se concentrar em mediação e resolução de conflitos e troca de experiências a respeito de todos os outros assuntos. O que afetaria todas as demais finalidades de maneira indireta.

Tentando abordar dialogicamente todas as finalidades, alguns questionamentos importantes seriam: Quem estaria envolvido(a) nessa relação? (Por exemplo: a biodiversidade, os(as) proprietários(as), os(as) ocupantes e impactados(as) do território (entorno de áreas protegidas, corredores ecológicos, atividades de larga escala, etc.)?). Quais as ações e práticas vigentes nos territórios? Quais os conflitos em relação a elas? Quais os usos múltiplos necessários, possíveis e reais? E em relação aos resíduos sólidos gerados? Quais as pessoas envolvidas nas políticas públicas existentes e necessárias? Qual a criação conjunta possível em forma de diretrizes? Como o processo de troca de informações e troca de experiências se dá em relação a tudo isso? Existe abertura, confiança, compromisso, suspensão de julgamentos, reciprocidade?

A título de exemplo, sobre a confiança, mesmo tendo participado ao longo de mais de dois anos das reuniões do FFSP e respeitar as pessoas presentes, como seria possível o sentimento de confiança em cada uma delas? Não acredito ser uma questão particular, a desconfiança ou a falta de confiabilidade de alguém. Trata-se somente de um desconhecimento mútuo devido ao tipo de interação que não nos permite criar, ou reconhecer, esse laço.

A desconfiança é um grande obstáculo para a ocorrência do diálogo e quando presente ela impede a espontaneidade. Por isso, é mais comum que os encontros sejam planejados por alguém para que ele ocorra, pela percepção de que um nível mínimo de confiança é preciso. Quando ela não está presente as conversas continuam apenas como discussões (26).

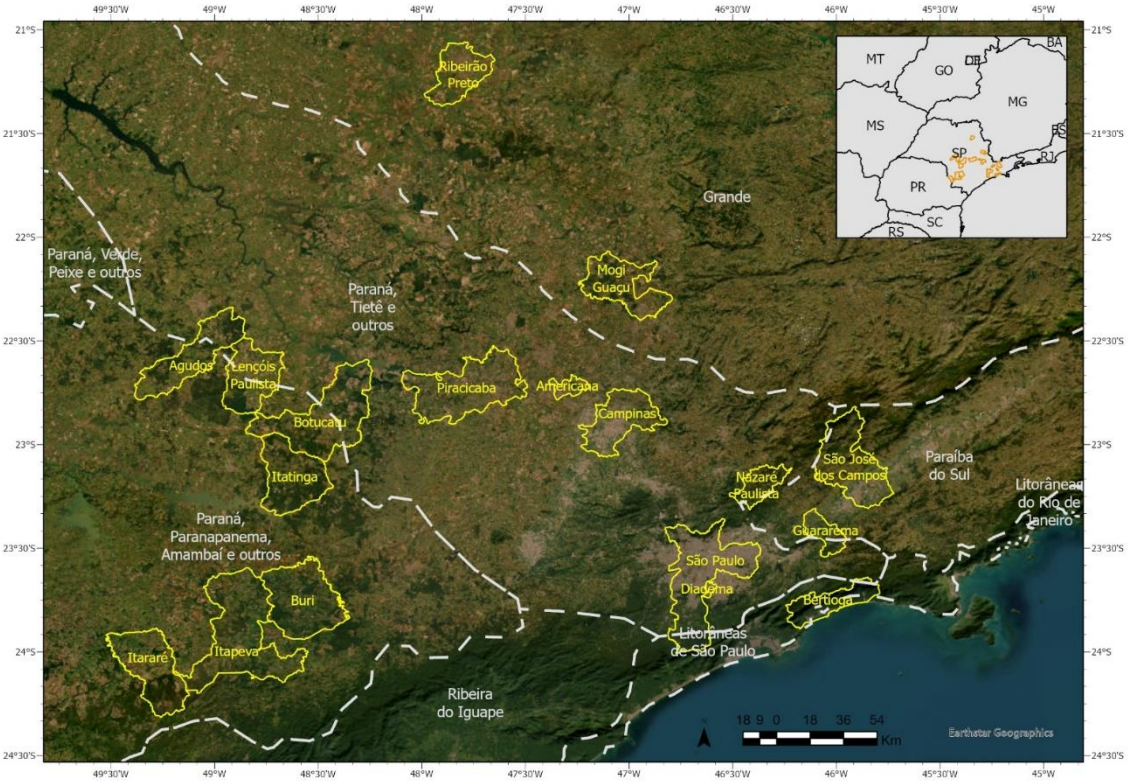
Outra questão relevante na relação, entre um espaço de cogestão e um dialógico, é a dependência do reconhecimento das partes como legítimas entre si. Será que existe esse reconhecimento de legitimidade no FFSP? A não objeção para participação de novos membros e as apresentações institucionais quando se começa a frequentar os encontros podem ser um indício de que exista tal reconhecimento?

O planejamento estratégico do FFSP, realizado no início de 2020, permitiu a priorização de temas pelas(os) participantes. Os quais foram: água e florestas plantadas; P3S (planejamento participativo de paisagens sustentáveis); sustentabilidade financeira e fortalecimento das ONGs locais; conservação da biodiversidade; agroflorestas educadoras e do bem viver.

Durante as reuniões que participei, as temáticas mais abordadas foram sustentabilidade financeira e fortalecimento das ONGs locais, e conservação da biodiversidade. Sendo as temáticas sobre água e florestas plantadas e paisagens sustentáveis mencionadas em relação a grupos de trabalho que se dedicaram a elas.

Não fiz inferências sobre as interações entre as organizações participantes para além das reuniões do fórum. Entretanto, é possível pensar sobre a distribuição geográfica de suas sedes e como isso poderia influenciar nas relações entre si e com a paisagem.

Figura 5. Municípios sede das organizações presentes no FFSP.



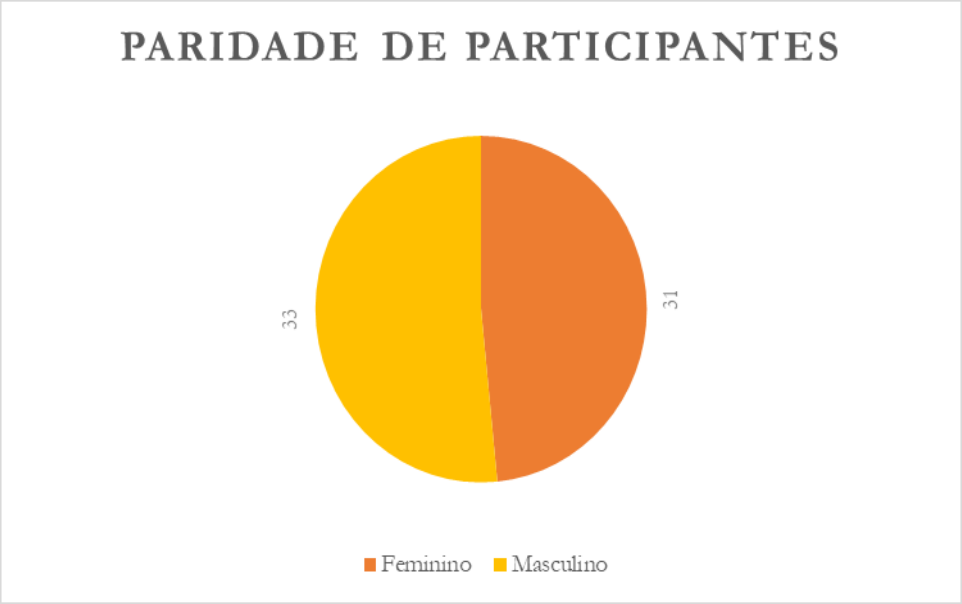
Fonte: elaboração por Estêvão Benfica Senra.

Os municípios mapeados representam as sedes das instituições presentes, porém as atividades de cada uma não se restringem a eles. Inclusive existe uma sede fora do estado de São Paulo. A relevância dessa amostragem se dá basicamente por demonstrar a principal área de afetação recíproca das instituições, o ambiente que afeta e é afetado.

Podemos perceber que a distribuição das organizações presentes se concentra na parte leste do estado de São Paulo, o que acaba restringindo as bacias hidrográficas representadas. Também, que estão em manchas bastante urbanizadas e que apesar da atuação não se limitar a esses locais, a localização influencia na interação ambiental de tomadores de decisão. Quando pensamos na importância da diversidade para a ocorrência de um diálogo, notamos que uma espacialização mais espalhada pelas paisagens do estado seria de grande valia para a representatividade do FFSP. Será que a intenção é focar no entorno das áreas de plantios das empresas florestais envolvidas?

É importante ressaltar como os atores presentes em um fórum são multifacetados. Dentro do FFSP é possível perceber algumas diferenças dentro das categorias de participantes, como por exemplo a paridade sexual[21], a quantidade de pessoas participantes e as instituições representadas.

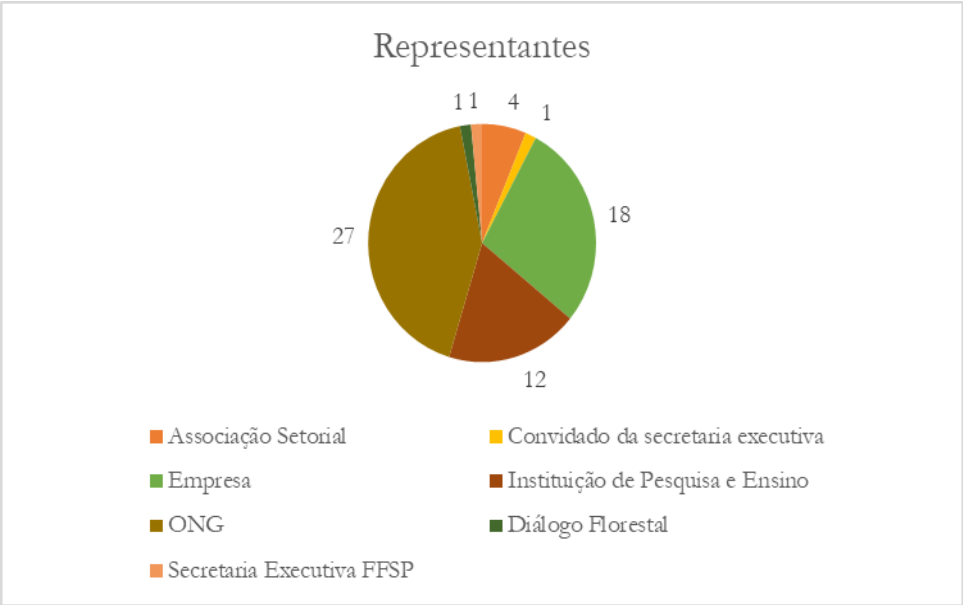
Figura 6. Gráfico da paridade sexual das(os) participantes nas reuniões estudadas do FFSP.



Fonte: elaborado pela autora.

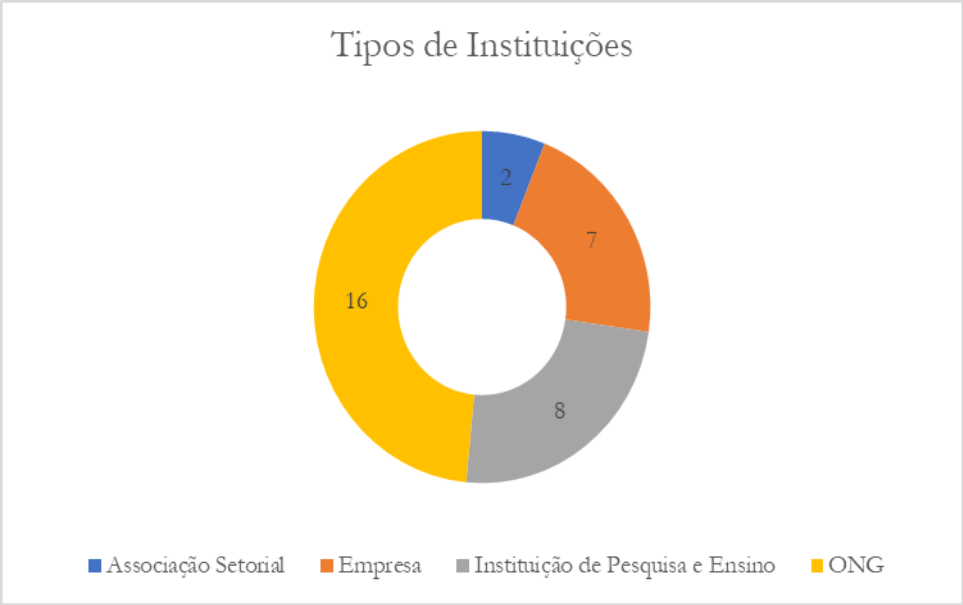
Figura 7. Gráfico do número de participantes nas reuniões estudadas do FFSP.

[21] A diversidade em relação ao gênero e à raça não foi trazida por se tratar de dados auto declaratórios, estes não estavam disponíveis dentre os dados coletados pela metodologia escolhida.



Fonte: elaborado pela autora.

Figura 8. Gráfico dos tipos de instituições presentes nas reuniões estudadas do FFSP.



Fonte: elaborado pela autora.

Os gráficos apresentam a totalidade de participantes durante o período estudado. Entretanto, ao longo das reuniões o número de participantes variou entre 6 e 27 por plenária. Contabilizando uma média de 17 pessoas por encontro.

Vale ressaltar que, alguns(mas) participantes não foram contabilizados para inclusão nos gráficos e no mapeamento, por terem participado apenas de uma reunião durante o período interpretado. Estas pessoas eram 13 do sexo feminino e 8 do sexo masculino, totalizando 21 participantes. Algumas pessoas eram de instituições já representadas e outras eram novas no FFSP. A exclusão se justifica pelo critério de disposição pessoal para o diálogo, considerando que mais de uma participação nas reuniões mensais parece ser um melhor indicativo para interpretação, mesmo que instituições possam alternar representantes e estarem em período de iniciação ou

finalização de participação no fórum. Os tipos de instituições também foram resumidos aos grupos previstos na composição do fórum, sendo a associação setorial a representação de várias empresas por uma pessoa.

A mistura de instituições em um fórum como o FFSP considera a importância da diversidade institucional para proteger a biodiversidade. Ela permite a variedade de respostas políticas que podem lidar com a variedade de ações possíveis em sistemas biológicos complexos. Sem essa diversidade não se pode imaginar um arranjo institucional suficientemente complexo para obter informações diversas e adaptar às mudanças dos sistemas ecológicos ao longo do tempo (87).

De acordo com os atores da cogestão, uma grande deficiência relativa à diversidade de participantes é a falta de comunidades locais no FFSP, pessoas que afetam e são afetadas pelos projetos e pelas ações discutidas no fórum. Porém, sua participação não é prevista no regimento.

Usuários locais, que poderiam ser gestores efetivos de bens naturais, precisariam ser incluídos nas decisões políticas relativas à biodiversidade. Estas pessoas participariam de um processo de ensino e aprendizagem sobre os aspectos ecológicos peculiares e auxiliariam na articulação das regras às circunstâncias locais (87).

Outra presença necessária seria a do setor público. As instituições de ensino e pesquisa de alguma forma representam o governo quando são públicas. Entretanto, o regimento do FFSP prevê a presença de representantes desse setor somente como convidados(as) de acordo com assuntos propostos.

Será que, tais ausências se devem por se considerar mais fácil estar com pessoas que concordam entre si, do que buscar por entendimento mútuo com sujeitos com visões divergentes? Porém, para o diálogo acontecer é preciso considerar diversos pontos de vista (26), e quanto mais, melhor será a adaptação necessária à realidade comum.

Considerando todo o exposto previamente, sobre a noção de 'diálogo' escolhida para a pesquisa, começo a olhar para as interações no FFSP a partir deste prisma, na tentativa de um olhar espontâneo e sem reservas (27). Assim, a partir dos objetivos específicos da pesquisa, busco interpretar as noções de diálogo no Fórum Florestal Paulista e identificar facilitações e obstáculos para a ocorrência do diálogo neste espaço; além de compreender como o Diálogo Florestal e o *The Forests Dialogue* influenciam nessas noções e características, e como podem auxiliar na amplificação da prática dialógica do Fórum Florestal Paulista.

A partir disso me cabe o empenho de compreender, ao invés de explicar (51), o que aconteceu nas reuniões presenciadas do FFSP através da lente dialógica. Abrindo para interrogações, reticências e ambiguidades, em busca dos significados aflorados, que se aproximam da realidade e das inter e multicausalidades das coisas (51). Pois, "a interpretação procura o sentido das diferentes forças que atuam sobre o fenômeno" (51).

Cabe a ressalva que as plenárias acompanhadas ocorrem no domínio do discurso, além de terem sido virtuais, portanto, é um recorte limitado da linguagem. Abrindo mais espaço para a ambiguidade de uma palavra, que constitui a linguagem viva e cria a problemática do discurso. Porém, quando esta ambiguidade é superada, em um entendimento, ela se transforma em uma fecundidade (27).

Assim, as primeiras fecundidades advindas do estudo de caso, por meio da observação participante, permitiram a interpretação sobre as noções de diálogo nas práticas do FFSP. Como também, sobre condições favoráveis e desfavoráveis para sua ocorrência.

Quando uma palavra é evocada, junto com ela é ativado um domínio discursivo (88), é a partir dele que pude interpretar as noções de participantes do FFSP sobre diálogo durante as reuniões e nas entrevistas realizadas.

Considerei a classificação previamente apresentada das possíveis noções de diálogo, para utilizar as categorias monólogo, conversação técnica e diálogo na interpretação dos dados.

Foi possível perceber que, a palavra 'diálogo' emergiu diversas vezes ao longo dos encontros. Suas aparições carregavam principalmente, a característica da conversação técnica. Como, por exemplo, nas expressões a seguir: "ampliar o diálogo sobre um tema"; "diálogo do uso do solo"; "avaliação de diálogo"; "pegarmos todo esse diálogo"; "temas a serem dialogados"; "dialogar só os pontos que ficaram"; "se está tendo o diálogo efetivo"; "como vamos dialogar o..."; "diálogo por macrorregiões"; "diálogo de escopo"; "diálogos de campo"; "aproximar o diálogo com..."; "diálogo operacional"; "diálogo da conservação da biodiversidade"; "catalisar esse diálogo"; "conectar num diálogo produtivo, progressivo, no sentido de que a gente avance"; "torna o diálogo rico e produtivo"; "como os dados podem dialogar e influenciar..."; "tema que nós dialogamos de forma bem intensa"; "diálogos com vizinhos, pensando nas questões operacionais e patrimoniais"; "tempo de apresentar e discutir"; "dar por encerrado o diálogo sobre..."; "plenária para dialogar sobre o tema"; "esse diálogo vai ficar focado"; "dialogamos sobre os principais temas"; "os erros passaram a ser dialogados e o algoritmo foi melhorado"; "diálogo sobre a sustentabilidade das ONGs, discussão, conversa sobre como complementar ações sobre esse tema"; "o diálogo em si é muito motivador, mas quando a gente consegue algumas ações concretas fica mais rico, mais positivo e mais forte a contribuição do grupo – além do diálogo estamos avançando para encaminhamentos e ações mais concretas"; "isso gera todo um diálogo"; "exemplo do propósito do fórum, conversando acharam a melhor saída"; "discutir modelos mais adequados para as bacias"; "conversar e articular ações bacanas para a conservação da biodiversidade"; "conversar sobre a restauração e um pouco do que estamos fazendo por aqui também"; "discussões super importantes"; "um conflito que através de um diálogo foi resolvido"; "conversas sobre conservação da biodiversidade, quais os encaminhamentos"; "discutir prioridades"; "oportunidade para discutir outros elementos da paisagem"; "discutir os temas".

Preposições como 'de', 'sobre' e 'para' indicam uma visão direcionada do 'diálogo', o que pode dar ideia de uma busca por um entendimento objetivo ou um despejo de conteúdos sobre os outros. É possível perceber o propósito técnico de busca por resolução em algumas declarações exemplificadas. Além disso, a forma 'dialogamos'/'dialogados' dá a ideia de ação e equiparação com 'conversamos'/'conversados' ou 'discutimos'/'discutidos'. O diálogo proposto pela pesquisa é um substantivo, e tais verbos podem propiciar o seu acontecimento. Os verbos citados também estiveram incluídos no campo semântico das falas de participantes quando se referiam ao objetivo de se estar presente no FFSP e até mesmo sobre a função deste.

Entretanto, cabe salientar que uma pesquisa que se dispõe a investigar potencialidades do diálogo, em relação às pessoas e florestas, também parte de um objetivo. Porém, existe uma sutileza entre se esperar determinado fim (foco na chegada) e se abrir ao inesperado (foco na saída). Talvez aí seja um campo de mistura entre a conversação técnica e o diálogo.

Em relação a essa mistura, algumas expressões que emergiram foram: "sair um pouco do diálogo e ir mais para a ação" e "transformando diálogo em ação". Será que as ações posteriores a um encontro dialógico não carregam uma transformação inerente?

Mesmo posturas predominantes de conversação técnica podem conter características possíveis e desejáveis ao diálogo, como, franqueza nas colocações em grupo, flexibilidade para a participação de mais pessoas, coesão para um certo ordenamento das ações, as negociações sobre o procedimento a ser seguido, a busca por transformações e a distribuição de responsabilidades.

Também houve a emergência de características na direção do diálogo, como as expressões: "o encaminhamento é diálogo, propor uma conversa para pensar junto"; "reflexão, diálogo, sem julgamentos"; "espaço para poder dialogar"; "prestar atenção no que fala, para ver o que está querendo dizer com aquilo"; "abrir para perguntas"; "mais tempo para fazer o diálogo"; "esse ambiente do diálogo, a gente coloca nossas percepções"; "ter um diálogo entre"; "estamos nos entendendo, o diálogo serve para isso"; "compreender o diálogo para além da conversa no *tête-à-tête*, para além das simplificações"; "diálogo também medido pelo o que não é dito"; "capaz de construir o diálogo"; "criar pontes de diálogo"; "tudo vai passar pelo diálogo"; "boas-vindas aos novos participantes, enriquece por demais nosso diálogo"; "sem a participação de vocês não adianta de nada"; "espaço de diálogo, de articulação, e sinergia"; "o Diálogo Florestal é muito baseado nessa interação entre pessoas, possiblidade de olhar olho no olho, de trocar ideias e de construir relações"; "diálogo é isso, tem que ir e voltar"; "o jeito descontraído cria um ambiente democrático, coloca todo mundo em pé de igualdade"; "a participação nas plenárias, sempre com bastante quórum, importante para o diálogo se manter ativo, saudável, de alto nível"; "dialogado de maneira aberta"; "chamar para o diálogo"; "conversarem entre si".

Nestas expressões podemos perceber impressões, manifestadas nos encontros, que contêm características importantes, relativas à possível emersão ou ocorrência do diálogo. Por exemplo, a abertura e a curiosidade contidas na ação interrogativa; a disponibilidade de um espaço de encontro e a noção da importância do 'entre'; a ideia de ser uma proposta para quem estiver disposto(a); a busca por um entendimento, de maneira coerente; o reconhecimento de pressupostos; o tempo e sua relação com presença, acolhimento, confiança e atenção; a importância de escuta e silêncio; o papel da percepção; a passividade e o abrandamento como receptividade para o compartilhamento de significados. Além de percepções importantes, como da diversidade sendo enriquecedora, de interação e construção de relações, de movimento, da espontaneidade, da possibilidade de participação, e de se tratar de um convite.

Por outro lado, a expressão manifestada "obrigado pelo diálogo" pode gerar ambiguidade, se passar uma conotação de agradecimento pela presença do outro e de mistério por trás do que o(a) emissor(a) entende por diálogo. Bem como a expressão "de maneira harmônica", pois pode ser confundida com a falta de hierarquia ou opressão em um encontro, e com um dinamismo contido na harmonia; mas também pode conter uma noção estática, sem tensões e homogeneizadora do processo. A expressão "dialogado de maneira aberta", traz a abertura necessária, ao mesmo tempo que a simplificação da ação realizada, equiparando a uma conversa ou discussão. Por fim, a ocorrência da expressão "a qualidade do diálogo" também pode ser entendida de maneira ambígua. Trazendo, tanto ambições sobre se ter alcançado algum resultado, quanto a manifestação de ocorrência de transformações em quem esteve presente.

Além dessas emergências, ao final de uma reunião, foi pedido para os(as) participantes se manifestarem, a partir de palavras que representassem o encontro e como se sentiam em relação a ele. Surgiram: "diálogo", "respostas", "resultados", "feliz". Estas palavras trazem, tanto ambiguidade, quanto mistura de noções dialógicas. Remetem ao entendimento individual de diálogo, trazem à tona a percepção de um sentimento, e a expectativa de alguma finalidade com o diálogo.

As entrevistas permitiram mais exemplos das noções sobre diálogo. Além de perguntas sobre essa palavra, o domínio discursivo relativo a ela também pode ser percebido durante outros momentos das falas. A seguir demonstro os trechos que retratam estas noções.

Sujeito 1: "para conversar, para chegar em acordos e etc."; "usar ferramentas de diálogo pra tentar resolver as questões mais prementes que você tem numa determinada paisagem"; "princípio de inclusão, de transparência, princípio de você não nominar as pessoas, o que elas estão falando, mas ter uma recomendação geral

de qual a ideia e tal, e isso é uma ferramenta que você tem um espaço seguro pra você trazer as questões e discuti-las"; "o diálogo em si é a ferramenta"; "oportunidade de você trazer as questões sobre o seu ponto de vista"; "e ao mesmo tempo, você vai ter o mesmo assunto, ou a mesma inquietude vista sob outros ângulos e que é trazida por outros *stakeholders*; nesse momento você tem a oportunidade de, dialogando, fazer uma avaliação"; "eventualmente, acontece de você mudar de lado, você conseguir enxergar as coisas sob outros pontos de vista"; "chegar em algum lugar para trazer o seu ponto de vista ou para defender um setor, uma empresa ou algo que a gente faz, só isso não seria um diálogo"; "dispostas a conversar e a planejar de uma maneira mais adequada"; "tirem todos os tampões do ouvido para estarem aptos a dialogar"; "a gente pode construir, no final de tudo, um mundo melhor"; "as pessoas conseguem umas se colocar no lugar das outras e enxergar o que eu chamo de verdade comum"; "onde os objetivos de conservação e produção possam caminhar juntos"; "alinhar interesses econômicos, ambientais e sociais"; "vários interesses"; "um interesse mais puro nessa coisa do mundo melhor"; "tentar achar quais são os pontos comuns de diferentes pontos de vista"; "querer uma coisa ou outra, e é genuíno, é legítimo"; "outras maneiras de atuação, pra que o objetivo final lá, de conservação, ou de um mundo melhor seja alcançado"; "maneiras diferentes"; "no Diálogo, ou no Fórum, elas precisam convergir"; "conflito grande, nesse fórum, de alinhamento e tentativa de entendimento, do papel de cada uma das partes"; "tentar achar pontos em comum"; "assunto ser trazido pra discussão"; "vontade de engajamento"; "sensibilizar"; "pode ser interessante"; "ter dentro do mesmo território esses diferentes interesses, tipo, compartilhados"; "todo esse processo de diálogo, de conseguir conversar"; "mas você tem que começar a pensar do ponto de vista"; "lado de gestão"; "lado de relacionamento"; "algumas características que a gente precisa ter de entendimento"; "capacidade de você conseguir escutar realmente"; "é muito fácil você falar, preparar aquilo que você quer falar e pronto, mas você escutar, as vezes até tentar encontrar pontos em comum onde você chegar naquele ganha-ganha necessário é todo um aprendizado"; "questões de relacionamento"; "consegue caminhar em direção a outros valores pra você construir um valor comum"; "melhorar esse diálogo, essa comunicação e esse entendimento de que juntos a gente pode mudar".

É possível perceber a noção de diálogo como uma ferramenta de comunicação contendo as ações de conversar, discutir e escutar. Que se dá a partir de um ponto de vista, interesses e vontades, e considera os(as) demais participantes. Possui características de gestão, relacionamento e entendimento mútuo. Busca uma criação conjunta de algo comum, por meio de acordos, alinhamento de interesses, em prol de uma mudança e de resolver questões. Precisando de um espaço seguro para avaliar o exposto, com inclusão, transparência e sem nominar pessoas. Sendo necessário estar sensibilizado(a), interessado(a) e engajado(a) para participar.

Sujeito 2: "a definição simples é que são duas ou mais pessoas que conversam sobre algo, uma troca mútua entre duas ou mais pessoas"; "diálogo é um princípio"; "reunir as pessoas para trocar ideias, trocar filosofias, trocar perspectivas, trocar depoimentos"; "progrida de apenas uma troca para um compromisso para onde você realmente está, alguém diz algo, você reage, então você constrói"; "estão sempre nessa troca progressiva, e isso está levando a discussão adiante"; "engajamento verdadeiro"; "troca verdadeira"; "troca produtiva onde temos algumas regras, mas na maioria das vezes, as pessoas se sentem livres para se envolver em uma conversa, verdadeiramente progressiva, sobre questões desafiadoras, muito difíceis e, às vezes, de alto conflito"; "apareça e ouça e diga que estamos aqui para tentar encontrar algumas soluções"; "parar de brigar"; "ter esta conversa tranquila"; "para construir confiança, construir relacionamentos"; "eles têm motivações diferentes, interesses diferentes, então suas razões para o diálogo mudam".

A partir destas declarações, podemos perceber fortemente a noção de diálogo relacionada à ideia de troca, de construção, de necessidade de motivação e de utilização de conversa e discussão como parte do processo de engajamento.

Sujeito 3: "será que a gente consegue resolver isso se a gente sentar para conversar, colocar na mesa e tentar colocar o que tá pegando e negociar isso"; "que começa realmente do conflito, num começa do diálogo 'estamos felizes, vamos sentar para dialogar e ver o que podemos melhorar'"; "esse tipo de planejamento e esse tipo de confiança, vamos sentar, vamos colocar na mesa o que tá acontecendo, vamos tentar procurar os melhores caminhos"; "o diálogo ele começa solucionando essas questões, esses problemas e vai criando um espaço de confiança talvez entre as partes pra se avançar"; "tudo bem a gente aponta o que tem de erro, mas estamos dispostos a realmente escutar o outro"; "o diálogo é democrático, todo mundo que vem aqui tem que estar disposto a discutir temas"; "o diálogo por si só é importante, só da gente tá aqui dialogando, pondo esses temas já é importante, esse é o principal resultado do diálogo é a gente tá aqui, a gente se conhecer"; "não é só o diálogo pelo diálogo, é o diálogo buscando melhorias de fato , buscando influenciar de fato não só o manejo florestal, mas como outras práticas de políticas públicas e de ações na região"; "vamos dialogar sim, vamos pôr tudo na mesa, mas vamos tentar encaminhar, vamos fazer alguma coisa avançar"; "é isso de você poder apresentar a sua perspectiva , o seu ponto de vista de um fato, mas estando de certa forma com ouvido e coração abertos para que o outro lado apresente o dele e você não venha com aquilo definido"; "você está disposto a acolher os outros pontos de vista"; "tem que ter um certo respeito para fluir"; "manter ali o engajamento"; "procurar uma não violência"; "o diálogo não necessariamente precisa ter uma ação, o diálogo por si é isso, mas ele precisa ter esse ouvido atento, esse ouvido acolhedor, de você respirar, uma coisa importante do diálogo é você sempre respirar um pouquinho antes e trazer perspectiva, mas também tentar entender os outros posicionamentos que existem ali naquele grupo".

Estas declarações trazem uma perspectiva de limitação do diálogo, de algo que por si só não gera os resultados esperados. Trazem também algumas características, como conversa e negociação como parte do diálogo, bem como, a necessidade de confiança e respeito. A ideia de conflito e erro como pontos de partida. Também trazem a importância da escuta, da respiração e do acolhimento de diferentes posicionamentos.

Sujeito 4: "diálogo é quando existe uma troca entre as pessoas com escuta ativa, você verdadeiramente ouvindo a outra pessoa, colocando o seu ponto de vista com respeito"; "ele tem pressupostos de escuta ativa, de respeito, porque se não houver respeito, nem escuta ativa não vai ser verdadeiramente diálogo"; "com os princípios do diálogo e elas trabalham juntas para construir algo"; "o diálogo é o vínculo principal para qualquer construção de solução, para um debate, ele é fundamental para que ocorra".

A noção de diálogo nestas frases demonstra as ideias de troca, escuta e respeito. Também o coloca como ligação e ponto de partida para a construção de soluções coletivamente.

Em suma, as noções de diálogo manifestadas por participantes das reuniões e das entrevistas, reforçam que acontece uma mistura de noções de diálogo e a ideia de que se trata de uma palavra com uso plural.

A cena abaixo pode ser um esboço de um processo de encontro virtual do FFSP ao longo dos anos de pandemia do novo Corona vírus. Além das diversas questões relativas a esta pandemia, e que atravessam todos(as) os(as) participantes, cabe ressaltar o fato de a interação virtual ter sido aumentada devido à esta situação.

Imagine: você acorda sabendo que um compromisso te aguarda, se dispõe a se colocar diante de um computador (ou celular) e dedicar aproximadamente duas horas do seu dia para um encontro. Você pode se deparar com pessoas conhecidas e desconhecidas, você é convidado(a) a se apresentar, você percebe que se apresentar consta

de dizer o nome, a formação acadêmica e onde trabalha. Você se abre para ouvir a pauta do dia, e as provocações advindas de quem media a conversa e dos(as) demais participantes. Você se sente instigado(a) ou impelido(a) a dizer algo. Você se distrai. Você retoma a atenção. Você tem diversos pensamentos relativos ao que está acontecendo ali e a todos os outros temas que atravessam sua vida naquele momento. Você pode precisar sair antes. Você pode ficar até o final. Você pode estar ali por obrigação. Você pode estar ali por vontade. Você pode ter tido uma ideia nova. Você pode achar que é mais do mesmo. Você sai com uma nova data marcada, para recomeçar o processo daqui a um mês.

Para interpretar as condições para a ocorrência do diálogo nas plenárias, levei em consideração as seguintes perguntas: qual é a postura interativa dos participantes? Como, e se, as relações sociais estão sendo visadas nesse diálogo? Que informações e/ou ideias devem ser trocadas e de que forma? Como isso afeta os participantes? (89).

A primeira pergunta nos remete à comunicação realizada, essa dimensão interativa permite a investigação de quem comunica e quem não comunica, e como essa comunicação acontece. A segunda, nos indica as conexões, ou separações, que ocorrem, demonstrando a dimensão relacional do encontro. As últimas perguntas revelam a dimensão informacional, podendo elucidar as visões e virtudes presentes no grupo (89).

É necessário perceber as conexões entre pensamentos, sensações e emoções no processo dialógico (4). Nessa questão, as linguagens corporal e verbal dão subsídios para essa percepção. Entretanto, a percepção nas reuniões virtuais fica bastante comprometida. O esforço a partir de minhas notas de campo reflexivas foi em busca de registrar as percepções sobre essas conexões (44). Algumas expressões demonstraram majoritariamente, atenção, reflexão, interesse, preocupação, descontração, dispersão e cansaço.

Levando em consideração que quando interpretamos as interações, o face a face necessário ao inter-humano, bem como a simples conexão de um olhar (34), elas ficam comprometidas nos encontros virtuais. Pois se olha para uma câmera ou uma tela, sem saber se a pessoa para a qual talvez você se dirija está também retribuindo o olhar. Na verdade, é no confrontamento de uma pessoa pela outra, que acontece o desdobramento da esfera do inter-humano, o dialógico.

Durante as reuniões, a maioria dos(as) participantes ficou em silêncio. O que pode ser particularmente importante. Porém, cada pessoa deve estar com disposição de não se esquivar quando algo lhe diz respeito, e quando tem algo a dizer (34). A zona de silêncio também pode significar, positivamente, a confiança no outro (3). Assim, será que o silêncio nas reuniões reflete mais ausência ou presença compreensiva? Reflete mais esquivamento ou confiança?

O fato de toda fala ser para o grupo inteiro, acaba influenciando o processo de conhecimento e confiança, necessário ao diálogo. As emoções que porventura emergem em um confronto de ideias podem não ser identificadas. Muitas vezes, resta somente, o tom de voz para essa interpretação, quando há fala. Às vezes há reação no *chat*, ou silêncio dos(as) demais. Entretanto, as emoções sempre estarão presentes, mesmo que não sejam pautadas ou percebidas. Assim como questões culturais, que foram assimiladas por cada participante, por meio das vivências pessoais.

A maior parte dos(as) participantes sempre manteve suas câmeras desligadas. Às vezes, abrindo durante a apresentação individual inicial, para alguma fala, ou ao final para a despedida. A interpretação da linguagem corporal fica mais comprometida quando não é possível ver a outra pessoa. Quando abordamos somente a percepção visual, como seria voltar-se para o outro quando não se sabe para qual direção está olhando? Por outro lado, as câmeras desligadas podem auxiliar no despojamento da aparência.

Estes desafios, parecem agravar a tendência autocentrada quando se dirige a palavra a alguém. Será que a palavra está sendo proferida de maneira aberta para a contribuição do outro? Quem sabe é somente uma maneira de se auto afirmar, em suas próprias convicções?

Além de questões capacitistas, que consideram por exemplo a fala, a escuta e a visão, outras tantas surgiriam sobre os desafios de percepção e consideração do outro.

Apesar de não haver restrição de assuntos em um grupo dialógico, os(as) participantes devem conhecer-se, confiar e compartilhar entre si (4). A não ser por vivências prévias, ou por outros espaços de interação, as reuniões virtuais não parecem oferecer a possibilidade de entrosamento. A ressalva se dá nos minutos iniciais, nos quais algumas pessoas conversam informalmente sobre algum assunto.

Pensando sobre relações sociais, outra questão a ser notada, são os papéis sociais presentes nos encontros do fórum, que podem ser considerados como obstáculos ao diálogo (27). O fato de cada pessoa ser uma representante de uma instituição, complexifica o processo. Pois, estarão presentes tanto as aparências pessoais projetadas, quanto as almejadas pela organização participante. E torna-se necessário, para o diálogo acontecer, o despojamento das aparências para o encontro das essências.

Diferenciar o que é, do que parece ser, no papel de representantes de empresas, ONGs e instituições de ensino e pesquisa, pode permitir identificar se: é a pessoa, a instituição, ou ambas que estão presentes? Como se caracterizaria esse 'Eu'? Será que ocorre a autopercepção entre os(as) participantes durante os encontros? Será que há uma percepção em relação à pessoa, ao cargo, ou tudo junto?

O momento de apresentação individual, no início das reuniões, pode ser uma oportunidade para propiciar a autopercepção, mas se restringe a se apresentar como representante. Uma alternativa poderia ser perguntar aos(às) participantes como eles(as) estão chegando para a reunião. Ao final também, poderia ser estimulada a manifestação sobre o encontro, como já presenciei em uma das reuniões. Para além desses momentos, caminhar na direção do diálogo exige uma autopercepção constante, sobre como se reage em relação ao outro.

As pessoas chegam em um grupo com pressupostos e interesses diferentes, portanto, terão que negociar, de alguma forma, para encontrar uma maneira comum de prosseguir (4). Mas esse é somente um estágio preliminar do diálogo, um começo. Muito do que é considerado diálogo, tende a voltar o foco para a negociação e isso também acontece no fórum estudado. É um ajuste mútuo, que caminha na intenção do consenso. Não que isso seja errado, mas, é importante saber, que pode ser apenas o início de uma relação dialógica, ou o impedimento dela.

O tempo de convívio necessário para as pessoas confiarem umas nas outras, deve ser considerado. No FFSP, percebe-se uma mescla de participantes, que são integrantes há vários anos, alguns(mas) que se conhecem de outros espaços e pessoas recém chegadas.

É provável que o comprometimento da interação entre participantes, pode se apresentar por alguns motivos. Como: o tempo estabelecido para o encontro, a pauta que direciona a conversa, as câmeras majoritariamente desligadas e o pouco tempo de fala de cada pessoa - que muitas vezes não passa da apresentação inicial.

Em meio à troca de informações, o diálogo pode ajudar, para que seja trazida à luz, uma outra espécie de consciência coletiva, mas para isso, é preciso que haja tomada de consciência, coletivamente (4). A tomada de consciência coletiva sobre a temática florestal, pertinente aos(às) participantes, poderia ser um diferencial entre o fórum em questão e outros espaços não dialógicos. Para tanto, é preciso que sejam suspensos os julgamentos de cada um(a) e percebidos em conjunto.

Em muitas relações humanas é corriqueiro não enfrentar algo diretamente, conversar sobre certas coisas e evitar as dificuldades (4). A distribuição de tempo nas reuniões do fórum poderia estar revelando isto? Cerca de 10/15 minutos são para a chegada e apresentação das pessoas, por volta de 90 minutos para alguma exposição de temas escolhidos, e aproximadamente 15/20 minutos para perguntas e comentários.

Neste formato, parece predominar o caráter monológico, que pode levar à imposição de verdades e de um falar para si mesmo. O que pode ser observado pela fala predominante de poucas pessoas e pela dispersão de alguns(mas) participantes. Outra interpretação possível, para este formato, se relaciona com as manifestações ocorridas com caráter de 'discussão' ou 'conversação técnica'. Considerando que a maior parte do tempo é dedicado ao repasse de informações e à busca de consenso sobre algum assunto.

Em alguns encontros, mais da metade do tempo foi dedicado a apresentações de representantes sobre as atividades de sua instituição, relativas a parcerias e também à conservação da biodiversidade. Em um fórum, como o estudado, é importante a divulgação de ações dos(as) participantes, bem como a disponibilização de informações para melhor entendimento das atuações e possíveis cooperações. Entretanto, cabe ressaltar, a diferenciação de nuances entre atitudes propagandistas (de imposição) e atitudes educativas (de abertura).

Por exemplo, quando há mais tempo para interações e mais participação das pessoas, sobre os temas apresentados, existe um caráter educativo na proposta. Isto permite a abertura, para possíveis transformações de quem apresenta, de quem interage e até do conteúdo apresentado.

Por outro lado, quando há mais tempo para a difusão de conhecimentos, existe um caráter impositivo, gerador de pouca interação. Deste modo, influenciar alguém em seu modo de pensar e de viver pode se dar de duas maneiras: imposição e abertura. A primeira, faz com que o outro perceba como um entendimento seu o resultado psíquico da ação imposta, que apenas foi liberado por aquela influência. A segunda, se relaciona com uma vontade de encontro com o outro e incentivo do que em si reconhece como certo, como uma possibilidade (34).

A atitude propagandista, então, se relaciona mais com a maneira impositiva de influenciar, na qual se busca conseguir adesão do outro para seus objetivos. Em contraponto, a atitude educadora reconhece as pessoas presentes, nas quais o certo está instalado de maneira singular em cada uma. Cabe a quem comunica apenas propiciar uma abertura do que é certo e ajudar a desenvolvê-lo. Para haver diálogo, nenhuma das partes pode querer se impor ao outro (34). Aí percebemos a íntima relação da ética com a postura educadora.

Portanto, é válido nos perguntarmos: quais as demais intenções das apresentações? Em que medida os comentários, as sugestões e as perguntas ao final das apresentações propiciam abertura? Em que medida, o tempo maior para uma exposição favorece uma imposição?

Algo interessante a ser pontuado é a potencialidade de cada apresentação ser feita a partir das vivências de quem apresenta, pois, a concretude existencial de cada participante pode fornecer informações mais relevantes para os(as) interlocutores(as) do que o repasse das experiências alheias. Sendo o compartilhamento recíproco de conhecimento gerador do 'Nós' genuíno (3,27).

Perceber a afetação de cada sujeito passa pelas oscilações de presenças entre a assiduidade de participantes e a permanência na reunião, com variações entre quem chegava após o início e quem saia antes do término. Algo que pode ser visto como um indicativo, relativo às necessidades dos(as) participantes, que influenciam a dinâmica do FFSP.

Apesar de acontecerem pelas manhãs, o fato de ocorrerem no final da semana e de serem geralmente ininterruptas, pode ter levado a uma atenção mais intermitente, devido ao cansaço dos(as) participantes. Eu mesma me dispersei diversas vezes, e não somente por esse motivo. Considerando que, "se todos(as) ficarem atentos(as),

surgirá um novo tipo de pensamento" (4). Quais seriam os pensamentos novos que poderiam surgir para a gestão florestal com a atenção coletiva? O comprometimento da atenção pode ser considerado como desfavorável ao diálogo e mais propício para o monólogo disfarçado de diálogo.

Quando alguém entra num grupo, traz consigo todos os problemas da cultura e da sociedade da qual faz parte, conformando um microcosmo social (4). Perceber isso, possibilita entender o contexto do grupo e do assunto tratado, como, também, compreender a base das necessidades e dos pressupostos que geram conflitos e acordos. Porém, não há um momento no fórum para o exame desse microcosmo.

Algumas características dialógicas foram ainda mais difíceis de se notar uma emergência, ou potencialidade de ocorrência. Como a espontaneidade, a qualidade da comunicação, os sentidos percebidos por cada participante, o conhecimento prévio e posterior aos encontros, a alteração pessoal e coletiva dos(as) participantes, as necessidades fundamentais, a reciprocidade nas interações e a permissão de conflitos. Nas poucas vezes que divergências surgiram, logo se encerravam por posturas polidas, certo constrangimento ou otimização das pautas, pelos(as) próprios(as) participantes envolvidos (as) ou pelo mediador.

Estas ocorrências podem sugerir que houve espaço para discordâncias, o que poderia indicar que o FFSP foi percebido como um espaço seguro. Ao mesmo tempo, elas não foram valorizadas, o que poderia indicar um desconhecimento do potencial dialógico de conflitos acolhidos.

Algo fundamental para se conseguir a suspensão de pressupostos, é tornar a autopercepção possível, como se fosse a criação de um espelho, no qual seja possível perceber os resultados dos pensamentos, e também as intenções por trás deles (4). Esta autopercepção é algo muito difícil de se notar, apenas observando outras pessoas, pois é um processo interno, que precisa ser explicitado para ser notado.

Minha autopercepção também foi colocada à prova todas as vezes. Busquei estar atenta aos meus pensamentos, sensações e emoções durante todos os encontros. Principalmente durante o processo de apresentação da pesquisa, para a pessoa dirigente do FFSP, e na plenária aos(às) participantes (44). Considero esta vivência parte da dialogia da pesquisa, pelo princípio básico de reconhecimento do outro.

De início, pensar na possibilidade da recusa dos(as) participantes em relação à pesquisa, na minha exposição e na minha disposição, para estar aberta a questionamentos e transformações, gerou insegurança. Contudo, olhar para esse rito com o olhar dialógico permitiu a disposição necessária para me adentrar em um encontro imprevisível e, ao fim, satisfatório.

Para ser um processo dialógico, é preciso ocorrer mudanças nas pessoas que participam. As pessoas estão saindo diferentes de como chegaram nos encontros? Estão se comportando de maneira diferente? O fórum não precisa durar para sempre, mas, se propondo a ser um espaço dialógico, é importante que dure o bastante para produzir mudanças.

A duração desse espaço pode se pautar pelo tempo necessário ao amadurecimento do grupo e pelo impedimento da criação de hábitos prejudiciais ao diálogo. Para identificar uma sustentação efetiva do grupo, pode-se perceber o surgimento de pressupostos profundos dos(as) participantes; a emersão de frustação; a sensação de caos; a dúvida se vale a pena estar ali; e o aparecimento da carga emocional das pessoas. Se o grupo seguir em frente, após esses indicativos, algo novo poderá surgir (4).

Parece que os(as) participantes não demonstraram abertura para o questionamento de seus pressupostos fundamentais, ou não houve abertura para essa manifestação, provavelmente, devido à pauta a ser seguida nos encontros e ao curto tempo de duração. Além da globalidade das questões abordadas não ter sido discutida profundamente. Talvez, não houve oportunidade para isso, fazendo com que uma gama de aspectos fosse mantida

inegociável e intocável. Aspectos que, muitas vezes, as pessoas não desejam falar sobre eles (4). Como, por exemplo, questões conjunturais – históricas e situacionais – relativas ao setor florestal brasileiro. Como sua formação, seus objetivos, seus problemas, seus paradoxos, seus aprendizados e suas utopias.

Apesar de poder parecer irrelevante, ou fora de contexto, é importante que o grupo também lide com questões culturais, mesmo que temas pessoais surjam, por estarem interligados. Pois os pressupostos, que influenciam pensamentos e ações, são construídos no âmbito cultural.

O não aprofundamento de questões culturais pode ser exemplificado pela pequena ocorrência de conflitos durante as reuniões, bem como, pela pauta proposta previamente e as temáticas levantadas. É preciso notar que, mesmo que o grupo polarize, não se deve tentar evitar essa situação, nem mudar a opinião de ninguém. Ao final do encontro alguém pode, ou não, alterar seu ponto de vista. É importante se dar conta do que consta na mente das outras pessoas, sem conclusões ou julgamentos, e isso se dá a partir da emersão dos pressupostos (4).

A importância do conflito se dá, em grande parte, por possibilitar a percepção dos pressupostos. Quando alguém se ofende com uma opinião alheia, pode ter várias reações, como uma irritação ou indignação. Ao suspender esses sentimentos ou reações, observando-os, se pode descobrir que havia um pressuposto não percebido, além de facilitar a percepção de outros a partir dele. Assim, os significados poderão ser investigados e disponibilizados para pensamentos, emoções, sentimentos e ações futuras (4).

Alguns momentos propostos em certos encontros possuem potência de abertura e concentração, que podem facilitar a percepção e o compartilhamento de pressupostos. Como os convites para respirações profundas, um sorriso no rosto ou a escuta de uma intervenção musical. Além disso, algo relevante no tocante dialógico foi a presença de poemas nas convocatórias das reuniões (como o apresentado abaixo), enviados por *e-mail*. A poesia pode ser bastante potente na promoção da abertura necessária ao diálogo, por trabalhar com metáforas. Ela vive acima do nível dos sentidos e obedece apenas a linguagem (27). Restam os questionamentos: as pessoas leram os poemas? O que será que mudou com a leitura?

> Falar a partir de ninguém faz comunhão com as árvores
> Faz comunhão com as aves
> Faz comunhão com as chuvas
> Falar a partir de ninguém faz comunhão com os rios,
> com os ventos, com o sol, com os sapos.
> Falar a partir de ninguém
> Faz comunhão com borra
> Faz comunhão com os seres que incidem por andrajos.
> Falar a partir de ninguém
> Ensina a ver o sexo das nuvens
> E ensina o sentido sonoro das palavras.
> Falar a partir de ninguém
> Faz comunhão com o começo do verbo. (90)

O lema proposto a ser cantado ao final dos encontros ressalta dois importantes fatores do diálogo, a participação e a transformação. Portanto, a frase "participação gera transformação" é potente, para instigar e introduzir reflexões sobre o propósito dos encontros. Outra frase cantada ao final da reunião, porém menos vezes, foi "nada muda se você não mudar, sua atitude faz a diferença", que também traz uma potencialidade dialógica, sobre a necessidade de mudança a partir do encontro.

O aprofundamento da implementação desses dois pilares foi propiciado pelo fórum? As pessoas presentes estão realmente participando? Como é essa participação? Ela está gerando transformação? Em quem e em quê? São questões importantes. O momento que parece mais se aproximar dessas reflexões são as avaliações propostas ao final de um ciclo, por proporcionarem mais tempo para as manifestações dos(as) participantes, bem como perguntas sobre as impressões relativas aos encontros anteriores.

Uma reunião me chamou mais a atenção em relação a aspectos que podem possibilitar o diálogo em um espaço de gestão florestal. Ela contou com participantes de todas as categorias que compõem o fórum, inclusive novas pessoas. Em vários momentos, a maioria das câmeras estavam ligadas. Houve maior diversidade de falas e menos tempo de exposição de conteúdo. Alguns momentos foram importantes para a auxiliar na presença, como convites para respiração profunda ao som da flauta e para fazer gestos, para além das palavras, bem como, um intervalo para se movimentar e suprir outras necessidades. A exibição de um caqui, recém colhido, trazendo a presença da floresta e um canto coletivo ao final. Ocorreram falas de agradecimento e satisfação, que permitem a emersão de valores e sentimentos; falas sobre o entendimento do diálogo, que permitem a observação de pressupostos; e perguntas sobre percepção e propostas dos(as) participantes, que permitem abertura.

Em contraponto à premissa de que o diálogo deve funcionar sem líder ou agenda, as reuniões do fórum contam com os dois. Neste caso, a pré-ordenação pode impedir um diálogo (34). Por outro lado, a duração de duas horas dos encontros pode ser um empecilho para romper a barreira da ansiedade, criada por não se saber o que fazer caso não haja direcionamento. Talvez, seja necessário um tempo reservado para que as pessoas a superem e comecem a falar livremente (4).

Cabe a ressalva também de que o diálogo, em si, acontecerá sem ser arranjado de antemão e com participantes capazes e prontos para tal (27). Entretanto, cabe a colocação de que as reuniões previamente marcadas podem possibilitar aos(às) participantes a predisposição necessária ao diálogo, mas que ele propriamente se encontra no inesperado do instante. Portanto, não é a marcação de uma reunião que garante a ocorrência do diálogo, mas ela pode ser vista como favorável a uma possível disponibilidade e disposição para que ele aconteça entre os(as) participantes.

A regularidade é outra questão importante nos encontros dialógicos em grupo, para que a dinâmica se sustente. A periodicidade semanal ou quinzenal poderia permitir que os(as) participantes dependessem menos de quem facilita o processo, ou da ideia por trás da facilitação, rompendo a crença de que não se pode funcionar sem líderes (4).

Apesar de haver periodicidade nas reuniões do fórum, virtualmente ela é mensal. Anteriormente, quando presencialmente, ela ocorria de três a quatro vezes ao ano, durante dois dias e dois períodos inteiros. Contando com momentos mais descontraídos de refeições compartilhadas. Tanto a maior duração, quanto as refeições, podem favorecer a aproximação dos(as) participantes. Porém, o afastamento por muito tempo pode aumentar a resistência inicial. Os encontros presenciais estão sendo retomados duas vezes ao ano em complementação aos virtuais.

Algo crucial que identifica os momentos de conversação técnica, percebidos no fórum, é a decisão a respeito de alguma coisa. A prática de se ater a uma pauta e propor encaminhamentos sobre ela pode ser um empecilho para o espaço vazio, aberto e livre (4) propiciador do diálogo.

Será que um espaço aberto e livre seria interessante para os(as) participantes? Um encontro no qual não se é obrigado(a) a fazer nada, nem chegar a quaisquer conclusões? No qual você sinta que pode falar a qualquer momento, mas, também, que não seja obrigado(a) a dizer nada? Seria convidativa uma possibilidade de a cada encontro o espaço se encher e se esvaziar novamente, sem acumulação (4)?

Para além da existência de um espaço assim, é possível que sejam estabelecidos propósitos de investigação em um diálogo. Dentre as negociações sobre como prosseguir, um grupo pode decidir uma direção investigativa a ser seguida. Contudo, é preciso cuidado para perceber se quando essa direção é atrelada a certos objetivos específicos, o grupo inteiro se ajusta a eles, prejudicando, assim, a manifestação de características dialógicas, como a espontaneidade e a diversidade. Isso, muitas vezes, se relaciona culturalmente com a busca por um trabalho útil.

Todavia, "tão logo busquemos realizar um objetivo ou meta útil, haverá um pressuposto por trás disso e ele nos limitará. Pessoas diferentes verão utilidade em coisas diferentes, e isso causará problemas" (4).

> Uma operação de resgate tem como intuito salvar o corpo que está sendo flagelado e levá-lo para um outro lugar, onde será restaurado. Quem sabe, depois de uma reabilitação, ele pode até seguir operante na vida. Isso partindo da ideia de que a vida é útil, mas a vida não tem utilidade nenhuma. A vida é tão maravilhosa que a nossa mente tenta dar uma utilidade a ela, mas isso é uma besteira. A vida é fruição, é uma dança, só que é uma dança cósmica, e a gente quer reduzi-la a uma coreografia ridícula e utilitária. Uma biografia: alguém nasceu, fez isso, fez aquilo, cresceu, fundou uma cidade, inventou o fordismo, fez a revolução, fez um foguete, foi para o espaço; tudo isso é uma historinha ridícula. Por que insistimos em transformar a vida em uma coisa útil? Nós temos que ter coragem de ser radicalmente vivos, e não ficar barganhando a sobrevivência. Se continuarmos comendo o planeta, vamos todos sobreviver por só mais um dia. (91)

Esta fala suscita questões. A interpretação da vida como algo útil também parte de representações. A maneira de se perceber algo e alguém depende da representação que se faz (4). Qual a representação feita em relação à floresta no FFSP? Como se dá a alternância das atitudes 'Eu-Tu' e 'Eu-Isso' no FFSP? Além do 'Tu' pessoa em relação aos(às) demais participantes acontece o 'Tu' floresta?

Pressupostos comuns em relação à floresta a percebem como fonte de produtos consumíveis e como prestadora de serviços. Neste caso, necessita de proteção. A não suspensão desses pressupostos impede a observação da premissa de utilidade por traz de tal opinião. É importante suspender ideias prévias como essas, para que nem somente as ponhamos em prática e nem as suprimamos em um grupo dialógico de gestão florestal.

Ao se comunicar sobre e com a floresta, tem-se em mente uma percepção sobre ela. Para se atuar sobre algo ou alguém, não se pode simplesmente ter por base a representação abstrata da imaginação. É preciso agir, baseando-se na apresentação concreta e dizer o que verdadeiramente se tem em mente (4,34). Além da problemática de cada indivíduo, quando se pensa em um grupo, lida-se com várias pessoas e várias representações. Um grupo que se propõe a gerir algo em comum, no caso a floresta, precisa de certa maneira equalizar as representações da floresta.

> Ela poderia ser representada como uma fonte de madeira a ser serrada, e apresentada a um madeireiro. Para um artista, ela seria algo que vale a pena pintar. Para alguém que quer fazer uma caminhada, a apresentação seria a de um lugar em que ele pudesse deliciar-se andando. Há incontáveis representações de uma floresta, que a apresentarão de várias maneiras. (4)

Pude interpretar a partir da observação participante e do enunciado no regimento interno do FFSP, que ele tem um propósito técnico, com momentos de monólogo e aspirações de diálogo. Tais classificações partem de um englobamento das noções do que poderia ser um diálogo no senso comum, porém, nesta pesquisa, somente o genuíno é um diálogo.

> *"se for pra gente vir aqui só pra gente conversar, dialogar, tamo fazendo isso, você tá fazendo aquilo, num interessa, não me motiva, eu quero entender se tem um comprometimento do setor em olhar para o que ele ainda tá fazendo de errado e querer mudar, se há um comprometimento do setor da gente olhar pras regiões e vê o que a gente pode junto fomentar, a gente tem que fazer a diferença e não só achar que o diálogo por si só vai trazer a diferença, vai fazer isso acontecer, por que eu vejo que não faz, é bacana um diálogo pelo diálogo é, mas temos que tirar algum resultado prático disso'*[22]

Será que o fato de o fórum ser constituído pelas chamadas pessoas técnicas, trabalhadores(as) das empresas, ONGs e pesquisadores(as), já não induziria o comportamento de conversação técnica? Como transpor

[22] Trecho de entrevista que ilustra o propósito técnico misturado com monólogo e aspirações de diálogo. Podemos destacar a concepção de diálogo aparecendo como sinônimo de conversa. O querer falar sem considerar o outro e ao mesmo tempo esperando chegar em algum lugar. Assim como a vontade de comprometimento e de mudança como necessidade dialógica. Parece haver uma falta de entendimento, ou falta de melhoria no processo dialógico, de que a transformação de participantes e suas ações subsequentes deveria ser inerente quando um diálogo acontece.

essa barreira para a ocorrência dialógica? A inclusão de outros sujeitos e outras formas de conhecimento poderia auxiliar nessa direção?

Trechos das entrevistas coincidem e ampliam conhecimentos teóricos sobre os obstáculos à ocorrência do diálogo e o que a poderia facilitar. Em relação ao que dificulta sua ocorrência, os sujeitos mencionaram: a falta de disposição; falta de interesse; não haver espaços seguros; falta de escuta ativa; vieses inconscientes; falta de verdadeira participação; questões psicológicas; monopolização do espaço; entraves financeiros para a participação; não saber como participar de um diálogo; inequidades no engajamento; hierarquia de poder; marginalização histórica; colonialismo; 'tampões' nos ouvidos; posição formada; não colocar todas as cartas na mesa; falta de sinceridade; falta de todas as partes interessadas; violência; falta de paciência; falta de empatia; desconfiança; aversão entre as pessoas; e falta de planejamento.

Quanto ao que auxilia a ocorrência do diálogo, foi mencionado: técnicas de facilitação; sensibilidade de quem facilita; participação verdadeira; predisposição; respeito; ambiente propício; interesse; inclusão; transparência; espaço seguro; se colocar no lugar dos outros; abertura para buscar um caminho comum; pontos de interesse em comum; grupo heterogêneo; e diversidade de pontos de vista.

Acredito ser importante a transescalaridade para interpretar um fenômeno. Assim, busquei compreender como características dos fóruns, nacional e internacional, podem auxiliar a amplificação da prática dialógica do Fórum Florestal Paulista.

Outras experiências relativas a formatos de encontros referem-se à minha participação como assistente na organização do Encontro Nacional do Diálogo Florestal, comemoração de seus 15 anos, realizado nos dias 22 e 23 de setembro de 2020, e como ouvinte no evento *The Forests Dialogue's 20th Anniversary Book Launch*, realizado virtualmente no dia 1 de dezembro de 2020.

Da mesma maneira que a ideia de interações entre escalas pode ajudar a lidar com a imprevisibilidade no manejo florestal (86), estas participações tiveram o intuito de ampliação do olhar sobre as concepções de diálogo nesses espaços. Estes são instâncias na escala internacional e nacional, respectivamente, que se relacionam com o fórum regional estudado. Pontos importantes em todos esses momentos de imersão, fundamentais em processos dialógicos, foram: observação, percepção, suspensão de pressupostos e familiarização (4).

Foi possível perceber que o caráter híbrido do diálogo como ocorre no FFSP é influenciado pelas outras instâncias, às quais ele se relaciona, considerando a situação pandêmica. Tanto o encontro do *The Forests Dialogue*, quanto do Diálogo Florestal foram virtuais, contaram com mais pessoas 'sem faces', tiveram mais tempo para falas pré-determinadas, do que para interações entre participantes e também objetivaram mostrar resultados alcançados.

Por outro lado, cabe ressaltar que as vivências relatadas por palestrantes, nos eventos, contribuíram para uma maior dialogicidade dos encontros. O evento nacional tentou superar barreiras de participação por meio da possibilidade dos(as) participantes escreverem comentários e perguntas no *chat*[23], além de projetar algumas na tela possibilitando um sentimento de pertença ao encontro. Houve também, previamente, uma assessoria para os(as) participantes em relação às dificuldades de acesso e interação em atividades virtuais.

Ademais, ocorreram expressões manifestadas no evento internacional que elucidam compreensões sobre o diálogo, como: "basicamente se gostavam e isso contribui para o processo"; "boas perguntas são sempre uma boa base para diálogo"; "catalisadores para transformar conflito em colaboração e devastação em prosperidade"; "aprender com os círculos (mesmo fora da comunidade)"; "escutar os outros"; "maneira respeitosa"; "plataforma

[23] As interações no *chat* foram consideradas como dados, juntamente com as falas no microfone.

para tratar as fragilidades"; "ouvir sem competição"; "sem um papel (falar como indivíduos)"; "entender uns aos outros"; "escutar e construir confiança"; "humildade, empatia e compaixão"; "questionar os próprios preconceitos"; "vontade/disposição de escutar"; "estar aberto para o diálogo"; e "inclusão e solidariedade"[24].

Portanto, a própria interação entre as noções de diálogo foi percebida nos três âmbitos do fórum – internacional, nacional e regional, bem como barreiras e aberturas para o acontecimento do diálogo.

É interessante interpretar a mistura dessas noções em relação à metodologia desenvolvida pelo *The Forests Dialogue*. Esta é composta por três fases: engajar, explorar e mudar. A primeira pretende construir confiança entre líderes, a segunda buscar consensos, e a terceira facilitar ações colaborativas. Ao final desse fluxo é feita uma reavaliação e o redirecionamento do trabalho (92).

Dentre as ações previstas podemos identificar as que se assemelham mais a cada tipologia de conversações relacionadas ao diálogo. Grande parte se encaixaria no caráter técnico: identificação de desafio local/global pelo comitê gestor, criação de grupos consultivos; trabalho com parceiros chave locais e internacionais; identificação de problemas chave e linhas de fratura; análise de condições por trás dos desafios chave; identificação de oportunidades para resolver as linhas de fratura; priorização de desafios; identificação das partes interessadas; ações e próximos passos; defesa de políticas baseadas em consenso em todos os níveis; e construção de redes com parceiros para promover soluções colaborativas. Duas ações se assemelham aos outros caráteres: o compartilhamento de informações e perspectivas pelos(as) participantes se aproximou ao monólogo; e a delimitação participativa de escopo do problema se aproximou ao diálogo (92).

É claro que a linha que dividiria essas tipologias é tênue, pois cada ação pode adquirir características de outra, de acordo com as interações entre participantes. Porém, é interessante perceber que, se não for definida uma abordagem dialógica, a maior parte do procedimento pode se dar de outras formas.

A partir das entrevistas foi possível aprofundar as visões sobre as características dos diferentes fóruns.

O Fórum Florestal Paulista é considerado um fórum bastante ativo dentre os regionais e há quem atribua isso às lideranças que estão no FFSP. O fórum consegue trazer temas de interesse coletivo e tem uma estrutura de fazer palestras e conversas sobre temáticas principais. Atualmente, conduz grupos de trabalho e um 'diálogo do uso do solo'. Dentre os altos e baixos dos fóruns – muitas vezes por indisponibilidade de recurso e tempo da organização hospedeira - o FFSP tem um trabalho estável. Realiza reuniões constantes, mantendo o engajamento e um bom fluxo de conversas. Contribui também para discussões de temas importantes para o setor florestal estadual.

O FFSP começou após a iniciativa no estado da Bahia, com o interesse de experimentar como a experiência se dava em São Paulo, considerando sua tradição na produção de florestas plantadas. O início contou com bastante ONGs e uma dinâmica de duras críticas ao modelo de agronegócio. Com o tempo, o grupo foi ficando mais disposto a um diálogo mais franco. Buscaram identificar quais eram os temas de conflitos e temas de convergência, para as ONGs e as empresas colocarem conjuntamente uma energia para melhorar o que era preciso. Por um tempo, não se conseguia chegar em ações como desdobramento dos encontros e esses não tinham muita continuidade. A assiduidade aumentou, juntamente com o entendimento do propósito do fórum.

O número de participantes e a atuação têm crescido. Existe uma demanda e um interesse constante das pessoas para se engajarem no fórum. É percebido um conflito de alinhamento e entendimento do papel de cada uma das partes, algumas vezes, refletido na dinâmica de ataque e defesa. Outra observação feita foi no sentido de algumas organizações buscarem o fórum por algum interesse em fazer projetos e conseguir recursos, por parte das empresas e não necessariamente pelo espaço de diálogo. Um ponto positivo é a visão detalhada de território que o FFSP possui,

[24] Tradução nossa.

em relação às instâncias nacional e internacional, que possibilita um real impacto local. Ele é visto como, praticamente, o único espaço que consegue congregar instituições de vários lugares do estado. Traz também várias visões da questão ambiental, da questão da interação com o poder público, da interação com o setor de florestas plantadas e outros setores.

O Diálogo Florestal foi criado para ser uma organização que trabalha no nível nacional. Ele dá suporte, apoio, e implementa junto com os fóruns regionais a agenda de trabalho. A inspiração para sua criação veio do *The Forests Dialogue*. Em um momento de falta de diálogo e muitos conflitos entre organizações ambientalistas e empresas do setor florestal. Sua busca é ser um ambiente inclusivo, uma plataforma neutra, para suprir a falta de espaços seguros para debate e construção coletiva de soluções.

Atualmente, tem discutido sobre os programas de regularização ambiental e os projetos de recomposição de áreas degradadas e alteradas em decorrência da atualização do Código Florestal. Isto porque se os cadastros das propriedades não são validados, é impedida a conversa sobre produção sustentável. Desde 2017, novos fóruns surgiram ou foram retomados, como o Fórum Florestal da Amazônia e o Fórum Florestal Fluminense. No plano de ação, pretende-se ampliar os fóruns regionais. Os(as) secretários(as) executivos(as) de cada fórum fornecem informações que guiam a forma de funcionamento do Diálogo Florestal.

Pode-se dizer que a necessidade que gerou a fundação do *The Forests Dialogue* foi trazer as pessoas para trocarem ideias e afirmações sobre questões relacionadas às florestas. Houve um progresso, para passar de uma troca para um engajamento, no qual cada pessoa está presente e participa de fluxos de falas, reações e construções. Este fórum busca uma troca produtiva, com algumas regras, ao mesmo tempo que certa liberdade para as pessoas se engajarem em uma conversa realmente progressiva sobre questões difíceis, desafiadoras e às vezes altamente conflituosas. Para isso, considera seu papel dar um formato de processo e criar um ambiente que julgam importante para o engajamento. Geralmente, está presente em uma localidade cerca de uma semana durante um diálogo de campo, para auxiliar a equalizar a situação. No entanto, não consegue mudar desigualdades de poder e problemas no longo prazo. Por isso, se preocupam em esclarecer expectativas e iluminar alguns aspectos, focando em algumas discussões e apoiando outras organizações a encaminharem questionamentos no longo prazo.

Após a Rio 92, a ideia de manejo florestal sustentável se popularizou. Seu significado e sua operacionalização começaram a ser pensados por diversos atores. Antes desse período, o setor florestal geralmente explorava os recursos florestais como queriam. Por volta de 1996, uma iniciativa internacional de uma organização chamada *World Business Council for Sustainable Development* reuniu empresas para falar sobre sustentabilidade no setor privado. Um grupo de empresas florestais estavam presentes. Após o evento, elas decidiram ser proativas sobre o assunto, ao invés de reativas. Contrataram uma consultoria, para auxiliar na redução de conflitos com as organizações não governamentais. A conclusão basicamente era participar de diálogos com boa fé. Comparecendo, ouvindo e falando que estavam ali para encontrar soluções.

Em 1998, o presidente do Banco Mundial – por querer financiar empresas florestais, considerando algo bom para o desenvolvimento dos países - decidiu reunir as grandes ONGs e empresas florestais para conjuntamente falarem sobre o que estava acontecendo e como iriam resolver. A principal iniciativa proposta foi criar uma plataforma de diálogo independente. Um dos conflitos no momento era em torno da certificação florestal. Como consequência, foi criado o *The Forests Dialogue* e houve uma expansão para incluir, como participantes, pequenos produtores e proprietários florestais familiares. O secretariado do fórum começou a operar em 2000, sediado na Universidade de Yale.

Tive a oportunidade de participar presencialmente do diálogo de escopo sobre restauração ecossistêmica, entre os dias 31 de janeiro e 1 de fevereiro de 2023 na cidade de New Haven, Connecticut, Estados Unidos. A vivência no evento do *The Forests Dialogue* permitiu a expansão do campo para a tratativa de outros problemas reais e uma experiência corporal mais ativa.

Minha observação se deu como ouvinte e auxiliando nas anotações do evento, que gerariam um relatório. O evento foi organizado pela equipe do TFD, composta pelo diretor executivo, diretora associada, administradora do programa, discentes associados - que trabalham dez horas por semana para o fórum - e membros do comitê gestor. Os objetivos eram: construir um entendimento coletivo das perspectivas e preocupações das partes interessadas, deficiências de conhecimento e pesquisa, e prioridades relacionadas ao papel do setor florestal na restauração de ecossistemas; identificar áreas de acordo, desacordo e linhas de fratura; contribuir para remover barreiras e aumentar a escala de restauração de ecossistemas, de maneira colaborativa globalmente; e definir oportunidades de diálogo, para guiar mudança e promover aprendizados em locais específicos por meio de diálogos de campo e nos níveis regionais e globais.

A definição de objetivos, prévios a um encontro que se propõe dialógico, pode ser vista como uma maneira de diminuir os conflitos decorrentes da falta de acordos. Por outro lado, o surgimento de necessidades absolutas, em relação à temática, é uma possibilidade de aparição de conflitos. Portanto, eles são inerentes a um processo dialógico.

A necessidade de um entendimento objetivo sobre o assunto do encontro revela características da conversação técnica já mencionada. Para além dos propósitos anunciados pelo evento, para ser dialógico é preciso ouvir os diversos pontos de vista, colocá-los em suspensão e conjuntamente perceber seus significados.

A estruturação do evento buscou trabalhar os objetivos escolhidos. No primeiro dia a agenda foi composta por:

- café da manhã e registros de participantes;
- plenária de abertura com boas-vindas e introdução, apresentação sobre a mesa redonda prévia sobre restauração, e apresentação do artigo elaborado sobre a temática e abertura para questionamentos;
- pausa para um café;
- primeira sessão a respeito de perspectivas sobre o setor florestal e a restauração de ecossistemas, perspectivas compartilhadas das partes interessadas, e discussão em grupos sobre o papel das várias partes interessadas na restauração, as barreiras, os desafios e as deficiências;
- pausa para o almoço; relato sobre a primeira sessão e reflexões da plenária;
- segunda sessão com foco no setor florestal privado e a restauração de ecossistemas, discussão em grupos sobre os papéis do setor florestal privado e experiências com iniciativas de restauração, barreiras, desafios e deficiências;
- pausa para outro café;
- relato sobre a segunda sessão e reflexões da plenária;
- reflexões do dia como um todo;
- e convite para um jantar dos participantes.

A agenda do segundo dia constou com:

- café da manhã;
- resumo do comitê gestor sobre o primeiro dia e discussão com a plenária;

- pausa para o café;
- terceira sessão sobre áreas de concordância e discordância, e discussão em grupos;
- pausa para o almoço;
- relato sobre a terceira sessão e reflexões da plenária;
- pausa para outro café;
- quarta sessão sobre priorização e caminho adiante, discussão em plenária sobre oportunidades, necessidades, interesses e locais para um diálogo de campo;
- e encerramento.

Quero destacar a ocorrência dos momentos de discussão e de refeições, previstos na programação. A escolha da palavra 'discussão', que remete à divisão e à unilateralidade na comunicação, pode interferir no que se pretende propiciar. Um momento previsto para maior interação, como discussões em grupo, pode acabar muitas vezes não favorecendo a ocorrência do diálogo. Por outro lado, as pausas para as refeições acabam permitindo que a 'não agenda' facilite interações espontâneas.

Uma grande preocupação que surgiu durante o evento, foi sobre a definição de alguns termos. Pude presenciar a necessidade da 'investigação temática', quando se pretende a comunicação sobre qualquer tema. Questionamentos sobre o que seria o setor privado, se categorias além das empresas - como pequenos produtores, seriam consideradas; sobre engajamento de partes interessadas, quais conhecimentos estavam sendo privilegiados, e como envolver populações locais que já desenvolvem atividades de restauração; e a própria definição de restauração. Chegou-se a explorar opiniões e buscar um consenso sobre as definições, mas o tempo foi limitado para se avançar com a programação.

O evento contou com 27 participantes, para além de organizadores, representantes de diversas instituições, em grande parte empresas e organizações não governamentais. A proposta do TFD é que os(as) participantes estejam presentes como indivíduos e não como organização. Entretanto, isso é difícil de notar, considerando que os posicionamentos feitos se misturam nas vivências pessoais e organizacionais. Ao mesmo tempo, propor essa postura de ante mão parece ser um avanço na direção dialógica.

Em relação à mistura das noções de diálogo, foi possível perceber: os momentos monológicos, tanto de apresentação de informações quanto de falas sem abertura; o caráter principal de conversação técnica, pela delimitação de agenda, objetivos e condução de discussões para determinados fins; e os potenciais de diálogo, nas interações entre participantes, nas perguntas, na busca por entendimento comum de definições; momentos de escuta; e compartilhamento de significado do encontro e principais aprendizados.

A partir das entrevistas, obtive informações relevantes sobre os sujeitos envolvidos na pesquisa e a abertura primordial para possibilitar a ocorrência do diálogo. As vertentes interpretativas, mencionadas anteriormente, permitem um embasamento para se compreender a disposição de alguém e seus pressupostos, como pré-requisitos dialógicos. Saber as histórias do sujeito e da sociedade à qual pertence e o contexto que o levam a se dispor ao diálogo, bem como seus diagnósticos e prognósticos, possibilita considerar o outro em sua subjetividade e em relação a algo ou alguém. O cruzamento dos dados desses sujeitos é um caminho para também se pensar como cada escala pode amplificar a prática do FFSP.

"Tive essa felicidade de trabalhar com as árvores"[25]

As trajetórias que levaram esses sujeitos à busca dialógica no setor florestal passam por:

- o interesse em conhecer e entender diferentes racionalidades e formas de pensar de acordo com distintos temas;
- a vontade de trabalhar com conservação da natureza;
- a familiaridade com a temática econômica e de certificação florestal;
- a busca por uma neutralidade que desse voz a diferentes pontos de vista;
- temáticas emergentes como gênero e paisagens;
- ativismo pela proteção e preservação das florestas;
- a ameaça sobre ecossistemas florestais;
- o interesse por entender cientificamente os motivos do desmatamento;
- a integração de valores;
- humanos serem parte da floresta e das decisões sobre ela;
- o aprendizado com plataformas de múltiplas partes interessadas;
- raízes rurais e ligação com a terra;
- gestão de pessoas;
- lida com questões ambientais e sustentabilidade;
- vontade de construir um mundo melhor;
- enxergar uma verdade comum;
- alinhar interesses econômicos, ambientais e sociais;
- contato com a natureza;
- trabalho com conscientização e capacitação ambiental;
- experiência com florestas plantadas;
- e trabalho com prefeituras e conselhos.

"Falo minha verdade, mas eu não quero saber a do outro, isso tá errado e num quero saber qual é o seu ponto de vista"[26]

Historicamente algumas situações favoreceram essa abertura para buscar o diálogo, como:

- a implementação da certificação florestal;
- muitos conflitos entre as organizações;
- a necessidade de um espaço seguro para debate e construção coletiva de soluções;
- a pressão por manejo florestal sustentável;
- a noção de diálogo como maneira de buscar soluções;
- polarização entre empresas e organizações não governamentais ambientais;
- iniciativa do banco mundial para reduzir os conflitos;
- cobrança sobre o setor florestal privado;
- comunicação reativa às demandas sociais;

[25] Trecho de entrevista sobre trajetória pessoal. Além de felicidade, outros sujeitos mencionaram amor e paixão em suas experiências.

[26] Trecho de entrevista sobre o histórico do FFSP.

- erros do setor florestal;
- impactos do processo produtivo florestal;
- demanda por planejamento;
- instituições em municípios com setor florestal mais presente;
- e falta de continuidade de encontros.

"A gente, ao mesmo tempo, tem ainda uma cobertura vegetal expressiva, especialmente na Amazônia, mas que constantemente é ameaçada, ainda há muita supressão de área de vegetação nativa e grande parte ilegal"[27]

O contexto florestal, que traz indícios de disposição e pressupostos para o diálogo, passa por:

- mudanças climáticas;
- desafios de implementação de metas e objetivos globais e locais;
- desmatamento ilegal;
- insegurança fundiária;
- desconhecimento sobre os territórios;
- fiscalização reduzida;
- cenário complexo de comando e controle;
- expansão de degradação de biomas brasileiros;
- definições legais;
- aplicação do Código Florestal;
- vantagem para quem age incorretamente;
- pessoas marginalizadas nas tomadas de decisão florestal;
- restauração de ecossistemas florestais;
- proteção florestal;
- mercado de carbono;
- crescimento da população humana;
- medidas econômicas barrando produtos de áreas desmatadas;
- instrumentos de mercado;
- dimensão internacional das florestas;
- necessidade do setor florestal se diversificar;
- consideração da Amazônia;
- sustentabilidade com a floresta em pé;
- e pouco investimento privado e público.

"Ainda haverá conflitos em questões florestais, isso não tenho dúvidas, haverá novos chavões, daremos um novo nome a algo que vínhamos fazendo, que vai acontecer, mas acho que a forma como nos envolvemos continuará a evoluir"[28]

Em relação aos pressupostos sobre como está o setor florestal e o que veem pela frente, os sujeitos identificam:

- um desenvolvimento dos fóruns;

[27] Trecho de entrevista sobre contexto florestal.
[28] Trecho de entrevista sobre prognóstico.

- uma melhoria da governança;
- possibilidade de melhorar na comunicação e no entendimento de mudança conjunta;
- entendimento do arranjo de forças nos territórios;
- instrumentos de planejamento da paisagem;
- trazer outras instituições e outros setores para os espaços de diálogo;
- compartilhar diferentes interesses nos territórios;
- novos temas em pauta;
- forte pressão para reduzir a pegada de carbono;
- apoio ao engajamento;
- retomada dos fóruns;
- e demanda crescente e um interesse constante das pessoas em se engajarem nos fóruns.

Inesperadamente, pude participar da 18ª sessão do Fórum sobre Florestas das Nações Unidas (UNFF) entre 8 e 12 de maio de 2023 na cidade de Nova Iorque, Estado Unidos. Acho relevante incluir essa experiência aqui, por se tratar também de um fórum que reúne pessoas para tratar de assuntos florestais.

Durante a participação na 18ª sessão do UNFF, alguns aspectos chamaram mais a minha atenção. Logo no início, as florestas foram referidas como um meio para um fim, ou seja, para combater as mudanças climáticas e gerar renda. Em um fórum sobre florestas, acredito que esse ecossistema deveria ser visto de várias maneiras, especialmente, como tendo valor intrínseco. Outro ponto a ser destacado foi a saída da representante da Seção Econômica após o discurso de abertura. É curioso notar o quanto os aspectos econômicos dos usos da floresta foram discutidos ao longo do evento, enquanto a representante da entidade econômica pareceu não estar disponível para essas discussões.

Em termos de ambiência, provavelmente o mais próximo de uma floresta na reunião era a madeira na sala de conferências. Os demais atributos desse ecossistema não estavam presentes nem mesmo através das pessoas que vivem dentro dele. Dos nove grandes grupos, que incluem povos indígenas, apenas cinco estiveram presentes durante o evento - e em alguns dias. Eu fazia parte dos representantes da infância e juventude. Essa falta de representação da sociedade civil, de forma mais ampla, afeta a forma como os temas são abordados. As barreiras à participação foram relacionadas aos custos do atendimento e ao conhecimento sobre o processo para poder participar plenamente com intervenções. A importância da diversidade, para uma abordagem dialógica, ficou a desejar.

Apesar do objetivo de ser uma reunião técnica, a maior parte do tempo foi dedicada a declarações gerais, sobre as ações de cada país ou organização presente. Apenas alguns painéis e declarações tiveram um aspecto mais técnico. No entanto, alguns comentários foram relacionados a compromissos políticos, sobre o plantio de árvores que, por vezes, não atendem às realidades locais de recebimento e manutenção dessas árvores.

Às vezes, a palavra diálogo era usada, mas não pude notar a ocorrência de encontros dialógicos no evento oficial. O propósito já era técnico e na maioria das vezes ocorriam monólogos, como declarações ou apresentações. Podemos pensar que a leitura de dados e informações sobrepostas poderiam ser entregues em relatórios, ou outros tipos de compartilhamento. Enquanto a reunião poderia ser utilizada para envolver os mais de cem representantes internacionais em conversas significativas sobre experiências locais.

É importante ressaltar que as palavras escolhidas nesses eventos influenciam os projetos que serão financiados. Portanto, os participantes podem se sentir responsáveis por orientar o financiamento, em vez de apenas discutir se há financiamento suficiente disponível. Não só as palavras afetam o acesso ao financiamento, mas também os objetivos deste e a burocracia dos processos envolvidos.

Além das diferentes declarações sobre financiamento, outras discrepâncias foram observadas entre os países, mostrando aspectos divergentes críticos, que poderiam ser abordados na sessão, reconhecendo as necessidades absolutas e os conflitos presentes. Surgiram alguns, que permitiram uma abertura maior ao questionamento de pressupostos. Porém, foram contidos em decorrência do tempo de fala para cada participante.

Por fim, discussões como industrialização e ações em larga escala me pareceram contraditórias, com relação às também mencionadas soluções baseadas na natureza, pois um dos requisitos básicos sobre o que a natureza usa como solução é tempo e condições para se regenerar. A meu ver, aspectos mais dialógicos.

Processos voltados para financiamentos exteriores dificultam a inclusão de conhecimentos indígenas e instituições locais. Além de passar a mensagem de que o que foi feito localmente não é suficiente, podendo criar um ciclo vicioso causando dominância centralizada. Governos e iniciativas internacionais são uma parte essencial das unidades de governança, mas se dominam as tomadas de decisão por financiamentos ou pela força, a efetividade de organizações locais diminui drasticamente. Um sistema efetivo de governança precisa de múltiplas escalas, mas cada uma com sua particular contribuição. Instituições locais e de maiores escalas podem aprender, ensinar e contribuir, com compartilhamento de informações confiáveis e conhecimento científico (87).

Considerando a característica de plataforma multisetorial, referida anteriormente, e as experiências nacional e internacional, às quais se relaciona, inclusive a das Nações Unidas, talvez o fórum estudado tenha um objetivo de ser um espaço de engajamento. Entendendo este conceito como o esforço de compreensão e envolvimento das partes interessadas em suas atividades e seus processos de tomadas de decisão (93). Sendo o diálogo uma parte desse engajamento.

Entretanto, pelo foco desta pesquisa ser o diálogo, observo que os esforços de compartilhamento de informações e planejamento de ações acabam abafando a ocorrência do diálogo propriamente. Os significados expostos do que é considerado 'diálogo' na pesquisa, e suas potencialidades, acabam muitas vezes não ocorrendo.

Faço um paralelo com a definição de natureza, como sendo um canal de informação, se manifestando assim 'por meio da linguagem'. Este canal pode ser subdividido em três: genético, ecológico e cultural (94). Considerando o genético como transmissão de estruturas replicáveis, vemos a etapa de compartilhamento de conhecimentos. Considerando o ecológico como a interação, vemos a etapa dialógica. Considerando o cultural como movimento, transmissão do aprendido por atividade, experiência e levado à continuação, vemos a etapa da ação.

O enfraquecimento do papel dialógico do fórum, a meu ver, não só debilita os resultados das outras etapas de engajamento, como as influencia, de modo que se mantenham na esfera da objetificação da floresta, sem considerar seus complexos aspectos como sujeito.

Se considerarmos uma etapa informativa mais voltada para o aspecto científico moderno e objetivo, a etapa dialógica deveria cumprir o papel ético e subjetivo, para, combinando ambas, chegarmos à etapa de prescrição normativa de como agir. Quando não temos um encontro dialógico pleno, isso compromete a influência que pode ser gerada pelo grupo gestor.

Considerando as características mencionadas dos fóruns, nacional e internacional, de se proporem a ser um espaço para além de dialógico, podemos refletir sobre elas adicionando a lente da abordagem integrada orientada para problemas, visando auxiliar a amplificação da prática dialógica do Fórum Florestal Paulista.

Esta abordagem permite a identificação de informações presentes e faltantes, a organização delas de maneira coerente, uma avaliação dos posicionamentos racionais, políticos e morais de participantes e a construção de novas perspectivas, programas e políticas (5). Ações proveitosas para um fórum de engajamento.

A abordagem opera com cinco perspectivas. Elas ultrapassam um objetivo dialógico, se é que podemos falar assim, mas todas estão embebidas em características dialógicas que as permitirão se realizar. Cabe aqui ressaltá-las dentro de cada uma. A primeira é o esclarecimento de pontos de vista, a segunda é a orientação para o problema, a terceira é o processo social, a quarta é o processo de decisão e a quinta são as premissas básicas (5).

Dentro da primeira está a definição do 'Eu' presente. A autopercepção sobre perspectivas e pressupostos é essencial no encontro dialógico, pois é o que permite abertura e suspensão dos julgamentos, para que se esteja presente e para que o outro se faça presente.

A segunda, seria aquela onde a confusão mais acontece, bem como o foco dos fóruns. A racionalidade sobre um problema, na forma de programa ou política por exemplo, se baseia nos conceitos de objetivos, tendências, condições, projeções e alternativas. Buscando as alternativas dentro das tendências, condições e projeções que melhor atendem aos objetivos (5). Neste caso, vemos mais presentes as modalidades monólogo, para se trazer informações, e conversação técnica, para tomar decisões. O que exige estrutura e auto-organização. Digamos que é a definição do 'Isso'.

A terceira trata dos sujeitos envolvidos na situação, suas perspectivas e contextos. Aqui se percebe a interconectividade de tudo e que todo significado depende de seu contexto. É o momento de se compreender as identidades, expectativas e demandas, bem como os valores envolvidos, a situação, estratégias e possíveis resultados e efeitos (5). Juntamente com a quinta, podemos dizer que é a definição do 'Tu'. Pois aí entram as relações com crenças, visões de mundo e paradigmas. Novamente envolvendo pressupostos e memória.

A quarta perspectiva dá lugar aos conflitos e às incertezas. O encontro de diversos sujeitos e interesses afeta as decisões e as reconciliações, permitindo emergências e adaptações. É o momento do 'entre'.

A necessidade por tomadas de decisão é o propósito mais comum de se buscar o diálogo, o que pode levar muitas vezes à conversação técnica. Isso se dá, por exemplo, pelo fato de se precisar de entendimento mútuo para se decidir algo conjuntamente. Entretanto, o que mais arruína uma possibilidade de ocorrência de diálogo, e atrapalha decisões, é a confusão de se juntar esses processos. Mesmo que o FFSP se proponha a alcançar decisões coletivas, para que as verdadeiramente difíceis aconteçam, é preciso que a abordagem dialógica perpasse esse objetivo[29] (26).

A ocorrência do diálogo nunca se dá de maneira meramente técnica, ou como exercício deliberativo. Sempre se aprofunda em relação a convicções e valores fundamentais. Os paradoxos presentes na crise ambiental demandam mudança no *status quo*, o que não é possível sem desconforto. É melhor que sentimentos e julgamentos venham à tona em um espaço dialógico do que aleatoriamente em debates e discussões com outros propósitos (26).

Quero destacar que, mesmo em um processo mais amplo, que parece ser o que busca o FFSP, o diálogo precisa acontecer, pois é o que conecta e permite que a responsabilidade por um determinado tema se forme. Mesmo

[29] O diálogo visto como fim, ou a busca por determinado resultado, pode confundir a costumeira espera por um resultado controlado e previsível e o novo que advém da transformação gerada em um encontro dialógico.

que o engajamento em suas diferentes formas seja o objetivo do FFSP, é o diálogo que permite a relação entre os(as) participantes e contribui com seus julgamentos, ao invés de apenas proporcionar análises de informações (26).

Com isso, "encontrar maneiras de gerir florestas para facilitar consequências desejáveis e evitar as indesejáveis, apesar da incerteza, deve ser o objetivo principal da pesquisa florestal" (74 tradução nossa). Para tanto, uma construção de cenários que examina uma gama de futuros possíveis deve substituir as expectativas preditivas (74), recorrentes no setor florestal.

Assim sendo, se tratando de um estudo de caso com pessoas, a relação dialógica entre elas é essencial, mas não suficiente. Desse modo, a seguir iremos aprofundar nas possibilidades de relacionamentos e relações com a floresta. Para melhor compreendermos a gestão florestal, e suas possibilidades dialógicas e complexas.

5. EU-FLORESTA

> Entretanto, no momento em que o Eu da relação se pôs em evidência e se tornou existente na sua separação, ele se dilui e se funcionaliza de um modo estranho, no fato natural do corpo que se distingue do seu ambiente e deste modo descobre a egoidade. Somente então pode surgir o ato consciente do Eu, a primeira forma da palavra-princípio Eu-Isso, a primeira experiência egocêntrica: o Eu que se distanciou, aparece então como o portador de suas sensações das quais o meio ambiente é o objeto. Sem dúvida isto acontece sob forma primitiva e não sob forma teórico-cognitiva, porém, a proposição: "eu vejo a árvore" é proferida de tal modo que ela não exprime mais uma relação entre o homem-Eu e a árvore-Tu, mas estabelece a percepção da árvore-objeto pelo homem-consciência. A frase erigiu a barreira entre sujeito e objeto; a palavra-princípio Eu-Isso, a palavra da separação, foi pronunciada. (3)

Um dos grandes desafios para o diálogo acontecer é a fragmentação do pensamento (4). Este comportamento deu base ao paradigma hegemônico de ciência e propicia o apego às certezas. Porém, as verdades, consideradas certezas, são também construções socioculturais e situadas historicamente (2). Por isso, é de suma importância refletirmos sobre as raízes histórico-culturais da relação entre pessoas e florestas nesta pesquisa.

A floresta é um sujeito composto, que habita o planeta Terra há milhões de anos. Ser mutante, que se adapta mudando suas características de acordo com as condições do meio. As comunidades vegetais abriram caminhos para o surgimento de muitas outras espécies, dentre elas a espécie humana.

Apesar do surgimento do *homo sapiens* ser diretamente relacionado aos ambientes de savana (11), a presença anterior e concomitante de fitofisionomias florestais permeia a adaptação dessa espécie. Assim, a relação entre um ser humano e uma floresta é algo intrínseco a sua história e sobrevivência. Criou-se então uma interação recíproca, na qual o que um ser realiza afeta o outro e vice-versa.

As florestas são essenciais para a vida no planeta Terra, desde a transformação da energia radiante em química, passando pela organização ecológica e propiciando transformações culturais e econômicas. As florestas também são permeadas por processos simbólicos e de significação cultural, por princípios éticos e valores não mercantilizáveis (14).

O uso do ambiente natural é um fato biológico, pois a vida, inclusive humana, depende dessa relação de utilização do ambiente. A questão ética entra em jogo quando consideramos o significado e valor desse uso, e nossas relações com a natureza. Aí aparecem os julgamentos sobre as ações (20).

A dependência humana em relação às florestas perpassa vários aspectos, como a necessidade por abrigo, combustível, alimento, oxigênio, dentre outros. Este relacionamento objetivo priorizado no ocidente encontrou pouso na ciência reducionista e nos modelos desenvolvimentistas ao redor do mundo. Este comportamento, acentuado nos últimos séculos, exacerba a postura perante a floresta como 'Floresta Isso'.

"Natureza é para ele ou um *état d'âme,* portanto uma "vivência" em si próprio, ou um objeto passivo de conhecimento, idealisticamente dotado de alma ou realisticamente alienado, ela não se transforma para ele numa palavra, a ser apreendida por meio da contemplação e da sensibilidade" (34).

O mundo do 'Isso' faz parte da existência humana, pois somente se pode ordenar o 'Isso'. Assim, se estabelece um relacionamento. Esta atitude é objetificante e é fundada na experiência e no uso. O contato estabelecido é com um objeto manipulável (3). Por essa razão, para se usufruir dos bens proporcionados pelas florestas, se recorre ao relacionamento que permite uma otimização de processos para sua utilização.

Um grande paradoxo se instala pelo reconhecimento de que "sujeito e objeto são indissociáveis, mas nosso modo de pensar exclui um ou outro, deixando-nos apenas livres para escolher, conforme os momentos do dia, entre o sujeito metafísico e o objeto positivista" (39).

O papel do ser humano nesse relacionamento é como um 'Eu' que experiencia e conhece. A floresta como um 'Isso' é defrontada como um objeto, não se considerando sua alteridade. Sua totalidade é vista como uma mera soma das partes (3).

A partir deste relacionamento que se estabeleceu a Engenharia Florestal, campo do conhecimento composto de disciplinas para o entendimento e atuação sobre as florestas, visando instituir uma gestão racional de um recurso que se degrada rapidamente (79). Por um lado, conhecer as partes da floresta é importante, mas sua totalidade se comporta pela relação entre elas.

O método científico pode ser caracterizado como o desenvolvimento humano mais pleno do relacionamento 'Eu-Isso', que também é visto como sujeito-objeto, e dita uma maneira de se conhecer o mundo (27). Uma das razões de predominância desta maneira, propiciada pelo desenvolvimento das ciências, advém da necessidade de sobrevivência em certos ambientes (6). Consequentemente, a ordenação científica moderna da natureza necessita da repressão, observação e do servir-se da floresta para alimentar seu reino de causalidade (3). Por exemplo, as denominações atuais de recursos naturais e florestais, e serviços ecossistêmicos contêm em si o domínio do 'Isso', pois carregam a conotação de algo a ser usufruído.

Além disso, ferramentas de mercado como os pagamentos por serviços ambientais correm o risco de simplificar relações complexas. É muito difícil estabelecer direitos de propriedade para muitos aspectos da biodiversidade. Uma posse completa de aspectos de sistemas complexos biológicos implica no poder de controlar o acesso e o uso a certos bens naturais levando ao uso privado, alienação e até mesmo destruição desses bens (87).

Mesmo que os mecanismos de conservação, baseados no mercado, busquem superar a separação entre pessoas e natureza imposta pela modelo tradicional de conservação, eles acabam reforçando essa mesma divisão por meio da promoção da lógica capitalista de criar separações (95). Inclusive a ideia de uma sustentabilidade dividida entre aspectos sociais, ambientais e econômicos. A própria certificação florestal se baseia nessa ideia e está ligada, de alguma maneira, ao surgimento do fórum pesquisado.

A conversão de processos ecológicos e simbólicos em capital natural, humano e cultural, para que sejam incorporados ao processo de reprodução e expansão econômica apenas reestrutura as condições de produção para uma gestão economicamente racional do ambiente, sem mudanças estruturais nos processos. Tudo se reduz a um valor de mercado e códigos do capital (14). A desvinculação com a floresta e a destruição da vida em geral pode advir da abstração da realidade concreta e da negação da diferença, concretizada na postura de alguém que conhece um objeto passivo (27).

Concomitantemente ao pensamento reducionista está a capitalização da natureza, que codifica em termos econômicos todas as formas de ser. A crescente irracionalidade produtiva gera um manejo ecológico e energético ineficiente, além de crescentes custos ambientais. Todos os valores e potencialidades ambientais não são passíveis de tradução em preços de mercado e uniformização, nem abarcados meramente em cálculos energéticos (14).

> A reintegração da natureza à economia enfrenta o problema de traduzir os custos de conservação e recuperação numa medida homogênea de valor. A valorização dos recursos naturais está sujeita a temporalidades ecológicas de regeneração e produtividade que não correspondem aos ciclos econômicos e a processos sociais e culturais, e que não podem reduzir-se à esfera econômica. A internacionalização dos custos ecológicos e das condições ambientais da produção implica, assim, a necessidade de caracterizar os processos sociais que subjazem ao valor da natureza. (14)

O relacionamento exclusivo 'Eu-Isso', que possibilita a mensuração de custos ambientais e a valorização dos recursos naturais de maneira objetiva e quantitativa, não basta e não se sustenta. É preciso incluir uma relação capaz de abarcar os valores intrínsecos, os ecológicos, as percepções culturais, os direitos comunais e outros interesses sociais em relação às florestas (14).

> Desde a origem da civilização ocidental a separação do ser e do ente que opera o pensamento metafísico preparou o caminho para a objetivação do mundo. A economia afirma o significado do mundo na produção; a natureza é coisificada, desnaturalizada de sua complexidade ecológica e convertida em matéria-prima de um processo econômico; e os recursos naturais tornam-se simples objetos para a exploração do capital. Na era da economia voltada para a ecologia, a natureza deixa de ser um objeto do processo de trabalho para ser codificada em termos do capital. Mas isso não devolve o ser à natureza, apenas a converte em uma forma de capital – de um capital natural -, generalizando e ampliando suas formas de valorização econômica. (14)

A falta de diversidade na relação com as florestas é ilustrada pela introdução de monoculturas, facilitada pelas técnicas agrícolas para exploração comercial, que acabou substituindo práticas tradicionais de aproveitamento múltiplo das florestas (14). No histórico brasileiro esse comportamento é de longa data, desde a monocultura de cana-de-açúcar instalada no Nordeste em tempos coloniais.

O Brasil, por ser uma potência florestal e, ao mesmo tempo, ter grandes problemas ambientais e socioambientais, revela mais um paradoxo. A visão de caminhões carregados de troncos pela estrada e incêndios avassaladores desperta um incômodo geral na população, mídia e governantes. Entretanto, tal desconforto por vezes não gera reflexões e associações sobre a causa dos desmatamentos, muito menos ações efetivas para a solução dos mesmos. Tampouco traz considerações sobre o uso de produtos madeireiros e não madeireiros que poderia advir do manejo sustentável, ou sobre a diferenciação do papel do fogo quando parte de queimadas controladas.

O modo de vida das pessoas no Brasil, majoritariamente urbano e capitalista, gera pressões como a exploração ilegal de madeira e o desmatamento para produção de outros bens. Por outro lado, os diversos usos da floresta fazem parte da história da humanidade e são imprescindíveis para sua sobrevivência. Porém, somente a proteção de algumas florestas intactas para a destruição total de outras já se demonstrou inviável, devendo-se expandir a compreensão da rede de processos sociais e políticos envolvidos na proteção da biodiversidade (96).

Se preocupar com a biodiversidade é também considerar a importância de manter sistemas complexos em múltiplas escalas temporais e espaciais (87). Portanto, reconhecer a importância das florestas biodiversas e manejá-las responsavelmente é um desafio e uma necessidade para a manutenção da vida.

Importantes escritores brasileiros fizeram o esforço de caracterizar o Brasil colonial e imperial, e sua formação como país, retratando a origem de trato da terra em forma de latifúndios de monocultura agrícola (97–99). À primeira vista, tudo aqui era desequilíbrio, uma terra de excessos e deficiências, o solo era visto em grande parte como rebelde à disciplina agrícola, os rios eram outros inimigos da regularidade do esforço agrícola. Os matagais vistos como quase impossíveis de aproveitamento econômico, bem como locais de insetos e vermes nocivos ao ser humano (97).

Ao mesmo tempo que era visto como positivo o não esforço pela abundância de produtos espontâneos, por outro lado condenava-se essa pujança pelas formas de vida vegetal e animal vistas como danosas. Consideradas como inimigas de toda cultura agrícola organizada e do trabalho sistemático e regular. Apenas em parte, a biodiversidade e as águas foram encaradas como prestadoras de funções civilizadoras, por exemplo facilitando a comunicação fluvial entre as regiões. Muitos dos colonos que se tornaram grandes proprietários rurais não tinham amor pela terra ou gosto pela sua cultura (97).

Em contraposição à agricultura indígena, que era vista como plantações espaças de mandioca, amendoim, além de um ou outro fruto, a iniciativa particular foi responsável pelas grandes plantações no Brasil. Predominava no regime escravocrata o latifúndio e um desenvolvimento que não foi sem custos para suas fontes naturais de nutrição e vida. A monocultura latifundiária, principalmente de cana-de-açúcar, mesmo após a abolição da escravidão, persistiu em alguns pontos do país, ainda mais esterilizante e absorvente do que no regime anterior (97).

O sistema de lavoura estabelecido se deveu à ânsia de prosperidade sem custo, e, em sua maioria, a fixação de um colono sem zelo carinhoso pela terra. A pujante vegetação florestal era vista pelos colonizadores como obstáculo, por dificultar o manejo de resíduos durante a produção (98). Prevalece, ainda hoje, a percepção da floresta nativa como entrave à produção e ao lucro, devido aos desafios com maquinários e otimizações de processos.

Um traço importante da relação com a terra é que o colono veio para o Brasil como empresário de um negócio rendoso, um dirigente de produção, e não como trabalhador (99). A colônia era uma vasta empresa comercial, "destinada a explorar os recursos naturais de um território virgem em proveito do comércio europeu" (99). A grande propriedade monocultural foi feita para a exploração agrícola em larga escala. A agricultura tropical, tendo como único objetivo produzir alguns gêneros de grande valor comercial e muito lucrativos, sempre foi voltada para o exterior e meramente fornecedora do comércio internacional. A civilização aqui iniciada com a colonização tem como nervo econômico a agricultura (99).

Os colonos queriam se servir da terra como usufrutuários, apenas para a desfrutarem e a destruírem. O predomínio do ruralismo foi antes uma escolha dos colonos do que uma imposição do meio. As plantações foram feitas a partir das queimadas de mata virgem como recurso, sem a ocorrência de outros métodos de desbravamento, nem mesmo o confronto do rendimento de um hectare por outros processos foi considerado (98). Porém, a enxada também foi utilizada, pois alguns estavam convictos de que o arado e o fogo podiam destruir um solo florestal. "A lavoura entre nós continuou a fazer-se nas florestas e à custa delas" (98).

Em busca de propriedades naturais do solo, a mata densa desaparecia pelo fogo. Além deste objetivo, a destruição da floresta também acontecia pelo consumo descontrolado e indiscriminado de lenha. A falta dela era um dos motivos mais comuns para o abandono de um engenho, pois este contava com os recursos naturais abundantes do entorno para sua produção, por exemplo com as reservas de um solo virgem protegido pela exuberância da vegetação (99). "A devastação da mata em larga escala ia semeando desertos estéreis atrás do colonizador, sempre em busca de solos frescos que não exigissem maior esforço de sua parte" (99).

Foi com o advento da ciência florestal no século XVII na Europa que o plantio de árvore em larga escala realmente começou. As primeiras plantações florestais foram estabelecidas para restaurar lugares previamente florestados, para satisfazer um crescente apetite por madeira seguindo a revolução industrial. Plantações de uma espécie arbórea parecia o jeito mais simples de alcançar rapidamente resultados desejados (86).

Com a necessidade por produtos madeireiros tendo explodido desde o século XVIII, silvicultores foram rápidos em adotar espécies arbóreas exóticas de rápido crescimento em diferentes partes do mundo (86).

A história florestal brasileira também pode ser contada considerando as florestas plantadas. O reflorestamento da Tijuca e a revegetação de morros fluminenses no século XIX, e o reflorestamento em São Paulo, com caráter econômico no início do século XX, são exemplos de registros da influência humana na composição da vegetação (100).

Nos anos 40, o eucalipto já estava difundido no estado de São Paulo, e após a transição das máquinas movidas à lenha para o diesel, esta árvore passou a ter outras utilidades, como a produção de celulose e papel, e painéis de madeira. Os plantios de árvores da Companhia Paulista de Estradas de Ferro tiveram o objetivo de produzir lenha, dormentes e postes. Espécies nativas foram testadas e eram adequadas, mas o crescimento era lento. Iniciou-se então os testes com eucalipto para fins produtivos, e no final dos anos 50, o Brasil era o país com as plantações mais extensas dessa cultura. Também na década de 50 foram feitas experiências com coníferas, em especial *Pinus elliottii*, e mudas dessa espécie foram fornecidas para plantios particulares (100).

Os anos 60, com grande expansão industrial, trouxeram sobrecarga para as florestas naturais de araucária, por serem homogêneas. Seu crescimento demorado excluiu a possibilidade econômica de sua recomposição e continuidade de uso em massa. O surgimento da indústria da madeira no país descartou as florestas tropicais nativas por serem muito heterogêneas e de difícil acesso. O bom rendimento, a homogeneidade, a trabalhabilidade, o rápido crescimento, e a menor incidência de pragas e doenças do eucalipto chamaram a atenção para sua utilização em larga escala (100).

Em 1961 o Brasil já possuía 560 mil hectares de plantações de eucalipto, e 80% estavam no estado de São Paulo. Espécies do gênero Pinus também começaram as ser plantadas no Brasil desde os anos 20. Seus usos variam entre extração de resina, produção de celulose, fabricação de móveis, chapas e placas (100).

Muitos motivos, desde deficiência técnica até aplicação de recursos, levaram reflorestamentos a ficarem abaixo das expectativas, em qualidade e quantidade, e se tornarem um problema para o setor, principalmente nos cultivos para a produção de carvão e lenha. Havia dois tipos de projetos de reflorestamento, os verticais e os coletivos. Os primeiros eram de empresas que utilizavam os produtos da floresta como matéria-prima, e os segundos permitiam a captação de incentivos de outras empresas para formar florestas. Os projetos coletivos muitas vezes foram destruídos pela ação de formigas, do fogo ou pela falta de manejo adequado (100).

A indústria de celulose e papel começou a se desenvolver no país nos anos 50, por meio de estímulos do governo, e se beneficiou de florestas nativas, principalmente a araucária, e da grande demanda de países compradores. Nos anos 70 ganhou força com o Programa Nacional de Papel e Celulose. A celulose proveniente do eucalipto era novidade na época e aos poucos o país ganhou reconhecimento como fornecedor mundial. O setor tem competividade externa por ter alta produtividade dos reflorestamentos, matéria-prima de qualidade e baixo custo de mão-de-obra. Esta indústria é somente baseada em florestas plantadas (100).

Atualmente no Brasil, os principais segmentos da indústria com base florestal são celulose e papel, madeira sólida (serrada, painéis, móveis, carvão vegetal e lenha), resinagem, borracha natural, castanha-do-pará, babaçu e erva-mate. O uso múltiplo dos recursos florestais ainda é incipiente, restrito ao uso da madeira para construção civil, ferramentas, embalagens, utilização industrial e medicinal de resinas e princípios ativos. Além desses usos que são subutilizados, existem também outros indiretos, como mel de abelhas e criação de animais, bem como fins recreativos e coleta de outros alimentos (100).

A maior parte das remessas de madeira serrada para o exterior é proveniente da região amazônica, nas últimas décadas tem-se buscado uma substituição gradativa pela madeira proveniente de áreas plantadas (100). Tratando-se de região amazônica e de usos múltiplos das florestas, cabe mencionar o manejo indígena realizado desde antes do 'descobrimento' até os dias de hoje.

Acredita-se que os humanos estão presentes na Amazônia há pelo menos 13.000 anos, sendo consenso que humanos modernos são construtores de nichos e engenheiros de ecossistemas. Entre 5.000 e 3.000 anos atrás essas populações amazônicas se tornaram mais sedentárias e com isso sua subsistência passou a depender da produção de alimentos. (101).

A maioria das plantas que foram domesticadas é perene, árvores e palmeiras, e por isso o processo de domesticação levou bastante tempo, chamado de arboricultura. Combinada com ele, ao contrário da visão conhecida de agricultura, o que existia na Amazônia era a horticultura, o cultivo de jardins. Arranjo conhecido como sistemas agroflorestais. Séculos de cultivo geraram a chamada terra preta de índio, um solo antrópico, rico em nutrientes, constituinte de sítios arqueológicos em várias regiões da Amazônia e sinal de anos de interação entre humanos e floresta (101).

O fogo não foi uma ferramenta apenas utilizada pelos colonos. Ele sempre foi utilizado pelos indígenas. Entretanto, esse uso se baseia na escolha de certos locais e no respeito ao tempo de regeneração da vegetação. Onde a vegetação seca com mais facilidade, onde se aproveita clareiras abertas naturalmente, ou onde há potencial de abertura com a aceleração da queda de árvores. Assim é possível manejar e expandir gradualmente a clareira para uso. A dinâmica antiga e ainda presente é de clareiras transformadas em roças, e estas em sistemas agroflorestais, que podiam, e podem, amadurecer como florestas antropogênicas (101).

Voltando à maneira classificada como ocidental de trato com a florestas, instituições e legislações foram criadas ao longo do tempo para regulamentar e incentivar as atividades florestais. Por exemplo, o Código Penal de 1890 mencionava superficialmente as florestas, aplicando penas ínfimas a quem provocasse incêndios (100).

Já o Código Civil transparecia que as florestas não eram um bem econômico passível de proteção. A Constituição de 1891 limitava-se a transferir a legislação sobre florestas aos estados. Em 1921 foi criado o Serviço Florestal do Brasil no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, para produção de mudas e pesquisas, sem poder de fiscalização ou abrangência nacional. O primeiro Código Florestal é de 1934, abrangia matas nacionais e particulares, e visava regulamentar a exploração vegetal (100).

A Escola Nacional de Florestas foi criada em 1960 e instalada em Viçosa, Minas Gerais, e posteriormente foi transferida para Curitiba, Paraná. No mesmo período, uma nova versão mais abrangente do código florestal foi aprovada em 1965. Dentre as mudanças, o novo código exigia a reposição florestal em todos os estados brasileiros e a utilização de espécies exóticas nestes plantios. Em 1966 houve a aprovação da lei de incentivos fiscais, e com ela as empresas podiam abater até 50% do valor do imposto de renda para investir em reflorestamento. Logo após, em 1967 houve a criação do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal. Com esses acontecimentos, os anos 60 contribuíram significativamente para o desenvolvimento florestal do país (100).

Apesar de já existir o manejo de florestas nativas, após todos esses eventos, o reflorestamento tornou-se uma atividade em larga escala no país. Hoje o setor de florestas plantadas ocupa cerca de 9 milhões de hectares, sendo 6,97 milhões de plantios de eucalipto e 1,64 milhão de plantio de pinus. Além de 0,39 milhão de hectares de outras espécies, como seringueira, acácia, teca e paricá. Esses plantios fornecem matéria-prima para uma variedade de produtos, como madeira, papel, celulose e biomassa (16).

Em decorrência da legislação, o setor conserva cerca de 5,9 milhões de hectares em áreas de Reserva Legal (RL), Áreas de Preservação Permanente (APPs) e Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPNs). O plantio em mosaico é uma técnica que permite a formação de corredores ecológicos e um melhor fluxo gênico das espécies entre as florestas nativas e plantadas. A adoção de sistemas voluntários de certificação também melhora as condições socioambientais dos plantios, pois exige o cumprimento de quesitos sobre manejo responsável. Cerca de 7,4 milhões de hectares manejados de plantios comerciais são certificados[30] no país (16).

Geralmente, os plantios são feitos em áreas degradadas ou com pastagens de baixa produtividade (16). Porém, é importante ter uma visão crítica sobre os benefícios e malefícios das instalações de plantios, pois o argumento principal é que as florestas nativas não foram cortadas nesses lugares, mas há casos em que elas poderiam ser regeneradas. Outro alerta para além do uso de espécies exóticas é a possibilidade de uso da modificação genética de árvores, que cada dia ganha mais espaço.

Há uma longa história de conflitos com empresas do setor florestal, inclusive tendo em vista as populações que ocupavam as áreas de plantio ou do entorno. Um exemplo é o caso da Aracruz no Espírito Santo que durante sua instalação suprimiu matas nativas, dentro de um modelo de implantação de espécies exóticas em

[30] Seguem padrões que visam assegurar a origem, o manejo responsável e a rastreabilidade dos produtos.

detrimento da fertilidade dos solos, expropriando ilicitamente populações rurais e indígenas e ocupando terras com aptidão para o cultivo de alimentos, gerando também impactos negativos para a fauna local (102). Estes e outros conflitos foram a motivação para a criação dos fóruns referidos nesta pesquisa.

Considerando tudo isso, plantações são mais prováveis de contribuir positivamente para a biodiversidade quando realmente estabelecidas em áreas previamente degradadas, ao invés de ecossistemas naturais, e quando usadas para reduzir a pressão em florestas naturais, ou para trazer rapidamente alguns importantes elementos estruturais faltantes (86).

A semelhança entre o monocultivo de cana e de árvores não é pouca, talvez por isso as florestas estão sendo vistas cada vez mais como parte do agronegócio do que como da natureza. "A produção de cana-de-açúcar e de florestas plantadas são casos particulares onde setores geram diversos produtos, dentre eles etanol e biomassa, além de produzir energia com subprodutos que contribuem para reduzir impactos do processo produtivo" (103).

Além do mencionado papel das florestas, ou árvores como indivíduos, comercialmente, elas também assumem formas imaginárias, e muitos atores sociais, como povos tradicionais e pesquisadores, a interpretam. Todavia, muitos políticos e economistas consideram a floresta como um empecilho ao desenvolvimento nacional. Tendo valor econômico apenas como solo, nutrientes e espaço, após a derrubada para o agronegócio ou extração mineral (101).

Adicionar as florestas à agricultura convencional parece um caminho antigo considerando a trajetória de formação do país. Assim mantém-se a exploração da terra, nos moldes latifundiários e monoculturais, ao mesmo tempo que se agrada os clientes cativos internacionais. "A nossa economia se subordina inteiramente a este fim" (99). Além de se adequar o plantio florestal aos moldes monoculturais, a agricultura em larga escala também segue tomando o espaço das florestas nativas por meio da expansão da fronteira agropecuária, aumentando o desmatamento principalmente após 1960 (14).

Ao longo das últimas décadas o país caminhou na direção de um setor florestal mais organizado e atuante, bem como na pesquisa e no investimento em espécies exóticas e nativas. Entretanto, o modelo em sua maioria segue latifundiário, monocultural e voltado para demandas externas. Exclusivamente fixado no relacionamento 'Eu-Isso' com a floresta.

Como visto, a exploração predatória das florestas brasileiras existe desde o início da colonização do país. Em 2022, houve o crescimento do desmatamento em 64,0% da formação florestal no Brasil, em relação ao ano de 2021[31]. O desmatamento ilegal, principalmente na Amazônia, persiste até os dias de hoje e a monocultura de árvores exóticas triunfa na indústria florestal. Os outros biomas vêm sofrendo cada um à sua maneira a devastação crescente. Será que o manejo responsável e biodiverso, há muito empreendido por populações tradicionais, e ainda pouco estudado nas escolas de Engenharia Florestal, terá vez ou continuará como casos isolados?

Já existem iniciativas como o plantio em consórcio com outras espécies nativas, o plantio em mosaico, o manejo da floresta nativa em pé, a utilização de produtos não madeireiros e outras práticas mais biodiversas. No entanto, a mentalidade de usufrutuário permanece nos empreendimentos florestais, e a visão do menor esforço contribuiu para o atraso de compreensão de uma floresta.

Mesmo quando incluída a biodiversidade nas pautas atuais, ela "não surge apenas como multiplicidade de formas de vida, mas como zonas de reservas naturais (...) que hoje estão sendo valorizadas por sua riqueza genética, por seus recursos de ecoturismo e por sua função de coletora de carbono" (14).

---

[31] De acordo com dados do MapBiomas. Disponível em: <https://mapbiomas.org/desmatamento-nos-biomas-do-brasil-cresceu-223-em-2022>. Acesso em 16 de junho de 2023.

A floresta é um sistema complexo, composto por seres animados e inanimados, materiais e imateriais, como plantas, animais, microrganismos, minerais, diversas substâncias químicas e suas interações entre si. As manifestações públicas de legislações e instituições acompanharam os movimentos progressistas e conservadores de entendimento e utilização da floresta. Porém, se observa ainda hoje uma manutenção da mentalidade colonial, com o objetivo de desfrutar e destruir.

O grande problema de se converter florestas tropicais em agricultura intensiva, ou plantações de árvores monoespecíficas, além das mortes individuais, é que se reduz a diversidade funcional da floresta e se ameaça os benefícios ecossistêmicos necessários à sobrevivência humana e mais que humana (86).

As condições socioecológicas incertas pedem o reestabelecimento de florestas nativas e o desenvolvimento de novas plantações florestais que sejam: mais diversas em termos de espécies e estrutura; melhores integradas na paisagem com outros elementos florestais; integrantes de sistemas agroflorestais, e mais capazes de se adaptar às rápidas mudanças das condições sociais e ambientais (86). Bem como integradas às distintas cosmologias dos povos locais.

A base ética que sustenta o modo predominante tanto de exploração como de preservação das florestas é o utilitarismo. Entretanto, os argumentos utilitaristas que justificam decisões políticas sobre a proteção ambiental podem ser prejudiciais para a preservação, pois eles consideram apenas a satisfação de necessidades humanas. Sendo esta satisfação a medida da bondade ou do valor moral da ação. Porém, as necessidades humanas e as ambientais não são necessariamente as mesmas ou sempre compatíveis quando incluídas as vontades e os desejos das pessoas. As limitações apresentadas pelas circunstâncias e desejos humanos em um certo período não são um bom sinal para o argumento preservacionista a longo prazo (20).

Apesar de a visão utilitarista considerar a utilidade futura, se algo será melhor *a posteriori* como critério de bondade e valor moral, isso geralmente ignora no cálculo moral as propriedades históricas que uma entidade possui e como ela se tornou quem ela é. Outra questão é a percepção de utilidade, pois se alguém não acreditar que tal ecossistema satisfaz suas atitudes e sentimentos pode pensar não ser importante preservá-lo. Além do mais, no cálculo utilitarista, a satisfação obtida pela preservação de algo ou alguém deverá superar as satisfações produzidas pela não preservação de entidades naturais, resultando em uma preservação com valor secundário e relativo, e solicitada apenas como política social (20).

Muito desse comportamento explorador se deve à fragmentação proporcionada pelo pensamento moderno, especificamente a maneira positivista dominante e convencional de se entender o conhecimento e a solução de problemas, que reforça o antropocentrismo, o materialismo e a instrumentalização da natureza e de outros humanos (5). Isso prejudicou o entendimento da ligação entre as partes, que é indispensável para a compreensão do todo. Pois, a realidade é constituída de conexões e relações de interdependência entre o todo e suas partes (6). A sucessão florestal é um exemplo da estrutura relacional em uma floresta, a qual permite o surgimento de espécies a partir das condições criadas por outras.

Ao invés de avaliarmos o valor moral de uma ação pelas consequências que satisfazem necessidades e desejos humanos, e até de seres mais que humanos, podemos considerar as qualidades intrínsecas de uma ação e determinar que tipo de valores são manifestados. Abrindo espaço para o questionamento sobre qual universo moral deve ser criado. Somente quando a preservação do mundo natural for vista como uma política de ação intrinsicamente boa, ao invés de um meio para um tipo de satisfação, a política ambiental será explicada e justificada (20).

Precisamente pela necessidade de compreensão das interrelações, em contraposição, e em complementariedade à ciência reducionista, existe a complexidade. Ela visa atuar nos limites do outro tipo de pensamento, considerando as partes dentro de um contexto maior, em múltiplas escalas de organização, além de incluir variabilidade, diversidade, mudança contínua, adaptação, imprevisibilidade e respostas às mudanças das condições externas (86).

A distância, predominante na ciência positivista, é o pressuposto para a relação, precedendo as posturas perante o mundo. A intenção 'Eu-Isso' alarga e engrossa a distância, e, portanto, a objetificação do outro, podendo às vezes se tornar um caminho de volta para a relação entre sujeitos ou obstruir o retorno. Este aumento da distância nos leva a considerar os outros seres somente como objetos observáveis e exploráveis (27).

Pensar o histórico florestal não seria possível sem um elemento de estabilidade que instituísse uma organização. Por outro lado, se ficarmos apenas na ordem não há inovação, criação e evolução (39). Dentro do pensamento ocidental, a partir do Romantismo, a natureza também foi vista para além da ordem de um elemento decorativo e reconheceu-se sua desordem nas propriedades como substância, bem como sua influência benéfica sobre os seres humanos (6).

Uma ética ambiental que nos ajude a lidar com a complementariedade da relação objeto e sujeito com a floresta pretende mostrar que metas exclusivamente centradas em humanos não são capazes de justificar políticas ambientais. Assim, o valor intrínseco das entidades naturais pode ser usado para limitar ou mapear a abrangência apropriada de valores instrumentais. Uma pluralidade de valores práticos, como diversidade e beleza, contribui para o bom funcionamento de um ecossistema (20).

A filosofia ambiental precisa ser informada pela ciência ecológica, e vice-versa[32]. Não uma ciência de princípios abstratos, mas uma que analisa problemas concretos. Não existe bem em si mesmo, o bem existe em situações no mundo real. A não ser que conheçamos o mundo, não podemos julgar nossas ações como boas ou ruins. Por isso, as posturas objetivas, sobre o uso da natureza, e subjetivas, sobre a reflexão desse uso, surgiram com a espécie humana e precisam caminhar juntas para permitir a continuidade de nossa espécie (20).

Colocar-se diante de uma coisa ao invés de se confrontar com uma subjetividade, no fluxo da ação recíproca, pode desfavorecer os conflitos decorrentes dos confrontos e evitar o encontro e suas sínteses criativas a partir das diferenças. O ser humano não pode viver sem o 'Isso', a distância proporciona essa situação, mas quem vive apenas nesta postura não é humano (3,27).

> Em épocas mórbidas, acontece que o mundo do Isso, não sendo mais penetrado e fecundado pelos eflúvios vivificantes do mundo do Tu, não passando de algo isolado e rígido, fantasma surgido do pântano, oprime o homem. Nele o homem, contentando-se com um mundo de objetos, que não lhe podem mais tornar-se presença, sucumbe. Então, a causalidade fugaz, intensifica-se até tornar-se uma fatalidade opressora e esmagadora. (3)

Portanto, partindo da relação entre humanos e floresta, por que não transformar a dicotomia que engessa e destrói em dualidade que permite a existência?

> [...] existe, sem dúvida, uma reciprocidade do próprio ser, uma reciprocidade que não é senão o Ser. Aquela totalidade viva e a unidade da árvore, que se recusam ao olhar mais perscrutador daquele que só se limita a explorar mas que se oferecem àquele que diz Tu, estão presentes quando o homem está presente; ele permite à árvore manifestá-las e, pelo fato de ser, a árvore as manifesta. (3)

[32] Uma ciência sem ética é uma ciência que ignora que a moral está sempre presente e que as ações técnicas poderão seguir sem questionamentos.

É preciso estar presente para que a floresta se manifeste. Não existe gestão florestal sem a presença dos humanos que a julgam compreender. Invoco aqui a necessidade da plena participação de pessoas-sujeito em espaços de gestão para que haja abertura de entendimento e consideração da floresta-sujeito.

Tendo discutido a relação da floresta como um objeto, um 'Isso', pretendo abordar sua possibilidade como sujeito, pois "o inacabamento sem a consciência dele engendra o adestramento e o cultivo" (1). Assim, a falta de uma consciência do inacabamento de um ecossistema florestal não estaria na mente humana moldada pelo paradigma ocidental moderno?

A reciprocidade e a confirmação mútua permitem que o encontro aconteça entre 'Eu' e 'Tu', não existindo o 'Eu' em si, mas se tornando em função do 'Tu'. A partir desse instante estamos em relação e passa a existir sempre a possibilidade de um novo encontro dialógico (3).

Quando chamamos um outro de floresta, terra-floresta, mãe-terra, podemos reconhecer sua alteridade essencial, na medida em que há uma irredutibilidade deste outro a um objeto passível de determinações e experimentações. No mundo do 'Tu' há presença, reciprocidade, totalidade, imediatez, fugacidade, subjetivação e incoerência no espaço e no tempo (3).

Uma 'Floresta Tu' é uma totalidade para além de suas partes, "assim como a melodia não se compõe de sons, nem os versos de vocábulos ou a estátua de linhas – a sua unidade só poderia ser reduzida a uma multiplicidade por um retalhamento ou um dilaceramento" (3).

Estudos recentes discordam do que por muito tempo se acreditou na sociedade ocidental, que as plantas não podem reagir à nossa ação sobre ela, não podendo assim retribuir (3). Sendo as plantas capazes de compreenderem a si mesmas e o ambiente, comunicando entre si e traduzindo informações em movimentos, além de reconhecerem outros organismos como bactérias, fungos e animais, incluindo humanos (104).

Toda vida existente se dá no encontro e, consequentemente, no confronto com um outro ser vivo e atuante. É esbarrando neste ser independente e oposto que existe um mundo (3,27). Portanto, quanto mais diversidade em contato mais universos podem surgir, bem como limites e conflitos.

Já se pode afirmar que a floresta é um sistema complexo adaptativo. Sendo um sistema dinâmico e não linear, com propriedades complexas, dinâmica transitória e incerteza sobre seu comportamento futuro (86). O que nos leva a caracterizá-la não somente como um objeto a ser analisado, mas também como um sujeito a ser compreendido. Como uma floresta poderia ser sujeito, um 'Tu'? Sua subjetividade emerge quando auto-organização, individualidade, autonomia, complexidade, incerteza e ambiguidade se tornam características próprias (39).

Um sujeito apresenta um comportamento, uma maneira de agir, a floresta se comporta como um sistema complexo adaptativo. A teoria dos sistemas traz fundamentos como a interação, que implica reciprocidade e modificação; a totalidade, na qual o todo não se reduz às partes e permite a emergência de qualidades; a organização, que arranja as relações e gera uma nova unidade; e a complexidade, que tem variedade de relações e componentes (6).

O reconhecimento das florestas como complexas permite aceitar que elas se adaptem e se auto-organizem a partir das novas condições criadas por meio das ações humanas. O manejo florestal convencional muitas vezes está ligado à ordem e à previsibilidade, enquanto que a abertura para um manejo de múltiplos objetivos, mesmo que contraditórios, pode abrir para um paradigma menos controlado e focado. O que é necessário em um mundo de crescentes incertezas e que exige mais flexibilidade na gestão das florestas (86).

O questionamento da dominação da natureza como ideia central, subjacente ao pensamento colonial moderno, é fundamental para o enfrentamento da atual crise ambiental. Uma nova cultura ambiental necessária se

direciona para a diversidade, para o diferente, para o outro (14). É a interação com o outro que torna um sistema complexo, a partir dela existe emergência, retorno e ligações entre escalas. As interações entre espécies podem ser descritas como uma rede na qual espécies individuais são os nós e as interações são as ligações e os limites (86).

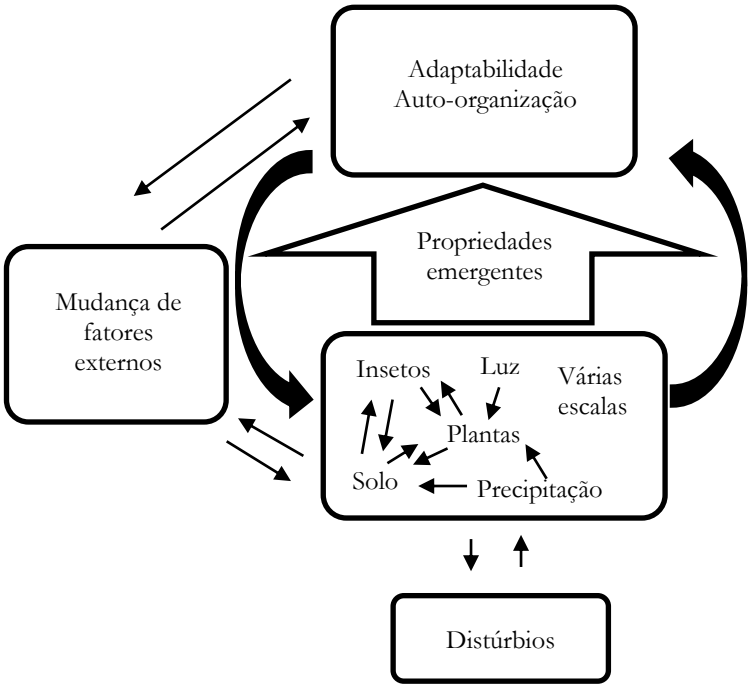
A ciência complexa proporciona um quadro conceitual capaz de promover uma produtividade de longo prazo, biodiversidade e adaptabilidade de ecossistemas florestais, e uma abordagem multidisciplinar integrativa para o estudo das estruturas e dinâmicas dos ecossistemas florestais. Uma perspectiva multiescalar possibilita mais flexibilidade na consideração de processos de escala local e de paisagem, e suas interações. Além de reconhecer a variabilidade e a incerteza nas condições ambientais, biológicas, econômicas e sociais (86).

Por volta dos anos 1960, os trabalhos sobre o caos deram espaço para o crescimento da abordagem relativa a sistemas complexos, que desafiava a ordem e previsibilidade até então predominantes na visão científica. Nas ciências sociais as experiências da vida real também não condiziam com esse padrão vigente. Nos anos 1990 algumas pesquisas já demonstravam a profunda importância das emergências e interações complexas em relação à humanidade e à natureza (105).

Assim, os processos dinâmicos se intercalam entre a estabilidade e a produtividade de um ecossistema. A partir deles se obtém a produção de material orgânico e sua decomposição, os fluxos de energia, os ciclos hidrológicos e a circulação de nutrientes (14). Sistemas complexos adaptativos sempre estão em fluxo, não estão em equilíbrio. Condições de equilíbrio existem somente em uma escala espacial bem ampla (86). É um aparente equilíbrio temporário que permite estabilidade e continuidade, um dinamismo estabilizado dentro de um fluxo inevitável que é a regra em todos os sistemas (39,105).

Um sistema complexo é adaptativo quando componentes individuais estão constantemente reagindo um ao outro e às influências externas. Algumas propriedades principais que o caracterizam são: diferentes componentes que interagem, capacidade de se auto-organizar, aberto para trocas com o ambiente, mantém um estado longe do equilíbrio termodinâmico, capacidade de adaptação, estrutura e dinâmica que refletem sua história (105). Assim, o sistema continuamente se modifica e se adapta às condições alteradas. A esquematização das florestas como sistemas complexos adaptativos pode ser vista a seguir:

Figura 9. Representação da floresta como sistema complexo adaptativo.



Fonte: adaptado pela autora (86).

As propriedades florestais que caracterizam sistemas complexos adaptativos são:

- composição por muitos componentes e processos;
- os componentes e processos interagem entre si e com o ambiente externo de diferentes maneiras e sobre múltiplas escalas espaciais, temporais e hierárquicas;
- as interações podem dar origem a estruturas heterogêneas e relacionamentos não-lineares;
- as estruturas e os relacionamentos não são nem completamente aleatórios, nem inteiramente determinados, ao invés disso representam uma combinação de aleatoriedade e ordenamento;
- mecanismos de retornos positivos e negativos, os quais estabilizam ou desestabilizam o sistema, dependendo das condições;
- abertura para o mundo externo, trocando energia, materiais e/ou informações;
- desenvolvimento sensível às condições iniciais e memória seguindo um grande distúrbio e mudanças subsequentes;
- e muitos componentes adaptativos e subsistemas que dão origem a propriedades emergentes – novos eventos que não podem ser explicados pelo estudo de elementos ou componentes florestais individuais (86).

Tabela 1. Relação das características da floresta como sistema complexo adaptativo.

Sistema complexo adaptativo	**Floresta**
Abertura	Afetada pelo mundo exterior
Diversidade	A diversidade influencia no funcionamento e na resposta
Estrutura	Elementos interagem em diferentes escalas e níveis
Memória	Influência do que esteve e do que foi feito no lugar
Auto-organização	Busca ser mais eficiente em processar energia
Incerteza	Múltiplos futuros possíveis
Emergência	Respostas inesperadas
Adaptação	Mantém serviços desejados incluindo distúrbios de maneira dinâmica e mutável

Fonte: adaptado pela autora (74,86).

As florestas tropicais podem ser tratadas sobre dois paradigmas. Como frágeis, são vistas com vulnerabilidade às mudanças no uso do solo; avaliadas em curto prazo; comparadas com estágios intactos; analisadas por espécies e populações; e visadas para a proteção de habitats. Como sistemas complexos adaptativos, são vistas com paisagens com diversos usos; avaliação de longo prazo; comparação com ecossistemas não florestais e outros estágios; interpretadas por suas propriedades e benefícios gerados; e conduzidas por uma gestão adaptativa (86).

Por outro lado, além das florestas tropicais, pode-se avaliar a utilidade e o impacto das plantações e desenhá-las melhores e mais complexas. Para isso, é preciso olhá-las desde diferentes escalas (do maciço à paisagem) e temporalidades (usos do solo presente e precedentes). Aliás, mudar a maneira de manejar plantações pode ter

impactos profundos e rápidos na aceitação social de práticas florestais, tanto em florestas nativas quanto exóticas (86).

A maioria das plantações florestais se encaixam no espectro espacial, temporal e composicional de diversidade que inclui alguns tipos comuns de florestas no mundo. Porém, o tipo e a intensidade de atividades de manejo podem desempenhar um papel chave na obtenção de plantações diversificadas e com múltiplos propósitos (86).

Algumas características complexas presentes nas plantações de monocultura são: o lugar das plantações tem memória; a plantação permanece um sistema aberto, sob a influência de muitos fatores externos desconhecidos e incertos que o manejo não pode controlar; existe uma rede de interações com o mundo externo; sem manejo elas podem se adaptar; e o sistema pode mudar de regime e ir para um estágio estável alternativo (86).

Nosso entendimento atual das florestas tem sido fortemente influenciado por pesquisas anteriores com abordagens reducionistas usadas para descrevê-las, e muito pode se ganhar se as florestas forem vistas como sistemas complexos adaptativos (86).

A transição e intercalação de relacionamentos objetificados 'Eu-Isso' com a floresta para relações subjetivas 'Eu-Tu' é fundamental para a manutenção de florestas saudáveis e principalmente para a permanência da espécie humana interdependente dos ecossistemas florestais.

Sistemas complexos são definidos como estando entre a ordem e o caos (86). Nesse contexto, cabe a lembrança dialógica da interrelação entre a postura objetiva, que busca a ordem, e a postura subjetiva, que reconhece o caos. Bem como a necessidade das posturas de distância para se obter a relação e vice-versa. Ao mesmo tempo que um sistema precisa se fechar para manter suas estruturas e não desintegrar, somente sua abertura é que permite esse fechamento. A realidade se encontra no elo e na distinção entre o sistema aberto e o ambiente (39).

Algumas culturas não consideradas ocidentais por seus modos de vida podem ser interpretadas como precursoras da relação 'Eu-Tu' com as florestas. Um exemplo pode ser dado pela cosmologia do povo Yanomami. Se olharmos para suas descrições sobre a floresta, podemos traduzi-las para o vocabulário dos sistemas complexos adaptativos. "A floresta está viva, e é daí que vem sua beleza" (67).

Quando mencionado que a floresta é um ser que lamenta, sente dor, geme, chora e respira, podemos interpretar como a característica complexa de abertura. Quando vista como possuidora de espírito e de pele, podemos identificar sua heterogeneidade. Bem como ao se mencionar que a floresta é cuidada, reconhece-se sua alteridade, e assim sua diversidade. A umidade fecunda e o respeito aos animais indicam a estrutura presente nas interrelações. Ao se mencionar que a terra desmatada perde o perfume de floresta, reconhece-se a memória do lugar. O medo que os seres habitantes da floresta têm de serem eliminados pela imensidão e instabilidade do céu caracteriza a incerteza. O trabalho dos espíritos da floresta para impedir que esta retorne ao caos retrata sua auto-organização. O valor de fertilidade atuante revela a possibilidade de novas emergências. Bem como quando dito que a floresta sempre se renova, reconhece-se a adaptação (67).

> Assim, o que chamamos de espírito da floresta são as inumeráveis imagens das árvores, as das folhas que são seus cabelos e as dos cipós. São também as dos animais e dos peixes, das abelhas, dos jabutis, dos lagartos, das minhocas e até mesmo as dos grandes caracóis *warama aka*. A imagem do valor de fertilidade *në roperi* da floresta também é o que os brancos chamam de natureza. (67)

Os povos indígenas são reconhecidamente guardiões e gestores das florestas. A semelhança de sua relação como complexa, pode ser um indício para cientistas de como incorporar em suas recomendações técnicas maneiras mais condizentes de se manejar esses ecossistemas.

Quando falamos sobre a relação entre pessoas e florestas vale ressaltar que, apesar de Buber dizer que somente humanos imaginam o futuro (27): "Nós, humanos, não somos os únicos que fazem as coisas em prol de um futuro, reapresentando-o no presente. Todos os 'eus' vivos fazem isso de uma forma ou de outra. Representação, propósito e futuro estão no mundo – e não apenas naquela parte do mundo que delimitamos como mente humana." (106 tradução nossa).

A natureza vista como meio de produção, e não apenas como insumo de um processo tecnológico, como objeto e sujeito de contemplação ou de reflexão, faz o ambiente surgir como um sistema complexo passível de um processo de reapropriação social (14). Uma floresta é uma rede de elementos interativos e fortemente ligados que competem e ajudam uns aos outros (86).

Refletir sobre a palavra sujeito também nos levaria a pensar na passividade de sofrer uma ação, estar sujeito a ela. O que nos leva à afetação, à abertura necessária para se entrar em relação e agir no outro enquanto sofre a ação do outro em si. Podemos pensar que existem dois tipos de passividade contidas nas palavras objeto e sujeito, sendo somente na segunda que pode existir reciprocidade.

A natureza pode ser considerada como sujeito, por consideração moral e respeito aos seus processos evolutivos, um sistema em desenvolvimento, com história e processos vitais. O mundo natural merece consideração moral como parte da comunidade interdependente da vida terrestre (20).

Sistemas complexos são pensados como sendo mais resilientes, mais capazes de adaptar a condições que mudam rapidamente e mais prováveis de prover os numerosos e variados benefícios que desejamos e precisamos para continuar a prosperar neste planeta (86).

Ecossistemas florestais são sistemas de componentes biofísicos e processos que estão intrinsicamente interligados ao longo de escalas espaciais, temporais e organizacionais possibilitando propriedades emergentes e respostas não lineares (86). Em uma visão complexa, interações simples podem ser entendidas, mas suas consequências são imprevisíveis (105).

A ciência complexa sugere que um sistema pode ser mais bem compreendido, ou manejado, quando se concentra nas interações entre os vários componentes do sistema. São as mudanças dinâmicas, e não o equilíbrio estável, que são a regra, bem como as incertezas (86).

Portanto, uma produtividade ecotecnológica, a partir da produtividade primária dos ecossistemas e do manejo integrado de seus componentes (14), parece ser um caminho mais complexo e eficiente. É preciso reconhecer a interconectividade de todos os componentes e o importante papel que os humanos desempenham em determinar a futura estrutura e composição das florestas (86).

Desafios presentes no tocante à relação entre pessoas e florestas e arranjos de governança que possam gerar resultados sustentáveis se baseiam: na conectividade dos componentes dos sistemas; nos limiares e padrões não lineares de mudança; nos processos dinâmicos e suas direções; nas propriedades emergentes e as frequentes surpresas (107). Elementos essenciais que guiam esse processo complexo são a sustentação da diversidade e individualidade dos componentes; a localização das interações entre eles; e um processo autônomo que seleciona entre os componentes, com base nos resultados das interações locais, um subconjunto para replicação ou aprimoramento (105).

A sintonia entre as abordagens dialógica e complexa se dá pelo foco no fluxo que acontece entre forças interativas, e a ordem e o dinamismo que emergem das interações. A ação está na interação, no todo, e não nas partes isoladas como prega a ciência tradicional. As crescentes incertezas no mundo indicam que uma abordagem apenas positivista não está sendo suficiente (105).

Assim como a relação 'Eu-Tu' é interdependente do relacionamento 'Eu-Isso', podemos considerar a ciência complexa interdependente da ciência reducionista. Consequentemente, devemos expandir a compreensão da relação entre pessoas e florestas de maneira alternante para que consigamos uma gestão florestal dialógica capaz de responder aos desafios presentes e futuros.

Considerar a floresta também como um 'Tu' na gestão florestal é uma maneira aplicada advinda da ética. Apesar de um encontro dialógico permitir a percepção de valores humanos que indiquem desejos, interesses e experiências importantes para o compartilhamento de entendimentos e para criações conjuntas, não são eles a fonte de obrigações morais para proteger o meio ambiente. Estes se relacionam apenas de maneira contingenciada com a existência da natureza como tal (20).

Quando falamos de uma gestão florestal ética e científica, que intercala uma visão objetiva e subjetiva da floresta, precisamos nos basear no dever de preservação ambiental pelo simples fato de ser a condição *sine qua non* da vida humana na terra, sua garantia de base física, ao mesmo tempo que por meio de conhecimentos dos processos ecológicos evitamos danos às ligações físicas e biológicas do mundo natural (20).

Perante estes argumentos nos deparamos com um conflito entre o suporte sistêmico a longo prazo e o uso de bens naturais no curto prazo. O diálogo é uma maneira de permitir a emergência desse conflito e a expansão de interpretação para além de um racional antropocêntrico e instrumental. Este racional meramente conecta a satisfação humana e a manutenção do ambiente natural. Quando nos limitamos a um cálculo de utilidade, caímos no dilema da justiça ambiental, uma combinação de ideias científica e normativa, e, portanto, da distribuição de benefícios (20).

Assim, para mudarmos a visão de gestão de uma maneira regulatória para emancipatória precisamos incluir o valor intrínseco dos seres mais que humanos, e os valores atribuídos por outros humanos. Acarretando deveres morais para com o meio natural, como a preservação de ecossistemas por si só. Nossas obrigações serão direcionadas para todos os ambientes e seus habitantes e não somente para custos, benefícios e equidade para humanos e suas instituições. Isso cria uma situação mais complexa para deliberações e resoluções, mas só agimos moralmente quando evitamos nossas inclinações habituais (20).

O dilema relativo a produzir e preservar, ao mesmo tempo se relaciona à justiça em termos de benefícios humanos. Por um lado, busca-se os benefícios como da biodiversidade e de menos emissão de dióxido de carbono; por outro, o aumento de riqueza. Neste caso estamos tentando decidir qual valor instrumental é maior ou mais justo. Quando incluímos o valor intrínseco da floresta e seu devido respeito nessa equação, tal dilema pode começar a se dissolver (20).

A urgência de espaços dialógicos como estratégia para lidar com a crise ambiental em que nos encontramos, se dá por permitir a clarificação de significados e implicações de nossos ideais básicos relativos ao mundo natural. Pois, anteriormente a ela, se trata de uma crise de valores morais em relação à natureza (20). A possibilidade de examinar pressupostos permite a observação de crenças fundamentais sobre a relação entre pessoas e florestas. Esse é o primeiro passo para construirmos melhores soluções e dissoluções, para os problemas e paradoxos vigentes.

Como expandir a prática de espaços de gestão, como o FFSP, onde o relacionamento Eu-Isso já faz parte para incluir a relação Eu-Tu?

Assim, seguimos rumo à gestão florestal dialógica, elucidando algumas necessidades e possibilidades para sua ocorrência.

6. RUMO À GESTÃO FLORESTAL DIALÓGICA

> Os problemas de nossa época estão muito próximos de nós e são excessivamente graves para que alguém imagine poder resolvê-los com um simples realçar de certas idéias [sic]. Cada questão requer difícil e minuciosa análise e laboriosa negociação. A análise nos tem levado a constatar, de maneira cada vez mais clara, que o nosso vocabulário, a linguagem que empregamos para investigar o sentido e negociar as nossas ações, não é um fator secundário, mas um elemento prático e essencial da situação. Retirar o significado da experiência e buscar torna-lo [sic] atuante é, em verdade, nosso processo de crescimento. Recebemos e recriamos alguns dêsses [sic] significados. Outros brotam de nós mesmos e importa que tentemos comunicá-los. A crise humana é sempre uma crise de compreensão: o que verdadeiramente compreendemos, podemos fazer. (108)

Estamos em crise, ou vivemos em crise constantemente. O que pretendo aqui não é falar sobre ela, para além do que já mencionei em diversos momentos. Quero refletir com você sobre o que fazer para lidar com crises, escolhendo o entendimento como instrumento. "Há idéias [sic] e formas de pensar que encerram sementes de vida e há outras, talvez profundamente arraigadas em nossas mentes, que encerram sementes de morte. Na proporção em que tenhamos êxito em reconhecer uma e outra espécie e, apontando-as, tornar possível que todos as reconheçam, está literalmente, a medida de nosso futuro" (108).

A ciência é uma proposta de entendimento do mundo, e de reconhecimento de ideias pró vida e pró morte. Por isso, conhecer se faz fundamental nesse processo. Entretanto, para entender o mundo precisamos entender o conhecimento. Não cabe a mim te dizer como fazer isso, mas ressaltar essa necessidade e as variáveis culturais que geram os diversos tipos de conhecimento.

Sigamos apenas com o reconhecimento de que estamos em crise - palavra no singular para representar a universalidade dos aspectos que afetam a vida na terra – e que precisamos compreendê-la para lidar com ela, e para isso precisamos de conhecimento e da comunicação.

A comunicação é capaz de promover sentido pelo simples fato de representar uma forma de conclusão. Seja de processos ou ideias. Sendo o diálogo uma maneira de possibilitá-la. É por isso que ele pode promover sentido, por comunicar com um 'Tu'. A comunicação dialógica, portanto, promove sentido e se furta à aceleração. Em contraponto a comunicação do 'Isso' que está sempre acelerada. O tempo do outro, percebido como dádiva, não se deixar acelerar, e é ele que promove a comunidade (109).

A aceleração é percebida atualmente não somente nos processos de pensamento individuais, nas mudanças culturais e nas relações mediadas pela internet, mas também no desmatamento das florestas e nas alterações climáticas. Desencadeando assim erros muitas vezes irreparáveis. Entretanto, se o erro for reconhecido e elucidada sua origem e causa, ele pode ser fecundo (57). Aí reside nossa oportunidade de transformação.

A importância de um grupo para a gestão florestal é a possibilidade de criação de comunidade. Espaço em que se pode desacelerar e no qual os conhecimentos podem ser comunicados. É dentro de uma comunidade que podemos perceber e reconhecer as obrigações e os relacionamentos morais, pois agimos para além do nosso próprio interesse (20). Uma comunidade dialógica permite essa observação de valores em conjunto e o reconhecimento das causas dos erros cometidos coletivamente.

As possibilidades da vida são infinitas, bem como as contidas nas sementes. Porém, o mundo possui seus limites, desenhados pelas forças que o regem, e por isso, de tantas possibilidades e sementes, somente algumas germinam quando se encontram na realidade. A partir da relação dialógica entre pessoas e florestas podemos

encontrar a realidade. Realidade múltipla e momentânea que se molda a cada encontro, na dança do desequilíbrio dinâmico.

Este encontro com a realidade pode se dar pela gestão. Conceito aqui entendido com o duplo significado de manejo e governança. Pelo lado do manejo, lembramos a origem da gestão florestal com a implicação de direcionamento, controle e planejamento do uso das florestas para determinado propósito. Com a base ética utilitarista e antropocêntrica de que seja de tal maneira a gerar benefícios para a humanidade presente e futura (20).

Por outro lado, "governança é o processo pelo qual o repertório de regras, normas e estratégias que orientam o comportamento dentro de um determinado domínio de interações políticas é formado, aplicado, interpretado e reformado." (110 tradução nossa).

Se governança é um processo e o diálogo acontece no 'entre' de um encontro, que ela seja dialógica. De maneira que as orientações de comportamento em relação à floresta sejam construídas por meio de interações recíprocas, que gerem novos significados presentes e pertinentes para que sejam interpretados pelos(as) participantes, bem aplicados na realidade e constantemente reformados.

Quando gerimos uma floresta tratamos de membros de uma comunidade, e esse pertencimento a ela é a fonte de respeito e obrigação moral para com eles (20). Podemos nomear essas posturas morais como reciprocidade, um princípio dialógico eticamente conhecido como responsabilidade. Um manejo e uma governança responsáveis precisam considerar uma utilização de bens naturais dentro da integridade do mundo natural. Talvez para isso a gestão colaborativa possa ser considerada uma abordagem de governança apropriada.

Vale a ressalva de que gestão e governança podem partir de âmbitos distintos, e para que a gestão colaborativa englobe manejo e governança é preciso entender como abordam o comum. Quando a gestão é administração sem poder de decisão, ela reconhece o comum por consenso, para além de conflitos. Já a governança cuida dos conflitos, buscando superá-los tomando decisões em relação às regras. O comum floresta "deve ser instituído por uma prática que abra certo espaço ao definir as regras de seu funcionamento", sendo sua instituição sustentada por um processo que possa modificar ao longo do tempo as regras estabelecidas (111).

O desafio para uma gestão dialógica é saber que um dos propósitos continuará sendo um relacionamento 'Eu-Isso', mas conseguir intercalá-lo com uma relação 'Eu-Tu', na qual a floresta seja considerada como sujeito complexo e de intrínseco valor. Esta abordagem de gestão complexa, dialógica, é pertinente por se basear numa dinâmica de fluxo e adaptação, porque:

> os elementos que constituem os sistemas ecológicos são diversos e mutáveis ao longo do tempo ou em diferentes estruturas, ao passo que as conexões entre esses elementos, ou o conteúdo informático e dinâmico dos diversos sistemas, estes continuam constantes, caracterizando todas as relações energéticas responsáveis pela real estabilidade. (6)

Podemos constatar que a dicotomia produção x preservação, gerada no pensamento utilitarista, não funciona para a manutenção da vida na Terra da maneira em que as duas posturas se dão. Uma produção exploratória e uma preservação exclusiva. Tanto a justificativa de valor natural condicionado ao uso humano, quanto a separação de áreas para a proteção da biodiversidade partiram da mesma origem (20). Devemos, sociedade ocidental capitalista, refletir sobre a exclusão humana por um lado e a super intervenção de outro. Se me relaciono não posso me excluir ou suprimir o outro da relação, se não o encontro inexiste. Assim, exemplificamos um paradoxo presente na realidade florestal.

Os dilemas crescentes socioambientais se dão pelas nossas percepções mentais e limitações cognitivas (112) e, assim, geram paradoxos – que etimologicamente significam opinião contrária (29). Acredito que para lidar

com opiniões opostas a prática dialógica é um ótimo instrumento, pois permite justamente o espaço de acolhimento das diferenças e a suspensão das opiniões para que delas possam ser burilados os significados que serão compartilhados pelo grupo.

Apesar de partirem de um mesmo lugar, as políticas para produção e preservação florestal ao longo dos anos foram englobando outros valores. Os valores justificam maneiras de se fazer outras políticas, e com essas inclusões surgirão conflitos com os valores originais (20). Portanto, precisamos de espaços para lidar com esses conflitos.

É preciso reconhecer que o campo da conservação[33] da biodiversidade e o capitalismo se produziram intrinsicamente, e, por isso, a dicotomia natureza/cultura é um fundamento de ambos. O domínio do capitalismo contemporâneo e a alegação de que ecologia corresponde à política são fatos empíricos e precisam ser levados a sério em qualquer comportamento científico relativo à conservação da natureza (95).

Ao mesmo tempo que premissas podem ser tratadas como fatos, suas interpretações e significados não são. Por isso, precisamos de espaços abertos para se abordar teorias e políticas, e lidar com os pressupostos que as constroem para que se possa mover adiante (95).

Acredito no potencial ecofeminista de pensamento e ação, por pretender ir além de dicotomias e valorizar tanto a diversidade biológica como a cultural. Para isso, sugere que entendamos a lógica de dominação (113). A relevância de tal tema para uma gestão dialógica se dá pela necessidade de não dominação do outro para o diálogo acontecer. Portanto, em uma lógica de dominação, o diálogo não acontece.

Isso contradiz bastante a fundação da gestão florestal, pois o domínio da floresta é basicamente o objetivo dos estudos e das técnicas desenvolvidas ao longo de muitas décadas. Porém, precisamos reconhecer que essa busca por domínio não nos tem levado para uma boa direção. Talvez possamos aprender com esse acúmulo de conhecimento sobre o funcionamento das florestas a nos relacionarmos com elas.

Quem sabe se subvertermos a palavra domínio? Ao invés de subjugação da natureza, significar maestria na interrelação. Como uma musicista domina sua técnica e tira melhor proveito sem a destruição de seu instrumento, justamente por lhe conhecer tão bem sabe suas potencialidades e seus limites. Talvez assim poderíamos começar a diluir a dicotomia que mais prejudica a conservação da biodiversidade - a separação entre natureza e cultura (95), e caminhar com a ontologia da realidade relacional.

É isso que o convívio milenar indígena traz, intimidade. Sem aproximação e encontro isso não acontece. O conhecimento sobre é diferente do conhecimento com. Não há sistemas de coordenadas para se chegar ao 'Tu', e quando se chega existem mais questões do que satisfações (3). Imagine se admitir um final de reunião com mais dúvidas do que certezas.

Quando gerimos fazemos perguntas e chegamos a conclusões, assim também na ciência da qual nos baseamos para fazer gestão. Entender as premissas sobre o que está sendo gerido, por exemplo a floresta, é essencial para saber o que afeta esses questionamentos e possíveis respostas (113). A dialógica pode auxiliar esse processo de entendimento de premissas.

Para o exame de pressupostos é preciso compartilhar do mesmo vocabulário (113). Por isso, é tão importante se debruçar sobre noções mencionadas para que todos(as) os(as) participantes saibam o que está sendo

---

[33] As ideias de conservação e preservação são construções ocidentais que consideram dois modelos, um de interação humanos-natureza e outro de exclusão, respectivamente. No qual podemos pensar que a postura 'Eu-Isso' de relaciona à conservação e 'Eu-Tu' à preservação. Entretanto, não são posturas fixas e garantidas. A ideia de preservação é baseada na não presença e o diálogo só se dá na relação, então uma preservação isolada pode ser um problema, assim como uma conservação antropocêntrica. Precisamos reaprender a relacionar, para que tanto nossas relações diretas, como indiretas, e as relações entre outros seres sejam respeitadas.

comunicado, ao invés de deduzirem. É preciso também observar o contexto compartilhado por essas pessoas e entender nosso solo comum.

> O que os homens produzem também pode ser por eles destruído; o que destroem também pode ser por eles reconstruído. O poder destruir e o poder produzir estão em equilíbrio. O vigor que destrói o mundo e lhe causa violência tem o mesmo vigor das mãos que violentam a Natureza e destrói uma coisa natural — talvez uma árvore para obter madeira e para produzir algo de madeira —, para moldar o mundo. Porém, não está em vigência incondicional o fato de que o poder destruir e o poder produzir estão em equilíbrio. Isso só é válido para o produzido por homens, não para o âmbito menos palpável e nem por isso menos real das relações humanas, que surgiram através do agir no sentido mais amplo. (70)

A política é o ambiente da ação conjunta, do agir mais amplo, da convivência entre diferentes, da organização para o comum (70). Dependemos da escala na qual cada um(a) trabalha para se gerir conjuntamente a manifestação da complexidade nas florestas. Aspectos espaciais e temporais do sistema devem ser considerados, e suas implicações para a gestão são altamente dependentes dos objetivos de manejo (86). Quais seriam os objetivos de manejo florestal?

Quando a escala de governança é compatível com o nível do ecossistema em questão, isso pode gerar um comportamento como o de um sistema complexo adaptativo, que internamente responde aos sinais externos do ambiente e da sociedade. Em um sistema socioecológico complexo, as interações significam que mesmo que todas as partes sejam conhecidas, não se pode prever os resultados específicos (105).

Uma floresta mais complexa é mais robusta, mais adaptável e mais capaz de prover múltiplos benefícios no longo prazo (86). O que condiz com a ideia de sustentabilidade. Será que manter a alta complexidade do sistema florestal pode se tornar um objetivo de gestão em comum?

A ideia de uma sustentabilidade planetária baseada em um tripé de pesos iguais entre sociedade, natureza e economia é uma falácia.

Este conceito adquire muitos significados, mas basicamente incluem crescimento ou progresso. Grande parte dos países pobres enxergaram, e ainda enxergam, no desenvolvimento a única saída para chegar ao mesmo bem-estar material que os países ricos atingiram (21). Entretanto, o que define um país pobre e um país rico? O que implica o modelo de desenvolvimento que os levaram a essa categoria (de um país pobre)? O que implica para as florestas do mundo esse modelo de desenvolvimento?

A junção de sustentabilidade com desenvolvimento é mais conhecida na definição dada pelo relatório sobre o futuro comum global, de 1987: "desenvolvimento sustentável é o desenvolvimento que atende as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das futuras gerações de atenderem suas próprias necessidades" (114 tradução nossa). O ponto de partida, mesmo propondo uma união de termos, se deu na prática dentro de uma visão marcada pelo princípio da separação. Este está na base do sistema capitalista, e prega a conservação das bases da vida enquanto se permite a exploração excessiva de bens naturais.

Vale lembrar então que "a sustentabilidade é maior do que o desenvolvimento sustentável" (115). Será que a necessidade de um conceito como este surgiu mais pelo desespero de se manter a qualquer custo o desenvolvimento capitalista, com sua lógica de lucro e acumulação, do que pelo viés almejado pela sustentabilidade? Algo capaz de responder à destruição em curso precisou aparecer quando líderes globais se perceberam em um planeta limitado?

A expressão *triple bottom line* (116) foi cunhada nos anos 1990 para adaptar o mencionado conceito à gestão de empresas, e foi traduzida como 'tripé da sustentabilidade' ou 'três pilares da sustentabilidade' (117). Tal adaptação foca em prosperidade econômica, qualidade ambiental e justiça social. Atentando-se aos variados domínios incluídos

no conceito de desenvolvimento sustentável (econômico, ecológico e social), sua relevância está na interrelação e peculiaridade entre eles (21), apesar de muitas vezes serem tratados exclusivamente.

Ressalta-se que a tradução para o português dessa expressão traz uma abordagem estática: tripé e três pilares são estruturas de base fixas e separadas, que implicam imobilidade. Para o mundo corporativo, que busca simplificação e controle de processos, parece fazer sentido essa previsibilidade, pelo menos enquanto mantém a ilusão de algo improvável no mundo real. Entretanto, na proposta original (21), o conceito já previa que as linhas social, econômica e ambiental não eram estáveis, por estarem em fluxo constante devido a pressões, ciclos e conflitos.

Surgiriam ao menos três problemas básicos com essa expressão: o fato de o setor privado não ter levado a instabilidade em consideração; o fato de parecer possível uma teoria que considere as empresas como algo separado do todo; e o fato desse conceito estar sendo usado indiscriminadamente ao longo de décadas em todas as áreas de atuação, inclusive pública.

Outra questão relevante diz respeito à palavra economia, que etimologicamente significa 'administração da casa comum' (29), logo, algo é administrado e por isso se trata de uma ação, um processo, ao invés de um agente. A maneira pela qual os termos 'economia', 'econômico' e 'mercado', por exemplo, são incluídos nos discursos de representantes dos setores públicos e privados faz pensar que são agentes e que existem por si só, não sendo construções históricas resultantes da experiência do processo social.

Não é por acaso que vemos essa relação mercadológica entre natureza, política e sociedade. Os princípios modernos liberais já relacionavam democracia e propriedade privada, bem como estabeleceram o valor e o significado da natureza de acordo com seu uso como recurso. As visões de natureza e propriedade ainda pautam o debate político ambiental até os dias de hoje (20).

Quando precisamos incluir prefixos, sufixos ou outras palavras para um conceito voltar à sua essência é porque esta não está sendo respeitada. À exemplo do diálogo genuíno para apenas se referir ao diálogo, atualmente se usa 'bioeconomia' para reclamar a atenção à vida esquecida nas práticas econômicas capitalistas. A nossa casa comum não é um planeta somente em sua estrutura geológica, para morarmos aqui existe vida.

O fato de a economia planetária ser uma gestão coletiva implica também a política, enquanto organização da coexistência humana e conjunto de práticas e instituições que criam uma ordem (35). Portanto, são atitudes inseparáveis, ou seja: econômico-políticas.

O indício de que quando se fala em economia (e política) em relação ao desenvolvimento sustentável não se trata de qualquer gestão, mas de uma gestão capitalista, é o fato de os ditos pilares da sustentabilidade terem sido desdobrados posteriormente nos objetivos *people, planet, profit*[34]. Se pensarmos em termos éticos, como pode ser possível colocar no mesmo patamar pessoas, planeta e lucro? Seria um indicativo de que não existem decisões planetárias que não sejam prioritariamente lucrativas? O lucro foi incorporado na lógica da vida? Lucro para quem?

A expressão *triple bottom line* partiu de uma analogia financeira com o termo *bottom line* (116), que é o lucro líquido da atividade empresarial e principal instrumento financeiro quando se avalia o desempenho econômico de um negócio. Quer dizer, além dos benefícios adquiridos e realizados pela atividade em si, bem como pelo pagamento do trabalho realizado pelas(os) trabalhadoras(es), a remuneração das(os) empresárias(os), os impostos e custos associados ao capital fixo e ao desenvolvimento, e publicidade de produtos, é preciso extrair algo mais, um excesso, uma vantagem. Isso não revelaria que a premissa para qualquer planejamento social e ambiental se baseia no lucro em sua apropriação privada?

---

[34] Disponível em: <https://www.economist.com/news/2009/11/17/triple-bottom-line>. Acesso em: 11 de setembro de 2023.

A noção de desenvolvimento sustentável e, consequentemente, a percepção política de sustentabilidade têm partido de uma lógica de acumulação. Portanto, de uma lógica da escassez. Pois, a consciência da limitação planetária, mesmo circunscrita a uma ética antropocêntrica, deveria levar ao cuidado e ao compartilhamento dos bens naturais e não ao acúmulo e à exclusão.

A promessa capitalista parece ser abundante, pois promete o crescimento sem fim. Porém, se baseia na manutenção de poucos indivíduos com muito e muitos com pouco, logo, em uma escassez de recursos financeiros que se desdobram, por exemplo, em escassez de bens materiais. Entretanto, isso não deve ser confundido com a limitação dos bens naturais, pois muitos deles são finitos, o que pode parecer escasso, mas operam na lógica da abundância. Esta, está presente no ciclo da água e na ciclagem de nutrientes, a título de exemplo. A problemática se dá, majoritariamente, quando se interfere nesses ciclos, desconsiderando-se que, a depender do ritmo e da expansividade da interação, pode se revelar o aspecto transitório desta lógica, como concretamente tem se verificado.

> Na floresta, habitamos no lugar onde vive o pai da fertilidade *në rope*, o lugar de sua origem. É por isso que a imagem dele, que chamamos *Në roperi*, dança com os espíritos dos ancestrais animais que os xamãs fazem descer. Assim, quando a floresta tem valor de fome, eles podem beber *yãkoana* para trazer de volta a imagem de seu valor de fertilidade. Em nossa casa de *Watoriki*, porém, não precisamos fazer esse trabalho. Nossa terra é bela e impregnada de riqueza. O ser maléfico da fome, que chamamos de *Ohinari*, permanece longe dela e a imagem da fertilidade dança junto a nós desde que viemos morar aqui. Faz crescer as frutas das árvores e as plantas das roças com muita generosidade, após cada período de chuva. Tudo cresce com fartura, e a caça se alimenta de abundância, nas árvores, no chão e na água. (67)

Considerando que um tripé supõe estabilidade, pode-se argumentar que um equilíbrio estático é uma representação falha para a sustentabilidade. Já que é sabido que os equilíbrios que mantêm a vida em sua abundância são múltiplos e dinâmicos, e inclusive incluem situações de não equilíbrio. "Tudo se move em ciclos, como um ponto de chegada e de partida para novos desequilíbrios, novas e mais complexas contradições e complementaridades" (118).

São os distúrbios e as mudanças constantes que permitem a existência de maior diversidade (119), mesmo com as perdas inerentes. Sendo a diversidade que permite a existência da vida como um todo, pois, se não houvesse adaptações e movimento, qualquer alteração ambiental acabaria com um sistema homogêneo e inerte. Entretanto, os sistemas produtivos atuais buscam exatamente a maior simplificação possível para aumentar o controle da situação, e tentam assim encaixar modelos simplificados em sistemas complexos e vice-versa.

Quando se fala de equilíbrio deve-se pensar em complementaridade dialética, a habitação de contrários em uma totalidade sem anulação do outro, tendo a diferença como parte constitutiva da identidade – uma negação que confirma. Pois, a vida é feita de alteridade e particularidade (118). A diversidade, nesta perspectiva, deve ser respeitada e as experiências, os conhecimentos e os ecossistemas devem ser articulados. Entretanto, a lógica do capital exige competição e concorrência, o que gera especialização e simplificação.

O uso indistinto de tantas palavras e seus significados distorce o que é vital do que é supérfluo. A ecologia, por sua vez, se encarrega do estudo sobre as relações vitais dos seres na casa comum. Estudo e gestão são meios humanos de se relacionar com a vida, e não a vida em si. Para além da questão errônea de equiparar a forma de gestão com a vida material e imaterial, separa-se humanos de mais que humanos em uma hierarquia fictícia entre os seres.

A dicotomia 'pessoas' e 'natureza' só piora o entendimento de vínculos entre seres humanos e mais que humanos. Todos são sujeitos da vida e parte de um todo. É na relação entre 'Eu' e 'Tu', a cada momento sendo um 'Eu' e outro 'Tu' em recíproca transformação, que a vida se dá.

Em decorrência dessa compreensão, as noções trazidas pelas palavras 'paisagem' e 'socioambiental' parecem ser aproximações recentes desta concepção relacional integrada de pessoas, cultura, natureza e ambiente.

A mudança de entendimento necessária se dá pela compreensão de pares como humanidade-natureza como polaridades presentes em um todo, uma dualidade ao invés de uma dicotomia. Aprender a conviver nessa dualidade é aprender a se inter-relacionar, pois a existência depende de um conjunto de relações (118).

É justamente pela interrelação entre natureza e sociedade que identificando cada alteridade podemos compreender a constituição da relação. Se tudo for apenas um, não podemos entender o todo nem as partes. Acredita-se que nós precisamos da sensação de preservação de alguma realidade independente, de distância. Ao mesmo tempo, precisamos da relação entre essa realidade e os seres humanos. Uma ação que se dá de maneira dialética, que parte de um todo de relações (95).

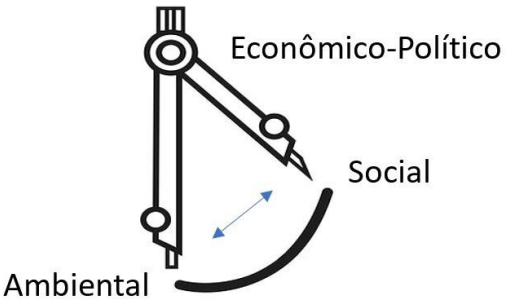
Uma economia-política baseada na alteridade pode permitir ações ambientalmente respeitosas e socialmente cuidadosas.

Será que o caminho para se alcançar a sustentabilidade se dará justamente pela consequência de interação entre os princípios básicos da ecologia: interdependência, reciclagem, parceria, flexibilidade e diversidade (120)?

Propõe-se aqui, tomando por base os princípios mencionados, que a sustentabilidade planetária seja representada por um compasso, o qual se sustenta pelo movimento e pela complementaridade. Sua articulação se dá pela ação coletiva (política) e gestão do comum (economia) que se entrelaçam. Suas pernas flexíveis e interdependentes possibilitam as relações entre os seres, humanos (social) e mais que humanos (ambiente), em ciclos, parcerias e diversidade. Quanto mais se articulam, maior é a resiliência de cada força e do todo (118). Mesmo ressaltando que os termos 'social' e 'ambiente' são abstrações homogeneizadoras que possuem cada um uma diversidade dentro e entre as entidades que eles designam (95).

Perceba que ao mesmo tempo que falamos de duas pernas aparentemente separadas, elas fazem parte do mesmo corpo, no caso o compasso, e poderia ser o planeta. A articulação representa os movimentos interligados de distância e relação, objetificação e subjetificação, necessários para o acontecimento do diálogo, e quem sabe da sustentabilidade. Seus giros se dão pelas leis naturais que regem o universo.

Figura 10. Compasso da sustentabilidade.



Fonte: elaborada pela autora, a partir de banco de imagens gratuito.

A tomar-se pela Geografia, o que fazemos no planeta são escritas, desenhos. A partir do movimento contínuo e dual – não dicotômico – da respiração, nós seres vivos seguimos os ritmos que nos são dados e criamos

novas variáveis. Assim, damos passos conjuntamente – compassos – na busca por um andar comunitário, no qual nada nem ninguém corra na frente ou fique para trás.

A música, quando representada em escrita, nos traz um compasso que comporta sons e pausas em uma composição limitada, assim como os bens do planeta. A dinâmica e a duração do som são indicadas pelo ritmo e pelas figuras escolhidas. Mas, além disso, existe uma esperança de continuação chamada ritornelo. Talvez a sustentabilidade esteja aí, na possibilidade desses dois pontos (:) permitirem uma continuidade humana juntamente com outros seres operando em abundância. Até mesmo uma fermata (𝄐), que pede suspensão, pode ser necessária para manejar a tensão já imposta.

Quando estamos no mesmo ritmo, entendendo as figuras que dão o andamento, riscando no mundo paisagens do tamanho de nossas pernas, dançando entre equilíbrios e desequilíbrios, estamos em constante revolução. A analogia feita propõe que um compasso represente a relação de mão dupla entre pessoas e florestas, a qual, ao invés de um tripé, se articula com as características florestais e sociais que se moldam entre si. O elo que faz a ponte da relação é o caráter econômico-político circunstanciado nas interações dialógicas entre seres das mais distintas naturezas, humanos e mais que humanos.

A floresta pode ser definida de diversas maneiras, mas sua constante metamorfose é indefinida. Existem várias noções sobre o termo, de acordo com diferentes entendimentos e propósitos. Algumas delas são (79): uma área com copas fechadas de árvores; terras não cultivadas; o que a silvicultura gerencia; uma área maior que meio hectare com mais de dez porcento de cobertura de copa e árvores capazes de crescer mais de cinco metros de altura, com variações nessas medidas; áreas naturais ou plantadas; e pela quantidade de madeira produzida.

Para além destas tentativas de definição, qualquer uma que resuma a floresta somente em dosséis ou outro fator único falha em reconhecer que ela é muito mais (79). Ela é uma comunidade constituída por diversos tipos e estratos de plantas, diferentes animais, microrganismos, pessoas, energias, solo, água, ar, luz, sons, cheiros e significados que estão em permanentes interações de trocas metabólicas e simbólicas, cada ser com suas possibilidades, necessidades e com suas perspectivas próprias de existência.

A relação entre pessoas e florestas é de longa data, e uma característica dialógica desta interação é que cada ser se modifica no processo. Exemplo disso são estudos recentes na floresta Amazônica que indicam que boa parte da biodiversidade encontrada hoje, na região, se deu pela mútua transformação entre humanos e mais que humanos ao longo de milhares de anos (101). Datações indicam a presença da floresta há cerca de 13 mil anos e de populações humanas no local há pelo menos 19 mil anos (121).

No período de 3750-650 A.C. houve a intensificação de inúmeras áreas e redes de interação entre sociedades complexas, política e economicamente, na região amazônica (101). Além de casos do passado como o citado, outros sistemas sócio-políticos diferentes do hegemônico podem auxiliar a lidar com desafios do presente e do futuro? A interculturalidade é uma pista (121).

O critério de maior valor para sair dessa clausura de relacionamento objetificado, se baseia na reciprocidade. Nós vivemos no fluxo torrencial da reciprocidade universal (3), que nos permite fluir entre aprendizados. A situação atual de crise impõe rupturas, e são nesses momentos imprevisíveis que se caracteriza a possibilidade de metamorfose (22).

Como se abrir para perceber a comunicação da floresta? Encontrar nela um 'Tu' parte da junção de cada ser ao proferir a vontade de relação e da graça, que pode ser entendida como a própria realidade. Para acontecer a abertura e a percepção desse outro é preciso, então, o encontro de vontade e da realidade. Para possibilitar o

encontro é preciso estar em sua totalidade. É preciso disposição, presença em si e atenção à presença múltipla da floresta.

O diálogo é algo que pode acontecer, não é uma obrigação. Por meio dele é possível o gerenciamento do comum, e, portanto, pode ser econômico e político. A dialogia utiliza a palavra e a ultrapassa, é uma construção sensível, empática. O diálogo não é convencimento, mas construção conjunta de significados. Portanto, a dialógica como sistema de ação-gestão exige espaços de encontros, de alteridades, de aproximação, de estimulação de todos os sentidos, de percepção, de confirmação e de transformação.

Partindo da perspectiva do ser humano em relação à floresta, tal ambiente é um meio e um outro. Curiosamente, o 'fora' derivado do termo floresta, o 'não-eu', permite escolher a atitude a ser tomada perante ela. Por vezes é premissa de exclusão ou dominação, mas é justamente o que possibilita a relação. Sem o 'fora' não há possibilidade de nenhum 'dentro'. Outro 'fora' é o espaço de surgimento da política, pois ela surge no intraespaço e é estabelecida como relação (70).

Uma economia-política, ou gestão-ação, colaborativa demanda diversidade e flexibilidade. A dialógica pode ser parte funcional deste contínuo processo de resolução e dissolução de problemas e paradoxos (85). Permitindo por meio de parcerias o compartilhamento de responsabilidades e poder, a partir do reconhecimento da interdependência da vida, e, portanto, do respeito à regeneração dos ciclos naturais.

A esfera do 'Tu' contém o 'Outro', a comunidade, o encontro e a relação. Busquemos então, no diálogo, o lugar de ação recíproca que permita comportamentos de sair-de-si-em-direção-ao-outro (34) em mais relações 'Eu-Tu' para superarmos o atual descaso com a Vida. Pois, o cenário atual exige abordagens colaborativas que contemplem a complexidade e a reflexividade dos desafios postos (122).

A ideia de uma articulação entre sociedade e floresta, ou qualquer outro ecossistema, embasada na realidade e sem uma suposta supremacia imaginária do capital, se dá porque "em todas as formas do discurso humano, as florestas continuarão sendo uma espécie de construção social, mas que deve estar firmemente enraizada na estrutura e na composição do ecossistema" (79).

A resposta para questões que nos colocamos pode estar aí, e se deixará ser acolhida por quem se abrir para ela (34). É a partir do nosso corpo, dos nossos sentidos que recebemos e percebemos a resposta. Portanto, ela pode nos possibilitar o encontro com a realidade socioambiental e permitir sua continuidade por meio de equilíbrios e desequilíbrios dinâmicos entre pessoas, florestas, e todos os seres do planeta.

O reconhecimento de que outras formas de organização podem contribuir para a superação de crises, na medida em que se complementem (118), é fundamental para se construírem novos caminhos e sermos capazes de lidar com desafios futuros. Justamente os sistemas adaptativos são capazes de se ajustar a mudanças e lidar com surpresas e incertezas[35] (85).

> Os conhecimentos da termodinâmica nos sinalizam que a vida e qualquer novidade no universo surge a partir de certa distância e de certa ruptura do equilíbrio. Essa ausência de medida, embora momentânea, provoca a auto-organização (autopoiese) que cria uma nova estabilidade e um novo equilíbrio dinâmico. É dinâmico porque continuamente se refaz, não pela reprodução do equilíbrio anterior, mas pela criação de um novo, mediante o diálogo com o meio e uma nova adaptação. A lógica da natureza em processo evolutivo é esta: organização-quebra do equilíbrio-desorganização-nova relação-novo equilíbrio-nova organização. E assim permanentemente. (123)

[35] É preciso alertar que a adaptabilidade de uma floresta para se manter como tal é condicionada a condições ambientais necessárias à sua resiliência. Ultrapassar o chamado "ponto de não retorno" compromete tais características e pode levar à uma mudança de ecossistema.

Acredito ser a dialógica uma abordagem complexa capaz de intermediar a relação entre pessoas e florestas como articuladora econômico-política na gestão florestal. Interpreto as características dos sistemas complexos adaptativos como espelhos de características dialógicas, e que permitem a subjetificação da floresta na dinâmica gestora.

Voltando aos operadores de religação necessários ao pensamento complexo (39), eu proponho uma ressignificação não somente da palavra diálogo, mas também da palavra dialógica. Considerando as características expostas de sistemas complexos adaptativos, as quais as florestas compartilham, eu acredito que o diálogo é a manifestação conjunta dessas características e a dialógica é a maneira de o possibilitar. O acontecimento inteiro e recorrente que articula as características de um sistema adaptativo complexo pode ser chamado de diálogo.

Tabela 2. Relação entre características dialógicas e sistemas complexos adaptativos.

Sistema complexo adaptativo	**Diálogo**
Abertura	Afetação; disposição; presença
Diversidade	Alteridade; diversidade de sujeitos; consideração
Estrutura	Interações; encontro; diferentes papeis sociais; responsabilidade
Memória	Vivências; pressupostos; escuta; valores; observação
Auto-organização	Espontaneidade; sem agenda; propósito
Incerteza	Suspensão de pressupostos; contemplação
Emergência	Criação de significados; compreensão
Adaptação	Conflitos; transformação

Fonte: elaborada pela autora.

Os operadores de religação necessários à compreensão dos desafios atuais evidenciam a noção de totalidade (39). Esta possibilita novas emergências, bem como a criação de significados. Evidenciam também os sentidos e as ações como produtos dela e que, por sua vez, influenciam novos sentidos e ações. Apontam para a possibilidade de um processo de gestão autônoma, que tome decisões e se responsabilize por elas (2). Ressaltam a regeneração necessária frente à destruição, e que se constrói na interdependência. Além de apontarem a auto-organização da vida como um paradoxo e que, portanto, precisa de um meio de dissolução. Tudo isso com aceitação e associação da diferença, pois é na complementariedade do 'Tu'/'Isso' que se constitui o 'Eu', e vice-versa (3).

Somente aquele que conhece a relação e a presença do 'Tu', está apto a tomar uma decisão (3). Para lidar com ela é preciso uma abertura para as contradições, os paradoxos, as limitações e as potencialidades da gestão. Como a possibilidade de diálogo se trata de um convite, ele só é possível com a disposição para adentrá-lo.

Cada pessoa experencia um diálogo de maneira diferente e é afetada de distintas formas (43). O que demonstra sempre uma abertura inerente ao outro e ao meio. A abertura assume que o significado de um enunciado deriva tanto de quem manifesta quanto de quem recebe, havendo mudança e transformação de significados continuamente e novas possibilidades de entendimento (43).

Qualquer sistema de governança designado para regular sistemas complexos biológicos deve ter tanta variedade de ações quanto as existentes no sistema regulado (87). Assim, quanto maior a diversidade em um grupo gestor, mais relações são possíveis e mais emergências surgirão, gerando ações para a adaptação na relação entre pessoas e florestas.

A dialógica como promotora de complexidade em um fórum florestal tem o papel de manter a diversidade das partes e a multiplicidade de suas interações, criando uma rede. A diversidade de sujeitos em um grupo gestor pode propiciar o reconhecimento fundamental da alteridade de quem gere e de quem está sendo gerido. Por meio de uma consideração do outro de maneira respeitosa.

A dialógica como prática para o entendimento complexo das florestas pode permitir a identificação de padrões comuns na organização estrutural, e dinâmicas espaço-temporais de uma diversidade de sistemas, inclusive socioambientais. Facilitando o compartilhamento de ideias e aplicações em diversas áreas (74).

Uma situação que pode auxiliar na compreensão da relação dialógica florestal é imaginar um espaço como uma encruzilhada, na qual o encontro é viabilizado por uma ponte de tronco caído sobre um riacho, e a possibilidade de criação conjunta no caminho escolhido por cada um(a). Este cenário não é permanente, se faz e se desfaz, se decompõe. Assim, percebe-se a dinamicidade dos momentos de equilíbrio e desequilíbrio, e a disposição (espaço) e periodicidade (tempo) intrínsecos nessa relação.

O diálogo acontece na interação. Interações podem ser diretas ou indiretas; físicas ou simbólicas; eventos ou estados; funcionais ou disfuncionais; e facilitadoras, inibidoras ou neutras (124). Se a floresta não estiver direta e materialmente presente no fórum, poderia ocorrer um evento facilitado que propicie a indireta interação através de símbolos que gerem um estado de efeitos duradouros de maneira funcional?

De acordo com a teoria ecológica sobre interações interespecíficas, conflito, copresença e simbiose são as maneiras nas quais a facilitação, neutralidade e inibição acontecem. A primeira é vista como um estado inibidor de eventos que geram efeitos prejudiciais. A segunda é vista como neutra. A terceira é vista como um estado facilitador de eventos que geram efeitos benéficos (124).

Como já mencionado, discordo que o conflito seja apenas um estado inibidor. Acredito que seja uma oportunidade de permitir a ocorrência da simbiose facilitadora. Muitas vezes por evitar o conflito, espaços que deveriam fomentar o diálogo, e, portanto, também o conflito, acabam optando pela copresença para manter uma certa neutralidade. Porém, assim nem efeitos prejudiciais, nem benéficos são gerados. O dever de um espaço dialógico é ser capaz de acolher o estado conflituoso para permitir sua transformação em simbiótico. Nem todos os conflitos devem ser erradicados porque nem todos são prejudiciais. Um conflito funcional pode liberar tensão e catalisar mudanças positivas (124).

O encontro entre diversos papeis sociais, desempenhados pelos(as) participantes como indivíduos, pode buscar lidar com a tensão liberada com uma reciprocidade amorosa, pois amor é responsabilidade de um 'Eu' para com um 'Tu' (3).

Para manejar florestas como sistemas complexos adaptativos é preciso focar na proteção de traços e legados principais de respostas que são críticos na auto-organização do sistema, e evitar mudanças limites. Isso requer manutenção ou melhoramento da diversidade de genótipos, estruturas e redes dentre diferentes escalas genéticas, tróficas, espaciais e temporais (86).

Por exemplo, conservar árvores antigas e extremas; conservar uma comunidade de árvores geneticamente diversa e altamente adaptável, micorrizas e agentes de dispersão biótica nas bordas; planejar no nível regional e da paisagem objetivando manter padrões e processos complexos adaptativos que facilitem fluxos apropriados e dispersão de energia, recursos, espécies e distúrbios, a partir de um conhecimento profundo de padrões e processos e por meio de um manejo com padrão multifacetado de reservas e distúrbios; cortar as árvores de maneira diversa e variada, reduzir o corte das antigas, aumentar reservas florestais e conectar paisagens, manter a área florestal, e limitar o corte após grandes distúrbios; além de transformar a governança de cima para baixo para responsabilidades comunitárias de base (86).

Uma gestão florestal dialógica tem a visão das interconexões, tanto no manejo quanto na governança. É uma maneira integrativa que considera as condições locais, subjetivas e linguísticas, bem como as limitações sociais,

pessoais e históricas (88,125). Por isso, as quatro vertentes interpretativas (humanização do fato, raízes históricas, contexto, prognósticos e diagnósticos) podem ser uma boa maneira de compreensão de um encontro dialógico.

A gestão dialógica precisa comunicar com e para além da fala e incluir a escuta da natureza, estando atenta à diversidade de vozes e de agentes comunicativos, como os seres mais que humanos. É mais baseada na escuta, de maneira contextualizada e inclui maneiras não verbais, e esse processo guia as devidas ações subsequentes. Também na integridade de cada sujeito, em uma compreensão empática do outro, pode acontecer um engajamento para benefício mútuo e um compromisso duradouro para futuras ações (88,125).

As vivências trazidas por cada participante de um encontro dialógico carregam pressupostos que precisam ser escutados com atenção para que sejam observados. É essa memória que liga o passado, com o presente em comum e os futuros possíveis.

Uma gestão efetiva precisa partir de vários pontos de vista. O propósito comum em uma gestão dialógica permite que cada participante desenvolva uma perspectiva profunda por meio do compartilhamento de objetivos, valores e experiências de vida. Um pensamento representativo da realidade pode ser desvelado quando uma questão é vista por uma variedade de perspectivas e experiências (26).

A auto-organização, tanto no manejo quanto na governança, pode se dar por uma habilidade de monitorar as condições ambientais e iniciar mudanças necessárias para manter algum estado desejado, ou garantir que níveis de uma variável crítica se mantenham em patamares aceitáveis. Mecanismos de retorno, ou *feedbacks*, e ajustes temporais são precisos para lidar com pressões internas e externas (107).

A característica dialógica da espontaneidade propicia a capacidade de auto-organização em um encontro à medida que é circundada pela ausência de pautas, ao mesmo tempo que guiada por um propósito compartilhado.

Um espaço dialógico que lida com questões florestais por meio de partes interessadas busca a coexistência. Ao enfrentar questões complexas relativas à conservação, as pessoas tendem a focar nas conexões 'naturais', evitando as sociais por seu caráter político, e ignorando as conexões culturais por serem ideológicas e difíceis de lidar (124). Entretanto, para lograr o objetivo de florestas preservadas e produtivas, todos esses âmbitos precisam ser considerados.

A suspensão de pressupostos pode permitir a contemplação dos mesmos, para que sejam considerados também os aspectos políticos e culturais. "A solução para o problema da imprevisibilidade, da caótica incerteza do futuro, está contida na faculdade de prometer e cumprir promessas". É a partir da presença de outros que se forma o código moral da faculdade de prometer (36). A promessa se torna um compromisso responsável entre as partes presentes.

> O princípio da flexibilidade também sugere uma estratégia correspondente para a resolução de conflitos. Em toda comunidade haverá, invariavelmente, contradições e conflitos, que não podem ser resolvidos em favor de um ou do outro lado. Por exemplo, a comunidade precisará de estabilidade e de mudança, de ordem e de liberdade, de tradição e de inovação. Esses conflitos inevitáveis são muito mais bem-resolvidos estabelecendo-se um equilíbrio dinâmico, em vez de sê-lo por meio de decisões rígidas. A alfabetização ecológica inclui o conhecimento de que ambos os lados de um conflito podem ser importantes, dependendo do contexto, e que as contradições no âmbito de uma comunidade são sinais de sua diversidade e de sua vitalidade e, desse modo, contribuem para a viabilidade do sistema. (120)

Todos os grupos lidam com conflitos internos ou externos, que podem destruir a confiança fundamental e a reciprocidade que são base de uma governança efetiva. Se ignorados podem escalar e destruir instituições locais (87). A confiança é algo que precisa existir, ser construída, ou a desconfiança precisa ser desfeita para um diálogo acontecer (26).

A lida com conflitos, a construção de confiança e a relação recíproca não acontecem de maneira estática, mas mutante, pois a impermanência é inerente aos sistemas socioecológicos. As interações são moldadas por múltiplos fatores e podem resultar em diferentes consequências (124). É por isso que as características de incerteza e adaptação são tão importantes para lidar com florestas.

A complexidade descreve fenômenos surpresa ou emergentes, que surgem devido a interações entre partes do sistema (86). O que a aproxima do diálogo pela transformação e criação de significados esperadas de um encontro dialógico.

A palavra japonesa *komorebi* quer dizer 'a luz do sol através das árvores'[36], significando poeticamente o fenômeno de atravessamento que acontece na fotossíntese e na mudança de cor ambiente para quem se encontra de baixo de um dossel. Podemos nos basear nesse acontecimento para pensar uma relação dialógica. Narrando o intersujeito como o ser tocado pela luz modificada do sol, não somente o sol e não somente o ser. A luz que entra não é a mesma luz que sai, há a transformação e a criação de significado.

Um bom manejo baseado nos princípios da ciência complexa deve garantir que os ecossistemas florestais tenham todos os elementos necessários para serem capazes de se adaptar. Enquanto mantêm os importantes benefícios ecossistêmicos dos quais dependemos. Para isso, é preciso um novo ponto de vista, novos critérios de decisão e novas ferramentas (86). A dialógica é proposta aqui como um caminho para esse alcance.

Para uma gestão florestal complexa se faz necessário ampliar o foco de avaliação, considerando como as práticas afetam todas as propriedades de sistemas complexos adaptativos. Por exemplo, olhando para múltiplas escalas, para as interações, para respostas não lineares, e se planejar para a incerteza. É preciso também incluir questões sociais e políticas. Saindo de prescrições e guias genéricos para a inclusão de práticas que refletem as condições locais (86).

A compreensão de que predições precisas de estados futuros das florestas é impossível permite o desenvolvimento de abordagens de manejo para melhorar a resiliência e a capacidade adaptativa das florestas em tempos incertos. Reconhecendo que a variabilidade e a incerteza são a norma nas condições e dinâmicas ecossistêmicas florestais (74).

A floresta vista como sistema complexo adaptativo permite que seja conceitualizada como um sistema aberto, com funções dirigidas por fatores sociais e ecológicos, e transforma em dualidade a dicotomia entre perspectivas econômicas e ecológicas (74).

O ponto de partida para que haja o 'entrenós' na gestão florestal é a transformação da mente que opera majoritariamente na postura sujeito-objeto para a inclusão sujeito-sujeito. Possibilitando a adaptação momentânea de acordo com a realidade coletiva vivenciada.

A partir das entrevistas realizadas, pude agrupar percepções de pessoas envolvidas nos fóruns mencionados. As características complexas apontadas, e, portanto, dialógicas, foram abordadas apenas com uma palavra por vez, para cada pessoa responder de acordo com sua interpretação e vivência no contexto do fórum de atuação.

Sobre abertura, é uma característica vista como fundamental e essencial. É relativa à inclusão e à transparência. Sendo um espaço aberto integrador de diferentes perspectivas a partir de novas pessoas e temas, que quebre barreiras para engajar e desmarginalizar diversas vozes, e que propicie construções de soluções de longo prazo procurando um caminho comum.

[36] Disponível em: <https://mundo-nipo.com.br/o-que-significa-komorebi/> Acesso em: 16 de setembro de 2023.

Sobre diversidade, é uma busca por ampliação. Diversas iniciativas e vozes para resultados duradouros. Ela é vista como natural e deve sempre ser considerada, respeitada, valorizada e mapeada. Seja diversidade territorial, de interesses, de participação e de participantes.

Sobre estrutura, esta é vista como um princípio básico de operação, como recursos, pessoas, tecnologia e planejamento. É algo que leva à transparência e à abertura. Demonstra processo e metodologia.

Sobre memória, são registros de atas, relatórios, deliberações, planejamentos, estratégias e publicações. Sendo percebido como extremamente importante construir e aprender a partir do que foi feito, e entender o passado para planejar o futuro. Corresponde a lembrar do progresso feito para continuar capaz de progredir, e chegar melhor e mais fácil aos resultados desejados. Também se relaciona com o registro de fatos e o aprendizado com os erros e acertos.

Sobre auto-organização, é vista como círculos conjuntos e coesos, de maneira independente. O apoio institucional organiza as atividades por meio de planos e ações priorizadas, com variações de acordo com quem lidera o processo. A maioria das pessoas são voluntárias e estão dispostas a estarem presentes a partir de suas disponibilidades, acarretando um fluxo de atuações periódicas. As partes interessadas são consideradas criadoras e condutoras dos fóruns, pois foram criados para servirem às suas necessidades.

Sobre incerteza, se dá na continuidade de participação. Amplamente é vista como uma lida diária, com tudo que se faz. Inclusive é considerada uma força motivadora de diálogo, uma busca por certezas. Sendo a incerteza a única certeza existente. Se relaciona com a impossibilidade de previsão de escolhas, decisões e resultados.

Sobre emergência, é vista como novidade e surgimento. Demonstra a necessidade de se abrir espaço para permitir a inclusão de assuntos emergentes. Inclui polêmicas e urgências. Desperta uma necessidade de balanço entre os desafios realmente novos e a revisita aos antigos. Sendo preciso discutir a cada novo tema o que é novidade em relação a ele e o que é sabido. Traz a possibilidade de levar para outros caminhos.

Sobre adaptação, é vista como uma capacidade. Se relaciona com a situação, o momento, as fases, a realidade, sem causar ruptura. Pode ser proporcionada por planejamento e por acidente. A criatividade tem um papel importante para que aconteça. Sempre haverá novas pessoas e ideias. Se não houver mudança, não há sobrevivência. É preciso identificar as oportunidades e ameaças, e conduzir as discussões de maneira oportuna.

Podemos perceber as semelhanças e divergências em relação ao campo semântico despertado pelas concepções de tais características complexas e suas correspondências dialógicas. Principalmente, percebemos uma mistura entre elas. Por exemplo, a abertura sendo vista como a preparação de terreno para a diversidade e emergência. Por outro lado, a auto-organização é vista mais como planejada do que espontânea, e a memória não considera os pressupostos. Em suma, é notável como a maioria das características estão presentes nos discursos sobre os fóruns, mas foi possível interpretar pelo estudo de caso deficiências práticas e simbólicas de condições dialógicas.

> Desde que surgiu a materialidade simbólica da linguagem, é impossível explicar os processos culturais como um desenvolvimento das estruturas biológicas subjacentes. O surgimento de novos níveis de materialidade – a formação do inconsciente, a estrutura simbólica e as práticas discursivas que organizam a ordem social – faz da história um processo que sobredetermina a dinâmica das populações, tanto as humanas, pelos efeitos das regras de matrimônio e das relações sociais de produção de uma cultura, como as biológicas, pelos efeitos das práticas produtivas na transformação dos ecossistemas naturais. A história vai condicionando a evolução biológica e a reprodução social das populações humanas; de forma similar, o processo evolutivo das espécies é guiado pelas práticas culturais de seleção e aproveitamento dos recursos bióticos. Desta maneira, a história de uma cultura vai estabelecendo processos específicos de mediação com seu meio geográfico e a articulação de uma formação social com a ordem econômica dominante. (14)

Para exemplificar o cenário florestal que nos encontramos, recentemente estive em uma palestra sobre manejo florestal para lidar com incertezas. Se tratava de um estudo com quatro tipos de manejo - sendo um sem intervenção, para analisar a composição florestal, e posteriormente comparar resultados considerando possíveis adaptações às mudanças climáticas. Apesar do notável avanço em relação à consideração das incertezas, dois comentários da audiência me chamaram a atenção. Um foi questionando uma proposta que pretendia lidar com algo imprevisível e que tentava fazer previsões. Outro foi uma pergunta sobre qual manejo era melhor para prescrever em outras situações. Podemos perceber que ainda estamos presos(as) na busca por certezas e generalizações.

No que tange à certeza e à generalização, o que diferencia a abordagem proposta por esta pesquisa e as demais? Talvez a certeza da incerteza e a generalização da adaptação contextual.

Outras possíveis prisões enfrentadas atualmente em relação à gestão florestal podem ser: chegar a soluções imediatas; se valer de análises e deduções esquemáticas; julgamentos e valores diversos e ocultos; e fragmentação do conhecimento e do pensamento.

Apesar da maioria de silvicultores preferir focar em árvores, florestas e outras preocupações biofísicas, muito do seu tempo é gasto lidando com questões sociais, econômicas e políticas. Geralmente, as melhores recomendações silviculturais técnicas não são implementadas porque são impedidas por lei, limitações financeiras ou considerações culturais (86). Estes aspectos podem e precisam ser tratados dialogicamente.

Esses fatores resultam de uma série complicada de decisões que interagem de maneira incerta, e todos se sobrepõem nas realidades biofísicas de florestas produtivas. Considerá-los permite uma abordagem de sistema complexo adaptativo apropriada e necessária. Pois, ser capaz de responder a surpresas é um princípio central desses sistemas e um fenômeno mais familiar para gestores florestais tropicais (86).

Quando pensamos em gestão, cada 'Tu' em nosso mundo deve tornar-se irremediavelmente um 'Isso' em algum momento, submisso à medida e à limitação. Entretanto, cada coisa no mundo pode, antes e depois de sua objetivação, aparecer a um 'Eu' como seu 'Tu'. Esta aparição é vista aqui com a consideração da floresta como um sistema complexo adaptativo.

Precisamos expandir nossas ferramentas e adicionar novas maneiras de responder às necessidades, para manejarmos e governarmos as florestas com múltiplos objetivos e de maneira complexa. De forma alternativa ou suplementar à abordagem regulatória (107).

A agilidade na gestão complexa, diferentemente da aceleração, é vista como importante na adaptação às mudanças circunstanciais, mantendo a orientação eficaz para as interações com o ambiente, ao mesmo tempo que a durabilidade no processo. Buscando resultados desejáveis para o bem-estar coletivo. Tais sistemas de gestão precisam envolver a superação de problemas de ação coletiva, a internalização de custos e externalidades sociais, a limitação da dependência de direção, e a lida com riscos e incertezas (107).

> "São as populações que habitam as matas, as selvas tropicais e as áreas rurais onde se expressa sua cultura, onde se forjam suas solidariedades coletivas e se configuram os seus projetos de vida, que podem assumir o compromisso de manter a base de recursos naturais, como legado de um patrimônio histórico e cultural, fonte de um potencial econômico para as gerações vindouras". (14)

A diversidade de atores na gestão dialógica é condição essencial para que esta ocorra. Condições sociais, políticas e ambientais não podem ser vistas separadamente quando se lida com manejo florestal. A ciência complexa provê uma abordagem potencialmente adequada para ligar esses vários aspectos. A interação humano-floresta pode e deve ser um componente integral do sistema complexo adaptativo para garantir um futuro sustentável para florestas e pessoas (86).

Aumentar os níveis de diversidade e heterogeneidade dentro e entre plantações, e as planejar melhor no nível da paisagem também é de grande importância no desenho de plantações mais complexas (86). O que inclui também as iniciativas de plantios em mosaico.

Diversidade conduz para maior estabilidade de ecossistemas florestais e reduz riscos de manejo. Talhões mistos são mais resistentes a várias formas de danos, e mais diversos na composição de fauna e flora, do que talhões somente de monocultura. Talhões com baixa diversidade são também menos resistentes e resilientes a distúrbios naturais e pragas, algo que as mudanças globais podem exacerbar (86).

O efeito de seleção de espécies particulares ou traços funcionais para a adição de uma nova espécie em uma comunidade (plantada ou natural), que já inclui espécies com características similares, não adiciona diversidade funcional ao sistema. Podendo até aumentar a competição e reduzir a produtividade (86). Isso é importante de se considerar tanto nas escolhas de manejo quanto de governança, na composição de participantes em um fórum. Pois, mais pessoas com funções similares pode não aumentar significativamente a diversidade nas interações.

O funcionamento de ecossistemas e suas respostas a distúrbios são governados pelos traços funcionais das espécies componentes e dos padrões de distribuição e abundância de espécies (86). Por isso, por exemplo, a necessidade de diversidade no FFSP, para contribuir com a adaptação a imprevistos e desafios.

Traduzindo para uma dinâmica dialógica no FFSP, poder-se-ia sempre tentar manter uma composição de participantes com memória da história do fórum, bem como com atuações diversas e advindos(as) de locais diferentes. Além de se adotar flexibilidade de pauta, propiciar ligações e melhor comunicação entre participantes durante os encontros. Uma iniciativa que pode ser vista nessa direção, porém externa aos encontros, é a criação do *hub* de ONGs para a facilitação de comunicação e ligações entre elas e as empresas.

O diálogo em grupo permite pelo menos dois momentos importantes relativos à investigação das necessidades: primeiramente conhecer quais as necessidades pessoais que estão satisfeitas, e quais não estão, para balizar a qualidade da presença de cada um. Presença significa presentificar e ser presentificado (3).

Em seguida, conhecer as necessidades relativas ao grupo, que podem tanto ser diversas, quanto direcionadas a algo comum. O FFSP anuncia como objetivo "ser um espaço democrático de reflexão, diálogo e articulação para promover sinergias e inspirar transformações na relação entre produção florestal, conservação de ecossistemas e participação das comunidades" (45)[37]. A partir disso, é possível investigar quais as necessidades existentes para se alcançar o que estão propondo?

Para além disso, duas necessidades profundas individuais são, o reconhecimento pelo outro e a realização das próprias aspirações (57). O FFSP pode propiciar o reconhecimento entre participantes durante os encontros? Quais as aspirações pessoais relativas às florestas que podem ser tornadas comuns?

Outras questões que podem levar ao aprimoramento dialógico do FFSP seriam: o espaço é capaz de proporcionar a gestão territorial colaborativa? A participação de pessoas com suas essências ao invés de aparências institucionais poderia diminuir a autocensura? Muitas outras perguntas podem nos levar a imaginar um ambiente ideal para uma gestão florestal dialógica.

Ressalto que esta pesquisa não pretende qualificar qualquer prática como certa ou errada, boa ou ruim. Apenas se pretende na busca por uma iluminação de caminhos para a aproximação do diálogo por acreditar em sua potência transformadora.

[37] Disponível em: <https://dialogoflorestal.org.br/foruns-regionais/forum-florestal-de-sao-paulo/>. Acesso em: 22 fev. 2022.

Entrenós é justamente a particularidade do diálogo. Na gestão florestal, representada pelo Fórum Florestal Paulista, o que acontece nos(as) participantes? Aos(às) participantes? Entre os(as) participantes? Incluindo a floresta.

Em relação ao manejo que se discute em um fórum florestal, quando não for possível o manejo de florestas naturais, plantações podem se tornar mais adaptáveis, auto-organizadas e resistentes. Por exemplo, alguns troncos e algumas árvores podem ser mantidos durante a colheita, mantendo diversidade estrutural e biodiversidade; e a preparação cuidadosa do local pode diminuir a perturbação do solo e aumentar a retenção de nutrientes, conteúdo orgânico e detritos lenhosos mais grossos (86).

Além disso, a preparação do local com baixa-intensidade e operações que tendam a tolerar alguma competição de vegetação após o estabelecimento, combinado com a proximidade de florestas naturais, podem manter um sub-bosque diversificado, e aumentar sua estrutura e composição de espécies (86).

Por causa das escalas espaciais e temporais envolvidas no manejo de florestas, o zoneamento funcional precisa de condições especiais para obter sucesso, incluindo condições socioeconômicas relativamente estáveis e administrações que fortaleçam programas de conservação. Uma grande extensão de floresta contínua, controlada pelo setor público, por uma ou poucas empresas, pode ter seu zoneamento realizado com a participação de todas as partes com interesse na terra (86).

Por exemplo, seria possível a utilização das terras das florestas plantadas para o plantio de espécies agrícolas de rápido desenvolvimento (como feijão, milho e mandioca), enquanto as mudas das árvores plantadas se desenvolvem? Seria possível o cultivo de frutíferas para as populações do entorno?

O planejamento de plantações precisa considerar tanto a paisagem ao redor, quanto uma abordagem de zoneamento funcional. Inclusive em relação a seu potencial de efeitos benéficos e maléficos sobre as florestas naturais (86), e sobre as populações humanas e mais que humanas.

Gestores são mais prováveis de prever tendências na composição, estrutura e produtividade florestal em uma escala espacial maior, o que não quer dizer plantios maiores. Por isso, a abordagem de paisagem é tão importante. Aceitar um menor controle na escala do maciço dá mais flexibilidade aos gestores florestais para acomodar a auto-organização da floresta, e, então, mais adaptabilidade ecossistêmica nas escalas da paisagem ou da região (86). A iniciativa do LUD P3S[38] pode ser vista como um passo nessa direção. Sendo imprescindível que ela reconheça seu papel político, e que traga atores mais diversos e um olhar crítico para o território.

Considerando a floresta como um bem comum, e pensando sua gestão como parte da gestão dos comuns, uma instituição que exerça esse papel precisa se auto-organizar de maneira não a atingir objetivos específicos, mas a se manter funcionando mesmo quando os resultados não são os esperados. Simplificar uma estrutura de governança, e comprometer seu funcionamento, pode levar ao declínio da estrutura e da função de sistemas naturais (105).

Pode-se dizer que todos os níveis de organizações complexas possuem três causalidades: linear (uma causa produz tal efeito); circular retroativa (o efeito estimula ou regride a produção); e recursiva (o produto é o produtor) (39). Ao propor uma gestão complexa condizente com a floresta e o diálogo, é preciso que essas causalidades sejam consideradas nas tomadas de decisão. Assim, a missão de um espaço de gestão passa a ir além do funcionamento de programas com certas ações previstas.

A possibilidade criativa em uma gestão passa pela relação. É ela que liberta da crença do dever de servir um determinado fim. Crer na fatalidade de algo impede o movimento de conversão, e para os novos desafios

[38] diálogo do uso do solo com planejamento participativo de paisagens sustentáveis.

precisamos de ações criativas e, por vezes, inesperadas. A escolha de cada 'Eu' entre a possibilidade dupla constante de relacionamento coisificado ou de relação subjetificada, decide seu lugar e para onde vai o seu caminho (3).

O posicionamento de cada ser presente em uma gestão pode trazer incoerências. Porém, se os significados puderem estar juntos é possível trabalhar na direção da coerência (4). Podendo criar uma certa harmonia, que comporte ambas para que funcionem juntas. "O importante é saber que jamais chegaremos à verdade, a menos que o significado global seja coerente" (4). Portanto, surge aqui uma noção na qual a aproximação da verdade se dá via significados compartilhados.

O equilíbrio dinâmico poderia se dar na dança entre as posturas 'Eu-Tu' e 'Eu-Isso' na relação sociedade/floresta? Em um fluxo de ação recíproca (3)? Caberia ao fórum propiciar vivências na floresta? E, quando não for possível, propiciar compartilhamentos de vivências? Como foram as vivências dos encontros presenciais que já ocorreram? Por que não as trazer para elucidar as conversas em curso?

Se o diálogo se dá por intermédio da linguagem, um 'diálogo florestal' a teria como instrumento para/das/sobre as florestas. Sendo a linguagem o discurso e seu significado, ela está presente quando em relação com consideração mútua; pela percepção de algo/alguém; pelo reconhecimento da situação; pela comunicação da experiência própria. Gerando um compartilhamento recíproco de conhecimento para a criação de um significado comum.

É em encontros dialógicos que significados são compartilhados. Podendo-se construir uma cultura genuína a partir do diálogo, na qual "opiniões e pressupostos não sejam defendidos de maneira incoerente" (4). Sendo ela necessária não só para que a sociedade funcione, mas também para que sobreviva (4). Assim, é possível perceber a urgência desses encontros em decorrência da relação vital entre seres humanos e florestas.

A cultura pode ser vista como composta de processos polares. Estes vistos em quatro formas de oposição, que em tensão e equilíbrio possibilitam a criatividade cultural. Em seus polos estão: tradição x inovação, e revolução x conservação (34). Cabe então, dialogicamente se decidir quais características são mais adequadas em cada situação.

Esta pesquisa não testa os fenômenos dialógicos, mas os pressupõe e os interpreta, considerando que eles são polifônicos, dinâmicos, heterogêneos e intersubjetivos. Além de saber que nada está acabado em um diálogo, pois a tensão sempre orienta novos acontecimentos e novas interpretações (43). Porém, reconhece ser necessário aprender o diálogo com as árvores, com a paisagem, e com o território – para que esse aprendizado gere influências na gestão dialógica e mudanças culturais no setor florestal.

> O sistema tecnológico insere-se em seus processos de trabalho e opera como uma força produtiva através dos valores culturais de uma comunidade. Contudo, estes valores culturais são transformados continuamente, mediante formas de exploração dos recursos impostas pelas condições econômicas internacionais, assim como pelas políticas nacionais de desenvolvimento. Neste sentido, o sistema de recursos naturais e tecnológicos define-se através das relações de poder entre os sistemas de valores culturais e as condições políticas e econômicas com as quais as comunidades se debatem pela apropriação de seus recursos naturais. (14)

A postura dialógica é algo a ser cultivado para com a vida como um todo, não apenas momentaneamente. O papel de um fórum florestal pode ser de incentivar a dialogia, em seus processos e participantes. Contribuir para uma nova cultura.

Intervenções de governança florestal já estudadas demonstraram alguns fatores críticos associados ao seu sucesso e sua efetividade. Dentre eles, estão processos colaborativos com ativismo e consulta de partes interessadas (126). Portanto, esse dado é um bom indicativo da necessidade de uma abordagem de gestão colaborativa dialógica.

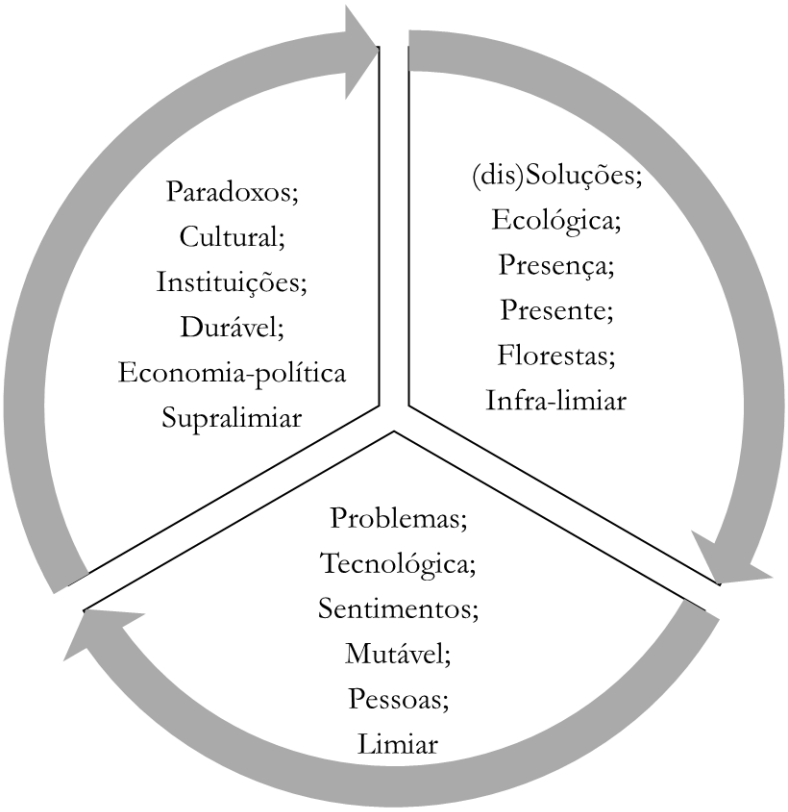
Oportunidades de aprendizado coletivo e colaborativo costumam ser bloqueadas pelo pensamento convencional, pelos procedimentos e pelas estruturas burocráticas das instituições. Entretanto, é preciso combater essa tendência pela necessidade desse aprendizado, juntamente com reflexões interconectadas, para se chegar a uma mudança construtiva e eficaz para lidar com os desafios de interesse público. Essa luta passa pela mudança de nossas referências, compreensões e comportamentos (112).

Uma nova racionalidade que permita a sustentabilidade passa por estratégias epistemológicas da complexidade ambiental e da ética de um diálogo de saberes (14). Assim, a partir da proposta do pensamento complexo como base epistêmica, o diálogo é visto aqui como uma postura ética de mediação e articulação dos processos de gestão florestal. "A problemática ambiental é uma questão eminentemente política e epistemológica" (14).

> A verdadeira vida pública e a verdadeira vida pessoal são duas formas de ligação. Para que possam nascer e perdurar são necessários sentimentos como conteúdo mutável; por outro lado são necessárias instituições como forma durável; porém estes dois fatores reunidos não geram ainda a vida humana, é necessário um terceiro, que é a presença central do 'Tu', ou ainda, para dizê-lo com toda a verdade, o 'Tu' central acolhido no presente (3).

Um fórum, ou outro espaço de gestão como instituição, propicia a junção da vida pessoal de participantes com a presença da vida pública tocante a todos(as). A ligação entre elas passa pelos sentimentos envolvidos, para além dos pensamentos. Podemos perceber que várias tríades já mencionadas se encontram na formulação da composição epistêmica do que precisa estar presente em uma gestão florestal dialógica.

Figura 11. Composição epistêmica tridimensional de uma gestão florestal dialógica.



Fonte: elaborada pela autora.

Resumidamente, uma epistemologia que delimite o olhar para a gestão florestal dialógica reconhece a presença de problemas e paradoxos florestais para os quais busca soluções e dissoluções. Atua nos e com os ambientes culturais, ecológicos e tecnológicos. Precisa de instituições duráveis, clama por sujeitos ativos na presença e no presente, e se adapta aos sentimentos constituintes de um grupo. Parte de uma abordagem econômico-política dialógica para articular florestas e pessoas. Se situa nas esferas de linguagens passada e futura, simbólica e falada.

De tal maneira, se legitima a vontade de utilização e dominação das florestas pelas pessoas, ao passo que essa permanece ligada à vontade humana de relação e a ela se sustentam. Nenhuma pré-disposição é má por si só, somente quando se desliga do ser presente se torna destrutiva. É, portanto, a inclinação determinada pelo ser presente que pode constituir a vida em comum (3).

A economia é a esfera onde habita a vontade de utilização, e a política é onde habita a vontade de dominação, elas participam da vida enquanto participam do espírito (3). Assim, essas vontades são intrínsecas à vida humana. Se as reconhecermos dentro da gestão da casa comum e do ordenamento do fazer comum, podemos, por meio da dialógica, articular a relação sociedade-ambiente de maneira não destrutiva.

O vínculo com a floresta, sua dinâmica, limites e potencialidades, é o que permite a ligação e a determinação com esse ser comunitário. Quando quebrado ou inexistente surgem os problemas e os paradoxos. Como os decorrentes do desmatamento, a perda de biodiversidade, o uso indiscriminado de agrotóxicos, dentre outros.

Os paradoxos são as contradições concomitantes, já mencionadas. Problemas surgem a partir dos pensamentos, da organização social e das ações individuais e coletivas. Podem ser definidos como discrepâncias entre os objetivos e o estado das coisas, e são socialmente construídos. O problema mais básico que enfrentamos é de reconciliar nossa cultura, altamente complexa simbólica e tecnologicamente, com uma relação apropriada com a natureza. Problemas refletem como criamos significados, pensamos e falamos sobre as preocupações (5).

Para lidar com problemas é preciso produzir definições realistas dos mesmos, ideias que considerem de alguma maneira as causas e consequências de circunstâncias indesejadas e uma teoria sobre como melhorá-las. Sem isso, não há fundamento para falar sobre soluções ou possíveis implementações (5). Portanto, mais do que encarar o espaço dialógico como um lugar de se chegar a soluções e implementações conjuntas, deve-se prezar pelas definições comuns de problemas e paradoxos na área florestal.

A complexidade é a natureza do sistema que pretendemos gerir e regular, a floresta, sendo essencial pensar seriamente sobre essa complexidade nos sistemas de governança que propomos. Sem uma preocupação para permitir a complexidade, o processo de tentativa de regulação e preservação da biodiversidade produzirá consequências trágicas e indesejadas (87).

O pensar verdadeiro, inerente ao diálogo, percebe a realidade como processo. Assim, a capta em constante devir, e não como algo estático (23). A ideia da sustentabilidade se apoiando em um tripé pressupõe o equilíbrio sem ação. É só deixar quieto, sem esforço, trabalho, mudanças, que tudo ficará estático. A vida é movimento, bem como sua sustentação. O corpo que dança, o compasso, precisam lidar com a gravidade, precisam de saúde para estar de pé, seguem o ritmo ao seu redor, tem limitações.

Por isso, podemos considerar um encontro dialógico como um processo, sempre com antes, durante e depois, que se retroalimenta. O fato de a pesquisa estar envolvida numa proposta de ecologia aplicada me traz o compromisso de trazer o funcionamento da vida de maneira normativa, me basear nos conceitos aqui tratados sobre diálogo e sistemas complexos adaptativos para propor caminhos de gestão.

Independentemente de um evento ser proposto inteiramente com o propósito dialógico, sugiro a tentativa e adaptação dos pontos de atenção a seguir descritos para auxiliar os instantes de acontecimento do diálogo. Esta proposta se relaciona com o objetivo de elaborar uma abordagem dialógica para guiar processos de gestão florestal multisetorial de maneira complexa.

Não posso ignorar o fato de que minhas interpretações do estudo de caso surgiram a partir de um cenário virtual. Por isso, ao mesmo tempo que reconheço ser esse mais um obstáculo para a ocorrência do diálogo, me esforço para considerar uma abordagem possível para novos encontros, presenciais e virtuais, como forma de expandir minha contribuição.

Considerando a não imposição do diálogo e o poder de resposta, apenas posso dizer que algo existe e indicar no que consiste, simplesmente relatar (34). Portanto, a partir de meu relato sobre o diálogo e sua possível potência na relação entre pessoas e florestas, indico uma trilha rumo à gestão florestal dialógica.

Criar uma cultura não é algo simples e nem rápido. Ela é um comprometimento compartilhado, que está por trás do entrelaçamento de relações estabelecidas entre subjetividades para viverem juntas. É preciso que se concorde com significados comuns para administrar certa situação (4). "Sustento que a sociedade se baseia em significados compartilhados, os quais constituem a cultura" (4).

A cultura, como formas de organização simbólica humana, contempla valores, ideologias e significações que orientam as técnicas e produções, e definem os estilos de vida no processo de assimilação e transformação da natureza (14).

A seguir, compartilho uma sugestão procedimental para uma orientação rumo à abordagem dialógica em encontros de gestão florestal. Entretanto, "não são prescrições que nos ensinam a saída" (3). Se tratando de um 'palpite' metodológico. Esta esperança pragmática parte da necessidade de simplificar o complicado para que possamos chegar à raiz do complexo (112). Pode parecer algo contraditório, e talvez seja, após a crítica da simplificação pregada pelo paradigma reducionista, entretanto, complicado não é o mesmo que complexo, e é por prezar por este último que tento facilitar o primeiro.

Para se pensar o acontecimento dos encontros pode-se basear nas propriedades complexas, vistas entre dois tipos: estruturais e dinâmicas. As primeiras são abertura, diversidade, estrutura e memória. As segundas são auto-organização, emergência, incerteza e adaptação (86). Entretanto, todas podem estar presentes nas etapas de organização de um encontro e durante o processo.

- Antes

Da mesma maneira que uma semente precisa de condições ambientais específicas para sua germinação, o diálogo também precisa. Precisamos de equidade, escuta e julgamentos no palco para o espetáculo acontecer (26).

A organização de um encontro, quando para fins de gestão (como o estudo de caso), pode considerar vários pontos relativos à composição de participantes. Deve-se considerar a diversidade do grupo, a disposição de estar presente e se afetar, o papel de cada participante, e as vivências e os pressupostos trazidos sobre a temática do encontro. A formação desse grupo pode se pautar na identificação de participantes como amigos e adversários. Inimigos, enquanto tais, não são capazes de promover o diálogo.

Boas observações para se identificar as duas primeiras disposições são a respeito do(a) participante conhecer a realidade trazida, ou de negá-la e combatê-la. Porém, a terceira postura se dá quando o outro é restringido e valorado no campo ideológico, neste caso o(a) possível participante não estará disposto para o diálogo. Portanto, quem se prende ao individual não consegue lidar com o circunstancial.

Um espaço estruturado para permitir um melhor encontro pode prezar pela ocorrência de olhares, falas, escutas e conforto. A organização dependerá dos recursos disponíveis, mas mesmo que poucos, uma disposição que favoreça encontros é basilar para a abordagem dialógica.

Um ambiente acolhedor que propicie a abertura de participantes é essencial. Outra característica importante é prezar por uma diversidade de sujeitos que representem a si mesmos, estejam ali como pessoas, e que ao mesmo tempo componham uma diversidade de papeis sociais.

Um 'banho de floresta' prévio poderia ser uma maneira de tirar influências coercivas, possibilitar empatia e mobilizar pressupostos, em relação aos participantes humanos e mais que humanos em uma gestão florestal. Apesar de preferencialmente ser uma atividade conjunta e presencial, em ocasiões virtuais ela pode ser adaptada, de acordo com a criatividade e os recursos de quem a for guiar.

A proposta de um 'banho de floresta'[39] guiado se trata de proporcionar uma vívida experiência sensorial, na qual por meio de convites os(as) participantes possam perceber a floresta como uma parceira e experenciar o que ela tiver para oferecer (66). A importância dessa interação se dá, pois, "para agir em relação a alguma coisa, não basta representá-la apenas na imaginação ou no pensamento. Você deve também senti-la presente em sua percepção" (4). Ao participar de um fórum florestal, faz-se necessário que a floresta esteja presente na percepção de cada pessoa envolvida no processo.

Minhas experiências como guia dessa atividade me mostraram por meio dos relatos espontâneos de participantes a diversidade de informações e percepções que emergem. Foi possível perceber uma abertura inicial em cada pessoa e uma transformação após a experiência. Acredito que as vivências proporcionaram bem-estar e relaxamento, por meio dos relatos das(os) participantes no momento de partilha. Além de falas que demonstraram uma percepção alargada sobre questões ambientais e sobre a importância das florestas.

Para além da afetação individual, o próprio espaço de gestão precisa estar aberto. A abertura em um processo participativo pode ser vista com cinco dimensões: quem é permitido participar; qual informação sobre o assunto está disponível para participantes; quando participantes são convidados(as) e permitidos para participar; quais aspectos do assunto participantes são convidados(as) e permitidos para contribuir; e em qual medida as contribuições de participantes são permitidas para influenciar nos resultados (127).

A empatia para uma escuta verdadeira está relacionada à exposição de pressupostos, pois para ser capaz de pensar e sentir como o outro eu preciso conhecer seu ponto de partida. Da mesma maneira, a não coerção que possibilita equidade é interdependente do reconhecimento do outro como semelhante. Por isso, não se sabe o que vem primeiro, mas que tudo precisa estar presente.

É importante convidar diversos sujeitos para estarem presentes no encontro, se preocupando com uma diversidade que seja considerada em cada peculiaridade. As barreiras para a participação precisam ser consideradas a partir da investigação, e não da suposição. O momento de encontro pode ser pensado de maneira que seja prazeroso e que propicie interações entre todos(as). Os papeis sociais precisam ser explicitados de tal forma que tragam suas bagagens sem inibir os indivíduos. É preciso permitir que cada participante seja autônomo(a) para lidar com suas escolhas e responsabilidades.

- Durante

[39] A palavra banho como costumamos usá-la se refere a se lavar de algo. Porém, banhar-se também pode ser estar imerso(a), e isso permite deixar-se tocar, reconhecer o comum, o diferente e como se dá sua interação.

Iniciar o encontro com gestos de empatia (26) pode ser uma maneira de acolhimento. Por exemplo, por meio de presentes espontâneos (poemas, canções, etc.), ou pelo compartilhamento de preocupações. Isso pode ser capaz de trazer o inesperado, a conectividade e ao mesmo tempo a abertura coletiva.

Em relação à dinâmica do encontro é importante a realização de combinados prévios em relação à gestão do tempo e o princípio comum a ser discutido, este é o momento da negociação sobre como prosseguir. Um processo de negociação pode se dar para chegar ao consenso sobre as regras de convivência, e sobre a maneira de seguir a partir do propósito escolhido para o encontro. A partir dos combinados, as pessoas podem se sentir pertencentes ao grupo.

Posteriormente não haverá agenda a ser seguida, possibilitando a espontaneidade e flexibilidade para a tratativa do que vier a emergir, buscando ao final, após incertezas e adaptações, a síntese do significado construído em conjunto.

Flexibilidade pode significar que regras específicas variam. A manutenção de bens naturais e das instituições se dá nessa variação. As regras particulares consideram atributos do sistema físico em questão, visões culturais, e as relações políticas e econômicas que afetam tal contexto (87). A dialógica é uma maneira flexível de se conduzir processos de gestão, pois sempre será única e adaptável à realidade de cada encontro.

A presença de cada um(a) instaura também a finitude, pois a abertura ao outro, se tornando um 'Tu', define o ser como finito, isto é, relacional (3). Portanto, a presença é fundamental para se estabelecer a relação.

Para facilitar o exercício da presença em um encontro dialógico podemos utilizar a ferramenta meditativa de rotulação, ou observação, de pensamentos. Esta prática além de auxiliar a volta ao presente, ajuda a identificar a tela do pensamento que esteja ocorrendo durante o encontro. Observar os pensamentos permite se distanciar de seus conteúdos e retornar à respiração para se ancorar no momento. Além disso, perceber os padrões de pensamentos ajuda a perceber como eles influenciam na percepção do assunto em questão e consequentemente na abertura para ser atravessado(a) por ele. Tudo isso pode auxiliar na suspensão de julgamentos necessária ao diálogo (4,27,128).

Esta prática pode ser feita uma ou mais vezes durante o encontro, durante pelo menos 10 minutos. Cada participante deve notar o contato dos pés com o chão, com as mãos repousadas, notar os sons ao redor, respirar profundamente um par de vezes lentamente e depois observar a entrada e saída da respiração de maneira natural, prestando atenção o máximo possível nas sensações (128).

É preciso estar alerta para reconhecer pensamentos e deixá-los ir, voltando a atenção para a respiração. Os pensamentos podem ser classificados apenas como 'pensamento', ou por sua categoria, como 'planejamento', 'preocupação', 'julgamento', e assim por diante, mas sem se esforçar demais, o que for mais fluido para recebê-los e se desprender. Não é uma questão de parar de pensar, mas de notar, rotular e soltar o pensamento, de maneira curiosa, paciente e bondosa. Para finalizar, cada participante pode respirar profundamente, abrir os olhos e gentilmente espreguiçar (128).

Se, além dessa prática, por exemplo, na reunião for perguntado para as pessoas se precisam ir ao banheiro, beber água, alongar o corpo, fazer uma ligação, e demais questões corriqueiras para uma atenção plena, já se pode melhorar as condições de participação dialógica. Sem contar o olhar para questões prévias, como uma possível não participação por condições precárias de moradia, alimentação, ameaças à vida, e outras possibilidades.

Além da presença de cada participante no grupo de gestão, é preciso também a presença da floresta gerida. A utilização dos dados de diagnóstico e monitoramento de tal floresta pode ser uma maneira de se escutar a comunicação da floresta. É preciso incorporar esses sinais no planejamento operacional, como parte do entendimento dos mecanismos de retorno, para a realização de ajustes ao longo do tempo. As problemáticas e os

paradoxos que surgem a partir desses dados e dos desafios de incorporação nas operações podem ser uma boa oportunidade de compartilhamento de vivências, escuta de pressupostos e valores, e observação coletiva.

O hiperdiálogo é a consideração de que cada encontro presente é baseado no anterior e antecipa o próximo encontro. Permitindo uma consciência das mudanças e continuidades ao longo do tempo. A reformulação constante do pensamento dialógico é característica da comunicação e isso contribui para a construção do hiperdiálogo (43). Estando intrinsicamente ligada às características de memória e adaptação.

A autenticidade de uma comunicação com partes envolvidas implica no abarcamento de todas elas nas conversas e decisões (43). Fazendo parte de uma hierarquia funcional.

Considerar a função de cada participante dentro do propósito acordado pode guiar a conversa sobre o objetivo de manejo a longo prazo. Para gerar benefícios ecossistêmicos, algumas práticas podem auxiliar as contribuições, como: identificação de pontos centrais (espécies chave), conectividade ou sobreposição de componentes (espécies fundantes), taxas, inflexões ou processos críticos (limites) (86).

A partir do propósito escolhido para o encontro, as informações pertinentes podem surgir de maneira espontânea, mesmo não previstas em pauta. A contemplação do que for colocado em suspensão pelo grupo pode gerar encaminhamentos relevantes para as próximas ações.

O uso de casos específicos para exemplificar questões gerais pode ser uma boa estratégia para a exposição de pressupostos sobre um tema comum. Nesse processo é importante que cada participante traga seus julgamentos antes de especular sobre os dos(as) demais, e esclareçam o que pode gerar distorções de acordo com a vivência de cada sujeito. É uma oportunidade de checar as visões da realidade, construídas por crenças, valores, suposições e costumes (26).

Outra possibilidade, que pode auxiliar na construção de confiança, é o compartilhamento do que foi sofrido em comum (27). A manifestação de frustrações, desafios e traumas pessoais e coletivos pode trazer à tona as similaridades coletivas em relação à temática do encontro.

O perigo de não se identificar preconceitos, ou pelo menos tentar elucidar seus emaranhados, é que eles antecipam o juízo e os evitam, impedindo a experiência do momento presente com o julgamento. É preciso identificar o conteúdo original de verdade, quando houver, contido na formação do preconceito (70).

Se houver facilitação de um evento, ela pode intervir para a explicitação de temas em comum e dos pressupostos de cada participante. Além de propor a observação dos pressupostos para seguir a diante. Este processo pode ressaltar as diversidades representadas e os pontos de interação entre elas. As incertezas e os conflitos terão oportunidade de emergência e a partir daí é possível buscar em grupo uma eficiência de ações segundo a exposição de vários cenários.

Uma estratégia importante para lidar com conflitos, inerentes à diversidade necessária na busca por diálogo, é o foco nos interesses comuns e nos conflitos entre sistemas de valores, ao invés de pessoais. Outra possibilidade, quando apropriado, é a manifestação de sentimentos juntamente com os valores (26). É preciso que cada participante esteja disposto(a) a sustentar o desconforto advindo desse processo.

Sistemas socioecológicos são inerentemente complexos. Diversos atores interagem trazendo diferentes informações, perspectivas e valores. Ferramentas participativas podem auxiliar o processo de gestão de contextos e objetivos específicos. A integração dos diversos valores e interesses pode contribuir para um conhecimento mais abrangente desses sistemas (129), e consequentemente para sua gestão.

Por exemplo, algumas ferramentas que podem trazer pressupostos para a conversa são o planejamento participativo de cenários; o mapeamento participativo; jogos de interpretação de papeis; e avaliação de preferências visuais na paisagem (129,130).

Um fórum de gestão se baseia basicamente no discurso e na prática. As implicações sociais, éticas e políticas destas características podem ser percebidas por meio de valores, concepções sobre o conhecimento e práticas relativas à definição do problema. Devendo levar a uma interrogação constante dos arcabouços morais, para que o que é considerado moralmente apropriado no presente seja atualizado no futuro (131).

Valores são os que nos guiam e transparecem em nossas práticas e nossos comportamentos. Eles englobam as condições para a manutenção pessoal, e as consequências pessoais dos atos e efeitos de outras pessoas, e, portanto, as relações. Uma classificação de oito valores funcionais para uma boa vida, e que podem ser identificados nas manifestações de participantes, são: bem-estar; riqueza; habilidade; conhecimento; poder; respeito; retidão e afeição (112).

A partir da identificação dos valores funcionais predominantes em um grupo, é possível compreender melhor os conflitos advindos deles e às possíveis (dis)soluções a serem buscadas coletivamente. Os valores motivam ações individuais que consequentemente refletem em ações sociais e institucionais. Se buscamos compreender as interações entre sujeitos e as controvérsias em um grupo, precisamos investigar os valores presentes em um encontro (112).

A investigação de valores é apenas uma parte da suspensão e observação de pressupostos. Para ser mais abrangente ela pode incluir perguntas fundamentais de acordo com o propósito do encontro, como: O que é o mundo que nos ocorre na realidade? Como conhecemos algo/alguém? O que é correto? Qual é nossa percepção das coisas? O que é prático para fazermos? (112).

As consequências das respostas poderão permitir o entrelaçamento das demais características dialógicas surgidas ao longo do encontro para que possa ocorrer uma transformação coletiva.

Uma possibilidade para se trabalhar a identificação dos problemas e paradoxos relativos à realidade florestal vivenciada pelos(as) participantes, a identificação de possíveis soluções, e a proposição de ações para alcançá-las é a realização de uma oficina do futuro. Esta é composta pelos momentos de muro das lamentações, árvore da esperança e caminho adiante, e se dá por meio da dinâmica de pensar juntos: alguém tem uma ideia, outra pessoa adota, outra acrescenta algo (132).

As dinâmicas auxiliam a reflexão sobre a autenticidade da comunidade presente. Não por compartilhar um conteúdo idêntico, mas por comungar da situação, da angústia e da expectativa (34).

- Depois

Ao final de um encontro - neste caso um encontro dialógico para se relacionar com questões florestais, cabe a investigação do que emergiu e das adaptações necessárias a partir disso. Uma maneira de se fazer isso pode ser a solicitação para as pessoas avaliarem o mesmo, a partir de quatro palavras: felicito, critico, sugiro, pergunto[40]. Sistematizando as respostas dadas, ou apenas dando visibilidade a elas ao trazer para a análise do grupo, como forma dele perceber as diferentes percepções dos participantes e se debruçar sobre as mesmas.

Outra ferramenta para se olhar para o que foi conversado de maneira complexa pode ser por meio das quatro vertentes interpretativas (51). A humanização do fato pode abarcar a abertura, a afetação pelo ambiente de cada participante. O contexto pode ser dado pela heterogeneidade e diversidade das pessoas presentes, bem como pelas suas interações hierárquicas e auto-organização. As raízes históricas advêm da memória do grupo e seus

[40] Propostas por Celestin Freinet em seus trabalhos educacionais com crianças.

pressupostos. Os prognósticos e diagnósticos virão da emergência de significados gerados pela adaptação às incertezas.

Elaborei indicadores que podem ser utilizados para observação da 'corporificação da palavra dialógica' (34) na gestão florestal. Em cada indicador é possível identificar o que foi vivenciado em termos dialógicos durante o encontro. Se os indicadores forem visitados ao final de cada encontro, provavelmente aos poucos serão incorporados nas percepções de cada participante ao longo dos próximos encontros. Isso por si só pode gerar um processo transformacional, que poderá tanto permitir a ocorrência mais frequente do diálogo quanto ser fruto dele, em constante retroalimentação.

Os indicadores se baseiam em quatro dimensões. Por se tratar de uma gestão realizada por humanos, a primeira dimensão considera a palavra dita, sendo composta por três categorias a partir dos modos de ser da linguagem. O modo de possessão potencial se refere ao que já foi dito, a linguagem capaz de ser incluída, e é ligado à facticidade dinâmica da linguagem. O modo de ocorrência real se refere à palavra que é falada, se relaciona com a vontade de comunicar e é ligada ao 'voltar-se um para o outro'. O modo de continuação presente se refere a tudo que pode ser falado, em um lugar de 'ser-com-o-outro' que é ligado ao contexto compartilhado (27).

Podemos perceber a ligação entre passado, presente e futuro. O contínuo que forma as possibilidades da linguagem se dá pelos significados recebidos, que geram a comunicação momentânea, e que ancora o 'vir-a-ser' comum.

A segunda dimensão dos indicadores é relativa ao evento dialógico e aos fenômenos que acontecem: psíquicos (em nós), físicos (conosco), e singulares (entre nós) (27). Cada presença precisa se tornar presente para si, para que se possa perceber, ser tratada, e tratar o outro como sujeito (34). Nesta dimensão, podemos extrapolar para o reflexo da relação socioambiental articulada dialogicamente pela economia e pela política.

A terceira dimensão é relativa à percepção: observar, contemplar e tomar conhecimento íntimo (34). Aqui estão as decisões posturais de cada ser que permitem distância e relação, objetificação e subjetificação. São um pré-requisito para a próxima dimensão.

A quarta dimensão diz respeito ao movimento duplo do princípio da vida humana, no qual o primeiro é um pressuposto para o segundo. Gerando espaço para que ele aconteça - sem sucessão temporal. Aí existem as atitudes de distanciamento, para perceber a alteridade, e a própria relação. Os movimentos então compartilham de: reação, interação mútua, e cooperação (27). Permitindo a duplicidade de perceber a floresta como uma unidade, de qual faço gestão, e uma totalidade, da qual os seres humanos fazem parte.

- Indicador de possessão potencial: foi
- Indicador de ocorrência real: é
- Indicador de continuação presente: pode
- Indicador psíquico: em
- Indicador físico: com
- Indicador singular: entre
- Indicador de observação: observo
- Indicador de contemplação: contemplo
- Indicador de tomada de conhecimento íntimo: compreendo
- Indicador de reação: reajo
- Indicador de interação mútua: interajo

- Indicador de cooperação: coopero

A partir das dimensões elucidadas, percebemos a interconexão entre linguagem, articulação, postura e movimento necessárias a um processo de gestão florestal dialógica.

Considerando as definições do que é muitas vezes considerado diálogo, e o fluxo de significados que é sempre dinâmico, podemos imaginar um espectro dialógico para auxiliar a interpretação dos encontros em espaços de gestão, e aprimorar as características necessárias para que o diálogo possa acontecer.

Neste espectro, quanto mais indicadores de continuação presente, singulares e de tomada de conhecimento íntimo ocorrerem, mais o grupo se aproxima da ocorrência do diálogo; quanto mais indicadores de ocorrência real, físicos e de contemplação mais se aproxima da conversação técnica, e quanto mais indicadores de possessão potencial, psíquicos e de observação mais se aproxima do monólogo.

Em qual extensão a combinação de momentos técnicos e monólogos ('Eu-Isso') e dialógicos ('Eu-Tu') possibilitaria a ocorrência do diálogo? Quais os momentos de distância e relação em um encontro de gestão são propícios para a interdependência dessas atitudes?

Tabela 3. Parâmetros para observação da corporificação da palavra dialógica.

Pergunta	**Palavra dita**	**Fenômenos**	**Percepção**	**Movimento**
Como você caracteriza a sua presença neste encontro?	☐ Foi (menção passada) ☐ É (menção presente) ☐ Pode (menção futura)	☐ Em (você) ☐ Com (você) ☐ Entre (participantes)	☐ Observo ☐ Contemplo ☐ Compreendo	☐ Reajo ☐ Interajo ☐ Coopero
Como você caracteriza a presença da floresta neste encontro?	☐ Foi (menção passada) ☐ É (menção presente) ☐ Pode (menção futura)	☐ Em (você) ☐ Com (você) ☐ Entre (vocês)	☐ Observo ☐ Contemplo ☐ Compreendo	☐ Reajo ☐ Interajo ☐ Coopero

Fonte: elaborada pela autora.

Os parâmetros para observação da corporificação da palavra dialógica podem ser abordados ao final de um encontro. Por meio de perguntas, pode-se investigar a presença de cada participante e da floresta escolhida de acordo com o propósito comum.

Outros questionamentos que podem ser feitos aos (às) participantes ao final de um encontro, relativos às características complexas, e dialógicas, são:

- Abertura – Como foi a sua disposição para estar presente e sua abertura para se afetar?
- Diversidade – Quão diverso era o grupo e como cada alteridade foi considerada?
- Estrutura – Houve interação no encontro entre os diferentes papeis sociais e consideração das responsabilidades individuais envolvidas?
- Memória – Houve espaço para a escuta de vivências, valores e demais pressupostos?
- Auto-organização – Como se deu o processamento do propósito acordado? Foi de maneira espontânea?
- Incerteza – Como os pressupostos foram suspensos e contemplados?
- Emergência – Quais foram os significados criados em conjunto?
- Adaptação – A partir dos conflitos, o que se transformou?

Se estamos tratando de gestão florestal, os limites planetários deveriam definir a relação para com os outros seres. Ao invés da visão de crescimento sem fim e acumulação de capital, seja ele natural ou monetário. A incorporação das condições ecológicas aos processos produtivos é o que possibilita a dissolução de externalidades socioambientais, a partir do estabelecimento de limites e potencialidades reais (14).

A nova racionalidade produtiva necessária à sustentabilidade precisa basear-se no potencial ecológico e em outros sentidos civilizatórios. Por isso, insisto em um compasso da sustentabilidade. No qual a economia-política seja circunscrita aos limites de expansão que asseguram a reprodução de condições ecológicas. Para que haja uma produção florestal sustentável dependente da regeneração ecossistêmica, é preciso flexibilidade e maleabilidade para lidar com as incertezas e adaptações necessárias (14).

A urgência de uma relação 'Eu-Tu' com a floresta, para além da 'Eu-Isso' dominante, se dá pela necessidade de contraposição à sobre-economização do mundo. Esta torna homogêneos os padrões de produção e consumo, que são contraditórios à sustentabilidade do planeta por não se basearem na diversidade ecológica e cultural (14).

A sustentabilidade tem como desafio considerar as singularidades locais e integrar as diferenças com sua incomensurabilidade, relatividade e incerteza. Necessitando de uma política da diferença, que passa pelo fundamento ontológico do ser e da alteridade. O processo de transição para a sustentabilidade implica a confrontação com valores e interesses distintos, e até opostos (14). Nunca podemos excluir valores das decisões políticas, se não estamos nos iludindo (26).

A dialógica como abordagem complexa para a gestão florestal é uma possibilidade de mobilizar a participação social na tomada de decisões que afetam as condições de existência, e de desencadear energia e criatividade para uma nova cultura econômico-política com múltiplas organizações produtivas (14).

A palavra dialógica transcende a fala ou a escrita, ela é constituída pelos acontecimentos do cotidiano. "Da mesma forma que a palavra dirigida, as palavras da nossa resposta são faladas na linguagem intraduzível da ação e da omissão" (34). Portanto, transcende os espaços de gestão. Assim, a disposição para adentrar um espaço de gestão dialógica, se inicia anteriormente ao encontro - nas ações e omissões individuais, e precisa continuar para além dele.

Para uma nova cultura surgir, é preciso compreender a que existe. Esta pode ser vista como composta por uma parte superficial (convenções presentes nos acontecimentos do dia a dia), e uma parte profunda, funcional (que contém estilos de comunicação, noções, conceitos, atitudes, abordagens e questões fundantes) (112). A investigação das dimensões culturais é inerente ao processo dialógico.

O processo dialógico começa com uma aceitação do outro como ele(a) é, neste momento e na atualidade do encontro. Também parte de uma confirmação do outro, que significa ir além da aceitação. Se aceita toda a potencialidade do ser, é possível até interferir na sua potencialidade, em direção ao que está destinado a se tornar. Esta aproximação com o 'vir a ser' se dá em real contato e reciprocidade com o mundo (27). Cada participante é uma potencialidade insubstituível em um grupo gestor.

O âmbito político permite o encontro das potencialidades para que se realize o desejo de comunidade, possibilitando que a verdadeira utopia se realize (3). Os seres que se comunicam entre si, por meio de cada modo de existência, criam uma união múltipla, e vivendo um com o outro podem atingir realizações efetivas.

A potência de ação, que surge quando se é afetado(a), é algo esperado após um encontro dialógico. Pois, a criação de significados em comum gera força e capacidade de adaptação para se trabalhar em conjunto. O espaço de gestão precisa comportar a investigação dos pressupostos, inclusive de identificação de potencialidades, talentos e

capacidades individuais, e de informações a partir do afloramento de conflitos, para gerar ação política transformadora (7).

Não há estado no qual o indivíduo meramente conduz sua própria existência sem contribuir com sua parte. O fato de apenas viver contribui para a vida de seu ambiente humano e para o mundo em geral. Porém, os sujeitos quando entram em acordo acrescentam em comum para a própria forma do mundo. Eles se associam uns aos outros no mundo, se ajudando através do poder do conhecimento para compreender o mundo como uma ordem mundial. Sem a compreensão da ordem não se é e não pode ser um mundo. Eles só podem fazer isso se, e na medida em que, estão verdadeiramente despertos, se eles existirem em comum (27). Sendo o mundo comum uma construção comum.

Toda verdade é posta em questão pelo fato de ser politizada. A comunidade e a vida comunitária se realizam na medida em que indivíduos se tornam reais, em cuja existência responsável se renova a coisa pública (34). O 'Nós' primitivo precede a verdadeira individualidade e independência, enquanto o 'Nós' essencial só surge quando pessoas independentes se unem em uma relação essencial e franca – incluindo o 'Tu' potencial (27).

Muito se discute no debate ambiental sobre a sobrevivência da espécie humana. Porém, pouco se fala que sua existência se dá no coletivo, como 'Nós' (27). A real existência como um 'Nós' não é possível em um cosmos independente, mas somente em diálogo sempre renovado com o que está contra nós (27). O acontecimento do diálogo permite uma construção conjunta de significação comum – um mundo comum a partir da linguagem (27). Contendo neste a potência de outros futuros.

O mundo comum se constrói pelo discurso comum com significado (34). Portanto, percebemos a importância do diálogo para a gestão do bem comum, para o bem viver. Cabe a cada um(a) se tornar consciente do outro, de tal forma que assuma para com ele um comportamento. O considere como parceiro num acontecimento da vida (34). Os espaços de gestão são propícios para permitir a construção de uma existência comum, para se compreender e construir o mundo, pois a estrutura básica da alteridade é a coisa pública (*res publica*) (34).

O genuíno 'Nós' deve ser reconhecido em sua existência objetiva através do fato de que está considerado em qualquer uma de suas partes. Uma relação essencial entre sujeitos, entre 'Eu' e 'Tu', é sempre evidente como existente ou potencialmente existente. A comunicação que surge no entre dá vida ao 'Nós', e a comunicação comunal a partir do outro permite a criação do novo (27).

Apesar de sua existência objetiva, o 'Nós' não é coletivo, nem grupo, ou multidão objetivamente exibível – se permite ser transportado para a terceira pessoa, mas não tem constância comparativa e a continuidade do 'Eu' – os sujeitos sempre experenciam como 'Eu', experiências com outros e consigo. Porém, é como 'Nós' que se constrói e se desenvolve um mundo fora e a partir de suas experiências (27). É quando pessoas se juntam que o mundo se move entre elas, e os assuntos humanos se fazem e acontecem nesse interespaço (70).

O risco em jogo é quando as diferenças decisivas para o gerenciamento do bem comum neste espaço do entre estão na direção da extinção da vida, e não são abordadas de maneira dialógica. "Eu acho que o bem, o que nós podemos chamar de bem, é sempre direção. Não uma substância." (27 tradução nossa).

> Não se trata de resolver a contradição entre conservação e desenvolvimento, internalizando as condições ecológicas para um crescimento sustentado da economia, mas repensar o ambiente como um potencial para um desenvolvimento alternativo, ou seja, construir um novo paradigma produtivo que integre a natureza e a cultura como forças produtivas (14).

O papel da dialógica como articuladora econômica-política na gestão florestal é justamente o de auxiliar nessa dissolução de paradoxo e construção de paradigma. O diálogo sobre e com as florestas é uma postura ético-

política para permitir a coexistência planetária. Considerando a política como relativa à permanência (36), e, portanto, à sustentabilidade.

Talvez o motivo por termos posturas tão antagonistas, ao invés de agonistas, no debate conservacionista seja a falta de explicitação das premissas teóricas de cada pessoa ao entrar nessa esfera (95), e isso impede o diálogo de acontecer. Um espaço dialógico deve ser capaz de permitir que adversários exponham, suspendam e observem os julgamentos seus e de outros, para que decisões conjuntas possam ser tomadas em prol da biodiversidade, sem evitar as questões fundamentais.

Pressupostos quando não observados em conjunto geram desentendimentos e erros de julgamentos coletivos. A abordagem dialógica é uma maneira de comunicação que permite que sujeitos os apresentem para que sejam admirados e confrontados de forma efetiva (26).

Nossos desafios estão embebidos de traços históricos, políticos, sociais e psicológicos (112). Ao compartilharmos palavras, gestos, indicativos e visões de mundo podemos criar esperança e procedimentos práticos para avançarmos juntos. Sendo as muitas dimensões do diálogo uma maneira de caminhar em diversas direções (89). Em busca de integração, coexistência e ética (112).

Caras(os) gestoras(es), por mais urgentes que sejam as demandas por soluções e por mais que acreditemos na importância do conhecimento, não nos esqueçamos da sabedoria. A sabedoria vai além das informações trazidas pelos dados que nutrem o conhecimento, ela adiciona valores. Condutas vão além dos fatos, precisamos combiná-los com perspectivas sobre os valores (26). Somente assim conseguiremos conjuntamente lidar com os desafios que a vida nos apresenta, e a dialógica pode ser uma maneira de gerir sabiamente.

ACABAMENTO PROVISÓRIO

Tell all the truth but tell it slant —

Success in Circuit lies

Too bright for our infirm Delight

The Truth's superb surprise

As Lightning to the Children eased

With explanation kind

The Truth must dazzle gradually

Or every man be blind — (133)

Para que a verdade não nos incomode 'pelo brilho de sua luz', um exímio pedagogo brasileiro inventou os 'círculos de cultura'. É em ciranda que a verdade emerge. Aqui em linha reta trago somente inspiração para que o movimento aconteça. Apresento um testemunho de quem se abriu para um doutorado, buscou diversos saberes, se estruturou em meio aos desafios, se influenciou pelo que viveu, se organizou em meio às turbulências, abraçou às incertezas, deixou emergir o inesperado e se adaptou criando esta tese.

Minha tese é que a dialógica é uma abordagem complexa para a gestão florestal. Espero ter justificado e esclarecido sua necessidade e pertinência ao longo do texto e nas interlocuções com outras escritas.

Encerro provisioriamente este trabalho. A pesquisa certamente não se acaba. Espero que seja o início do rompimento de fronteiras entre nossos seres e seres alheios. Meu desejo é que nos pautemos ontologicamente, epistemologicamente e metodologicamente – bem como eticamente e esteticamente - na alteridade e no cuidado. Arrisco dizer que nas 'palavras-princípio' se encontram a oportunidade de alteridade no 'Tu' e de cuidado no 'Isso'. Assim, mesmo oscilando entre os polos dialógicos é possível se aproximar desses valores.

A busca por pesquisar imersa em um paradigma dialógico passou pela tentativa de coerência em todas as esferas possíveis e identificadas. Portanto, indicadores que geralmente são afirmações postas, caracterizando pressupostos, foram apresentados como perguntas, no exercício da suspensão de pressupostos. Bem como os parâmetros de interpretação foram dados por palavras que se relacionam a dimensões experenciadas, em aproximação ao pensamento complexo.

Ao longo da pesquisa pude experimentar a alternância entre as atitudes 'Eu-Tu' e 'Eu-Isso'. 'Eu-Tu' por meio da minha relação com as florestas e com os sujeitos pesquisados. 'Eu-Isso' por meu relacionamento no estudo sobre o diálogo e a floresta em relação ao FFSP e também com os sujeitos pesquisados. Espero que esta pesquisa possa contribuir para a identificação pelo setor florestal da relação entre as práticas de diálogo e as transformações na realidade.

Se mencionei ao longo do texto a necessidade de fugir das dualidades e da importância do todo, poderia ter falado dos desertos, dos oceanos, da sociedade humana, e muito mais. As florestas foram um ponto de vista entre tantos na vida planetária. Um bom lugar para se pensar as relações complexas.

Pretendo contribuir com a intenção e dimensão dialógica do FFSP e de outros espaços que se propõem dialógicos. Reconhecendo o valor dessas iniciativas e sabendo que serão sempre limitadas na promoção do diálogo,

pois o empenho para seu acontecimento é um processo sem fim. Durante três anos de observação-experiência olhei para o fórum, e os outros fóruns correspondentes, como uma busca por possibilidades para que o diálogo ocorra.

Espero que este trabalho possa contribuir como abertura para novos questionamentos e experimentações dialógicas e apontar caminhos para outras pesquisas, outras noções de diálogo, outras manifestações na realidade, outras coletas de dados, outros 'Eus', 'Issos' e 'Tus'.

Estive aproximadamente quatro anos tentando compreender o que é diálogo. Para mim, **diálogo é um acontecimento advindo do encontro entre seres diversos que por estarem dispostos e abertos permitiram a mistura de suas vivências, admiraram seus funcionamentos, adaptaram responsavelmente a partir do inesperado, e elaboraram um novo estado**. Sendo a dialógica a abordagem que permite a ocorrência do diálogo, uma maneira de revelação do entre.

Portanto, diálogo não é uma ação, não pode existir 'dialogar'. Isso é o que o difere de seus sinônimos como 'conversar', 'discutir', 'debater', 'entender' e 'conciliar'. O diálogo é uma comunicação que se almeja e se reconhece após acontecida. Dentre suas múltiplas maneiras de acontecer, pode incluir conversas e discussões, mas não se limitando a elas. Podemos compreender o diálogo como utopia, um rumo que nos guia em uma direção desejada e natural.

Para caminhar na perspectiva de uma escolha ético-política da diversidade, do dissenso criador, da responsabilidade frente à diferença e à alteridade, dispomos da dialógica como abordagem. A questão ética da pesquisa se deu como uma tentativa dentro de um novo paradigma da ciência, um reconhecimento dos valores embutidos em cada ser e um questionamento se o que eu faço ao outro também poderia ser feito a mim, no lugar de uma premissa da ciência de generalização e replicabilidade. Não existe repetição de encontro dialógico, mas podem existir convites com premissas dialógicas que sejam eticamente científicos, que possam ser recomendados.

Acredito que os problemas florestais estão mais relacionados às pessoas do que às florestas. Durante a caminhada profissional percebi que muita gente se esforçava pela identificação e solução de problemas. Entretanto, para mim eram os paradoxos que muitas vezes os geravam e estavam sendo deixados de lado.

A primeira pergunta-hipótese foi respondida positivamente, confirmada. A segunda e a terceira foram respondidas negativamente, confirmadas teoricamente. A partir da refutação advinda do estudo de caso no qual não se percebeu a presença da abordagem dialógica e a consideração da floresta como sistema complexo adaptativo.

Não pude testar as seguintes hipóteses-perguntas, mas elas foram minhas 'percepções sensibilizadoras'[41], e as deixo para futuras pesquisas: a floresta deve também ser considerada como um 'Tu' na gestão florestal; o diálogo permitido pela abordagem dialógica é uma maneira para lidar com paradoxos, para além de problemas; e, o diálogo pode ser uma maneira econômico-política de articular as relações entre pessoas e florestas rumo à sustentabilidade.

Acredito que este trabalho possa contribuir para futuras investigações na área de manejo e governança florestal, ressaltando que além de problemas a relação pessoas-florestas possui paradoxos e que o diálogo pode ser uma maneira de dissolvê-los para que decisões políticas-econômicas sejam tomadas em prol do bem comum. Além de uma gestão florestal que seja dialógica entre pessoas, ela também precisa considerar a comunidade floresta como sujeito plural na relação para que a dialogia realmente aconteça. Penso que esta consideração como sujeito passa pelo reconhecimento de sua essência como sistema complexo adaptativo.

Justamente por respeitar a singularidade de cada encontro, a postura dialógica como metodologia pode ser empregada em qualquer lugar e situação na qual haja disposição para tal. Inúmeros caminhos podem ser traçados, e o

[41] Nunca hipóteses fechadas (58).

aqui sugerido, de se pautar nas características de abertura, diversidade, estrutura, memória, auto-organização, incerteza, emergência e adaptação, é um deles.

Na caminhada para a superação do paradigma cartesiano, uma sugestão é sua incorporação em um paradigma dialógico da ciência. Esse paradigma vigente contempla a atitude 'Eu-Isso' e o pensamento literal, necessários na dança dialógica, mas não suficientes. Assim, em um movimento 'paradigmafágico' sugiro a absorção do que for pertinente à relação administrativa entre pessoas e florestas com vistas à totalidade de uma relação ontológica entre os seres. Pois a gestão precisa da atitude 'Eu-Isso', mas a verdade necessária a ela se manifesta na atitude 'Eu-Tu'.

Por fim, ofereço às(aos) que leram esta tese, a própria tese imaginada em formato de 'fungo-caleidoscópio'. A mensagem que deixo é que a gestão florestal dialógica pode ser ilustrada, ou situada, como uma hifa (parte reprodutiva dos fungos que conhecemos como cogumelos). Este cogumelo é pertencente à totalidade e se conecta a toda a rede de comunicação na floresta. Em seu interior estão infinitas possibilidades de combinações e criações de significados que se encontram e se fazem no diálogo, articulações entre atitudes 'Eu-Isso' e 'Eu-Tu'. As cores são do arco-íris do espectro dialógico, da diversidade de matizes subjetivas, e seus formatos podem sempre se distanciar ou se aproximar em sua manifestação genuína. Podemos sempre conversar-um-com-o-outro respondendo às perguntas que se manifestam na presença planetária.

Se preferir a alquimia, pense no diálogo como amálgama. A ligação entre a informação e a ação, entre um ser e outro. O elo que passa despercebido por parecer perda de tempo - porque exige tempo e presença. Se preferir um gesto, pense na costura. Estamos em meio a retalhos cortados pela ciência positivista que não sabemos como juntá-los e não questionamos nossas escolhas por cores e formatos. Fazemos uma composição sem liga e sem sentido. Um belo e efetivo trabalho conjunto exige linha entre a agulha, e agulha entre o pano.

Diálogo é sinal de atravessamento. Na gestão florestal seria então atravessar-se pela floresta, embrenhar-se nessa comunidade pulsante e se afetar afetando. É reciprocidade multidimensional, são conexões fúngicas e neurais ao mesmo tempo e agora. Qualquer que seja sua relação com a floresta, desejo que ao terminar esta leitura você se abra a ela e a receba como um 'Tu'. Bons encontros!

REFERÊNCIAS

1. Freire P. A sombra desta mangueira. São Paulo: Olho D'agua; 1995. (citações diretas, respectivamente, pg.15, pg.81, pg.75)

2. Freire P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra; 2019. (citação direta pg.31)

3. Buber M, Zuben NA Von. Eu e tu. 10th ed. São Paulo: Centauro; 2017. (citações diretas, respectivamente, pgs.13-14, pg.46, pg.87, pg.61, pg.117, pg.65, pg.84, pg.131, pg.55, pg.79, pg.101)

4. Bohm D. Diálogo: comunicação e redes de convivência. São Paulo: Palas Athena; 2005. (citações diretas, respectivamente, pg.58, pg.160, pgs.162-163, pg.69, pg.78, pg.29, pg.34, pg.65, pg.65, pg.39, pg.66, pg.71, pg.31, pg.63, pg.51, pg.110, pg.68, pg.67, pg.110)

5. Clark S. An Inquiry into "Convention"as a Problem and what we Might do About it? Glob J Sci Front Res (H). 2022;22(5).

6. Branco SM. Ecossistêmica: uma abordagem integrada dos problemas do meio ambiente. São Paulo: Blucher; 1999. (citação direta pgs.194-195)

7. Alves DMG, Andrade DF, Barbosa CR, Biasoli SA, Bidinoto VM, Brianezi T, et al. Em busca da sustentabilidade educadora ambientalista. ambientalMENTEsustentable. 2010;I(I):7–35.

8. Wohlleben P. A vida secreta das árvores. Rio de Janeiro: Sextante; 2017. 224 p.

9. Azevedo T, Rosa MR, Shimbo JZ, Oliveira MG de. Relatório Anual Do Desmatamento No Brasil 2020 [Internet]. São Paulo; 2021. Available from: http://alerta.mapbiomas.org

10. Ghazoul, Jaboury; Sheil D. From the beginning: origins and transformation. In: Tropical rain forest ecology, diversity, and conservation. Oxford: Oxford University Press; 2010.

11. Harari YN. Sapiens – uma breve história da humanidade. Porto Alegre: L&PM; 2015.

12. FAO and UNEP. The State of the World's Forests 2020. Forests, biodiversity and people. [Internet]. The State of the World's Forests 2020. Rome: FAO and UNEP; 2020 May [cited 2021 Sep 24]. Available from: http://www.fao.org/documents/card/en/c/ca8642en

13. Hardin G. The tragedy of the commons. Science (80-). 1968;162(3859):1243–8.

14. Leff E. Ecologia, capital e cultura: a territorialização da racionalidade ambiental. Petrópolis: Vozes; 2009. (citações diretas, respectivamente, pg.42, pg.191, pg.244, pg.244, pg.103, pg.164, pg.184, pg.192)

15. Dean W. A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira. São Paulo: Companhia das Letras; 1996.

16. Ibá. Relatório Ibá 2020 [Internet]. São Paulo; 2020. Available from: https://www.iba.org/datafiles/publicacoes/relatorios/relatorio-iba-2020.pdf

17. Cunha MC da, Sônia BM, Adams C. seção 5. Os territórios indígenas e tradicionais protegem a biodiversidade? In: Povos tradicionais e biodiversidade no Brasil: contribuições dos povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais para a biodiversidade, políticas e ameaças. São Paulo: SBPC; 2021. p. 132.

18. Ostrom E. Governing the commons:The evolution of institutions for collective action. The SAGE Handbook of Governance. Cambridge: Cambridge University Press; 2015. 280 p.

19. Boff L. Sustentabilidade: o que é-o que não é. Petrópolis: Vozes; 2017.

20. Katz E. Nature as subject: human obligation and the natural community. Maryland: Rowman & Littlefield; 1997.

21. Martens P. Sustainability: science or fiction? Sustain Sci Pract Policy. 2006;2(1):36–41.

22. Morin E. Entender o mundo que nos espera. In: Como viver em tempo de crise? Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 2013.

23. Freire P. Pedagogia do oprimido. 17ª. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1987.

24. Naess A. The shallow and the deep, long-range ecology movement. A summary. Inquiry. 1973;16(September):95–100.

25. Cockburn J, Cundill G, Shackleton S, Rouget M, Zwinkels M, Cornelius SA, et al. Collaborative stewardship in multifunctional landscapes: Toward relational, pluralistic approaches. Ecol Soc. 2019;24(4).

26. Yankelovich D. The magic of dialogue: transforming conflict into cooperation. New York: Simon & Schuster; 1999.

27. Buber M, Friedman M. The Knowledge of Man. A Philosophy of the Interhuman. New York: Harper Torchbooks; 1965. (citação direta pg.181)

28. Pan Y, Birdsey RA, Phillips OL, Jackson RB. The structure, distribution, and biomass of the world's forests. Annu Rev Ecol Evol Syst. 2013;44:593–622.

29. Nascentes A. Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; 1955.

30. Santos B de S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: Epistemologias do sul. Coimbra: Almedina; 2010.

31. Santos B de S. A Transição Paradigmática: da regulação à emancipação. In Coimbra: Centro de Estudos Sociais; 1991.

32. Shiva V. Reducionismo e regeneração: uma crise na ciência. In: Ecofeminismo. Belo Horizonte: Luas; 2021. p. 504.

33. Shiva V. The Violence of the GREEN REVOLUTION Third World Agriculture, Ecology and Politics. Kentucky: The University Press of Kentucky; 2016.

34. Buber M. Do diálogo e do dialógico. São Paulo: Perspectiva; 2014. (citação direta pg.55)

35. Mouffe C. Sobre o Político. São Paulo: WMF Martins Fontes; 2015. 135 p.

36. Arendt H. A condição humana. Rio de Janeiro: Forense Universitária; 2008. (citação direta pg.248)

37. Denzin, Norman K.; Lincoln YS. The Landscape of Qualitative Research: Theories and Issues. London: Sage Publications, Inc.; 1998.

38. Gebara I. A Quesão Epistemológica. In: Teologia Ecofeminista. São Paulo: Olho dágua; 1997.

39. Morin E. Introdução ao pensamento complexo. 5th ed. Porto Alegre: Sulina; 2015. (citação direta pg.41)

40. Rosa JG. Tutaméia (Terceiras estórias). 4th ed. Rio de Janeiro: José Olympio; 1976.

41. Michael Quinn P. Qualitative research and evaluation methods. 3rd ed. Qualitative Inquiry. Thousand Oaks: Sage Publications, Inc.; 2002. 342 p.

42. Yin RK. Estudo de caso: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman; 2001.

43. Marková I. A mente dialógica nas práticas profissionais. In: Mente dialógica: senso comum e ética. Curitiba: PUCPRESS; 2017. p. 316.

44. Kozinets R V. Netnografia: Realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso; 2014. 203 p.

45. Florestal D. Diálogo Florestal [Internet]. 2022 [cited 2022 Feb 22]. Available from: https://dialogoflorestal.org.br/ (citação direta *online*)

46. Bernard HR. Research methods in anthropology: Qualitative and quantitative approaches. Maryland: Rowman & Littlefield; 2006.

47. Silva Jr. RD. Caminhos para a diversidade: a Antropologia. Campinas; 2010.

48. Haguette TMF. Metodologias qualitativas na sociologia. Petrópolis: Vozes; 1992.

49. Gadamer H-G. Verdade e método II: complementos e índice. Petrópolis: Vozes; 2002.

50. Fasanello MT, Nunes JA, Porto MF. Metodologias colaborativas não extrativistas e comunicação: articulando criativamente saberes e sentidos para a emancipação social. Rev Eletrônica Comun Informação e Inovação em Saúde. 2018;12(4).

51. Medina C. A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus; 2003. (citação direta pg.126)

52. Pires PR. Doze ensaios sobre o ensaio: antologia serrote. São Paulo: IMS; 2018. 256 p.

53. Starobinski J. É possível definir o ensaio? In: Doze ensaios sobre o ensaio: antologia serrote. São Paulo: IMS; 2018. p. 256.

54. Mosé V. Receita para lavar palavra suja. Rio de Janeiro: Arteclara; 2004. (citação direta pg.21)

55. Habermas J. Passado como futuro [Internet]. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; 1993. 112 p. Available from: http://books.google.com/books?id=vszZAgAACAAJ&pgis=1

56. Tassara ET de O, Ardans-Bonifacino, Héctor Omar; Oliveira NN de. Psicologia socioambiental: uma psicologia social articulando psicologia, educacao e ambiente. Rev Latinoam Psicol [Internet]. 2013 Jun 22 [cited 2021 Sep 27];45(3):425–35. Available from: https://go.gale.com/ps/i.do?p=AONE&sw=w&issn=01200534&v=2.1&it=r&id=GALE%7CA364958046&sid=googleScholar&linkaccess=fulltext

57. Morin E. Ensinar a viver: manifesto para mudar a educação. Porto Alegre: Sulina; 2015. 183 p. (citações diretas, respectivamente, pg.59, pg.41, pgs.109-110, pgs.111-113, pgs.114-115, pgs.116-117)

58. Macedo RS. A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação. 2nd ed. A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação. Salvador: EDUFBA; 2004.

59. Afonso R, Miller DC. Forest plantations and local economic development: Evidence from Minas Gerais, Brazil. For Policy Econ [Internet]. 2021;133(November):102618. Available from: https://doi.org/10.1016/j.forpol.2021.102618

60. Barcellos GH, Ferreira SB. Mulheres e eucalipto: historias de vida e resistência. Mentevideo: Movimento Mundial pelas Florestas Tropicais; 2007. 54 p.

61. Barreto C. de A. Eucalipto, água e sociedade: a construção de representações no Vale do Paraíba, SP. Tese. Universidade de São Paulo; 2019.

62. Mendes CAB, Lima WDP. Análise de impactos ambientais de florestas plantadas no contexto de bacias hidrográficas: princípios norteadores. An I Semin Recur hidricos da bacia Hidrogr do araiba do sul o Eucalipto e o ciclo Hidrol. 2007;263–70.

63. Souza IG de. Eucalipto e o veneno silencioso: expansão da monocultura de eucalipto no extremo sul da Bahia. Agrotóxicos, violação de direitos e manipulação ideológica. Fundação Oswaldo Cruz; 2016.

64. Tabarelli M, Pinto LP, Silva JMC, Hirota MM, Bedê LC. Desafios e oportunidades para a conservação da biodiversidade na Mata Atlântica brasileira. MEGADIVERSIDADE [Internet]. 2005 [cited 2022 Feb 4];1:132–8. Available from: https://www.researchgate.net/publication/260591848

65. Maslow H. Abraham. Introdução à Psicologia do Ser. Rio de Janeiro: Livaria Eldorado Tijuca Ltda.; 1968. (citação direta pgs.233-234)

66. Clifford MA. Your guide to Forest Bathing: Experience the Healing Power of Nature. Newburyport: Conari Press; 2018.

67. Kopenawa, Davi; Albert B. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras; 2019. (citações diretas, respectivamente, pg.76, pg.468, pg.475, pg.208)

68. Santaella L. O QUE É SEMIÓTICA. São Paulo: Brasiliense; 1983. 136 p.

69. Merleau-Ponty M. Fenomenologia da percepção. São Paulo: Martins Fontes; 1999. (citação direta pgs.474-475)

70. Arendt H. O que é política? Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 2007. 240 p. (citação direta pgs.86-87)

71. Melman C. Como alguém se torna paranóico: de Schereber a nossos dias. Porto Alegre: CMC Editora; 2008. 144 p.

72. Lee N. Emergence of languages as complex adaptive systems. University of California; 2003.

73. Morin E. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez; 2002.

74. Filotas E, Parrott L, Burton PJ, Chazdon RL, Coates KD, Coll L, et al. Viewing forests through the lens of complex systems science. Ecosphere. 2014;5(1):1–23. (citação direta pg.18)

75. Moura AG, Galan D, Machado L. Sobre questões de imprevisibilidade na cultura: o legado de Lótman para a compreensão dos mecanismos e trabalhos de semioses culturais. Bakhtiniana Rev Estud do Discurso [Internet]. 2019 Nov 14 [cited 2022 Feb 3];14(4):211–31. Available from: http://www.scielo.br/j/bak/a/5cPnfGxjDhDcyt5tjXxFgPw/?stop=next&lang=pt&format=html

76. Medina C. O signo da relação: comunicação e pedagogia dos afetos. São Paulo: Paulus; 2006. (citação direta pg.82)

77. Neto JC de M. Poesia Completa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1997. (citação direta pg.15)

78. FAO. Global Forest Resources Assessment 2020: Terms and Definitions. For Resour Assess Work Pap [Internet]. 2020;32. Available from: http://www.fao.org/forestry/58864/en/

79. Putz FE, Redford KH. The importance of defining "Forest": Tropical forest degradation, deforestation, long-term phase shifts, and further transitions. Biotropica. 2010;42(1):10–20. (citação direta pg.17)

80. Pereira MD. A Teoria dos Ídolos de Francis Bacon. Universidade Federal de Minas Gerais; 2012.

81. Abirached CF de A, Mendonça FC, Luz L, Talbot V, Lasmar V. Conselhos Gestores de Unidades de Conservação Federais: um Guia para Gestores e Conselheiros. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - Coordenação de Gestão Participativa; 2014. (citação direta pg.28)

82. Todorow L. Understanding Multi-Stakeholder Dialogue. Business, Peace Sustain Dev. 2016;(June):8–31.

83. Faysse N. Troubles on the way: An analysis of the challenges faced by multi-stakeholder platforms. Nat Resour Forum. 2006;219–29.

84. Coghlan D, Brydon-Miller M. Multi-Stakeholder Dialogue. SAGE Encycl Action Res. 2014;1–11.

85. Carlsson L, Berkes F. Co-management: Concepts and methodological implications. J Environ Manage. 2005;75(1):65–76.

86. Messier C, Puettmann KJ, Coates KD. Managing forests as complex adaptative systems: building resilience to the challenge of global change. Oxon/Abingdon: Routledge; 2013.

87. Ostrom E. Designing Complexity to Govern Complexity. In: Complex ecology: foundational perspectives on dynamic approaches to ecology and conservation. Cambridge: Cambridge University Press; 1995.

88. Carbaugh D. On Dialogue Studies. J Dialogue Stud. 2013;1:9–28.

89. Carbaugh D. Three Dimensions for Reflective Dialogue. In: Peacebuilding in a Fractious World: On hoping against all hope. Eugene: Pickwick Publications; 2017. p. 17–29.

90. Barros M de. Poesia completa. São Paulo: Leya; 2010. (citação direta pg.384)

91. Krenak A. A vida não é útil. São Paulo: Companhia das Letras; 2020. (citação direta pgs.108-109)

92. Dialogue TF. The Forests Dialogue. Engage! Explore! Change! [Internet]. New Haven: Online; 2022. Available from: https://theforestsdialogue.org/sites/default/files/tfd_brochure_2022_updated_en.pdf

93. Partridge K, Jackson C, Wheeler D, Zohar A. From Words to Action The Stakeholder Engagement Manual Volume 1: The guide to practitioners' perspectives on stakeholder engagement [Internet]. Vol. 1, Stakeholder Research Associates Canada Inc. 2005. 1–88 p. Available from: https://stakeholderresearch.com/wp-content/uploads/sra-2005-words-to-action-stakeholder-engagement-01.pdf

94. Margalef R. Perspecitives in Ecological Theory. Chicago: The University of Chicago Press; 1970.

95. Büscher B, Fletcher R. The Conservation Revolution: Radical Ideas for Saving Nature beyond the Anthropocene. London; New York: Verso; 2020.

96. Wilshusen PR, Brechin SR, Fortwangler CL, West PC. Reinventing a square wheel: Critique of a resurgent "protection paradigm" in international biodiversity conservation. Soc Nat Resour. 2002;15(1):17–40.

97. Freyre G. Casa-Grande e Senzala. 48ª. São Paulo: Global Editora; 2003.

98. Holanda SB. Raízes do Brasil. 26th ed. São Paulo: Companhia das Letras; 1995. (citação direta pg.70)

99. Prado Jr. C. Formação do Brasil contemporâneo. São Paulo: Brasiliense; 1961. (citações diretas, respectivamente, pg.25, pg.130, pg.113)

100. Leão RM. A floresta e o homem. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Instituto de Pesquisas e Estudos Florestais; 2000.

101. Clement CR. Da domesticação da floresta ao subdesenvolvimento da Amazônia. Grup Estud Estratégicos Amaz Cad Debate. 2019;14:11–52.

102. Maia JC, Franco JL de A. O homem, a mata e o beija-flor : Augusto Ruschi e a conservação da natureza no Brasil [Internet]. Santa Teresa: INMA: Comunicação Impressa; 2021. 388 p. Available from: http://www.comciencia.br/reportagens/clima/clima15.htm

103. Árvores I– IB de. Florestas plantadas e a conservação da biodiversidade [Internet]. São Paulo; 2018. Available from: https://iba.org/datafiles/publicacoes/outros/outreach-final.pdf (citação direta pg.12)

104. Mancuso S, Volkmann D. Communication in Plants. Communication in Plants. Springer Berlin, Heidelberg; 2006.

105. Curtin, Charles G.; Allen TFH. Complex ecology: foundational perspectives on dynamic approaches to ecology and conservation. Cambridge: Cambridge University Press; 2018.

106. Kohn E. How forests think : toward an anthropology beyond the human. Vol. 36, Journal of Submicroscopic Cytology and Pathology. Berkeley: University of California Press; 2013. (citação direta pg.41)

107. Young OR. Introduction: The Age of Complexity. In: Governing Complex Systems: Social Capital for the Anthropocene. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press; 2017.

108. Williams R. Conclusão. In: Cultura e Sociedade. São Paulo: Editora Nacional; 1969. (citações diretas, respectivamente, pg.346, pg.346)

109. Han B-C. Favor fechar os olhos: em busca de um outro tempo. Petrópolis: Vozes; 2021.

110. Mcginnis MD. An Introduction to IAD and the Language of the Ostrom Workshop : A Simple Guide to a Complex Framework. 2011;39(1):169–83. (citação direta pg.171)

111. Dardot P, Laval C. Post-scriptum sobre a revolução no século XXI. In: Comum: ensaio sobre a revolução no século XXI. São Paulo: Boitempo; 2017. (citação direta pg.618)

112. Clark SG. Yellowstone's Survival. A Call to Action for a New Conservation Story. New York: Anthem Press; 2021.

113. Zabinski C. Scientific Ecology and Ecological Feminism: The Potential for Dialogue. In: Ecofeminism: women, culture, nature. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press; 1997.

114. Brundtland GH. Report of the World Commission on Environment and Development: Our Common Future. London; 1987. (citação direta pg.41)

115. Gadotti M. Educar para a sustentabilidade. Inclusão Soc. 2008;3(1):75–8. (citação direta pg.76)

116. Elkington J. The triple bottom line. Environ Manag Readings cases. 2008;

117. Barbieri JC, Vasconcelos IFG de, Andreassi T, Vasconcelos FC de. Inovação e sustentabilidade: novos modelos e proposições. Rev Adm Empres. 2010;50(2):146–54.

118. Solón P. Alternativas sistêmicas: Bem viver, decrescimento, comuns, ecofeminismo, direitos da Mãe Terra e desglobalização. São Paulo: Elefante; 2019. 224 p. (citação direta pg.29)

119. Connell JH. Diversity in tropical rain forests and coral reefs. Science (80-) [Internet]. 1978;199(4335):1302–10. Available from: http://links.jstor.org/sici?sici=0036-8075%2819780324%293%3A199%3A4335%3C1302%3ADITRFA%3E2.0.CO%3B2-2

120. Capra F. A teia da vida. São Paulo: Cultrix; 1996. (citação direta pg.222)

121. Malheiro B, Porto-Gonçalves C-W, Michelotti F. Horizontes amazônicos: para repensar o Brasil e o mundo. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo; 2021. 288 p.

122. Brondizio ES, O'Brien K, Bai X, Biermann F, Steffen W, Berkhout F, et al. Re-conceptualizing the Anthropocene: A call for collaboration. Glob Environ Chang. 2016;39:318–327.

123. Boff L. Ressonâncias do cuidado. In: Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes; 1999. (citação direta pg.115)

124. Gao Y, Clark SG. An interdisciplinary conception of human-wildlife coexistence. J Nat Conserv [Internet]. 2023;73(February):126370. Available from: https://doi.org/10.1016/j.jnc.2023.126370

125. Carbaugh D. Response Essay: Environmental Voices Including Dialogue with Nature, within and beyond Language. In: Voice and Environmental Communication. New York: Palgrave Macmillan; 2014.

126. Agrawal A, Hajjar R, Liao C, Rasmussen LV, Watkins C. Editorial overview: Forest governance interventions for sustainability through information, incentives, and institutions. Curr Opin Environ Sustain [Internet]. 2018;32:A1–7. Available from: https://doi.org/10.1016/j.cosust.2018.08.002

127. Pohjola M, Tuomisto J. Openness in participation, assessment, and policy making upon issues of environment and environmental health: A review of literature and recent project results. Environ Heal A Glob Access Sci Source. 2011;10(1):1–13.

128. Rogers HB. The Mindful twenty-something: Life skills to handle stress... and everything else. Oakland: New Harbinger Publications; 2016.

129. Villamor GB, Palomo I, Santiago CAL, Oteros-Rozas E, Hill J. Assessing stakeholders' perceptions and values towards social-ecological systems using participatory methods. Ecol Process. 2014;3(22).

130. Lynam T, Jong W De, Sheil D, Kusumanto T, Evans K. A Review of Tools for Incorporating Community Knowledge , Preferences , and Values into Decision Making in Natural Resources Management. 2007;12(1).

131. Prilleltensky I. Values , Assumptions , and Practices. Assessing the Moral Implications of Psychological Discourse and Action. 1997;52(5):517–35.

132. Vitorassi, S. CULTIVANDO ÁGUA BOA: roteiro metodológico das oficinas de futuro. *In*: **Política de águas e educação ambiental: processos dialógicos e formativos em planejamento e gestão de recursos hídricos**. Brasília: MMA/SRHU, 2013.

133. Dickinson E. Poems by Emily Dickinson. Amherst: Emily Dickinson Museum; 2012. (citação direta pg.42)

134. Chmielewski A. Pós-verdade e suas implicações. Paper Knowledge . Toward a Media History of Documents. Curitiba: PUCPRESS; 2022.

APÊNDICES[42]

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Este termo se refere à **participação voluntária** na pesquisa intitulada "Entrenós: o diálogo como abordagem complexa para a gestão florestal".

A pesquisa tem por objetivo contribuir para a construção de conhecimento sobre a potencialidade do diálogo para a gestão das florestas como sistemas complexos adaptativos. Justifica-se pela existência de fóruns e experiências de diálogo no setor florestal e pelos atuais desafios socioambientais.

Sua participação consiste em ser entrevistado(a) individualmente. Sua contribuição tem por finalidade auxiliar no levantamento de dados sobre as relações entre diálogo e gestão florestal no Fórum Florestal Paulista, e, se for o caso, em fóruns correlatos.

As entrevistas serão gravadas para auxiliar na transcrição das informações. Os áudios não serão divulgados e o anonimato será mantido. Os dados para a pesquisa também serão obtidos por meio de documentos públicos e observação participante nas reuniões do Fórum. A compilação de todas as respostas será utilizada na construção da tese de doutorado, artigos científicos e resumos para eventos e demais trabalhos acadêmicos relacionados à temática.

Apenas a pesquisadora terá acesso às respostas. Você não será identificado(a) em nenhuma publicação gerada por esse estudo.

Os riscos em participar desta pesquisa são mínimos, podendo haver eventual desconforto ou constrangimento diante de alguma pergunta. Por isso, responda apenas as questões que se sentir confortável, podendo, inclusive, deixar de responder alguma pergunta ou desistir de sua participação em qualquer momento sem penalização.

Os benefícios desta pesquisa consistem em promover informações para a comunidade científica e para a sociedade. Não há custo financeiro para participação na pesquisa. De qualquer forma, garantimos o ressarcimento de qualquer despesa eventual decorrente de sua participação.

Estando de acordo com as informações expostas:

Você concorda em ser entrevistado(a)? *

- ○ Sim
- ○ Não

Você autoriza o uso das informações e a publicação dos resultados obtidos no presente estudo, sendo a sua identidade mantida em sigilo? O seu consentimento poderá ser retirado a qualquer momento, sem penalidades ou prejuízos. *

- ○ Autorizo

Página 1 de 2
Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos
TCLE

[42] Os documentos em anexo apresentam diferença no título devido à alteração no final da pesquisa, e recorte no parecer para ressaltar as informações pertinentes.

○ Não autorizo

Nome completo:
RG:
E-mail:
Telefone:

Você poderá solicitar uma cópia deste termo. Se porventura tenha alguma dúvida sobre as etapas de participação ou sobre o projeto de pesquisa, você poderá entrar em contato com a pesquisadora a qualquer momento pelo telefone ou e-mail informados.

Pesquisadora Responsável: Júlia Benfica Senra; e-mail (juliabenficas@usp.br); telefone (31) 99607-2207.
Doutoranda no Programa de Pós-graduação Interunidades em Ecologia Aplicada (CENA/ESALQ-USP) e orientada pelo Prof. Dr. Marcos Sorrentino.

Comissão de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da ESALQ/USP - telefone (19) 3429-4400; e-mail: cep.esalq@usp.br; endereço: Av. Pádua Dias, 11 – Piracicaba/SP.

USP - ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA "LUIZ DE QUEIROZ" DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - ESALQ

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ENTRENÓS: DIÁLOGO GENUÍNO E GESTÃO FLORESTAL COLABORATIVA
Pesquisador: JULIA BENFICA SENRA
Área Temática:
Versão: 3
CAAE: 52512121.5.0000.5395
Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DE SAO PAULO
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.225.623

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

PIRACICABA, 05 de Fevereiro de 2022

Assinado por:
CRISTIAN MARCELO VILLEGAS LOBOS
(Coordenador(a))

Endereço: Avenida Pádua Dias,11 Caixa Postal 9
Bairro: São Dimas **CEP:** 13.418-900
UF: SP **Município:** PIRACICABA
Telefone: (19)3429-4400 **E-mail:** cep.esalq@usp.br